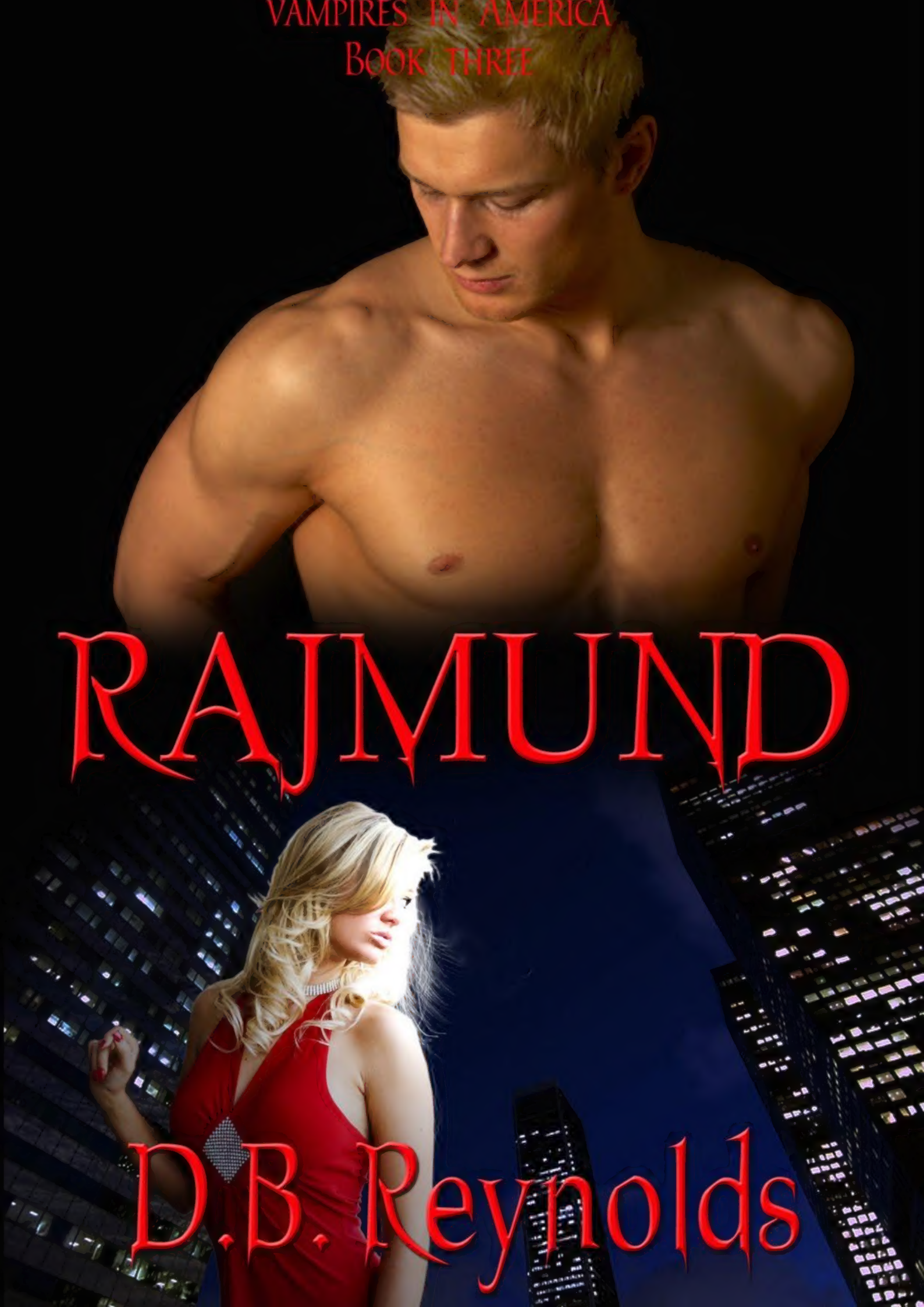

VAMPIRES IN AMERICA
BOOK THREE
RAJMUND
D.B. Reynolds

Buffalo, Nova Iorque - cachoeiras trovejantes, grandes equipas esportivas... e um Lorde Vampiro traiçoeiro que está perdendo a sua mente lentamente.

O vampiro da Cidade de Nova Iorque, Rajmund Gregor, é o mestre indiscutível da Big Apple. Ele não se curva perante ninguém a não ser o seu mestre, o Lorde Vampiro Krystof, que tem governado o Nordeste durante centenas de anos. Mas quando Krystof convoca Rajmund a sua sede em Buffalo, Raj encontra o seu mestre sucumbindo lentamente à loucura e seu território desmoronando em torno dele. Raj é o único dos 'filhos' de Krystof forte o suficiente para tomar o poder, mas ele vai ter que salvar o seu mestre antes que possa destruí-lo. Várias mulheres desapareceram e a polícia local está convencida de que um vampiro está por trás disso. Krystof está tão longe da realidade que está capturando e matando mulheres humanas? Um dos vampiros rogue* (desonestos, neste caso mais como os excluidos da sociedade vampírica) se moveu para o território de Krystof e está fazendo a matança? Ou é algo muito mais insidioso, algo que poderia ameaçar a existência dos vampiros em todo o mundo?

Sarah Stratton é uma mentira viva. Seu passado esconde um segredo que ela não partilha com ninguém - nem mesmo com a sua boa amiga Cynthia Leighton, a companheira do lorde vampiro da Costa Oeste. É um segredo que poderia destruir sua cuidadosamente construída vida como professora em uma universidade de Buffalo. É também um segredo que poderia salvar as vidas das mulheres desaparecidas. Para salvá-las, contudo, ela deve entrar na comunidade vampírica de Buffalo e colocar-se sob os cuidados de Rajmund Gregor. Mas será que ela pode confiar em Raj, o vampiro perigosamente sedutor que quer reivindicar muito mais do que os segredos dela?

Prólogo

Buffalo, New York

Estava totalmente escuro. Ela levou os dedos aos olhos para se certificar de que eles estavam abertos. Eles estavam. Mas o quarto parecia totalmente escuro, como se ela não pudesse ver sua maldita mão diante de seu rosto. Sua mãe deve ter puxado as estúpidas persianas para baixo por trás das cortinas novamente para economizar energia. Regina fazia de tudo para economizar energia, mas ela não era um maldito morcego também. Ela sentou-se com um gemido irritado e procurou a pequena lâmpada perto de sua cama, quase caindo de cara quando não a encontrou. Ela franziu a testa e apalpou cegamente com ambas as mãos, finalmente batendo em algo sólido. Uma pequena lâmpada da mesa, mas não a dela. Os primeiros sinais de mal-estar colidiram em seu peito quando a mão dela fez o seu caminho até à base desconhecida para um antiquado botão interruptor. O pressionar de seu polegar rendeu uma luz fraca e amarela.

Ela olhou, abruptamente acordada. Este não era o seu quarto. A lâmpada estranha deveria tê-la avisado, mas de alguma forma ela ainda esperava ver seu quarto familiar com o mobiliário antigo que ela herdou de sua avó Lena e os cartazes extravagantes que ela havia comprado com o

dinheiro do seu vigésimo primeiro aniversário há dois anos atrás, aqueles que ela achava que eram tão sofisticados, mas que se revelaram apenas esquisitos. Mas este não era seu quarto; nem mesmo era a sua casa. Então, onde diabos ela estava?

Ela piscou, forçando para baixo o seu medo e pensando furiosamente. Ela tinha saído com as amigas. Certo, tudo bem. Festa de despedida da Katie. Mas depois disso… Provavelmente tinha bebido demais. Todos os sinais estavam lá, o estômago doendo, as batidas na cabeça. Deus, alguma de suas amigas arrastou-a para casa com ela? Ela tinha estado assim tão fora de si? Uma onda de culpa tomou conta dela, substituindo o medo e o aperto no peito com remorso. Ela podia ouvir a voz de sua mãe, dizendo:

— Se você não pode dirigir, você pega um táxi ou vai para casa com uma das meninas em vez disso. Apenas certifique-se que você me ligue, Regina, para que eu não me preocupe. — Ela segurou o áspero cobertor perto contra um calafrio repentino e pôs as pernas para o lado da cama. Seus pés tocaram um piso frio e úmido e ela franziu a testa para a sensação. Um piso de concreto? Ela olhou para cima. Sem janelas também. Isto era um porão? Ela não lembrava de nenhuma das suas amigas terem quartos de hóspedes em...

Tudo voltou correndo — as luzes na rua escura, o gelo brilhante nas calçadas. Ela quase caiu. Não, ela tinha caído. Ela corou de vergonha e se lembrou de uma mão forte segurando seu braço, impedindo-a de bater no chão. Ela olhou para cima, querendo agradecer a seu salvador e, em seguida…

Ela saltou quando um ruído quebrou o silêncio, algo alto e pesado, uma porta batendo em uma parede. Ela congelou, ouvindo, esperando passos. Ela ouviu um soluço suave em vez disso, uma voz de mulher em algum lugar próximo. Ela se levantou, dando um passo hesitante em direção à porta que era pouco mais que um contorno sob a luz fraca.

— Olá. — ela sussurrou, perguntando se a outra pessoa poderia ouvi-la. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta. — Olá? — Disse ela novamente, mais alto desta vez.

Um pesado passo arrastou-se no corredor e ela arrebatou sua mão para trás, segurando-se firmemente. Seu coração estava acelerado, de repente, a respiração rápida e superficial, fazendo-a ter tonturas quando se esforçou para ouvir. A mulher invisível começou a chorar, agora mais alto, implorando. Regina tropeçou de volta para a cama, puxando os pés para cima, envolvendo os braços em volta das pernas, tentando ser pequena, ser invisível.

A mulher começou a gritar...

Capítulo 1

Os olhos de Sarah Stratton se abriram, um grito encheu sua garganta, sufocando-a quando ela lutou contra ele, enquanto sua mão batia no interruptor ao lado de sua cama. A luz inundou o quarto e ela sentou-se, levando o seu olhar para cada detalhe familiar. Ela inalou, uma profunda sucção de fôlego que era mais um soluço, como em seu sonho.

— Pare com isso. — disse a si mesma. Tinha sido um sonho, um pesadelo, nada mais. A escuridão, o terror — eles não eram reais. Não desta vez. Lágrimas quentes correram de seus olhos e ela limpou-as com raiva. Saindo da cama, ela tropeçou para seu armário. Não havia sentido em tentar voltar a dormir, ela tinha que se levantar cedo de qualquer maneira. Ela tinha duas classes para ensinar e guias azuis para corrigir. Poderia muito bem começar o dia cedo, entrar em sua corrida matinal, talvez tomar uma verdadeira xícara de café na Starbuck em vez de dormir aquela hora extra. Não era porque estava com medo do sonho, medo que o temor voltasse, o desamparo…

— Pare com isso, Sarah. — repetiu ela.

Ela vestiu sua roupa de jogging[1] de inverno com rápidos e nítidos movimentos — leggings quentes, um suéter sobre o sensível sutiã atlético. Era quase primavera, mas ela tinha aprendido da pior maneira que o tempo frio permanecia aqui em Buffalo, especialmente no período da manhã. Ela torceu seu longo cabelo loiro em um rabo de cavalo seguro antes de dobrar o laço de seus sapatos. Lá embaixo, ela pegou sua jaqueta quente do armário e colocou seu celular e dez dólares no bolso, acrescentando as chaves uma vez trancada a porta da frente de forma segura por trás dela.

Ela fez uma pausa para se ajustar ao ar congelante, notando os pontos escorregadios pelo frio na calçada ao descer a rua. A menina em seu sonho — Regina ela se chamava — tinha caído em uma calçada muito parecida com esta. Sarah sacudiu a cabeça obstinadamente, recusando a memória. Um sonho, ela lembrou a si mesma. Ela fez alguns alongamentos, inclinando-se contra a grade de madeira velha, esticando seus tendões. A luz ainda queimava no lado de sua senhoria, através de seu alpendre comum, mas ainda era muito cedo até mesmo para a senhora trabalhadora. Mas não demasiado cedo para Sarah.

Ela desceu as escadas em uma rápida corrida, pisando para o lado e correndo pela grama morta para evitar o pavimento escorregadio. Na rua, ela se estabeleceu em seu ritmo regular, pernas bombeando suavemente, facilitando a respiração dentro e fora em um ritmo constante, seu corpo aquecido apesar da fria manhã. E finalmente, ela se permitiu pensar sobre o sonho e o que ele podia significar.

Tinham passado anos desde que ela tinha tido um pesadelo tão ruim assim, o tipo que a fazia despertar gritando, que trazia o frio e a umidade, o desespero… um sopro de ar úmido sobre um rosto nu, o calor de uma mão que se esticava para tocar…

Sarah parou no meio da rua vazia, respirando com dificuldade, seu coração batendo. Ela inclinou-se, as mãos sobre os joelhos, cada respiração um arquejo por ar.

[1] Jogging ou Cooper pode ser definida como a atividade física comum de correr em um ritmo lento.

— Ei, você está bem? — Ela pulou pela voz de homem, quase tropeçando quando se afastou, os olhos arregalados. Ele levantou as mãos, palmas para fora e deu um passo para trás. — Desculpe. Eu só pensei...

Sarah forçou um sorriso, tentando parecer normal, mas ela podia dizer pelo olhar no rosto dele que não estava funcionando. — Não, me desculpe. — disse ela, lutando para igualar sua respiração. — Eu não ouvi você chegando. Sim, eu estou bem. Noite ruim a noite passada.

O outro corredor balançou a cabeça, claramente não acreditando nela, mas ansioso para fugir da senhora louca. — Se você tem certeza…

— Yeah. Sim. — Ela mandou-o embora. — Obrigada por parar, no entanto. Eu agradeço. — Ela começou a andar lentamente, as mãos nos quadris, amaldiçoando sua própria estupidez. Ela nem sequer olhou para cima quando o homem passou, não querendo ver a preocupação, ou a curiosidade, em seu rosto.

Os sonhos, os malditos e estúpidos sonhos. Por que eles estavam de volta? E por quê agora?

Capítulo 2

Seu escritório estava muito quente. Vinda da Califórnia, era sempre uma surpresa para Sarah que as pessoas na costa leste mantivessem suas salas tão quentes. Isso a deixava sonolenta, o que apenas a fez lembrar que tinha levantado uma hora mais cedo esta manhã, e por quê. Ela se debruçou determinadamente sobre sua mesa na universidade, tentando impedir seus olhos de revirarem enquanto lia o que os calouros da faculdade passavam para redações nos dias de hoje. Música baixa tocava no fundo, uma velha estação de ouro, tocava músicas dos anos sessenta e setenta, canções de outra geração que de alguma forma falavam com sua alma. Mas nem mesmo os doces ritmos da Motown[2] poderiam suavizar seu desgosto com as redações que estava lendo. O que eles ensinam a esses jovens no colégio afinal? Metade deles não conseguia soletrar algo que valesse a pena e a maioria da outra metade tinha o vocabulário de alguém com treze anos de idade. Concedido, a maioria deles estava apenas tomando suas aulas de História Mundial porque eles eram obrigados, mas...

Um telefone tocou. Ela já tinha pegado seu telefone fixo da mesa antes de seu cérebro processar o fato de que era seu celular tocando ao invés. Ela deixou cair o telefone fixo com um suspiro de desgosto e pegou seu celular

[2] Gravadora americana.

do bolso de seu casaco que estava jogado sobre um armário de arquivos próximo.

Verificando o identificador de chamadas, ela sorriu e abriu. — Olá, Cyn.

— Você já se perguntou o que as pessoas faziam antes do identificador de chamadas? — Cyn perguntou.

— Atendiam o telefone e esperavam pelo melhor, suponho. Por quê?

Cyn fez um barulho descontente. — Como está Buffalo?

— Humm. Ok, eu acho. Mas há essa coisa branca em toda parte. Eu não sei o que é exatamente, mas é fria e escorregadia.

— Soa intrigante. Exceto pela parte fria e escorregadia.

— Sim, bem, não realmente. Então, não que eu esteja reclamando - porque estou classificando livros azuis e vou dar qualquer desculpa para uma pausa - mas por que você está acordada? O sol está brilhando, onde você está de qualquer maneira. Você não deveria estar enroscada junto a esse lindo vampiro com quem você está vivendo em pecado?

Cyn soltou um suspiro de desdém. — Não seja chata, Sarah. Você é muito jovem para isso. Além disso, fizemos a coisa toda de troca de sangue… repetidamente, na verdade. Estamos acasalados e isso para os vampiros equivale ao casamento. Quando em Roma…

— Ok, eca para essa coisa de sangue. Eu não entendo como...

— A coisa de sangue é importante, Sarah. Especialmente para um super vampiro como Raphael. Ele me marca como sua companheira, que é uma espécie de proteção. E isso nos une de uma forma... não sei se posso explicar isso. Mas é importante.

— Tudo bem, eu acredito em você. Mudando de assunto agora. Por favor me diga que não estão oitenta graus em Malibu.

— Não estão. Está chovendo, o que significa que os nativos estão convencidos de que o fim está próximo e estão envolvidos em um ritual de auto amontoamento numa tentativa de apaziguar os deuses irritados.

— Eu lembro bem disso. Então, por que você está acordada? Mal passa do meio-dia em sua costa.

— Reunião de Acionista. Eu tive um café da manhã depois com meu pai e meu avô. Ás vezes eu acho que não nos reconheceríamos se não fosse a semelhança familiar.

Sarah pensou em sua própria família e forçou um sorriso educado. Cyn, é claro, não foi enganada.

— Tudo bem, Sarah?

— Claro, por quê?

— Oh, cara, isso foi fraco. O que está acontecendo?

— Nada, realmente. Estou bem. Provavelmente é só este tempo terrível.

— Você foi quem quis se mudar para longe da ensolarada Califórnia.

— Sim. — Sarah suspirou profundamente e disse novamente, mais suavemente. — Sim.

— Ok, é isso. Precisamos tirá-la dessa cidade. Acho que umas férias estão definitivamente em ordem.

— Não posso, Cyn. Mesmo que eu tivesse dinheiro, que eu nem...

— Eu tenho…

— ...Não posso tirar um tempo de folga. Estou ensinando duas classes e estão me enchendo com trabalhos de comissão. Sou a novata, não tenho

estabilidade e sou do sexo feminino, o que significa que recebo todas as porcarias de serviço, porque sabem que não posso recusar.

— Um fim de semana. — Cyn insistiu. — A universidade não entrará em colapso se você tirar um fim de semana de folga. Vamos lá. Algum lugar perto. O que está perto desse lugar? As Cataratas do Niágara? Infernos, não! — ela mesma respondeu. — Cheio de turistas e toda aquela água, que está provavelmente congelada até agora. Espere! Onde está minha cabeça? Manhattan! Você está a uma hora de distância pelo ar e Meu Deus Sarah, as lojas!

— Cyn, eu não posso! Além disso, nunca conseguiríamos um hotel...

— Quem precisa de um hotel? Meu pai tem uma casa ou um apartamento ou algo assim. Está sempre vazio nessa época do ano. Ele detesta frio.

— Ok, tudo bem. Um fim de semana, Cyn. Só isso.

— Que resmungona! É isso que acontece quando você se torna um professor? Você não está usando lã, está?

Sarah riu enfim. Um riso verdadeiro desta vez, não o forçado e educado de antes. — Não, sem lã. Aquela coisa coça. Vou descobrir a qual companhia aérea ligar e...

— Não, eu vou tomar todas as providências. Não confio em você. Algum fim de semana em particular para você?

— Não, eles são praticamente todos iguais. — Sarah admitiu, contemplando sua triste vida.

— Bem, Jesus, Sarah. Não admira que você precise de férias. Tudo bem. Deixe-me falar com Raphael e voltarei a ligar. Isso vai ser divertido!

— Se você diz.

— Trabalhe nessa atitude, menina. Telefono de volta.

Sarah puxou o telefone para longe de sua orelha, sentindo-se abruptamente murcha quando Cyn desligou. Ela poderia ter dito a Cyn sobre os sonhos. Cyn teria entendido, teria tentado ajudar. Afinal, ela estava vivendo com um vampiro, pelo amor de Deus. O que era um pequeno sonho telepático comparado a ter seu amante chupando seu sangue todas as noites? Mas Sarah nunca tinha contado a ninguém. Não desde que ela tinha saído daquele lugar.

Talvez Cyn estivesse certa. Ela estava sob um monte de estresse com o novo trabalho e a mudança através do país para uma cidade que ela nunca tinha visitado, exceto por sua entrevista de emprego. E Buffalo era tão diferente de Los Angeles ou até mesmo de Berkeley, especialmente Berkeley.

Ela olhou para a tela iluminada de seu celular até que ficou escura, então deslizou o celular em seu bolso e voltou para seus livros azuis. Havia pílulas que se podiam comprar no guichê agora, pílulas para dormir que funcionavam tão bem, ou melhor, que alguns medicamentos prescritos. Talvez ela parasse na farmácia a caminho de casa. Ruim o suficiente que Cynthia apareceria parecendo como uma modelo de passarela; não havia necessidade para Sarah parecer como cinco meses de mal tempo. Mesmo se ela estivesse morando em Buffalo.

Capítulo 3

Malibu, Califórnia

Raphael ficou em frente ao espelho de corpo inteiro, automaticamente deslizando a longa gravata vermelha de seda por baixo de seu colarinho enquanto ele observava Cynthia se mover distraidamente ao redor do quarto atrás dele. Sua Cyn era uma mulher direta, mas havia momentos... Normalmente quando ela queria algo que sabia que ele resistiria. Ele sorriu, encontrando seus olhos no espelho enquanto ela vinha por trás dele.

— Eu faço isso. — ela disse e deslizou para a frente dele, pegando a gravata e correndo-a através de seus elegantes dedos.

Ele se rendeu de boa vontade, sempre satisfeito quando ela o servia, que não era freqüente. Ela era ferozmente leal. Ela teria, e tinha, matado para defendê-lo. Mas ela não tomou o que em sua época teria sido considerado o trabalho mais feminino. Ele quase riu alto com o pensamento.

Ela capturou a borda do seu sorriso e fez uma careta para ele. — O que você está pensando, vampiro?

— Somente o quanto eu gosto de tê-la arrumando gravata para mim.

Ela olhou duvidosamente. — Aham. — Ela terminou de amarrar a seda e virou o colarinho para baixo. Ela tinha que ficar nas pontas dos pés para alcançar atrás de seu pescoço e ele colocou as mãos em sua cintura, a firmando e a puxando mais perto, apreciando a pressão de seus seios contra seu peito. Ela levantou o rosto para o dele e ele se entregou em uma longa, lenta exploração de sua deliciosa boca, sentindo o calor suave de sua respiração contra sua bochecha.

Seu corpo respondeu ao dela como sempre fazia, seu pau mexendo ansiosamente, tão faminto pelo gosto dela como se eles não tivessem acabado de fazer amor há menos de uma hora. Ele deslizou as mãos de seus quadris para a firme curva de sua bunda, puxando-a mais perto e a deixando sentir sua excitação. — Tentando me dobrar com sexo, minha Cyn?

— Eu não preciso dobrar você. — ela murmurou contra sua boca. — Você já é meu.

Ele sorriu. — É verdade, *lubimaya*. Por que você apenas não pede o que quer que seja?

Ela ficou rígida em seus braços e o sorriso dele cresceu. — Qualquer coisa que seja? — ela exigiu.

Ele riu alto e ela recuou o suficiente para golpear seu peito, imediatamente alisando o local como se temesse machucá-lo. — Maldito vampiro.

— Ah, mas sou seu, não sou?

Ela envolveu ambos os braços ao redor de seu pescoço. — Eu estava pensando... — ela admitiu lentamente. Ele lhe deu um sorriso convencido e ela fez uma careta para ele. — Eu quero ir à Nova Iorque este fim de semana.

Ele franziu o cenho. — Está nevando lá.

— Mas é Manhattan - shopping, clubes, museus. O que é um pouco de neve?

Ele levantou uma sobrancelha e ela estalou a língua em desgosto. — Tudo bem. Você lembra minha amiga Sarah?

Ele não tinha conhecido muitos de seus amigos, mas o nome... — Aquela do bar? — ele perguntou, em dúvida.

— Essa mesma. Algo - ou alguém - a está incomodando. Eu quero saber o quê. Ela está em Buffalo. — Ela disse com uma careta de desgosto. — Como se isso não fosse o suficiente para colocar alguém para baixo, mas não acho que seja isso. Ou não apenas isso, de qualquer maneira. Vou encontrá-la em Manhattan para um fim de semana.

— Você vai? — Ela olhou para ele e ele acrescentou. — Não posso deixar você ir para Manhattan sozinha, minha Cyn.

Seu olhar virou um olhar de interesse. — Meu pai tem um lugar lá, tenho certeza...

— Eu também tenho um lugar lá. — ele repreendeu suavemente. — Com acomodações muito mais adequadas que seu pai. Mas não é uma coisa simples para mim ou para minha companheira viajar para outro território. — Ele deu um longo suspiro, pensando no pedido de Cyn e como isso poderia servir a um propósito de sua autoria. — Um fim de semana, *lubimaya,* não mais.

Ela sorriu, ficando nas pontas dos pés novamente para beijá-lo duro na boca. — Eu amo você. — ela sussurrou.

— Eu sei — ele disse presunçosamente.

Ela bateu em seu peito de novo. — Diga.

— Você é meu coração, minha alma, minha vida.

Seus lindos olhos verdes se encheram de lágrimas e ela tossiu para cobrir sua emoção. — Devo falar com Duncan?

— Vou fazê-lo. Arranjos terão que ser feitos com Krystof e Rajmund, que administra a cidade para ele.

Seu telefone tocou e ele se virou para pegá-lo da mesa. — Duncan. — ele disse, respondendo. — Em alguns instantes, obrigado. — ele desligou. — Você tem planos para esta noite?

— Vou lutar com Elke mais tarde e talvez com Mirabelle, em seguida preciso verificar algumas pesquisas na internet que eu tenho feito e enviar alguns relatórios. Nada grave.

— Terei Duncan coordenando com você então. — Ela o agarrou quando ele estava se afastando, empunhando seus dedos no curto cabelo dele e puxando sua cabeça para um beijo profundo e prolongado.

— Poderíamos ficar e ter um sexo selvagem a noite toda, ao invés. Está frio e chovendo lá em cima.

Ele olhou para seu relógio. — Três horas, minha Cyn e então permitirei que você me dobre com sexo até de manhã.

Ela lhe deu um olhar perverso. — Temos um trato.

Ele pegou seu paletó do armário e contraiu os ombros, parando enquanto ela alisava a gravata e ajeitava a gola. — Eu te amo, você sabe disso. — ela disse.

— E eu a você, *lubimaya*.

Raphael sentou-se na mesa de reuniões, observando enquanto Duncan conduzia o último de seus hóspedes humanos para fora da sala. Ele

podia sentir as ondas batendo contra o penhasco abaixo, vibrando no chão sob seus pés. Foi uma das razões pelas quais ele tinha escolhido este lugar para construir sua casa. Ele amava o mar, a energia primitiva, o cheiro e a sensação, o brilho prateado da lua sobre a água negra.

— Meu senhor. — Duncan fechou a porta e atravessou a sala, sentando na cadeira à direita de Raphael. — Correu tudo bem, eu acho.

— Correu, Duncan. Por mais que eu não goste de lidar com seres humanos, este investimento é promissor. — Ele empurrou a cadeira para trás e cruzou suas pernas no joelho. — Diga-me, Rajmund ainda está solicitando uma reunião?

Duncan mostrou sua perplexidade diante da mudança de assunto. — Ele solicita, meu senhor.

— Cynthia quer visitar Manhattan.

Duncan franziu o cenho. — É muito frio lá esta época do ano.

Raphael encontrou os olhos de seu tenente e sorriu. — Minha reação, também foi essa. Infelizmente, Cyn está convencida que sua amiga Sarah está precisando... de uma amiga, acho que se poderia dizer.

— Eu vejo.

— Faça os arranjos Duncan, por favor. Verifique com Cyn a data e use nosso povo para tudo, incluindo a viagem de Sarah. Ela é amiga de Cyn, não minha. Conheço muito pouco sobre ela.

— Eu entendo, meu senhor. E Krystof?

— Eu entrarei em contato com Krystof, mas ambos sabemos quem é o verdadeiro Mestre de Manhattan.

— Devo chamar Rajmund, então?

Raphael assentiu. — Você sabe o que queremos Duncan.

— Meu senhor. — Duncan se inclinou ligeiramente e saiu da sala.

Raphael se levantou lentamente, esticando todo o seu corpo. Ele não tinha planejado uma visita a Nova Iorque tão cedo, mas poderia ser o melhor. Krystof estava em declínio. O que era óbvio. E havia apenas um vampiro entre as crianças do envelhecido senhor que tinha o poder de tomar e manter o território. Era hora de uma nova ordem entre o Conselho Vampiro da América do Norte e que melhor lugar para começar do que com uma aliança entre as duas costas?

Capítulo 4

Nova Iorque, Nova Iorque – Manhattan

Sarah sentou-se no grande SUV preto e observou a cidade através das janelas escuras, sentindo-se um pouco como se estivesse em algum filme com o Serviço Secreto apressando o presidente ao redor da sombria capital estrangeira. Ela continuava esperando que os bandidos saltassem na frente deles com armas em punho. Embora, agora que pensava, ela tinha certeza que o Serviço Secreto poderia ter pedido algumas dicas a esses vampiros.

Havia três SUVs, dois deles, um na frente e outro atrás, entupidos de grandes vampiros sérios. Ela entrou no veículo do meio com Cyn e Raphael, e o tenente de Raphael, Duncan. No banco da frente estavam dois tipos da segurança, incluindo a montanha que Cyn chamava de Juro. Ele era aparentemente o responsável pela coisa toda. Todos os seguranças vampiros estavam usando esses ternos de lã cor carvão totalmente lindos, que tinham de ser feitos sob medida, dada a dimensão física de alguns deles. E quão estranho era isso? O mais moderno em trajes para seguranças vampiros... lã cor de carvão. Até a única fêmea entre eles estava usando um... e ela tinha a aparência de quem poderia quebrar Sarah em duas, e provavelmente podia.

Duncan estava usando a mesma coisa, embora com uma camisa diferente e gravata. E, é claro, a roupa de Raphael provavelmente custava mais que três meses do salário de Sarah como assistente de professor.

Ela olhou para onde o senhor dos vampiros estava sentado, no meio do banco em frente a ela com um braço ao redor de Cyn, suas cabeças juntas enquanto murmuravam um com o outro. Ela tinha que admitir que estava intimidada por ele. Ele era sobrenaturalmente bonito, uma obra-prima da escultura vindo à vida. E embora ele raramente falasse — pelo menos que ela ouvisse — quando ele entrava numa sala, era instantaneamente o centro da atenção. Ele era como um enorme sol cuja gravidade puxava tudo o resto — planetas, estrelas, meteoros de passagem — em sua órbita apenas por existir. Exceto por Cyn. Cyn nunca foi de esconder sua luz embaixo de um alqueire, mas quando ela e Raphael estavam juntos, ambos brilhavam um pouco mais.

E quanto a Sarah, ela tinha certeza que Raphael não a teria notado se não fosse por Cyn. Não porque ele era rude nem nada, mas porque ela honestamente não cruzaria seu radar. O que estava bem para ela, porque em última análise, ele era um cara assustador.

O motorista amaldiçoou abruptamente, pisando no freio quando o SUV à sua frente fez o mesmo. Sarah agarrou a alça do seu cinto de segurança. Ela era a única pessoa usando um. Os vampiros provavelmente não precisavam, e nem Cyn, porque Raphael nunca tirava as mãos de cima dela. Os SUVs arrancaram novamente, disparando através de Manhattan, passando sinais e interrompendo o tráfego com impunidade. Ela supôs que em uma cidade com tantos dignitários, pessoas usavam muito escoltas como essa. Haviam muitas buzinadas, mas então, quando não havia buzinadas na cidade de Nova Iorque? Era provavelmente por isso que era chamada de cidade que nunca dorme, quem poderia dormir com todo esse barulho?

Ela olhou para Duncan, sentado ao seu lado. Ele era o que mais se parecia com um humano de todos os vampiros, mas Cyn assegurou-lhe que Duncan era quase tão poderoso quanto o próprio Raphael. Ele pegou seu olhar e sorriu distraidamente, justo quando os três SUVs viraram num beco atrás de Chopin. O clube mais caro e elegante em Manhattan era propriedade de vampiros. Quem imaginaria? Embora, na verdade parecia bastante

apropriado, dado a clientela habitual do clube de elite, que consistia em pessoas que eram famosas pelo simples fato de terem nascido com muito dinheiro para gastarem com elas próprias. Ao contrário daquele povo brilhante, que entrava pela porta da frente à vista de todos os paparazzi — o que era o ponto de ir ao Chopin — Raphael e seu grupo tinham desviado ao redor do bloco para o que aparentemente era uma entrada particular.

Localizada em um beco, era dificilmente uma típica entrada pelo beco. Um toldo de ouro escuro em um material luxuoso e reluzente estava estendido sobre a única porta, com um carpete azul escuro no corredor abaixo. E, ao invés das gritantes luzes do sensor de movimentos como os outros edifícios que tinham passado, um tênue e suave brilho discernia o ouro no toldo e o espalhava pelo beco escuro.

Os SUVs pararam, o veículo de Raphael mais próximo da entrada. Sua segurança pessoal desembarcou primeiro, saindo dos outros dois veículos de escolta. Vários vampiros correram em diferentes direções, obviamente para se certificarem que ninguém estava à espreita nas proximidades, enquanto os outros assumiram a posição de um semicírculo ao redor do SUV. No banco da frente, Juro não se mexeu, a não ser para levar seu pulso à boca um par de vezes. Ele tinha um microfone radiotransmissor lá e Sarah observou que ele estava usando um fone de ouvido também, novamente como os caras do Serviço Secreto. Fascinante.

Sem qualquer aviso, todo mundo estava de repente em movimento. Juro saltou do SUV mais rápido do que Sarah conseguiu seguir. As portas se abriram no edifício ao lado do veículo e no mesmo instante, a porta dos fundos do clube balançou em boas-vindas. Ao contrário do pessoal da segurança, Raphael moveu-se sem pressa, deslizando graciosamente para fora do SUV e estendendo a mão para ajudar Cyn — *como se ela precisasse*, Sarah pensou sorrindo. Ainda assim, foi doce a maneira como ele esperou, a maneira como ele beijou a mão de Cyn e a girou para a curva de seu braço, os dois rindo. E eles certamente faziam um belo casal, Cyn com sua silhueta abraçando o vestido preto de malha, aquelas longas pernas sobre um par de salto-agulhas de morrer, e Raphael com seu casaco de lã esportivo e calças sobre um cashmere preto de gola alta. Sarah suspirou. Irônico, realmente, que de todas as amigas delas, era a cínica Cyn quem tinha caído por um cara que era obviamente um verdadeiro romântico.

— Ei, Sarah! — A voz de Cyn interrompeu suas reflexões. — Você vem conosco?

Sarah olhou para cima e sorriu. Agora aquela era a Cyn que ela conhecia. — Sim, sim. — Ela se apressou através do banco, conscientemente puxando a saia vermelha curta de seda para baixo sobre suas coxas. Era um lindo vestido. Ela e Cyn tinham-se envolvido em uma pequena terapia de compras hoje, vagando por toda Manhattan, gastando dinheiro. Cyn tinha pressionado Sarah delicadamente sobre o que a estava incomodando, mas ela não era do tipo que insistia muito. Ela própria mantinha muitos assuntos para cavar desprezo em alguma outra pessoa. Ao invés disso, elas tinham compartilhado uma tarde muito agradável, fazendo compras, bebendo café, fofocando sobre amigos em comum. No momento em que voltaram para casa, ela tinha convencido Cyn que estava simplesmente com saudades de casa depois de um inverno inesperadamente longo em uma nova cidade.

Além disso, o dia tinha sido a melhor terapia que ela poderia ter pedido. Ela tinha passado várias horas sem preocupações com uma boa amiga em uma das maiores cidades do mundo, encontrou este belo vestido a um preço fantástico e um par de lindos sapatos para combinar, e nem uma vez se tinha preocupado com aqueles malditos sonhos. E agora ela estava indo dançar em um dos clubes mais badalados de Manhattan.

Mas não havia *nenhuma* maneira dela ser capaz de sair deste estúpido SUV sem dar uma boa vista a todo o mundo ao redor.

Cyn caminhou de volta para a porta do SUV. — Vamos. Vou bloquear a vista.

Sarah riu, tocando no estribo[3] brevemente antes de pisar num tapete surpreendentemente profundo. Tapete agradável, ela pensou. Demasiado agradável para estar no lado de fora nesse tempo. Ela estava se perguntando se eles o tinham implantado apenas para Raphael, quando seus pensamentos gaguejaram para um impasse enquanto cada pêlo em seu corpo de repente ficou em pé. Sua pele arrepiou quase dolorosamente como

[3] Degrau da viatura.

se algo muito parecido com uma gigante carga eletrostática tivesse varrido o beco inteiro. — Mas que diabos? — Ela engasgou.

Cyn tomou seu braço, despreocupada. — Vampiros. — ela sussurrou no ouvido de Sarah. — Muitos e também fortes em um só lugar. Eles são como super territoriais. Esta é a cidade de Rajmund — isso é RYE-mund, a propósito, mas eles o chamam de Raj, como Roger — de qualquer forma, é sua cidade, mas Raphael é o vampiro mais poderoso, o que significa que todos os caras da segurança estão no limite. Eles têm esse impulso instintivo de proteger seus mestres. Ninguém está realmente ameaçando ninguém, mas é uma reação automática. Todos eles ligaram seus poderes ao mesmo tempo agora, mas vai acalmar em um minuto.

— Cyn. — a profunda voz de Raphael, suave como mel, chamou-a de volta, e Cyn as apressou para frente, onde ele esperava do lado de fora do clube. Dando tapinhas no ombro de Sarah, Cyn a deixou com Duncan e se aproximou de Raphael, deslizando seu braço no dele e segurando seu rosto para um beijo. Seus lábios demoraram na boca de Cyn antes dele se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, algo que fez Cyn responder com uma gargalhada baixa e sensual que tinha feito cada homem em alcance auditivo virar a cabeça para olhar.

— Isso deve parecer estranho para você.

Sarah olhou para Duncan. — Ele é uma espécie de realeza, eu acho, não é?

Duncan assentiu. — Isso mesmo. Senhor Raphael é um príncipe convidado, ou para ser exato, mais perto de um rei. Existem formalidades que devem ser observadas, particularmente sendo a realeza vampira. Um movimento errado poderia resultar em... considerável violência. Algo que todos queremos evitar.

— Absolutamente. — Sarah concordou fervorosamente. Ela tinha a sensação de que qualquer violência seria muito ruim para uma certa assistente de professor. Ao lado dela, Duncan sorriu, como se consciente de seus pensamentos.

— Uma vez que estivermos sentados no interior, todo mundo irá se acalmar.

— Tudo bem.

— Vamos? — Ele gesticulou em direção à porta aberta por onde Cyn e Raphael tinham desaparecido junto com metade de seus seguranças.

Uma vez lá dentro, eles se moveram rapidamente por um longo corredor e através de uma pequena antecâmara. Ela pôde sentir a baixa vibração de uma batida de porta à sua direita, que era estofada em dobras e enrolada em couro. Isso soava muito parecido com uma batida de coração para Sarah, mas provavelmente era apenas sua imaginação, dada a presente companhia. A porta abriu para dar acesso à música e às risadas, sons típicos de um clube, junto com o zumbido de uma conversa e suaves toques de cristal. Isso era, afinal, Chopin, não algum bar da vizinhança.

Sarah se viu apressando-se no meio do grupo, movendo-se não tanto sob sua própria direção mas sim carregada pela maré geral do movimento. Eles passaram através de outra porta estofada com couro e algum tipo de lounge VIP, com um extenso bar e uma surpreendente pista de dança vazia. Havia algumas mesas contra a parede, mas na maior parte eram banquetas de couro preto livres, com cromo e mesas de café em vidro e uma ocasional cadeira de couro independente. Havia velas sobre a mesa, mas a maioria da luz vinha das arandelas nas paredes, suas luzes eram emitidas em direção ao teto escuro onde quicava de volta para fornecer sombras sutis.

Enquanto Sarah observava tudo isso, ela percebeu que cada olhar do lugar estava sobre eles. A pista de dança estava vazia porque todos estavam focados com uma intensidade quase assustadora sobre Raphael. E ela notou algo mais. Muitos dos observadores eram vampiros, seus olhos brilhavam na sala escura enquanto seguiam o progresso do poderoso senhor vampiro. Seus olhares eram uma mistura de medo e desejo, como se eles não soubessem se corriam por suas vidas ou se jogavam-se aos seus pés.

Um par de portas duplas abriu brevemente na parede distante, permitindo uma explosão de música alta e barulho estridente. E algo mais. A

pressão do ar caiu drasticamente, e Sarah teria cambaleado se Duncan não tivesse tomado o seu braço. — E agora? — Ela murmurou.

— Rajmund. — Duncan disse suavemente.

Capítulo 5

Sarah se concentrava em respirar enquanto um enorme vampiro cruzava a sala em direção a eles. Ele era alto como Raphael, mas loiro, com cabelos cortados rente à cabeça e olhos azuis claros em um rosto eslavo tão estereotipado que definia a palavra. Alto, maçãs do rosto lisas, olhos ligeiramente estreitos, uma mandíbula forte e um belo sorriso cheio de dentes brancos. Ele estava vestindo uma roupa elegante e formal, um paletó de smoking e calças, e uma camisa cuidadosamente branca com pregas macias e lisas. Mas o pescoço da camisa estava aberto, o botão de cima desfeito, e a confinada gravata preta estava suspensa, como se ele tivesse acabado de arrebatá-la.

A música ainda estava tocando, mas a pouca conversa que havia estava agora silenciada enquanto todos, humanos e vampiros igualmente, ficaram na expectativa, esperando para ver o que iria acontecer a seguir. Sarah olhou em volta rapidamente, se perguntando se ela deveria estar preocupada. Mas os seguranças de Raphael pareciam despreocupados — ou pelo menos não mais preocupados do que tinham estado toda a noite — e Cyn estava inclinada casualmente contra o lado de Raphael.

Ela virou seu olhar de volta para a nova visita e percebeu que não havia presas naquele sorriso devastador. Nenhum dos vampiros estava mostrando suas presas. Provavelmente algum tipo de protocolo, como não trazer suas armas para a mesa da paz.

Raj parou bem perto do segurança de Raphael e deu ao enorme Juro um sorriso que conseguia ser tanto amigável como desafiador. A pressão contra o peito de Sarah aumentou e ela começou a se perguntar se sobreviveria à parte do cumprimento da noite. Juro não reagiu, a não ser para ficar de lado enquanto Raj deu um pequeno passo à frente e se inclinou ligeiramente. — Meu Senhor.

— Rajmund. — Raphael reconheceu.

Obviamente, vampiros não desperdiçavam palavras, Sarah pensou um pouco irritada e se perguntando quanto tempo isso duraria. Seus novos sapatos eram espetaculares e os saltos de 10 cm faziam maravilhas em suas pernas, mas eles nunca seriam destinados a ficar de pé por aí como agora.

— Por aqui, Meu Senhor. — Rajmund disse suavemente, como se continuasse uma conversa silenciosa. E talvez continuasse. Ela já tinha ouvido rumores de vampiros com habilidades telepáticas, mas não tivera a chance de perguntar a Cyn sobre isso. Para essa questão, ela não tinha certeza se sua amiga lhe diria, mesmo se perguntasse. Havia certas coisas que Cyn oferecia e outras, bem... Sarah podia entender isso. A primeira lealdade de Cyn era para Raphael, depois de tudo.

— E quem é esta?

Sarah olhou para cima e encontrou seu olhar cuidadosamente capturado por um par de frios olhos azuis. Um arrepio de energia faiscou e cada nervo em seu corpo de repente acordou e começou a zumbir alegremente. Ela se forçou a mover-se para oferecer um aperto de mão. Ela sentiu a força dos dedos dele quando estes enrolaram nos seus, superando a mão dela. Ele não era apenas alto, mas grande. Seus ombros, seus braços e tórax eram enormes, afinando para quadris estreitos e coxas musculosas e... oh meu. Sarah sempre tinha gostado de homens grandes. É claro, a maioria dos homens eram grandes comparados a ela, mas ela gostava de homens

grandes, o tipo que exala calor, uma energia em espiral que avisava que eles poderiam entrar em ação a qualquer momento. Havia um ar de violência contida em tais homens, uma arrogância de macho alfa que dizia que poderiam atender todas as visitas e tomar conta de cada uma delas. *Este*, ela disse a si mesma, *era um vampiro*. De repente ela entendeu o que Cyn tinha estado falando, qual era a sensação de ter todo esse poder e energia concentrado somente em você.

Ele sorriu — um sorriso lento e preguiçoso que sugou em um milésimo de segundo o pouco de ar que tinha em seus pulmões, deixando-a sem fôlego e tentando não mostrá-lo. Algo nos olhos dele disse que ele sabia de qualquer maneira, e ela foi de repente golpeada por vívidas imagens de corpos nus em um quarto escuro. Mas, não. Ele tinha deixado as luzes acesas, então aqueles olhos gelados poderiam beber de cada tremor de seu corpo enquanto ela se contorcia. Jesus, Sarah, controle-se!

Seus olhos brilharam para o rosto dele, e ela percebeu que tinha estado olhando como uma idiota quando ele disse em uma voz rica e sem pressa: — Rajmund Gregor. Raj para meus amigos. — Suas palavras foram profundas e ressoantes, começando em seu baixo diafragma e fazendo uma longa viagem através deste peito maravilhoso até os ouvidos dela.

Seus olhos brilharam com humor e Sarah mordeu seus lábios contra o desejo de ficar ainda mais perto dele, para sentir aquele enorme corpo coberto... O que estava errado com ela? Ela engoliu em seco e conseguiu dar um sorriso apresentável. — Sou amiga de Cyn, Sarah Stratton. — ela disse, e amaldiçoou sua pele pálida quando um rubor aqueceu suas bochechas.

Raj apenas sorriu alegremente e colocou sua enorme mão em suas costas pequenas. — Vamos nos sentar, querida. — ele disse, impulsionando-a através da vigília de Raphael. Um vampiro que Sarah não reconheceu foi adiante e segurou outra porta aberta para eles. Juro desapareceu dentro desta nova sala brevemente, então reapareceu e assentiu.

A sala era claramente reservada para muitas festas privadas. A decoração era muito parecida à do lounge VIP que eles atravessaram, mas o couro era mais suave, as mesas polidas em aço ao invés de cromadas, e o topo dos vidros eram mais grossos e polidos com acabamentos brilhantes.

Raphael e Cyn caminharam até a maior das banquetas tipo sofá — uma curva aberta de couro preto contra a parede, com uma pequena mesa de café em vidro à frente deles. Eles se estabeleceram um ao lado do outro, enquanto Duncan pegava uma cadeira de ferro e couro e se colocava diante de Raphael do outro lado da mesa. Sarah sentou-se do outro lado de Cyn, ignorando o sorriso perverso que Raj mandou em sua direção, prometendo uma noite perigosa pela frente. Ela enfiou-se contra o couro macio e fingiu se importar com a decoração.

O espaço era pequeno o suficiente para se sentir íntimo e acolhedor, ao invés de isolado — um sentimento que era reforçado pela parede em vidro de frente para o lounge VIP. Sarah lembrou-se de ver uma parede preta e envernizada do lounge ao lado. Daqui, no entanto, era um vidro ligeiramente opaco proporcionando uma visão clara de tudo o que acontecia na sala maior. Alto falantes de repente vieram à vida, trazendo o som, a música e o murmúrio de vozes dos convidados do clube — humanos e vampiros — retomaram suas festividades interrompidas.

Um bar completo forrava uma das paredes e Sarah viu filas e filas dos melhores rótulos de várias bebidas alcoólicas, muitas das quais ela reconhecia do bar de seus pais. É claro, isso foi há muito tempo, antes dos sonhos... e o que veio depois. Ela forçou sua memória a ficar de lado, concentrando-se no balde de champanhe de prata esperando no balcão de mogno polido, com o que parecia ser uma agradável garrafa bem gelada de *Krug Grande Cuvee*. Ela já podia sentir as bolhas contra sua língua. Mas, espere. Vampiros bebiam? Algo além de sangue, quero dizer.

Raj ainda estava de pé, uma mão apoiada no encosto do sofá. — Temos um bar completo aqui, meu senhor. — Raj disse respondendo a sua pergunta muda. — Danny. — ele gesticulou para o vampiro que tinha aberto a porta para eles. Ele era alto e esbelto, suavemente bonito, com uma pele de cor café e uma elaborada tatuagem que enrolava ao redor de seu pescoço antes de desaparecer dentro de sua camisa. Ele assentiu quando Raj disse seu nome, sorrindo para ela com a certeza de um homem que sabia que as mulheres o achavam atraente.

— Danny — Raj continuou — pode conseguir qualquer coisa que você goste. Se não for aqui, certamente será no bar principal. E, é claro, há

sangue disponível em qualquer forma que você preferir. — Ele chamou a atenção de Sarah quando disse isso, segurando seu olhar por um momento antes de deixar seus olhos percorrerem seu corpo como uma carícia quente, sobre seus seios e descendo por toda a extensão de suas pernas nuas até aos saltos altos e para cima novamente. Ela estremeceu ligeiramente sob o impacto de sua inspeção e ele sorriu confiante. Danny não era o único vampiro na sala que sabia que as mulheres gostavam dele.

Sarah resistiu ao impulso de arrancar sua saia e se perguntou distraidamente se vampiros funcionavam em pacotes — como todos os vampiros de Raj eram assassinos de senhoras, enquanto todos os de Raphael eram do tipo forte e silencioso como ele era. É claro, as pessoas de Raphael estavam em território hostil, de modo que era provavelmente em parte isso. Mas Raj parecia mais jovem de alguma forma, mais despreocupado. Raphael carregava um ar de tremenda autoridade, uma confiança que ninguém jamais ousaria desafiar. Ela pensava que ninguém desafiaria Raj também, mas era porque ele parecia condenadamente perigoso.

Ela viu Raphael sussurrar algo no ouvido de Cyn. Sua amiga suspirou em aborrecimento, mas se levantou, puxando Sarah com ela. — Vamos, Sarah. — ela disse, apressando-se ao redor da mesa de vidro. — Nós, mulheres, fomos banidas para o bar enquanto os grandes maus discutem assuntos sérios.

Sarah olhou para Raphael, mas sua atenção estava em Cyn, seus olhos brilhando em prata, seus lábios curvados em um sorriso gentil. — Obrigado, *lubimaya.* — ele disse.

Cyn soltou um suspiro desdenhoso, mas sorriu para ele antes de arrastar Sarah até o bar onde uma taça de champanhe estava esperando com o nome dela.

Raj observou as duas mulheres enquanto atravessavam a pista e subiam nos altos bancos do bar. Ele tinha que admitir que a mulher de

Raphael, Cynthia, era deslumbrante. Mas ela era como um animal exótico, algo selvagem e encantador e totalmente imprevisível. Ele tinha a sensação de que ela era um diabinho na cama, mas um monte de trabalho fora dela. Muito trabalho para o gosto de Raj.

Sua amiga Sarah, por outro lado, era outra coisa. Era óbvio que ela se sentia ofuscada pela impressionante beleza de Cynthia, mas isso era uma vergonha, porque ela era uma mulher linda em seu próprio jeito. Se ela saísse para andar pela sala fora desta porta, o olho de cada vampiro seguiria cada pequeno movimento daquela bunda um pouco apertada. Ela era mais baixa que Cyn, talvez uns quatro ou cinco centímetros sem os saltos, mas metade daquilo eram pernas e o resto era tudo curvas exuberantes. Ela tinha coberto seus seios com a seda vermelha de seu vestido, que ela preenchia bem. Bem o suficiente para que ele já soubesse qual seria o gosto quando colocasse sua boca sobre aqueles firmes mamilos que ele podia ver pressionados contra o estirado tecido. Ela correu de volta para o banco do bar, jogando seus longos cabelos loiros sobre um ombro e cruzando suas pernas com um chiado de sua pele suave. Raj sentiu-se endurecendo em antecipação.

— Rajmund.

Raj piscou de volta em atenção imediata. — Meu, senhor. — Ele se sentou no sofá de couro, torcendo um pouco para enfrentar o senhor dos vampiros. Duncan empurrou a pequena mesa de lado e moveu sua cadeira para mais perto, assim os três poderiam conversar.

— Você queria uma reunião. — Raphael disse.

Raj o estudou silenciosamente por um momento. Suas próximas palavras poderiam muito possivelmente condená-lo se Raphael fosse seu inimigo. Raj tinha poder suficiente para derrotar seu próprio mestre quando e se ele decidisse dar este passo. Mas ele não tinha ilusões sobre suas habilidades para derrotar Raphael e ele não podia ter certeza de onde o senhor dos vampiros ficava quando se tratava de seu companheiro membro do conselho. Por outro lado, Raj confiava em Duncan — na medida que ele confiava em qualquer vampiro que não era de sua própria criação. E Duncan tinha incentivado esta conversa.

— Você estava na reunião do conselho no último outono, meu senhor. — Raj disse para Raphael. — Você viu que o Lorde Krystof está ... ele não é mais o que ele foi uma vez. Ele enfraquece e todo o Nordeste enfraquece com ele. Já existem vampiros criando suas próprias crianças sem permissão, construindo feudos privados dentro do território.

Raphael franziu a testa. — Eu não sabia que estava assim tão ruim.

— Mas você sabia que algo estava errado.

— Eu suspeitava.

Raj suspirou por dentro. Conversa entre vampiros poderosos era como nadar na lama; não havia caminho limpo e demasiados perigos invisíveis. Cada palavra tornava-se uma arma, e o que foi deixado por dizer geralmente expressava muito mais do que era dito. Por outro lado, a ousadia era uma virtude. — Tempo acaba, meu senhor. Mesmo para os vampiros. Preciso saber se você pretende se manter neutro, como tem feito no Sul.

— E por que eu não ficaria?

— Porque Krystof lhe fez um favor uma vez.

— Ele fez?

— Krystof me contou, meu senhor, como você chegou neste país, como você veio à corte dele e ele permitiu-lhe viajar através da Costa Oeste para estabelecer seu próprio território.

O olhar negro de Raphael focou bruscamente em Raj. Ele arreganhou seus dentes em um lento sorriso, parecendo genuinamente divertido, mas não havia nada amigável nisso. — Você realmente acredita que ele poderia ter me parado, Rajmund?

Raj engoliu sua irritação, ordenando sua própria verdade a partir das fantasias de seu mestre. — Não. — ele respondeu uniformemente. — Não, meu senhor, mas Krystof acredita nisso, e ele poderia chamá-lo se sentir-se

ameaçado. Eu me pergunto se você teria uma predileção persistente para o que ele responderia.

— O meu interesse é na estabilidade. Se Krystof é incapaz de manter seu território, isso põe todos nós em perigo.

Raj assentiu, imaginando qual seria a melhor resposta que iria obter. Ele ficou surpreso quando Raphael continuou falando.

— Há muito tempo sinto que deve haver mais cooperação entre os territórios. — ele disse calmamente, cruzando suas pernas e alisando as rugas invisíveis. — Ocorre-me que você e eu temos muito em comum.

— Meu senhor?

— Uma certa visão, Rajmund. Uma abordagem prática para fazer negócios. — Ele encontrou o olhar de Raj diretamente. — Se a ocasião alguma vez surgir, acredito que beneficiaria a ambos, e à população Vampira em geral, se quiséssemos ... nos consultar no futuro.

Jesus Cristo, Raphael não estava dando apenas sua aprovação tácita para Raj derrubar Krystof, ele estava propondo uma fodida aliança. Com Raj governando o Nordeste e Raphael todo o Ocidente, eles teriam um longo caminho pela frente para controlar a população Vampira da América do Norte. Os outros senhores do conselho gritariam assassinos sangrentos se eles soubessem. Os senhores nunca cooperavam em nada, isso tornava os negócios com os outros quase impossíveis. Mas se ele e Raphael...

— O que você acha do Sul? — Raphael continuou casualmente, como se ele não tivesse acabado de jogar uma bomba no colo de Raj.

— É quente e pegajoso. — Raj disse, sorrindo. — Mas duvido que isso fosse o que você tinha em mente.

Raphael deu um simples sorriso.

— Fiquei surpreso quando Anthony assumiu o controle. — Raj continuou, em um tom mais sério. — Pensei que ele estava contente com Nova Orleans.

— Ele estava. — Duncan confirmou. — Jabril o deixou ficar em Nova Orleans o tanto que ele quisesse, desde que pagasse tributo. Mas então o furacão destruiu metade de suas propriedades e mais da metade de seu povo.

— Tantos? — Raj disse surpreso.

— Pelo menos. — Duncan disse assentindo. — Ele está sendo muito cauteloso sobre os números específicos, mas não é segredo que ele não teria ido para outro território de outra forma.

Raj franziu a testa, pensativo. — Não conheço Anthony muito bem, mas não teria julgado que ele tem essência para manter o território por muito tempo.

Raphael deu de ombros. — Anthony exige certas intervenções, particularmente com respeito às finanças bastantes complicadas de Jabril. Um dos meus próprios, Jaclyn, é bastante hábil em tais assuntos e está permanecendo no Sul por enquanto.

Raj manteve sua expressão em branco enquanto olhava entre Duncan e Raphael, surpreso novamente pela franqueza da conversa. Raphael tinha praticamente dito que Anthony só foi capaz de manter seu território por causa do apoio de Raphael. Isso significava a prova da nova política de cooperação de Raphael?

— Como você disse, meu senhor, — Raj disse finalmente, acenando para Raphael — estabilidade é a meta para todos nós. Isso seria... inquietante, para dizer o mínimo, se o Sul sofresse outra perda tão cedo.

— Sim. — Raphael concordou, com os olhos levantados para seguir o progresso de sua companheira que tinha deixado seu assento no bar e agora estava retornando para a banqueta. — *Lubimaya*. — ele disse.

— Acabou o tempo, bonito. — ela respondeu, tomando sua mão e puxando-o para seus pés. — Quero dançar. — ela fez um gesto em direção ao lounge VIP através da parede de vidro. A pista de dança estava novamente cheia de corpos contorcidos, alguns dos quais estavam realmente dançando.

— Meu senhor. — Raj disse, de pé ao lado de Raphael. — Posso deslizar a vidraça inteira, se você preferir.

— Perfeito. — Cynthia decidiu. — Vamos aproveitar a festa!.

Raj olhou para Raphael que deu uma pequena contração de ombro e então balançou a cabeça. Raj assinalou sobre seu ombro para Danny, que alcançou sobre o bar e pressionou os controles, fazendo com que a parede esfumaçada de vidro deslizasse para baixo em um espaço sob o chão.

A música e o ruído caíram sobre eles, junto com cheiro de maconha, suor humano e colônia. O salão estava em pleno balanço, os humanos intoxicados por mais que apenas a corrente livre de álcool. Estas salas VIPs existiam em cada um dos clubes de Raj por uma única finalidade, e isso era sangue. Como as casas de sangue mantidas por Krystof em Buffalo, ou por Raphael em Los Angeles, os lounges VIPs reuniam vampiros famintos e seus dispostos doadores humanos que ofereciam sangue da veia em troca de uma experiência sexual alucinante e a ilusão de dançar com a própria morte. Cada humano que passava através daquelas portas duplas assinava uma renúncia e liberação legal, e a coisa toda era capturada pelo vídeo da segurança como prova de participação voluntária, caso chegasse a esse ponto. Tão recentemente como cem anos atrás, os vampiros simplesmente pegavam o que precisavam. Agora, eles tinham advogados e formas triplicadas, assim como todos os outros.

À esta hora da noite, ou da manhã, toda pretensão diminuiu. Vampiro e humano estavam se reunindo em cantos sombreados, na pista de dança, ou se um casal preferisse privacidade, em um dos vários quartos privados nos fundos. O cheiro de excitação estava em toda parte, junto com a influência poderosa e sedutora de várias dezenas de vampiros à caça. Raj inalou profundamente e lançou seu olhar sobre a doce e pequena Sarah.

Sarah observou Raphael rodopiar uma sorridente Cyn. Eles desapareceram quase que instantaneamente na multidão, como se de alguma forma eles tivessem puxado uma cortina de sombra em torno deles. Ela franziu a testa, tentando ver, mas estava escuro lá, as luzes pareciam mudar quase constantemente fazendo difícil se concentrar em qualquer coisa. Ela pegou um breve vislumbre de um casal em um dos sofás de couro e piscou surpresa. Talvez houvesse uma boa razão para as luzes estarem tão baixas. Ela corou e desviou o olhar rapidamente, apenas para encontrar Raj a encarando do outro lado da sala. Seus olhos se arregalaram e seu coração disparou, e de repente ela se sentiu como um coelho sob o olhar de algo feroz e faminto e plenamente capaz de a engolir inteira.

Raj sorriu aquele sorriso lento e preguiçoso e começou a andar em sua direção com o perambular de um predador nato, seus olhos azuis brilhantes de um glaciar profundo, fixando-a no lugar. Ele estendeu a mão enquanto se aproximava. — Venha, pequena. Dance comigo.

Cada nervo em seu corpo vibrou com excitação e gritou, *Sim!* Mas ela fez uma careta para ele, irritada. *Pequena?* Não nesta vida. — *Meu* nome é Sarah. — ela corrigiu firmemente.

Raj sorriu, quente e sexy e cheio de conhecimento íntimo, como se eles tivessem sido amantes por anos. — Muito bem. — ele concordou. Ele pegou a mão dela e a puxou da cadeira alta, um braço circulando sua cintura quando ela teria tropeçado no movimento brusco. — Dance comigo, pequena Sarah, ele sussurrou contra seu ouvido.

Sarah estremeceu involuntariamente. Ela sabia o que deveria dizer, *não*. Ele era um bastardo arrogante que achava que aquele sorriso encantador poderia conseguir qualquer mulher que ele quisesse. Ela sabia que deveria agradecer-lhe gentilmente, subir de volta naquele ridículo banco de bar e embriagar-se com champanhe caro, mas antes que seu cérebro pudesse formular as palavras, seu corpo decidiu por ela, inclinando-se para ele enquanto a levava em direção à outra sala.

A música mudou enquanto eles se aproximavam da pista de dança, tornando-se suave e sensual, lenta e deliciosa. Sarah estava curvada no abraço de Raj, sentindo-se pequena e delicada contra seu largo e musculoso peito, rodeada por seus braços fortes. Mesmo com saltos altos, ela não chegava nos ombros dele, mas ele não tinha uma má postura como alguns homens tinham, ou a erguia com seu corpo e a arrastava ao redor da pista também. Ele pegou os dedos da mão direita dela, enrolando-as em sua direita e os segurou perto de seu coração, então deixou cair sua outra mão em suas costas, seus dedos vagando um pouco abaixo. Ele exerceu a mínima pressão e seus corpos estavam se tocando, seus seios contra seu peito, o quadril dele contra sua barriga. Sarah olhou para cima enquanto eles mexiam-se entre os outros casais e encontrou aqueles lindos olhos azuis.

— Coloque seu braço ao redor de mim, pequena. — ele murmurou. — Dance comigo.

Sarah estreitou seus olhos para o carinho, mas deslizou sua mão esquerda sobre seu impossivelmente peito largo, antes de deixá-lo enrolar ao redor de sua cintura.

— Aí vamos nós. — Ele inclinou a cabeça mais perto e começou a balançar gentilmente para a música. — Você cheira deliciosamente. — ele sussurrou.

Ela sorriu para o óbvio duplo sentido e encontrou-se relaxando, verdadeiramente relaxando, pela primeira vez em meses, talvez em anos. Ela fechou seus olhos, deixando descansar sua cabeça contra seu profundo peito, deixando que o fluxo da respiração dele acalmasse-a gentilmente, o ritmo do coração dele batendo abaixo de sua orelha.

Eles se moveram facilmente através da densamente abarrotada pista de dança, circulando ao redor até que estavam quase escondidos em um dos recessos escuros de uma alcova vazia, o veludo macio de uma cortina preta contra o dorso da parede, bebendo e absorvendo a penumbra do salão lotado.

Sarah sentiu a mão de Raj deslizar abaixo até descansar na saliência de sua bunda, sentiu seus dedos pressionarem mais até que não havia nem

mesmo o menor espaço entre eles. Ela sentiu a respiração dele contra sua pele enquanto ele se inclinava para beijar sua têmpora, o calor úmido de sua língua, enquanto provocava a curva de sua orelha. Ela estremeceu quando ele beijou a pele sensível abaixo da orelha, seguindo a linha de sua jugular até que ele parou e chupou delicadamente, não rasgando a pele, apenas deslizando sua língua em um círculo como se marcando o lugar.

Ela podia sentir o suave roçar de suas presas contra seu pescoço, o duro comprimento de seu pênis contra sua cintura. Ela levantou seus braços, envolvendo-os sobre seus ombros e ao redor dele, pressionando-se mais perto, esfregando-se contra sua excitação. Raj riu baixinho. — Tão ávida, pequena.

Sarah ouviu-se gemer baixinho, um som tão cheio de fome sensual que ela não podia acreditar que tinha vindo de sua própria garganta. Raj respondeu, rosnando enquanto ele a levantava facilmente, girando-a ao redor e prendendo-a contra a parede. Sua mão deslizou por baixo de seu vestido de seda, pressionando-o até sua coxa e sobre seu quadril. Seus braços circularam o pescoço dele mais uma vez, ela enroscou sua perna nua ao redor do quadril dele e encorajou-o a chegar mais perto, querendo senti-lo entre suas pernas. Raj levantou sua perna mais alto em suas costas, deslizando sua mão debaixo de sua coxa e na umidade entre suas pernas, empurrando para o lado o triângulo ensopado de sua calcinha de seda.

Sarah gritou quando seus dedos grossos deslizaram facilmente em suas dobras escorregadias, penetrando profundamente dentro dela, esticando-a, preparando-a para toda a espessura do pênis que ela podia sentir crescendo cada vez mais duro, mais comprido...

— Sarah?

Sarah piscou e congelou, de repente aterrorizada. Perguntando-se onde...

— Sarah? — Raj repetiu, seus dedos levantando seu queixo gentilmente.

Ela corou furiosamente e recuou, colocando espaço entre eles, sentindo o calor de sua própria excitação, a umidade entre as pernas. A raiva passou através dela e ela olhou para ele.

— Você está bem? — ele perguntou solicitamente.

Ela respirou fundo, certa de que ele tinha feito algo com ela, mas ele parecia realmente preocupado, e ela não queria embaraçar-se acusando-o de ... Ela engoliu em seco, tentando desesperadamente esquecer a sensação de sua boca, seu ... Oh Deus, eles não estavam escondidos em alguma alcova. Eles ainda estavam na pista de dança. Tudo tinha sido da sua cabeça? — É provavelmente a fadiga do vôo. — ela disse em voz fraca.

— Vamos. — ele persistiu. — Acho que você precisa se sentar. — Ele pegou a mão dela em seus dedos fortes e ela sentiu uma onda renovada de desejo, lembrando exatamente o que aqueles dedos tinham feito entre... Suas pernas estavam tremendo quando Raj a levantou no banco do bar.

— Aqui está. — ele disse, entregando-lhe uma taça de champanhe. — Tome um gole, você vai se sentir melhor.

Melhor? Ele estava louco? Se ela se sentisse melhor, ela seria uma poça de necessidade pegajosa no chão. — Obrigada. — ela disse, tomando um pequeno gole e fechando os olhos, sentindo as bolhas comichando todo o caminho até sua garganta.

— Diga-me onde estávamos. — ele murmurou contra seu ouvido. — O que estávamos fazendo.

Seus olhos se abriram e se estreitaram suspeitosamente. — Não sei o que você quer dizer.

— Sim, você sabe. — Ele sorriu provocadoramente. — Você sussurrou meu nome.

— Não fiz isso!

Ele sorriu, um som puramente masculino, cheio de sexualidade confiante. — Você nunca foi a uma casa de sangue antes? — ele perguntou.

— O que é uma casa de sangue?

Raj ergueu o queixo, apontando para a pista de dança. — Isso, querida. Sangue e sexo para ser tomado… e doado.

— Oooh. — ela disse e sentiu seu rosto queimando com vergonha renovada. — Eu não sabia. Sinto muito...

— Não se desculpe. — ele disse alegremente. — Eu aproveitei muito isso.

Ela olhou para ele rapidamente, perguntando-se o que…

— Nada aconteceu, Sarah. Você apenas deixou-se levar enquanto dançávamos. Eu estaria insultado… — ele baixou sua voz. — …mas desde que você estava sonhando comigo...

Sarah lhe deu um olhar enojado.

— Você sabe... — Raj continuou, sua diversão era óbvia. — Eu fico em Buffalo de vez em quando. Talvez nos encontraremos novamente.

— Talvez não.

— Ah, agora. Coisas estranhas têm acontecido.

— Não para mim. — ela murmurou. Ela lembrou de repente de seus sonhos sobre mulheres atormentadas e estremeceu, sabendo que não era bem verdade.

Raj franziu a testa e se aproximou, colocando uma de suas enormes mãos em seu braço. — Você está com frio, querida?

Ela sentiu lágrimas inexplicáveis pressionando contra o fundo dos seus olhos e baixou a cabeça para que ele não visse, focando a taça de

champanhe que ela ainda estava segurando. — Estou bem. — ela mentiu. — Apenas cansada. Não estou em pé normalmente até tarde. Vivo uma vida muito chata em Buffalo.

— Temos que mudar isso então, não temos?

Sarah tomou outro gole de seu champanhe agora quente e se perguntou o que ela realmente queria. Voltar para Buffalo, tudo o que ela queria é que as coisas voltassem ao que eram, a maneira como elas estavam antes dos sonhos virem. Mas agora... Ela ouviu Cyn e Raphael voltarem da pista de dança, os ouviu rindo um para o outro enquanto se sentavam nas banquetas. E ela sentiu a sólida presença de Raj ao seu lado, o conforto de ter um protetor, mesmo que por pouco tempo, alguém que ficasse entre ela e o resto do mundo.

E de repente ela não tinha mais certeza do que ela queria.

Na noite seguinte, Sarah abriu a porta do grande SUV e saiu, andando ao redor dos fundos onde um dos vampiros de Raphael estava esperando com sua pequena maleta rolante e uma mala suspensa com seu vestido vermelho. Ela pegou a mala e a colocou no braço, correndo uma mão pela capa de náilon como se acariciando o vestido. Ela olhou para Cyn que esperava para dizer tchau. — Provavelmente nunca usarei isto novamente, — ela disse pensativa.

— Há sempre a festa de Natal na faculdade.

— Meus colegas teriam apoplexia e suas mulheres estariam convencidas de que estou tentando roubar seus maridos pálidos e gordinhos.

Cyn riu. — Soa como um grupo encantador. Irei te visitar algum dia.

Sarah acrescentou seu próprio sorriso. — Você morreria de tédio antes mesmo de sair do aeroporto. — Ela olhou para cima e encontrou os olhos verdes da amiga. — Obrigada, Cyn. Diverti-me imensamente.

Cyn a estudou por um momento. — Me liga, Sarah. Se você precisar de qualquer coisa, você me liga, tudo bem? Mesmo que seja apenas para uma voz amiga.

— Eu irei. — Ela abraçou Cyn, em seguida agarrou a manivela de seu estojo de noite. — Tenho que ir andando ou perderei meu vôo.

— Se cuida. — Cyn a beijou na bochecha antes de caminhar de volta e deslizar no SUV. Sarah parou para acenar desajeitadamente em volta de sua bagagem e viu o braço de Raphael circular o ombro de Cyn e a puxar mais perto, como se apenas aqueles minutos separados tivessem sido demais.

Ela ficou parada e observou até que eles tivessem ido, então marchou para o terminal enquanto as portas automáticas moviam-se rapidamente em frente a ela. Ela tinha uma vida esperando em Buffalo. Talvez não a que ela teria escolhido, talvez nem mesmo a que ela tinha planejado quando aceitou o cargo lá. Mas pelo menos eles não a trancavam à noite. Ainda não, de qualquer maneira.

Capítulo 6

— Então, o que ele disse?

Raj descansou os cotovelos no parapeito do último andar, ignorando a pergunta para olhar melancolicamente a movimentada rua de Manhattan, 35 andares abaixo. Ele se inclinou e olhou atentamente, pensando que tinha visto uma mulher de vestido vermelho. Ele riu de si mesmo. Sarah Stratton estava muito longe, de volta para seus livros e salas de aula. Ela tinha razão sobre uma coisa. Ele provavelmente nunca a veria novamente. O que seria uma vergonha, ele decidiu e imediatamente se perguntou por que tinha pensado nisso.

— Raj?

Ele virou um olhar frio sobre seu persistente gerente do clube. — Como está indo o novo clube, Santos?

— Ótimo. Estamos captando todos os excessos de Chopin, ainda mais com o novo lugar. Mas temos que falar sobre esta outra coisa, Raj.

— Você quer falar com alguém, contrate um terapeuta.

— Droga, eu pensei... — Suas próximas palavras foram cortadas quando Raj o agarrou por sua garganta e o levantou de seus pés.

— Temos um problema, Santos?

Santos tentou responder mas apenas murmurou sem palavras. Raj abriu sua mão e o deixou cair no chão, onde ele permaneceu, agachado de quatro e tossindo furiosamente.

— Perdoa-me Mestre. — Santos finalmente conseguiu dizer.

Raj lhe deu um olhar de desprezo. — Saia da porra da minha frente.

Santos começou a ficar de pé, mas um olhar de Raj o fez ir se arrastando os vários metros da porta até à escadaria antes de descer os degraus a tropeçar.

Raj fez uma careta, ouvindo os barulhos metálicos dos passos do vampiro desaparecerem. Ele voltou a sua leitura cuidadosa da rua abaixo com uma desgostosa maldição. — Odeio essa maldita porra de vampiro. — ele disse.

— Mas você faz isso tão bem. — A voz da mulher estava misturada com diversão. Ela saiu das sombras e se inclinou sobre o corrimão, juntando-se a ele em sua contemplação do tráfego distante. — Ele apenas estava perguntando o que todos queremos saber, você sabe. Passaram duas noites desde que Raphael o deixou e você ainda não disse uma palavra. Estamos curiosos.

— Você também, Em?

A tenente de Raj encolheu os ombros. — Eu especialmente.

Raj suspirou. — Vocês são todos ansiosos, talvez um de vocês deva cuidar de Krystof ao invés.

Emelie riu. Era um som baixo e sensual. — Ele me comeria viva. Você é o único Raj, e todos sabemos disso. — Ela olhou por cima e para longe antes de reverter para se encostar contra o metal frio.

— E se eu não fizer isso? — Raj perguntou em voz baixa. — E se eu decidir não me livrar do velho?

Ela deu outro gracioso encolher de ombros. — Sou sua Raj, corpo e alma. Você me fez. Você me possui. Minha lealdade é sua se você ficar com o que tem ou assumir Krystof e todo o Nordeste. — Ela fez uma pausa para se apoiar mais perto. — Mas também sou sua amiga. E como uma amiga, preciso entender o que está acontecendo para que eu saiba se preciso estar ou não preocupada. Você e eu sabemos que Krystof não vai durar muito tempo. Se você não quiser tirá-lo, alguém o fará, e depois teremos uma luta em nossas mãos porque quem quer que seja irá querer esta cidade para si mesmo. Krystof pode se contentar em apodrecer em Buffalo, mas ninguém mais fará.

Raj estudou a linda mulher que de alguma forma teve a força para tornar-se sua tenente em um mundo cão-come-cão da política vampira. Ela quis dizer o que disse sobre ser sua amiga, e sua lealdade o tocou em algum lugar que ele não queria admitir. — Você sabe. — ele disse. — Raphael disse-me praticamente que pensava que Krystof está senil. O mesmo fez Duncan.

O rosto de Emelie mostrou sua surpresa. — Pensei que aqueles caras fossem mais cautelosos.

— Sim. Isso fica melhor. Ele me ofereceu uma aliança uma vez que eu tome o território.

— Desculpe-me?

Raj riu. — Essa foi praticamente a minha reação, também. Ele não foi tão brusco, é claro, mas o significado foi malditamente claro.

Em absorveu esta nova informação. — Bem. — ela disse finalmente. — Você é a escolha óbvia. Quero dizer, se ele pensa que Krystof precisa partir, você é mais forte que qualquer um lá fora, e você conhece o território.

— Sim. — Raj suspirou. — E tenho certeza como o inferno que não vou voltar atrás e deixar alguém mover-se sobre nós, então eu acho... — Seu celular tocou, tocando uma melodia inconfundível que só podia significar uma coisa. — Porra. — Ele xingou e arrancou o telefone do bolso.

— Meu lorde. — ele respondeu.

— Rajmund. — seu Criador, o Lorde Vampiro Krystof, disse sedosamente. — Como foi a visita?

— Muito bem, meu senhor.

— Excelente. Você pode me contar tudo quando chegar aqui.

— Meu senhor?

— Algo está se aproximando, Rajmund. Preciso de você em Buffalo por um tempo.

Raj franziu a testa, se perguntando o que o velho estava aprontando. Krystof tinha dado a Raj o rico território ao redor da cidade de Nova Iorque por uma razão. Isso o manteve feliz, e longe de Buffalo. Claro, o velho estava curioso sobre a visita de Raphael, mas eles poderiam lidar com aquilo por telefone. Então por que ele estava sendo chamado de volta agora?

— Alguma coisa, meu senhor? — ele perguntou.

— Algo um tanto feio.

— O que...

— Você descobrirá quando chegar aqui.

Raj estava tentado a perguntar que tipo de problema poderia chegar na porra de Buffalo que os lacaios habituais do velho não poderiam lidar. Mas isso chegava muito perto da rebelião, e ele não estava pronto para

mostrar seu lado ainda. — Muito bem, meu senhor. — ele cerrou seus dentes. — Posso voar no primeiro crepúsculo amanhã...

— Voe esta noite, Rajmund.

— Meu senhor...

— Você tem um jato particular. — a voz de Krystof se tornou petulante. — Use-o. Vejo você uma hora após o pôr do sol de amanhã, e espero um relatório completo sobre seu visitante. — O velho desligou.

— Merda!

Emelie apenas olhou para ele. Sua audição vampira teria lhe dado os dois lados da conversa, o bastante para entender a raiva de Raj. — Estamos indo para Buffalo?

— Nós não. Preciso de você aqui. Não confio em mais ninguém, e além disso, não quero Krystof sabendo sobre você ainda, não oficialmente. Ele pode estar senil, mas ele não é cego.

— Você não pode ir lá sozinho, Raj. Pelo menos pegue alguns dos guardas com...

— Sou capaz de me defender, Emelie. Além disso, não deveria ter guardas.

— Ele deve saber que você está fazendo suas criações. Seus espiões...

— Seus espiões podem relatar tudo o que quiserem, mas se eu me mostrar cercado por minhas próprias crianças, ele fará algo sobre isso. Não estou pronto para pressioná-lo ainda. Irei sozinho. Ligue para o aeroporto e prepare o jato. — Ele calculou as horas restantes de escuridão e xingou suavemente. Foda-se aquele velho homem. — E lhes diga que estou a caminho.

Capítulo 7

Buffalo, Nova York

Estava frio. Tão frio. Regina tremeu em seu fino casaco, desejando que ela tivesse se preocupado mais com permanecer quente quando ela se vestiu para a despedida de solteira de Katie do que com a boa aparência. *Nota para si: da próxima vez que você for seqüestrada, vista um casaco decente.* Sua risadinha desesperada tornou-se num soluço de terror quando a pesada porta de metal tilintou aberta mais uma vez, enviando tremores pelo piso de concreto. Ela se empurrou contra a parede, sentindo o frio duro da estrutura de metal da cama contra a parte baixa de suas costas. Ela havia escutado alguém chorando novamente ontem à noite. A porta de uma cela havia ressoado quando fora aberta e ela estava tão agradecida que não era por ela que eles tinham ido, tão desesperadamente feliz que ela não era a que estava a chorar, implorando.

Ela pulou com o som de metal contra metal, fechada na escuridão. Sua porta abriu e uma luz difusa veio do corredor, perfurando seus olhos que haviam se acostumado à quase total escuridão de sua cela. Um homem preencheu o batente estreito da porta, uma silhueta escura com ombros largos e uma cabeça quadrada com olhos brilhando na luz fraca. Ela saiu

tropeçando da cama e foi para um canto, apertando seus joelhos junto ao peito, seu corpo inteiro tremendo com a força da batida de seu coração. Ela fechou seus lábios com força, recusando-se a emitir um som.

— Eu sei que você está aí, menininha. Você não pode se esconder de mim.

Um grito de desespero escapou de seus lábios e ela escutou-se soluçando igual às outras, implorando. — Não, por favor. — ela sussurrou, encarando-o. — Não eu.

Seus protestos se desmoronaram quando ele se aproximou, seus olhos perfurando os dela, embaçando sua mente com algo grudento e quente. A luz do corredor foi sumindo até não haver nada a não ser seus olhos, sua vontade, seu desejo. Ele se esticou para alcançá-la, e de algum lugar profundo ela gritou.

Sarah rolou para fora da cama, sem ao menos parar para ligar as luzes em uma corrida cega para o banheiro. Ela caiu de joelhos e vomitou, seu estômago arfando incontrolavelmente enquanto ela agarrava os lados do vaso sanitário, procurando por ar.

Lágrimas rolavam por suas bochechas e ela implorou silenciosamente. *Não, de novo. Por favor, Deus, não de novo.*

Ela se encolheu no chão ao lado da porcelana fria, seu estômago vazio, e sua garganta queimando. Repelida pelo cheiro, ela abaixou a tampa do vaso, se esticou e puxou a descarga. Empurrando-se novamente contra a parede, ela se içou até sentar-se na tampa fechada e abriu a torneira da pia, derramando água em seu rosto superaquecido, ignorando a água que se derramava por cima das bordas e nos ladrilhos de linóleo. Ela agarrou uma toalha da prateleira e cobriu o seu rosto, se inclinando para frente até que sua testa tocou seus joelhos.

Era tudo tão familiar, o isolamento, o frio, cada batimento cardíaco como um tambor contra a sua caixa torácica, cada respiração tão alta quanto um berro no silêncio mortífero de seu cativeiro. Theresa Bracco, a adolescente do oeste de Los Angeles, e Julie Seaborn, uma mãe de dois filhos de Hollywood... e outras, as outras sem nome que tinham assombrado seus sonhos. Aquelas que ela tentava ignorar. Ela lembrava-se de todas.

E ela se lembrava do que tinha acontecido quando foi até seus pais procurando ajuda.

A instituição para que eles a tinham mandado era mais um internato do que um hospício — exceto pelas fechaduras das portas. Ela tinha quinze anos quando entrou por aquelas portas, e ela não havia saído novamente até o seu aniversário de dezoito anos, quando, como uma adulta sob as leis da Califórnia, ela fugiu dos carinhosos cuidados de seus pais e se reinventou. Um novo nome, uma nova cidade, uma nova vida. Faculdade, pós-graduação, um emprego. Igual a todo mundo. Ninguém sabia quem ela realmente era. Ninguém. Nem mesmo sua boa amiga Cyn sabia a verdade sobre Sarah Stratton. Não havia nada para diferenciá-la de milhões de pessoas que iam para o escritório ou para a escola, que trabalhavam bastante e dormiam seguros em suas camas toda noite. E isso era o que Sarah queria.

Mas agora os sonhos estavam de volta, e com eles vinham as memórias de todas as mulheres que choraram em seus pesadelos e agora espreitavam como fantasmas, vistos vagamente nos cantos de sua mente.

Ela ficou de pé e abriu o armário espelhado, tirando sua escova e pasta de dentes com movimentos rápidos e determinados. Ela não podia fazer isso de novo, ela decidiu firmemente. Ela não faria isso de novo. Este não era apenas um documentário dramático na televisão. Esta era a sua vida. Os anos trabalhando em dois empregos para conseguir terminar a faculdade e pós-graduação, fazendo-se inteira a partir do zero, do nada. Lágrimas frustradas e desamparadas encheram seus olhos. Ela deixou-as vir até que quase se engasgou com a pasta de dentes. Ela cuspiu de qualquer jeito na pia e enxagüou sua boca, então se forçou a ficar reta. Ela olhou para o espelho, vendo o reflexo rosa e dourado do nascer do sol apenas visível entre as lâminas de sua persiana. E ela não podia evitar se perguntar se Regina

estava vendo o mesmo nascer do sol, se aquele porão imundo tinha alguma janela em algum lugar, um pingo provocador de liberdade para ela e para as outras. Aquelas que ela podia ouvir chorando no escuro.

Capítulo 8

Raj fez uma curva acentuada para o beco sem diminuir a velocidade, sentindo a extremidade traseira do seu grande BMW Sedan derrapar de leve sobre o pavimento escorregadio. Estava naquela época do ano em Buffalo quando o tempo não conseguia se decidir se era inverno ou primavera, quando um dia podia trazer uma última trincheira de tempestade de neve e no outro uma rápida subida de temperatura que descongelava mas que podia recongelar durante a noite em um gelo escorregadio. Esta era uma das razões para ele odiar esta cidade. Muito fria, muito molhada, muito ventosa. E também malditamente morta, até mesmo para um vampiro.

Ele socou o controle preso ao visor do carro logo que ele virou. Quando ele chegou à garagem, o portão estava totalmente aberto e ele deslizou o grande sedan para dentro do estreito espaço, fechando o portão atrás dele antes mesmo de desligar o motor. Ele estava ultrapassando os limites e sabia disso. Ele deveria ter ficado esperando no aeroporto, mas ele odiava dormir em um espaço público, mesmo que fosse um bem seguro. Ele nunca se havia sentido seguro a menos que ele estivesse atrás de sua própria porta, com seus próprios seguranças. Ele havia conhecido muitos

vampiros que haviam confiado em outros e não estavam mais por aí para lamentar as suas tolices.

A garagem estava praticamente na escuridão, mas isso não era um problema. Vampiros podiam ver tão bem no escuro quanto podiam ver na luz, talvez até melhor. No escuro, a pessoa via somente o que era necessário. Com luz de lâmpadas, a pessoa podia ser distraída pela beleza ou por banalidades.

Sentindo-se poético esta noite, Raj?

Ele resmungou por seus próprios pensamentos inúteis. Era mais manhã do que noite nesse momento. Ele tinha apenas alguns momentos para entrar ou estaria dormindo no chão da garagem ao lado do seu carro, e não havia nada poético sobre isso.

A porta interna fechou atrás dele com um baque pesado, bloqueios deslizaram pela casa automaticamente. Ele andou diretamente para o painel de segurança, rearmando-o com a sua impressão digital e um código de seis dígitos.

O seu covil em Buffalo era em um pequeno depósito, cinquenta pés de lado e cerca de três andares de altura, ecoando no vazio e iluminado apenas pelo brilho verde do LED do painel de alarme. Este era o seu lugar privado, um lugar que Krystof não conhecia. Raj podia odiar esta cidade, mas ele vinha aqui com bem mais frequência do que o lorde vampiro estava ciente. Ele cruzou o piso de concreto para uma escada curta que ia para o subsolo. Dez degraus, uma virada e cinco passos mais e havia outra porta pesada, outro painel de segurança. Um código diferente de seis dígitos e outra porta se abriu com uma corrente de ar quente.

Raj empurrou com os ombros a escotilha com formato de cofre, deixando seu próprio peso balançar a fechá-la atrás dele. Havia luz aqui, um brilho dourado ofuscante que se levantava automaticamente para tocar escuro mobiliário e trazer à tona as profundezas de uma cor rubi e um tapete cor de vinho. O quarto era espaçoso, cobrindo dois terços da metragem quadrada do depósito acima. Uma enorme cama personalizada dominava a esquerda, os lençóis perfeitamente dobrados pelo próprio Raj da

última vez que ele havia passado a noite. Em cada lado da cama estava uma escura mesa de mogno, e contra a parede, uma cabeceira antiga de camurça de cor sangue. Um sofá e duas cadeiras de couro preto qua combinavam, estavam situados à direita, ao lado de um bar totalmente abastecido. Ao contrário da lenda, vampiros podiam tanto beber quanto comer, embora eles não ganhassem nenhuma nutrição disso e a comida tinha pouco sabor. Bebida, por outro lado, tinha o mesmo bom sabor que sempre teve. Poderia não ter o mesmo efeito, mas para um homem nascido e criado na Polônia, o gosto da vodka era tão natural quanto respirar. Que era outra coisa que as lendas tinham errado; Raj estava tão vivo e respirando quanto qualquer humano andando nas ruas à luz do sol. Com algumas melhores bem úteis.

Ele teria gostado de uma dose de vodka gelada nesse momento. Infelizmente, chegar ao pequeno aeroporto nos arredores de Manhattan havia demorado mais do que deveria, e apesar do vôo curto, o sol já estava começando a explodir por cima do horizonte. Ele podia sentir a urgência do dia que estava nascendo em cada célula de seu corpo. Eventualmente ele iria sucumbir ao seu efeito — as lendas acertaram nessa parte — mas ele era velho o bastante e suficientemente forte para resistir à queda para a inconsciência por enquanto. Ele deliberadamente demorou, verificando o painel de segurança e inserindo um código final para trancar tanto o depósito acima quanto o quarto em que estava. Ele estava tirando suas botas quando a luz do dia finalmente começou a sugar a sua consciência. Com seus últimos fios de consciência, ele caiu na cama, tirando o restante de suas roupas e puxando as cobertas. A última coisa que ele sentiu foi o deslizar dos lençóis limpos contra a sua pele nua.

Capítulo 9

Sarah acenou seu agradecimento ao atendente enquanto pegava seu café com leite. Ela fez seu caminho através da matutina multidão faminta por cafeína e saiu da cafeteria. O ar frio a atingiu como uma parede após o calor do lado de dentro, e ela tremeu de leve, puxando seu casaco bem fechado com uma mão, sendo cuidadosa para não derrubar a bebida quente. O tempo estava bom o suficiente recentemente que até a cafeteria havia retirado as mesas com guarda-sol de seu galpão de inverno. Ela se deixou cair em uma das cadeiras geladas de metal, grata pela pesada lã de seu casaco. Ela pegou sua cópia do jornal local, The Buffalo News. Não era o New York Times, mas se uma pessoa quisesse notícias locais, este era o jornal a procurar. E o que Sarah estava procurando era considerado bastante como notícia local.

Ela tomou um gole de sua bebida e abriu o jornal, quase engasgando quando viu a página da frente. Ela fechou o jornal de uma vez e recostou-se na cadeira. Deliberadamente erguendo seu copo, ela tomou um gole, e então outro, vendo os carros passarem pela Rua Elmwood, vendo mães com seus bebês em carrinhos gigantes manobrando pela porta da cafetaria para se reunirem em um canto distante lá dentro e trocarem histórias de fraldas sujas e noites sem dormir. Seus olhos vagaram pelo parque do outro lado da rua, onde um balanço esperava desamparadamente, seus assentos pendurados vazios em suas pesadas correntes, um deles era um assento

para bebê, seu assento de segurança se inclinando desigualmente, a corrente dobrada em algum lugar acima.

O ar frio da primavera pinicou seus pulmões quando ela respirou fundo e colocou seu copo na mesa, descansando sua mão por um momento no jornal dobrado, seus olhos fechados em resignação. Ela suspirou e abriu seus olhos e o jornal.

A história estava na primeira página abaixo da dobra, juntamente com uma foto em preto e branco de uma garota bonita com cabelos pretos encaracolados, um rosto fino e o sorriso de uma criança que sabia que era amada. Sarah encarou aquele sorriso e se perguntou como ele se pareceria agora.

Patrícia Beverly Cowens, chamada de Trish, o artigo dizia, dezoito anos e aluna do primeiro ano na universidade. Ela tinha ido a uma festa no Domingo à noite, duas noites atrás, e não havia sido vista desde então. Sarah fez uma careta e lembrou. Seu primeiro sonho tinha sido há quase uma semana, bem antes que Trish desaparecesse. Ela nunca soube ao certo, mas sempre tinha acreditado que seus sonhos aconteciam em tempo real. E agora, lendo sobre Trish Cowens, ela estava certa disso. Em seu sonho na noite passada, Regina havia — Sarah nem sabia como chamar. Como você descreve estar na cabeça de outra pessoa, no pesadelo de outra pessoa? Regina havia *lembrado* de ouvir seu sequestrador trazendo alguém novo, uma nova vítima, no que facilmente poderia ter sido Domingo.

Sarah cerrou suas mãos contra o desejo de bater na mesa. Se ele tivesse levado Trish, isso significava que já era muito tarde para Regina? *Por favor*, ela implorou para qualquer deus que pudesse estar escutando. *Por favor, não deixe Regina ser morta*.

Ela fechou seus olhos contra um desespero quase sufocante. *Eu não posso fazer isso,* ela pensou desesperadamente. *Não de novo*. Mas ela tinha que fazer isso, não tinha? Porque não havia mais ninguém. Sentindo o destino rindo por cima de seu ombro, ela pegou o jornal de novo.

O Comissário de Polícia havia presidido à entrevista coletiva, o que lhe pareceu estranho até ler mais e descobrir quem era o pai de Trish. William

Cowens, um bilionário por esforço próprio, amigo de presidentes e estrelas de cinema. De uma maneira pervertida, ela pensou amargamente, era sorte que Trish fosse a vítima mais recente. Não por a Trish claro, mas pelas outras, sendo que o pai de Trish tinha influência para fazer as coisas acontecerem. Sarah continuou lendo. Como sempre, a polícia foi bem circunspecta nas informações que eles liberaram. Sarah havia esperado alguma menção sobre Regina, alguma confirmação de que havia outras mulheres desaparecidas. Mas não estava lá. Então, talvez este fosse um caso isolado. Talvez alguém havia sequestrado Trish por um resgate, ou até mesmo por aquela robusta recompensa que o pai dela estava oferecendo. Talvez a própria Sarah estivesse vendo um assassino em série onde não existia e Regina era apenas fruto de sua imaginação, um resultado de muito estresse e pouco sono. Era possível, não era? Ela suspirou. O que significa quando nem ela acredita mais em seus próprios raciocínios?

Ela passou pelo resto do artigo, e parou bruscamente quando viu o nome do porta-voz do Cowens. Ela encarou as palavras, incapaz de acreditar no que estava vendo. *Quais eram as chances?* Ela se perguntou. Edward Blackwood. Umas das poucas pessoas que podia conectar Sarah Stratton a uma adolescente da Califórnia, e estava aqui em Buffalo.

Não que a presença de Blackwood fosse surpreendente, dada a rede de contatos de William Cowens. Blackwood era um prodigioso arrecadador de fundos para a Humanity Realized, que era um instituto que ele havia fundado com o propósito anunciado de facilitar a 'conquista total do potencial humano', o que diabos isso significasse. Ele esteve interessado em Sarah uma vez, tinha oferecido a seus pais uma bolsa de estudos completa em troca de sua cooperação. Infelizmente para ele, seus pais não queriam dinheiro. O que eles queriam, e o que ninguém, nem mesmo a Humanity Realized, podia dar para eles, era uma filha normal, uma que não canalizasse mulheres traumatizadas quando estivesse dormindo. Sarah só sabia que não queria ser o rato de laboratório de ninguém, especialmente não do Edward Blackwood. E agora ele estava aqui, justo quando seus sonhos estavam começando novamente.

Sua participação no caso complicava infinitamente a vida de Sarah. Se ela tinha-se mostrado indecisa sobre se envolver antes, a presença dele só aumentava isso. Ela não queria que ele ou os tablóides reportassem cada

movimento seu. Ela teria achado graça se não fosse tão trágico. Ele era a única pessoa que garantidamente acreditava em seus sonhos, e ele era o único homem com quem ela não queria ter nada a ver.

Ela ficou de pé abruptamente, jogando seu café com leite meio cheio na lata de lixo e o jornal depois. Ela andou pela calçada em direção ao seu escritório, determinação em cada passo. Ela tinha uma aula para dar, uma vida para viver. A polícia estava investigando. Eles não precisavam de Sarah nem de seus sonhos.

O estacionamento da faculdade estava apenas meio cheio naquela tarde quando Sarah voltou para o seu carro, desviando habilmente das poças de gelo derretido que estavam ao lado do lugar onde estacionou. A promessa de sol no início do dia havia-se realizado, e agora mesmo o ar parecia quase quente. Ela ergueu seu rosto para a fraca luz do sol e desejou que ela pudesse apenas se mandar, talvez dirigir até ao campo, parar para um sanduíche e sentar em uma mesa de piquenique, desfrutando desse primeiro sinal verdadeiro de primavera porque ela tinha certeza que não iria durar. Aparentemente não havia meio-termo nesta parte do país — ou você estava congelando a sua bunda ou derretendo em uma grande e borbulhante poça.

Pare de reclamar, Stratton. Você tem um emprego, não é? Às vezes ela sentia-se culpada por isso. Tantos amigos seus da faculdade estavam lutando para conseguir algo, pessoas com famílias e obrigações, enquanto ela tinha conseguido uma posição principal em uma universidade decente. Trabalhos como esse eram difíceis de encontrar, mas mesmo assim, ela algumas vezes se perguntava o que estava fazendo aqui. Não era que não gostasse de ensinar. Ela gostava, apesar de saber que a maioria dos seus alunos via as suas aulas como um mal necessário, algo para preencher o espaço requerido no seu caminho para qualquer carreira que tenham escolhido — faculdade de direito para muitos deles. Como se o mundo precisasse de um novo lote de advogados todo ano. E não era que não gostasse da parte da pesquisa envolvida. Ela amava história, amava descobrir pedaços obscuros de

conhecimento sobre pessoas e eventos há muito passados. O que não gostava era o tipo de pesquisa que ganharia seu mandato— as notas de rodapé e as críticas literárias, as apresentações e as conferências, com sua satisfação barata e puxação de saco. E as políticas acadêmicas eram um mundo isolado — calúnias elevadas à mais fina arte.

Ela cruzou a fronteira entre a passagem e o estacionamento, seu cérebro registrando a mudança na textura sob a sola de suas robustas botas de salto plano. Ela lembrou-se de seu vestido vermelho do final de semana, com seus saltinhos fininhos que o Raj havia admirado tão abertamente. *Quando diabos eu comecei a usar botas robustas?* Ela se perguntou com um suspiro. Provavelmente desde a primeira vez que tinha caído de bunda na neve molhada. Mas seja lá o que fosse, a primavera estava aqui e era hora de parar. Amanhã, ela estaria usando seus saltos novamente.

– Boa tarde, Professora Stratton!

Sarah pulou para fora de seus pensamentos e se virou com um sorriso para a sua melhor, e talvez única, amiga no campus. — E uma ótima tarde para você também, Professora Hoffman. Você está bem longe de suas rondas habituais. — Linda Hoffman tinha um horário temporário em História da Arte, cortesia de seu marido Sam que era como uma estrela no Departamento de Arte.

— Isso é porque eu estava procurando por você. Você virá para o aniversário do Sam na quinta-feira à noite, certo? E não me dê desculpas sobre trabalhar, — ela acrescentou, antecipando a resposta de Sarah. — As férias começam na sexta-feira, então eu espero que você apareça e fique bêbada como o resto de nós.

— Linda, eu realmente...

— E traga um acompanhante.

— Certo. Onde eu encontro mesmo um desses?

— Garota boba. Ajudaria se você dissesse 'sim' de vez em quando. Olhe para você. *Eu sei* que você tem ofertas. Na verdade, meu primo Tony

perguntou sobre você algumas semanas atrás, depois da festa de aniversário da minha mãe. — Vendo o olhar no rosto de Sarah, ela acrescentou rapidamente, — Não se preocupe. Não lhe dei o seu número. Até eu sei que ele não é o seu tipo, embora, pensando nisso, eu não estou certa realmente de qual seja o seu tipo. Mas, — ela acrescentou, o brilho de fofoca em seus olhos, — falando no Tony, você ficou sabendo da Trish Cowens?

O estômago de Sarah deu um nó, e ela se forçou a expirar e fingir uma careta de confusão. — Trish Cowens?

— Você tem que tirar seu nariz dos livros de vez em quando, garota. Patrícia Cowens, filha do *William Cowens*? Sabe, o bazilionário que inventou... — Linda fez um gesto no ar. — Alguma coisa ou outra, eu não sei. Mas essa não é a história. Ela é uma estudante aqui na universidade, e está desaparecida. O pai dela está apertando a polícia local e os colocando em um frenesi tentando encontrá-la.

— Isso é horrível, — Sarah disse com uma voz baixa. Ela estava tendo problemas para se concentrar no aqui e agora. Sua mente continuava querendo substituir a foto sorridente de Trish Cowens com as imagens aterrorizantes de seus sonhos.

Linda ficou séria imediatamente, como se ciente que ela esteve tagarelando sobre a tragédia de outra pessoa. — Claro, é sim. Tony disse que eles estão trabalhando dia e noite...

— Espera, — Sarah interrompeu. — O que o seu primo tem a ver com isso?

— Oh, — Linda disse, apertando seu rosto ao pensar. — Tony é um policial. Eu pensei que você sabia disso. Um detetive na verdade. Ele e seu parceiro... — Linda pausou, olhando-a especulativamente. — Agora aí sim está uma possibilidade para você. Dan é bonito e muito mais, hum, cerebral que Tony. Claro, eu acho que ele está em seu terceiro divórcio, — ela acrescentou, fazendo uma careta.

— Linda, — Sarah disse pacientemente. — O que o Tony tem a ver com Trish Cowens?

— Ele e o Dan estão encarregados do caso dela. — Linda disse, surpresa. — Eu já não mencionei isso?

— Não. — Sarah disse, distraidamente. — Não, você não fez.

— E isso não é tudo. — Ela se aproximou, olhando ao redor para se certificar de que elas estavam sozinhas. — Eles acham que os vampiros estão fazendo isso.

Sarah piscou em confusão. — Fazendo o quê?

— Raptando aquelas garotas! — Linda exclamou, como se Sarah não estivesse prestando atenção.

— Garotas? Plural? Como em mais de uma? — Ela perguntou, já sabendo a resposta.

— Bem, sim. Eu acho que são três ou quatro, eu não tenho certeza. Mas, Sarah, vampiros!

— Sim, eu entendi. Por quê? — Ela perguntou repentinamente.

— Por quê? — Linda repetiu, sua expressão confusa.

— Por que eles acham que um vampiro está envolvido? Quer dizer, por que um vampiro faria isso?

— Por sangue, claro!

Sarah franziu as sobrancelhas, pensando sobre Raphael e sua gangue, sobre Raj. Ela tentou imaginar qualquer um deles sequestrando mulheres nas ruas, especialmente quando havia mulheres lindas como aquelas do clube no sábado à noite, mulheres que se ofereciam ansiosamente. — Eu não acho que eles precisem fazer isso, Linda. Não mais, de qualquer forma.

Linda fez uma careta para ela, insatisfeita com a reação às suas grandes notícias. — Bem, eu não sei, — ela disse irritada. — Tony disse que

todas as mulheres desaparecidas estiveram naquelas horríveis casas de sangue ou algo assim. Ele não queria falar sobre isso na verdade, mas a mãe o apertou até ele falar. — Linda deu de ombros fracamente como se sacudindo todo o assunto. — De qualquer forma, estou certa que eles a encontrarão. Você conhece os calouros. A primeira vez que estão fora de casa, ficam um pouco loucos. Tudo bem, querida, tenho que ir. — Ela deu um beijinho rápido na bochecha de Sarah. — Vejo você na festa, e use um vestido, pelo amor de Deus!

Sarah ignorou o comentário sobre o vestido, colocando-o na mesma categoria que as suas botas sensíveis. — Eu estarei lá. — ela disse, ao invés disso. — E dê ao Sam minhas lembranças.

Ela viu sua amiga correr por entre os prédios, pensando sobre os vampiros e no quarto escuro sem janelas em que Regina havia acordado. O tipo de quarto que um vampiro poderia escolher para esconder suas vítimas.

Naquela tarde mais tarde, Sarah sentou-se em seu escritório de casa, empoleirada na frente do computador, encarando atentamente o monitor, esperando que os segredos do universo fossem revelados. Ou pelo menos que o próximo capítulo do livro que supostamente era para ter sido terminado. Infelizmente, não havia nada a não ser uma tela branca a encarando em retorno. Quando a tela se transformou no protetor de tela, ela recuou, surpresa. Por quanto tempo ela estivera sentada aqui perdida em seus pensamentos? Ela se empurrou para longe da mesa com um suspiro, nem mesmo se incomodando em salvar o seu trabalho. Ela não havia digitado mais do que cem palavras e nenhuma delas valia a pena manter. O seu estômago grunhiu, lembrando-a de que já havia passado horas desde o almoço.

Ela bateu ruidosamente pelo estranhamente estreito corredor, indo em direção à cozinha. O duplex no qual ela vivia havia sido outrora um apartamento único. Quando alguém o tinha dividido em dois, eles tinham

feito a sua parte um pouco menor, com o corte bem no meio de uma escadaria já existente, deixando cada unidade com um apertado lance de escadas, como algo que você veria guiando para um sótão que ninguém usava. Felizmente, Sarah era pequena, com 1,62m com suas meias, se elas fossem grossas — apesar de seus irmãos muito mais altos a terem chamado simplesmente de Camarão. Ela não era magricela, mas ela estava em forma e tinha curvas, então quem ligava para um número em uma escala?

Ela rodeou o final das escadas, foi arrastando as suas meias até a cozinha e abriu a porta da geladeira. A deslumbrante variedade de recipientes tupperware cumprimentou-a, todos cuidadosamente rotulados, cortesia de sua senhoria Sra. Maglietto. A Sra. M tinha praticamente adotado Sarah quando descobriu que não havia nenhuma família por perto. Uma fofoqueira inveterada, sempre parecia saber quando Sarah estava indo e vindo, e frequentemente a encontrava na varanda com qualquer tipo de caçarola que ela ou uma de suas muitas filhas haviam preparado naquele dia. Sarah não se importava. Ela havia sido próxima de sua família antes de tudo se ter despedaçado. Algumas vezes ela sentia falta daquela sensação de se pertencer, de saber que alguém se preocupava com ela, que eles sentiriam sua falta se morresse... ou se fosse levada por um dos monstros humanos que perseguiam seus sonhos.

Sarah se arrepiou, e percebeu que ainda estava parada na frente de sua geladeira perdida em pensamentos. Primeiro o seu computador e agora a geladeira. Quando ela se desse conta, ela estaria perdida em pensamentos enquanto dirigindo o seu carro. Ela tinha que descobrir uma maneira de lidar com seus sonhos antes que sofresse algo mais drástico do que uma queimadura por congelamento. Ela bateu a porta da geladeira e pegou um iogurte do frigorífico, olhando pela janela enquanto metia colheradas em sua boca, quase sem notar o que estava comendo. Devia haver alguma maneira dela descobrir o que a polícia sabia. Ela podia ligar para o primo da Linda, claro, mas o que ela diria? Mesmo se ele se lembrasse dela, ela não conseguia imaginar que ele estivesse ansioso para contar todos os segredos sobre a investigação. Afinal de contas, quem ela era? Uma Professora Assistente de História na universidade, dificilmente uma especialista em...

Sua colher caiu na pia. Por que ela não pensou nisso mais cedo? Ela não havia acabado de passar o final de semana com dois dos vampiros mais

poderosos do país? E a sua melhor amiga não era praticamente casada com um deles? Ela poderia ligar para o primo de Linda. Ela não sabia o sobrenome dele, mas isso seria bastante fácil descobrir. Ela ligaria para ele e ofereceria seus serviços como especialista em vampiros. Bem, talvez não uma especialista, mas uma fonte. Havia provavelmente nada em relação aos rumores de qualquer forma, mas isso não era o ponto. Isso lhe daria uma chance de descobrir o que a polícia sabia sem se entregar. E de qualquer forma, a quem mais a polícia poderia ir se eles tivessem questões sobre vampiros? Os vampiros verdadeiros estavam todos em Manhattan. Ela os havia visto no clube do Raj. Que vampiro com respeito próprio iria viver em Buffalo quando tinha Manhattan para brincar?

Capítulo 10

O sol se pôs e os vampiros acordaram. Raj abriu seus olhos com o conhecimento instantâneo de onde estava e como tinha chegado lá. E da fome. Ele havia deixado a cidade com tanta pressa ontem à noite que não tinha havido tempo para uma alimentação completa. Normalmente, ele mantinha um suprimento de sangue ensacado no frigobar daqui para emergências, mas sua última visita à Buffalo havia sido há semanas atrás e o frigobar estava vazio de tudo menos de gelo. O que significava, Krystof que se dane, a primeira ordem de negócios de Raj era encontrar um doador disposto. Demente ou não, Krystof era um vampiro poderoso, e Raj não tinha intenção de encontrá-lo de forma alguma a não ser no seu melhor.

Além disso, encontrar uma mulher não deverá ser difícil nesta parte da cidade, mesmo em uma quarta-feira à noite. Era uma das razões para ele ter construído o seu covil aqui.

Ele ficou de pé e seguiu para o banheiro, gemendo pela dureza de seu pescoço. Ele havia caído de cara na cama nesta manhã, o que sempre o deixava sentindo-se um pouco maldoso quando ele acordava. Ele torceu o seu pescoço com um estalo alto da vértebra e encarou o seu reflexo no espelho enquanto ele começava a se barbear. Ele havia tido um bigode, quando era um humano, e o cabelo descia até os ombros. Agora seu rosto era

liso e o seu cabelo loiro e grosso mal tocava o seu colarinho. Ele ligou o chuveiro e deixou o vapor encher o banheiro antes de entrar debaixo da pulverização contínua — umas das maiores invenções do homem moderno.

Enquanto a água quente levava para longe o seu dia de sono desconfortável, ele pensou em Krystof e qual poderia ser a sua crise mais recente. O velho tinha muito pouco contato com o mundo fora de seu pequeno círculo nestes dias. Ele vivia em Buffalo há centenas de anos, nos últimos noventa viveu em uma grande casa da virada do século no bairro de Delaware Park. Um medo de fogo o havia forçado a substituir a fiação do prédio inteiro alguns anos atrás, mas não havia televisão, nem sistema de som e somente um computador, que era usado pelos seus lacaios para monitorar a segurança.

Notavelmente, Krystof também possuía um andar na cobertura em um arranha-céu no centro, com dois escritórios e suítes. Mas ele nunca o usava, a menos que houvesse visitantes para impressionar — o que significava uma vez a cada oito anos quando era a vez dele sediar o encontro anual do Conselho Norte Americano de Vampiros.

Quanto à cidade em si, Buffalo havia sido uma vez gorda e satisfeita, seus moinhos de aço e portos prosperando e novas pessoas chegando toda hora. Raj havia vindo aqui quatro décadas antes da Guerra Civil Americana, procurando por um tipo de futuro diferente do que o oferecido pelo seu próprio país, que estava sendo dilacerado aos poucos pelos competitivos interesses estrangeiros. Pura acaso havia o colocado em contato com Krystof, que já era um vampiro há séculos naquela época. Krystof foi o primeiro mestre vampiro a viajar para o novo mundo. Sem competição, ele havia estabelecido seu próprio território e feito a si mesmo um lorde vampiro. E ele estava na procura constante por recrutas em potencial de sua nativa Polônia, homens que estavam acostumados à hierarquia da nobreza e não se irritariam sob o seu comando. Que os homens que ele recrutava nem sempre se voluntariavam para servi-lo não importava. Uma vez que eles eram transformados, como Raj, eles tinham poucas escolhas.

Infelizmente, a sorte de Lord Krystof foi, necessariamente, ligada à da cidade, e o apogeu de Buffalo havia há muito se passado. A recusa de Krystof em ver a verdade sobre o declínio, de mover o seu assento de poder para

Manhattan ou uma das cidades mais lucrativas do Nordeste, era uma indicação de quão fora da realidade ele estava; mas o seu fracasso em manter a ordem no território era bem mais sério. Raj não era o único vampiro que havia começado a criar um exército de seguidores fiéis. Se nada fosse feito, o Nordeste logo seria um favo de mel de feudos, enfraquecendo o núcleo até que ele se quebrasse em pedaços — ou atraísse a atenção de algum forasteiro forte que entraria em cena e faria uma pequena limpeza permanente.

Quando a água do chuveiro começou a perder seu calor, Raj desligou-a e saiu, embrulhando-se em uma toalha grande e secando-se enquanto passeava ao longe de seu closet. Sua escolha de vestuário normalmente era feita de jeans pretos e jaquetas de couro, especialmente no clima frio. Mas hoje à noite, ele pegou um terno de lã penteada cor de carvão. Krystof ficaria satisfeito. E nesse momento, este era o objetivo de Raj. Ele queria que o Lorde Vampiro ficasse presunçoso e complacente em seu próprio poder, totalmente despreparado para o dia não muito distante, quando Raj faria a sua jogada. Ele jogou a toalha para longe e começou a se vestir. Sua fome estava crescendo a cada minuto. Era hora de caçar.

A mulher gemeu suavemente enquanto Raj bebia, as substâncias químicas em sua saliva transformando a experiência em um prazer orgásmico para ela, ao invés do ato brutal que realmente era. Raj lentamente retirou suas presas de seu pescoço e percorreu sua língua sensualmente por cima das duas pequenas perfurações, acelerando a coagulação e a cura. Ele lambeu sua boca e os dentes, saboreando a fragrância de seu sangue antes de retrair suas presas em suas gengivas. O sangue dela era doce com a juventude e aquecido pelo rum que ela havia bebida mais cedo.

Ele escutou vozes e se moveu rapidamente, escondendo seu pequeno corpo atrás de sua corpulência enquanto dois garçons vinham pelo escuro corredor na direção deles, mantendo as suas costas viradas até que eles

tinham ido embora. Ele então levou a mulher grogue de volta para o espaço principal que estava lotado, contornando a borda da pista de dança e indo para uma cabine vazia. Ela acordaria logo, provavelmente um pouco envergonhada com a evidência óbvia de seu orgasmo. Mas não haveria memória de Raj e sem efeitos negativos duradouros. Ele havia tomado apenas o que ele necessitava, menos do que se ela doasse na Cruz Vermelha local. Ele caminhou para fora até o seu carro, sentindo-se forte e vivo mais uma vez. Ainda era cedo, apesar de que sem dúvidas seria mais tarde do que Krystof teria preferido. Mas a velha casa do lorde dos vampiros era apenas uma curta viagem de carro e qualquer coisa que esperasse por ele lá, ele enfrentaria com força total.

Capítulo 11

O BMW respondeu prontamente quando ele virou na Avenida Delaware, e ele teve que se forçar a diminuir a velocidade. Este era o perigo de beber muito bem. Dava a sensação de se sentir nas alturas e de ser invencível, nunca uma boa combinação ao enfrentar o seu Mestre.

Ele foi pela porta dos fundos, acenando para os dois guardas posicionados bem na entrada da casa — seus rostos eram familiares, e eles claramente o reconheceram, apesar dele não saber os seus nomes. Ele passou pela cozinha vazia e foi para o corredor, onde pegou as escadas que iam para o porão, resistindo à vontade de descer dois degraus de cada vez.

O cômodo abaixo estava lotado de vampiros, mas eles eram um pouco mais do que uma parede de carne entre Krystof e quem quer que descesse as escadas. Krystof preferia se cercar de seres débeis, vampiros que não apresentavam nenhum desafio à autoridade do lorde vampiro. Se o velho soubesse previamente o quão poderoso Raj iria se tornar, ele provavelmente teria bebido dele até o secar e o deixado para o agente funerário todos aqueles anos atrás.

Mas a verdade era que ninguém sabia a extensão total do poder de Raj, nem mesmo Emelie. Ele o manteve cuidadosamente coberto na maior

parte do tempo, usando apenas o que ele precisava para fazer o trabalho. Já era perigoso o bastante que Krystof o considerasse uma ameaça. Não havia razão para anunciar o tamanho da ameaça que realmente era. Claro, foi a força de Raj que o trouxe para o covil do vampiro nesta noite. Ele havia tido a chance de pensar sobre os chamados abruptos de Krystof, e aquela possibilidade era a única que fazia sentido. O que fosse que estivesse acontecendo em Buffalo, era sério o bastante para que Krystof quisesse o poder de Raj do seu lado. Raj somente esperava que ele sobrevivesse ao que quer que fosse.

Um dos vampiros mais novos — um Latino musculoso que Raj nunca tinha visto antes — emergiu de multidão e empurrou o seu considerável peito em desafio. Ele era fisicamente ameaçador, mas não registrava nem mesmo uma gota na escala de poder, que era tudo o que importava. Raj estudou o jovem vampiro através de pálpebras semi-abertas e lhe ofereceu um sorriso preguiçoso. — Jozef, — ele falou lentamente enquanto olhava por cima do ombro do idiota. — Se você valoriza este filhote, é melhor você o chamar para os seus calcanhares agora.

Do outro lado do cômodo, o chefe da segurança de Krystof olhou para cima e xingou quando o filhote em questão se empurrou para cima de Raj com um rosnado.

— Morales, seu maldito idiota, se afaste, — Jozef gritou. Ele cruzou o porão e empurrou o grosso peitoral do vampiro. Morales se endureceu contra o empurrão e somente encarou com mais vontade.

Raj riu. — Este aqui parece ser estúpido demais para viver. Você tem certeza que quer salvá-lo?

— Eu disse *se afaste* porra. — Jozef empurrou com mais força, mandando o outro vampiro pela multidão para bater na parede dura do outro lado. Com o aceno de Jozef, dois dos outros seguraram o idiota de novo quando ele tentou se levantar e voltar para a briga. O chefe de segurança balançou sua cabeça, enojado. — Desculpe por isso, Raj. Ele é tão novo que temos que trancá-lo ao nascer do sol ou ele vai ficar lá fora a ver as bonitas luzes no céu.

— Talvez você devesse se livrar dele, fazendo a todos nós um favor. O que ele está fazendo aqui?

— Krystof gosta dele.

Do outro lado do cômodo, Morales sorriu para ele triunfante, mas Raj somente riu. O filhotinho obviamente não sabia, mas ser querido por Krystof significava que um vampiro ou era muito burro ou muito fraco para representar a mínima ameaça.

— O nosso mestre está esperando por você, — Jozef disse. O que significava que Raj estava atrasado e Krystof estava puto.

Raj deu de ombros, despreocupado. — Era tarde quando ele ligou ontem à noite. Eu mal consegui chegar à cidade antes do amanhecer, e eu precisava comer. Sobre o que é isso?

— Rajmund.

Cada vampiro no local — com exceção de Raj — ficou de joelhos enquanto Krystof aparecia na soleira da porta do seu escritório. O ajoelhar era uma afetação que ele insistia, e uma que o Raj não concedia há anos.

— Mestre. — Raj disse com uma simples inclinação de seu pescoço, nada mais. Ele ergueu sua cabeça e encontrou o olhar de Krystof diretamente, desafiando-o a forçar o assunto.

Os lábios finos do lorde vampiro se apertaram brevemente antes de se curvarem em um sorriso insincero. — É bom ver você de novo, Rajmund. — Sua voz era forte e equilibrada, o que significava que ele havia acabado de se alimentar. Nos últimos anos, havia se tornado evidente que Krystof estava se alimentando com cada vez mais frequência. Era outro sinal de sua crescente fraqueza, ele estava voltando para uma programação mais próxima de um recém-nascido do que de um vampiro com sua considerável idade e poder. Quando ele estava faminto, seu discurso se tornava hesitante e incerto como o de um humano que estava envelhecendo, apesar dele nunca *parecer* velho. Não era o seu corpo que estava envelhecendo. Era a sua mente.

— Venha, — ele disse então, balançando sua mão pelo seu corpo em um gesto gracioso de convite. Ele começou a andar de volta para o seu escritório, mas parou, franzindo as sobrancelhas enquanto ele dava um olhar afiado para Jozef. — Limpe este local, Jozef. Rajmund e eu requeremos privacidade.

O chefe da segurança se levantou de sua posição ajoelhada e encarou melancolicamente as costas de seu chefe. Um longo minuto depois, ele virou sua cabeça e lançou um olhar indecifrável a Raj antes de dar ao vampiro mais próximo a ele um empurrão rápido. — Todo mundo para cima, — ele ladrou.

Raj deu de ombros, deu uma piscada para o furioso Morales e caminhou através da porta para o santuário interno de Krystof.

Krystof estava sozinho a não ser por uma jovem mulher empoleirada em um elaborado sofá de veludo que estava contra uma parede. Ela estava seminua, sua blusa pendurada entreaberta mostrando seus pequenos seios pálidos, sua saia amassada até quase à cintura e sua roupa de baixo desaparecida, se tivesse havido uma em primeiro lugar. Sangue fresco, vermelho e molhado, escoava preguiçosamente da grande veia em seu pescoço e ela estava cantarolando suavemente, uma expressão sonhadora em seu rosto enquanto ela girava uma mecha com listras roxas com um dedo.

— Amável, não é?

Raj virou sua atenção imediatamente para o lorde vampiro, irritado por se ter permitido ser distraído por uma fêmea humana. Distração podia ser mortal na presença de Krystof, não importava se o velho fosse meio senil. — Jovem. — ele comentou. Mas então Krystof sempre gostava delas jovens.

Krystof mostrou seus dentes em um sorriso que mostrava bem mais do que uma indicação de presas. — Acima de dezoito e tirada de uma das casas de sangue, para que você saiba, ela está dentro da lei. — Ele virou as costas e caminhou em silêncio por todo o carpete profundo para sentar-se atrás de uma escrivaninha espalhafatosa antiga com incrustações tão

bonitas que até mesmo Raj poderia apreciá-las. Cortinas de veludo vermelho profundo e rico estavam penduradas atrás da mesa do lorde vampiro — puramente para efeito já que não havia janelas em qualquer uma das salas da caverna. As paredes remanescentes eram cercadas por um rodapé de cor mogno escuro contra o papel de cetim que cobria a parede.

Krystof sentou-se em uma cadeira delicada e dobrou suas mãos de aparência suave em cima de uma pasta aparada de couro. Seu longo e escuro cabelo estava preso com uma fita de veludo negra, enquadrando um rosto sem rugas e olhos castanhos, que estavam notavelmente claros, não mostrando qualquer sinal de estresse enquanto ele olhava para Raj com expectativa. Raj lembrou de um antigo ditado Russo que falava sobre o rosto de uma pessoa que era intocada pelo vento. Referia-se a alguém sem as marcas das dificuldades da vida, e não era um elogio. Aqui estava um lorde vampiro que havia vivido por séculos, que escravizou centenas, se não milhares, ambos humanos e vampiros, que matou brutalmente por nenhuma razão a não ser a própria conveniência. E mesmo assim, ali estava sentado, a pintura de um jovem aristocrata mimado cujas mãos nunca haviam sido manchadas por nada tão cru quanto sangue.

Raj encarou esta criatura que mudou tanto sua própria vida e quase foi dominado pela vontade de pular a mesa e sufocar a vida antinatural para fora dele.

— Por que eu estou aqui? — ele grunhiu.

Do outro lado da mesa, os lábios de Krystof se apertaram e ele inclinou sua cabeça para retrucar. — Não presuma muito longe, Rajmund. Eu ainda sou o mestre aqui. — Seus olhos ficaram abruptamente sem emoção, e Raj percebeu que eles podiam fazer isso agora mesmo, decidir esta coisa entre eles de uma vez por todas. Mas não com todos os seus apoiantes a centenas de quilômetros em Manhattan, enquanto Krystof sentava-se embaixo de uma casa cheia de lacaios cujas próprias vidas dependiam de sua existência. Eles iriam defendê-lo até à morte pelo puro instinto de sobrevivência, não importando quais fossem seus sentimentos pessoais por ele.

Raj abaixou seus olhos e inclinou sua cabeça brevemente. — Minhas desculpas, meu lorde.

Krystof sorriu graciosamente, o lorde benevolente com seu servo. Raj apertou seus dentes com tanta força que pensou que o velho vampiro poderia certamente ouvi-lo.

— Então, — Krystof começou com o tom doce e entediado de um aristocrata nascido. — Me diga o que Raphael queria.

Raj olhou para cima e encolheu os ombros despreocupadamente. — Um feriado em Manhattan com a sua companheira.

Krystof franziu as sobrancelhas. — Por que Nova York?

— Shopping, eu acho. Foi isso que ela e a amiga fizeram o dia todo.

— Não há shoppings em Los Angeles?

— A amiga trabalha em Nova York, aqui em Buffalo, na verdade. Ela leciona na Universidade. Quanto à companheira de Raphael... — Raj se enganchou com um pé em uma cadeira desconfortável e se largou em cima dela. — Ela é uma americana rica e claramente está acostumada a ter as coisas do seu jeito. Raphael faz os gostos dela.

— Ele faz?

A nota de interesse de Krystof aguçou a atenção de Raj, apesar dele ser cuidadoso para não mostrar. — Até que tem um ponto. — ele esclareceu. — Ela é muito bonita.

O velho lorde vampiro riu. — Então até mesmo Raphael tem uma fraqueza. Eu nunca pensei que veria esse dia.

Raj não disse nada. Se Krystof queria acreditar que a companheira de Raphael, Cynthia, o tornava mais fraco de alguma forma, esta era a escolha dele. Raj havia visto o bastante neste final de semana para saber que enquanto o Lorde Vampiro do Oeste claramente amava a mulher humana,

ele não baixaria sua guarda nem um pouco. Se fosse olhar dessa forma, ele poderia estar mais seguro agora do que nunca. Havendo finalmente a conhecido, Raj estava inclinado a acreditar nos muitos rumores que ele havia ouvido sobre a determinação de Cyn e sua força de vontade para matar se fosse necessário. E ele não tinha dúvida que ela defenderia Raphael até à morte, se isso fosse necessário. E quanto a Raphael, somente um tolo pensaria em trazer algum dano à Cynthia e sobreviver.

— Bem, isso tudo é muito interessante, mas esta não é a principal razão de eu querer você aqui, Rajmund. Nós temos um tipo de situação envolvendo os humanos e você sabe que eu nunca estive confortável lidando com eles. Uma pessoa não fala com a sua comida, afinal de contas. — Ele riu de sua própria brincadeira. — Mesmo assim, este é a América e nós temos que nos adaptar.

Raj o ignorou. Krystof esteve neste país por quase trezentos anos e ele ainda falava como se apenas tivesse chegado à um mês atrás.

— Eu acredito que a polícia humana está preocupada, Rajmund.

Isso chamou a atenção de Raj. — A polícia? Sobre o quê?

— Aparentemente algumas mulheres desapareceram. Como se isso fosse uma ocorrência rara em uma cidade humana. Eles matam uns aos outros tão casualmente, nós somos uma ameaça bem menor para eles do que eles são para eles mesmos. Infelizmente, um homem influente se envolveu — sua filha está entre aquelas desaparecidas, e ele está convencendo a polícia que nós temos algo a ver com isso. Ridículo, claro. A garota está sem dúvida fodendo o pouco cérebro que ela tem com alguém inadequado e irá voltar para casa grávida e doente quando ela perceber o seu erro. Mas enquanto isso, nós todos somos forçados a jogar este jogo bobo.

Sua voz não era mais a de um aristocrata entediado, ela havia ficado quase grossa devido a alguma emoção. Poderia ser medo? O Krystof sabia mais sobre estas mulheres desaparecidas do que ele estava dizendo e esta era a verdadeira razão para que o Raj fosse chamado, para lidar com isso?

— De qualquer forma. — o lorde vampiro continuou. — você irá se encontrar com a polícia esta noite...

— Esta noite? — Raj exigiu.

Krystof ergueu uma sobrancelha com desaprovação pela interrupção. — Esta noite. — ele repetiu. — Às nove da noite. Eu disse para eles...

— Por que falar com eles de qualquer forma?

A paciência de Krystof acabou. Sua cadeira caiu para trás quando ele se levantou, seus olhos eram duas brasas de fogo no cômodo repentinamente escuro, seu poder se espalhou para abranger não apenas a casa em Delaware Park, mas toda a cidade de Buffalo e além de Manhattan onde os próprios vampiros de Raj estariam sentindo a ondulação do poder dele e se perguntando se eles estavam prestes a morrer.

Raj ergueu-se, ao redor deles, a antiga mansão estremeceu com a força da vontade de Krystof. Pó de gesso encheu o ar enquanto a madeira antiga gemia sob a pressão repentina. A jovem doadora de Krystof havia começado a choramingar com medo, enquanto na sala externa, os cristais cantavam sua agonia quando algo caiu no chão e se quebrou em um milhão de pedaços. Nos andares acima deles, toda a movimentação cessou enquanto Krystof retirou o pouco da força de vida que mantinha seus lacaios vivos, demonstrando seu poder da maneira mais cruel.

Raj sentiu o terror deles ao seu redor enquanto eles caíam de joelhos, enquanto seus corações desaceleravam em seus peitos e as suas respirações eram sugadas. Nem mesmo ele era completamente imune à força da vontade de Krystof. Mas diferentemente dos outros, ele contra-atacou, liberando o bastante de seu poder para manter o seu coração batendo, seus pulmões puxando ar apesar das exigências de seu Mestre.

No silêncio que era a vontade do lorde vampiro, os batimentos cardíacos de Raj era uma batida forte de som. Do outro lado da sala, Krystof escutou. Seus olhos se encontraram.

— Então, — Krystof disse finalmente. Ele piscou e a luz retornou. Por toda a cidade, Raj sabia, vampiros estariam caindo de alívio, oprimidos pelo toque de seu mestre, sugando ar para seus pulmões, sentindo o sangue roubado em suas veias começar a pulsar lentamente mais uma vez. A jovem no sofá tossiu espasmodicamente, seu rosto branco de medo, seus lábios tingidos de azul pela perda oxigênio. Krystof lhe lançou um olhar ocioso, e então suspirou impacientemente e andou, caindo com um joelho ao lado dela. Ele dobrou para cima sua manga e casualmente abriu uma veia com suas presas, segurando seu pulso para frente e permitindo que diversas gotas caíssem entre os lábios ofegantes da garota. Ela quase engasgou quando o fluído viscoso escorreu pela sua garganta, mas a sua angústia foi rapidamente seguida pelo êxtase quando a profunda riqueza do sangue do lorde vampiro atingiu seu sistema. Ela gemeu e rolou para o lado, se encolhendo para ficar deitada lá a tremer.

Krystof lambeu sua própria veia para fechá-la e alisou o punho da camisa para baixo, abotoando-o com movimentos nítidos e eficientes, enquanto sentava-se na beira do sofá. Uma única gota de sangue manchava o tecido branco imaculado e ele fez uma careta. — Eu deveria ter te deixado morrer, Rajmund. — ele disse sem olhar para cima. — Até hoje, eu não estou certo por que não o fiz.

Raj permaneceu em silêncio.

Krystof ofereceu a ele um olhar de desprezo. — Eu poderia te matar agora, claro. — ele continuou em um tom de conversa. — Todos eles morreriam de bom grado se eu pedisse isso. — Ele acenou sua mão por cima da cabeça para indicar os vampiros na casa acima. — Eu podia drenar a cidade, se necessário, para te derrotar, e o que você poderia fazer? — Seus olhos queimaram novamente, mas o fogo era o frio da morte. — Nada. — ele estourou, encarando Raj. — Eu sou o mestre aqui. Não se esqueça disso, Rajmund. Você e eu podemos chegar a um confronto algum dia, mas esse dia não é hoje e nós dois sabemos disso. — Ele apertou os lábios, incomodado, enquanto contemplava a bagunça ao redor dele, se abaixando levemente para endireitar a cadeira caída antes de retornar sua atenção para Raj.

— Você se encontrará com o Detetive Scavetti e alguns outros esta noite às nove da noite, — ele disse. Ele deslizou seus dedos por baixo do

casaco e extraiu um cartão de visitas simples com o logo do departamento de polícia. Ele o segurou para Raj. — Você irá responder todas as perguntas que sejam razoáveis. Eu dificilmente preciso te dizer para ser discreto. Apesar das nossas animosidades pessoais, eu sei que posso confiar em você para lidar com isso com o melhor das suas consideráveis habilidades. — Ele pausou, seu olhar nunca vacilando. — Você tem mais alguma pergunta?

Raj estudou o rosto do seu Mestre pelo espaço de uma batida de coração, lembrando ao lorde vampiro que o seu coração não batia mais pela vontade de ninguém a não ser a sua própria. Ele pegou o cartão oferecido e perguntou, — Isso é prudente, meu senhor? Nós sobrevivemos por tanto tempo ao permanecer por baixo da atenção deles.

Por um breve momento, Raj pensou ter visto algo como astúcia nos olhos do velho vampiro e então havia sumido. — A última garota desapareceu depois de participar de um daqueles eventos ridículo com fantasias de vampiros, — Krystof disse, sua boca se retorcendo de desgosto. — Meus advogados explicaram aos humanos que nós não temos nada a ver com estas festas, mas... — Ele deu de ombros graciosamente.

Raj assentiu. — Eu te manterei informado.

Krystof acenou e virou sua atenção para a trêmula jovem, uma suave mão branca acariciando sua coxa nua. — Feche a porta ao sair, está bem, Rajmund?

— Está tudo bem, Raj?

Raj girou se afastando da porta fechada que dava para o escritório de Krystof e encontrou Jozef de pé a alguns metros, uma estaca afiada em uma mão. Raj deu uma olhada afiada para a estaca. — Você está planejando usar isso? — ele perguntou, quase esperando que o outro vampiro dissesse, 'Sim'. Ele poderia usar uma boa briga nesse momento.

Jozef olhou para baixo como se estivesse surpreso de encontrar a si mesmo segurando uma arma mortal. Ele xingou e a jogou de lado. — Alguns dos mais novos não conseguiram sobreviver. — ele explicou, e então ele sorriu. — Incluindo Morales.

A única reação de Raj foi um leve arquear de uma sobrancelha. Ele checou seu relógio. — Eu gostaria de botar o papo em dia, Jozef, mas isso terá que ser mais tarde. Krystof pediu para eu...

— Eu sei sobre os policiais. — Jozef estourou, seu humor mudando repentinamente. — Eu sou o chefe de segurança dele, Raj. Eu sei por que você está aqui.

Raj observou o outro vampiro silenciosamente. *Definitivamente havia algum ressentimento lá*, ele pensou. E quem poderia culpá-lo. — Olha. — Raj disse, inclinando-se para frente conspiratoriamente. — Se eu quero lidar com isso rapidamente, vou precisar da sua ajuda. Estas não são mais as minhas ruas.

Jozef o estudou por um minuto antes de assentir concordando. — Eu te contarei o que puder. — ele disse. — Me ligue mais tarde. Pensando melhor, você deveria passar lá em casa. Célia adoraria te ver. Ela fica cansada dos mesmos rostos de sempre.

Célia era a esposa humana de Jozef. Eles se casaram da maneira tradicional há muito tempo atrás, para o benefício da agora já falecida família de Célia, que nunca souberam a verdadeira natureza do homem com quem ela havia casado. Eles já estavam juntos por mais de um século, o bastante para que, Célia, apesar de ser humana, tivesse sua vida totalmente atada à de seu marido vampiro. Se Jozef alguma vez decidisse colocá-la de lado, parar de lhe dar sangue, ela morreria em poucos dias. Mas isso nunca aconteceria. Célia era pequenina, mas esquentada e dominava completamente o vampiro musculoso. Raj preferiria sair no sol a se acomodar com alguém como Célia por um dia, quanto mas para sempre.

— Eu gostaria disso. — ele mentiu. — Nós marcaremos algo.

Raj saiu pela frente, feliz por deixar o covil de vampiros neuróticos de Krystof bem para trás. O ar do lado de fora estava fresco, e pela primeira vez ele não se importou com o seu toque gelado. Era um alívio depois de passar um tempo no miasma[4] daquela casa, com seu lorde meio louco e a adulação de bajuladores. Ele apertou o controle do BMW para abrir as trancas e deslizou para dentro, aproveitando o cheiro do couro bom, o murmúrio suave do motor quando ele virou a chave, e a voz triste e grave de Leonard Cohen murmurando no seu sistema de som. Ele pegou seu celular e acionou a discagem rápida para Manhattan.

— Raj! — Em respondeu antes que o telefone terminasse seu primeiro toque.

— É assim que você responde seu telefone agora?

— Sinto muito, meu senhor. — ela disse. — Você está...

— Estou bem Em, — ele cedeu. — Mas Krystof confrontou algumas realidades infelizes nesta noite. Todos aí estão bem?

— Sem problemas. Algumas dores de cabeça e um pouco de pânico entre os mais novos, mas na maioria... — Ela pausou como se estivesse incerta se continuava ou não. — Eu estava preocupada, Raj, — ela disse em uma voz baixa.

— Tão pouca fé em mim, Em?

— Não, — ela disse rapidamente. — Não realmente, — ela emendou. — É só... você está aí sozinho e Krystof tem sua gangue inteira atrás dele...

— Na frente dele, você quer dizer. Krystof comanda da retaguarda.

[4] Emanação morbífica, proveniente de substâncias orgânicas em decomposição.

Em riu e ele podia ouvir o alívio em sua voz quando ela continuou, — Então, você está voltando logo?

— Bem que eu queria. Há problemas aqui. Mulheres desaparecidas, incluindo a filha de um homem rico o bastante para fazer os policiais prestarem atenção. A garota estava em uma festa vampírica antes de desaparecer, então a polícia está seguindo o que eles consideram como uma conexão vampírica.

Em fungou. — *Que* conexão vampírica? Sem trocadilhos, mas nenhum vampiro seria pego morto em uma daquelas festas bobas.

— Foi isso que Krystof disse para eles, mas você sabe como funciona. E francamente eu não tenho certeza se velho é tão inocente como ele alega. Ele está um pouco preocupado demais sobre toda essa situação.

— Bem, merda. Só o que nós precisamos. Mais propaganda ruim. Por que não deixar o Krystof limpar sua própria sujeira?

— Por que algo assim poderia ferir a todos nós. Além disso, se há alguma verdade nisso, e não foi o Krystof, eu terei que me livrar de qualquer vampiro que esteja por trás disso. Só Deus sabe que Krystof não irá sujar suas mãos.

Ele escutou o longo suspiro de Em no telefone. — Deixe-me te mandar algumas pessoas, Raj. Agora que o Krystof sabe...

— Não ainda. É muito cedo. Eu preciso reconhecer o terreno e descobrir o que está realmente acontecendo. Tudo o que eu tenho até agora é o que Krystof me contou, e a sua principal preocupação é sempre sua própria bunda. Estou indo encontrar os policiais, se você pode acreditar nisso... - Krystof combinou isso antes de eu chegar aqui. Eu te ligarei depois.

— Se não for tarde demais, eu ainda poderia mandar as tropas...

— Deixe quieto, Em. Eu te ligo. — Ele desligou antes que ela pudesse protestar mais. Ele amava Em como uma irmã, e ela era a sua tenente, mas ela podia ser superprotetora algumas vezes.

Ele aumentou o volume da música e saiu do acostamento, seguindo para a estação policial — o único lugar que ele nunca esperava ter que visitar.

Capítulo 12

Sarah não havia estado no interior de uma delegacia desde a Califórnia, não teve nem sequer uma multa de estacionamento nestes doze anos. Ela parou no final da curta escada de concreto, olhando para as portas de vidro, e se perguntou por que estava sentindo como se estivesse desistindo de sua liberdade por entrar naquele edifício. Intelectualmente, ela sabia que era somente um edifício. E mais ainda, um edifício cheio de homens e mulheres que colocavam suas vidas em risco todo dia por pessoas como ela. E não era como se eles fossem prendê-la ou algo assim. Ela teria uma boa conversa com o Tony Scavetty sobre vampiros, e então voltaria para casa, para o seu pequeno duplex com sua escadaria estranha e a geladeira cheia de tupperware. Então por que o seu corpo estava ativado no modo brigar ou fugir?

— Vampiros, Sarah. — ela murmurou para si mesma em uma voz baixa. — Você irá apenas falar sobre vampiros. — E se Tony por um acaso deixasse sair alguma pequena informação e ela por um acaso sugerisse algo em troca, que mal poderia haver nisso? Certo. Ela ergueu sua bolsa ainda mais alta em seu ombro e subiu as escadas.

A porta abriu no momento que ela a alcançou, dois homens de terno — e armas, ela notou — estavam saindo enquanto entrava. Um deles

segurou a porta para ela, seu olhar movendo-se de cima a baixo em seu corpo, finalmente observando seu rosto com um sorriso apreciativo. Ela usava calças hoje — independentemente do que Linda havia dito, estava muito frio para qualquer outra coisa. Mas elas abraçavam a curva de seus quadris e ela sabia que tinha uma silhueta que ficava bem em moletons, mesmo com a maior parte de seu corpo escondido embaixo de seu longo casaco de lã. Ela sorriu de volta, murmurou um 'Obrigada' e entrou na estação.

A primeira coisa que a atingiu foi o cheiro — suor, sujeira e sob tudo isso o cheiro permanente de desinfetante de pinho. Infelizmente demasiados corpos sem lavagem haviam passado muito recentemente para até mesmo uma limpeza bastante rigorosa ter feito alguma diferença — e ela tinha a sensação que a limpeza não havia sido tão rigorosa. Depois havia o número de pessoas aglomeradas na entrada árida. Ela tinha marcado o seu encontro com o Tony para mais tarde da noite, pensando que seria um horário mais calmo. Lá se foi essa idéia.

À sua direita havia o balcão da recepção — e isso não era Mayberry. A metade inferior era parede, a metade superior era uma camada dupla de plástico à prova de bala, presumivelmente. Ela podia ver várias pessoas de uniforme se movendo atrás dele, com um oficial de meia idade bem alimentado sentado atrás do plástico do balcão e mais ou menos de frente para a sala de espera. Ela caminhou até à pequena parte oval perfurada perto da cabeça dele e parou, à espera de uma reação. Demorou um pouco, mas eventualmente ele olhou para cima. — Posso ajudar? — ele perguntou.

Lembrando a si mesma que tinha uma razão para estar lá que não incluía antagonizar o primeiro policial com quem entrava em contato, Sarah sorriu e disse agradavelmente, — Eu sou a Professora Stratton, Sarah Stratton. Acredito que o Detetive Scavetti esteja me esperando.

O policial a encarou silenciosamente por alguns instantes, mas depois apertou alguns botões de seu telefone e falou para o fone. — Scavetti. Você tem uma visita. — Fez uma pausa, escutando. Nah, é uma dama. Diz que seu nome é... — Ele olhou Sarah para orientação.

— Stratton. — ela lhe lembrou. — Sarah Stratton.

— Sarah Stratton, — o policial repetiu. — Sim, ok. — Ele apertou outro botão e disse, — Ele já vai sair. Sente-se.

Sarah observou as opções de assento e decidiu ficar de pé. Alguns minutos depois, a única porta sem janelas que ficava no outro lado do saguão abriu e Tony Scavetti apareceu. Ela quase tinha esquecido sua aparência; ele não tinha causado uma grande impressão naquela única vez que ela o havia visto. Mas ela o reconheceu imediatamente. Ele era um daqueles ítalo-americanos que passava todos os dias nas ruas desta cidade, com cabelo engordurado penteado para trás, pele morena e olhos castanho escuros. Ele era bonito, se você gostasse do tipo, e ele claramente passava bastante tempo na academia, com uma cintura bem trabalhada e ombros largos sob um casaco esportivo mal ajustado. Ela foi até ele e estendeu a mão. — Detetive Scavetti.

Os olhos dele chegaram ao seu rosto enquanto balançava a sua mão brevemente, parecendo estar com pressa em levá-la para dentro e fechar a porta para o saguão. — Sarah, — ele disse. — Vamos para os fundos.

Ela o seguiu por um corredor curto, através de um curral repleto de mesas e pessoas. Os telefones tocavam quase constantemente e lá havia um murmúrio contínuo de vozes, quebradas pelas ocasionais conversas mais altas. Mais do que algumas cabeças viraram, a maioria delas simplesmente curiosas, enquanto ela seguia Tony para um escritório de vidro com quatro mesas, nenhuma delas ocupadas.

— Sente-se, — ele disse, movendo-se para a mesa mais distante da porta. Havia duas cadeiras acolchoadas na frente da mesa, e ela sentou naquela que não estava com o assento rasgado. — Então, Sarah, — ele disse, sorrindo. — O que eu posso fazer por você?

Sarah colocou sua bolsa no chão e se inclinou para frente. — Espero que seja eu a fazer algo por você, — ela disse, sorrindo de leve. — Como disse no telefone, estava falando com Linda ontem, e ela mencionou que você era o detetive principal no caso da Trish Cowens.

Tony não pareceu contente com isso, mas ele assentiu.

— Ela também disse que você pensava que os vampiros poderiam estar envolvidos, e já que eu...

— Mer... — ele olhou para ela rapidamente. — Como diabos a Linda...

— Eu acho que sua mãe lhe contou.

— Mer... — Ele puxou um fôlego e sorriu, inclinando a sua cadeira até que ela bateu na parede atrás dele. — Desculpa. Hábito ruim. Acho que tenho que prender a minha mãe por falar na hora errada. Sinto muito, Sarah, mas você pode ter perdido o seu tempo vindo aqui. Não estou livre para discutir uma investigação em andamento. Tenho certeza que você entende.

— Eu entendo. — ela o assegurou. — E não estou aqui para fazer perguntas. Estou na realidade, torcendo para poder responder algumas para você. Eu tenho boas amizades com algumas pessoas do alto escalão da hierarquia vampírica. Se você precisasse...

Ele sorriu condescendentemente e deixou sua cadeira cair para a frente. — Eu acredito que nós temos o ângulo dos vampiros coberto. Eu não acho... — O telefone dele tocou e ele o pegou rapidamente. — Scavetti. — Ele escutou por um minuto e xingou, — Que merda... — Seus olhos passaram por ela mais uma vez e ele se virou levemente. — O que ele está fazendo aqui? Ninguém me disse... Sim. Ótimo. Fantástico pra caralho. E quanto... Tudo bem, traga-o aqui atrás e eu te encontrarei na sala de conferência.

Ele fechou o telefone com força e ela podia ver os tendões do seu pescoço esticarem enquanto ele lutava para controlar a sua raiva. Ele ficou de pé abruptamente e Sarah soube que seus poucos minutos haviam acabado. — Vamos, — ele disse sucintamente. — Eu te acompanharei até lá fora. — Ele deu a volta na mesa e pegou o seu braço, impulsionando-a rapidamente através do corredor, sem largá-la até que eles cruzaram o corredor.

Sarah sentiu que a sua chance, pequena como era, estava indo embora. O que ele quis dizer quando disse que tinha o ângulo dos vampiros coberto? Havia alguém na cidade que sabia sobre vampiros? Ninguém da Universidade, isso era certo. Quem poderia ser... Seus olhos se alargaram

quando lembrou repentinamente de alguém a apenas um vôo curto de distância que sabia muito mais do que ela sobre vampiros.

Raj foi para o estacionamento atrás da delegacia, dando ré em um local na segunda fileira com uma boa linha de visão para a entrada. Ele não estava confortável estando aqui, apesar de lidar com policiais o tempo todo em Manhattan. Havia sempre algum idiota com um desejo de morte que decidia enfrentar um de seus vampiros, ou que ficava bêbado e começava uma briga na fila de espera enquanto ela serpenteava até o final da quadra. Mas Manhattan era a cidade de Raj e ele conhecia os policiais. Ele sabia quem trabalhava em torno de seus clubes e sempre doava para as várias instituições de caridade da polícia quando solicitavam, o que acontecia com frequência. Essa, por outro lado, definitivamente *não era* a sua cidade, e ele não estava lidando com um idiota bêbado fazendo bagunça. A garota Cowens tinha sumido faz alguns dias; as chances eram que ela já estivesse morta, o que tornava isso uma investigação de assassinato em potencial. E Raj tinha a sensação que o Departamento da Polícia de Buffalo não iria ficar impressionado com as suas doações para o Baile dos Policiais do Departamento da Polícia de Nova Iorque.

Um táxi estacionou na guarita da delegacia, seu pneu esquerdo dianteiro caindo visivelmente em um buraco cheio de água antes do motorista chegar um pouco mais à frente para se sentar na frente das escadas vomitando de exaustão. Uma mulher saiu do banco traseiro, seu cabelo despenteado, suas roupas obviamente colocadas às pressas. Ela jogou dinheiro no motorista e ele foi embora, virando no último minuto para evitar acertar o buraco uma segunda vez, passando bem perto de Raj no seu caminho para a saída, as janelas abertas apesar do ar gelado.

Enquanto o taxi chicoteava na rua, cortou bem na frente de uma limusine que havia diminuído a velocidade para fazer a virada difícil do estacionamento. Raj riu levemente. Quem imaginaria que um estacionamento de delegacia seria tão interessante? O longo veículo preto fez o seu majestoso caminho por toda a extensão do edifício, o motorista

habilmente evitando o buraco cheio de água, enquanto ocupava quase a exata posição que o táxi havia ocupado anteriormente. A porta direita do passageiro abriu quase imediatamente e um homem pulou para fora, sua atitude pronta e a arma discreta proclamando-o como um guarda-costas antes mesmo dele examinar a área cuidadosamente. O motorista tinha desembarcado e circulado o carro nessa altura e, depois de conseguiu um aceno afirmativo do guarda-costas, abriu a porta de trás e disse algo para quem estava lá dentro antes de sair do caminho.

Um homem grande emergiu primeiro, seu comprido cabelo loiro solto seu casaco de caxemira cor de caramelo abotoado firmemente. Ele se virou apenas o bastante para oferecer uma boa visão de seu rosto e Raj xingou suavemente. Edward Blackwood — um vendedor viajante de óleo de cobra, se é que existisse tal coisa.

Um segundo homem saiu de dentro da limusine, quase tão alto quanto Blackwood, mas não tão encorpado. Nos seus cinquenta e alguns anos, com cabelo escuro cuidadosamente cortado, ele usava um casaco de inverno preto e um cachecol ao redor de seu pescoço para combater o frio. Diferentemente de Blackwood, ele não esperou, foi diretamente para as escadas e entrou no prédio, com o seu guarda-costas a tiracolo. Blackwood pareceu surpreendido com partida rápida e correu para acompanhar, apressando-se logo atrás. Raj fez uma careta. Dado o hábito do Blackwood de conviver com homens ricos que não tinham nada melhor a fazer com seu dinheiro do que o gastar com a Humanity Realized, Raj tinha que supor que o homem de cabelos escuros era William Cowens, o pai bilionário da menina desaparecida. O que não o deixou feliz. Ele havia vindo preparado para lidar com os policiais, não com um pai estressado.

O motorista da limusine estacionou o veículo mais ao fundo para esperar o retorno de seu chefe. Raj sentou-se lá por mais alguns minutos, e então desligou a ignição e saiu do carro aquecido. Hora de descobrir o quanto a polícia sabia. E o quanto eles não sabiam.

Hora de fazer o trabalho e sair dessa cidade antes que ela o sugasse até ao fim.

Raj cruzou o estacionamento rapidamente, subindo dois degraus de cada vez. O cheiro do perfume de uma mulher permeou o ar, algo leve e florido, algo estranhamente familiar. O cheiro persistiu enquanto se dirigia ao balcão da recepção para confrontar um policial humano sentado atrás de uma barreira à prova de balas que ignorava copiosamente todo mundo do outro lado.

Raj bateu no plástico e o policial olhou para cima.

— O meu nome é Gregor, Raymond Gregor. — ele disse, usando a versão americana do seu nome. — O Detetive Scavetti está me esperando.

— Sr. Gregor? — A voz do homem veio por trás dele e Raj se virou, ficando levemente tenso.

— Detetive Dan Felder. — o homem disse, dando um passo para frente. — Scavetti e eu somos parceiros. — Felder era alto e magro, provavelmente considerado bonito de um jeito mais discreto. Ele sorriu enquanto estendia a mão. — Não era minha intenção assustá-lo. Estava passando e escutei o nome.

— Detetive. — Raj disse, aceitando o aperto de mão.

— Então, sem problemas para entrar no prédio, hein?

— Como?

Felder desviou o olhar, desconfortável. — Eu meio que pensei que precisaria, você sabe, um convite ou algo assim.

O primeiro instinto do Raj era tirar sarro, mas ele pensou melhor. Foi um gesto generoso, e além disso, poderia ser útil mais tarde ter um contato amigável dentro do departamento. — Não. — ele disse. — Mas obrigado por ter pensando nisso, Felder. Em lugares públicos como esse eu não tenho problemas.

— Oh, certo. Faz sentido. — Felder gesticulou em direção à porta fechada. — Nós iremos por aqui. — Ele sacudiu a cabeça para o policial da

recepção que apertou um botão em algum lugar. Um zunido alto soou e Felder abriu a porta, indicando que Raj deveria ir à frente. Ele teria preferido que o policial fosse primeiro, mas isso iria parecer um pouco paranóico, então ele foi.

Eles tinham dado apenas alguns passos quando o mesmo perfume atingiu os seus sentidos. Ele ergueu a cabeça e sorriu. Sarah Stratton estava vindo pelo corredor, juntamente com outro detetive. Ela estava obviamente desconfortável e envergonhada com o que o detetive estava dizendo, e ainda não havia percebido que Raj estava lá.

— Olha, eu agradeço o esforço em vir até aqui, Sarah. — o policial disse, enquanto eles se aproximavam. — Mas como eu disse, nós temos nossos próprios especialistas nestas coisas.

— Claro. Eu só pensei, bem, já que tenho contatos com o lorde vampiro local...

Ela tinha? Isso era novidade para Raj. E não o fazia feliz. Ele não queria Sarah Stratton a menos de duzentos metros de Krystof ou qualquer outro vampiro. Exceto claro, dele mesmo.

— Tony. — Detetive Felder disse.

O outro detetive olhou para cima impacientemente. — Sim, só um minuto, Dan. Olha, — ele disse baixinho, pegando o braço de Sarah. — Por que você não me deixa o seu número e eu...

— Não. — ela disse instantaneamente. Ela olhou para cima nervosamente e congelou, seus olhos ficando maiores quando viu Raj olhando para ela.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso satisfeito, apesar de que o que ele queria era tirar a socos a porra da mão do Tony do braço dela.

— Tony. — Felder insistiu. — Este é Raymond Gregor.

Tony, presumidamente o Tony Scavetti que Raj supostamente teria que encontrar, prestou atenção por fim. Ele esqueceu da mulher ao seu lado para se focar em Raj. — Você é o vampiro?

Raj assentiu. — E você deve ser o detetive. — ele respondeu. Ele teve um prazer cínico pela reação eriçada de Scavetti enquanto o humano se empertigava à sua altura máxima, o que não era mais do que 1,70m, e flexionava seus músculos construídos na academia embaixo de um casaco muito apertado. Raj o observou imparcialmente. Ele havia encontrado muitos Scavettis em sua longa vida, aqueles que procuravam brigas por nenhuma razão a não ser provar que eram mais fortes do que realmente eram.

— Bom tirar esses detalhes do caminho. — Felder disse, interpretando o pacificador. Algo que provavelmente tinha que fazer com frequência se Scavetti fosse seu parceiro. — Uh, Professora Stratton? — ele lembrou Scavetti.

Scavetti fez uma careta, mas trocou sua atenção de volta para Sarah. — Sim, Sarah, eu tenho certeza que o Gregor aqui pode responder quaisquer perguntas. Na verdade, vocês dois provavelmente se conhecem, certo?

Um rubor rosa brilhante se espalhou ao longo de suas bochechas enquanto ela olhava para o Raj, manchando sua pele normalmente pálida como porcelana. Seus olhos cor de avelã se escureceram para uma cor quase cinza com emoção e eles permaneceram um tempo assim antes de caírem para se esconderem atrás dos cílios grossos.

— Sr. Gregor. — ela disse suavemente.

— Professora Stratton. — Raj ronronou. Ele tomou a sua mão e a puxou, suavemente retirando-a do aperto de Tony e a trazendo perto o bastante para que ele pudesse respirar o seu cheiro, excluindo o cheiro dos policiais suados e café queimado. Sua ação a assustou fazendo-a olhar para cima e encontrar seus olhos novamente.

— Eu odeio interromper. — Scavetti disse depreciativamente. Raj mal conseguiu segurar um rosnado furioso por causa da interrupção, e ele sentiu

a sacudida de surpresa de Sarah, como se ela tivesse esquecido que o Scavetti estava ali. — Podemos seguir logo com isso, por favor? — O detetive perguntou.

Raj olhou para Scavetti e permitiu que uma nuvem de desprezo cruzasse sua expressão antes que ele a fechasse completamente. — Claro, Detetive. — ele disse. — Eu só vou acompanhar a Professora Stratton até seu carro primeiro.

Sarah lançou-lhe um olhar surpreso, mas Raj apenas curvou-se ligeiramente e fez um gesto para o corredor. Ela lhe ofereceu um sorriso fraco e estremeceu levemente quando passou por ele. Raj engoliu seu sorriso e seguiu, vendo o gingar mudo de seus quadris embaixo daquele pesado casaco de inverno e desejando que ela estivesse usando algo leve e sedoso como antes. Talvez uma saia macia, algo para balançar ao redor de suas pernas esbeltas acima daqueles saltos altos sexys que ela parecia gostar. Ele olhou para trás para encontrar os dois policiais encarando-o e deu de ombros graciosamente. — Isso demorará somente um momento. — ele os assegurou.

— Que infernos? — Ele escutou Scavetti xingar antes que desse dez passos. — O que ele vai fazer com ela?

— Parece que eles se conhecem, Tony. — Felder respondeu em um tom entediado. — O que você acha que ele irá fazer? Drená-la no estacionamento? Além do mais, por que você se importa?

— Vai se foder, Dan. Eu posso não a querer no caso, mas isso não significa que queira que algum maldito vampiro sugue o seu pescoço.

Raj riu e parou de ouvir. Ele alcançou Sarah bem quando ela havia empurrado a porta para fora, deixando entrar uma rajada de ar mais fresco.

Capítulo 13

Sarah colocou seu ombro na porta pesada, sugando uma lufada de ar fresco e dizendo a si mesma que tinha feito tudo o que podia para ajudar a Trish. Scavetti tinha sido — bem, não muito educado, mas, provavelmente, tão educado quanto podia ser. Cada palavra que saía da boca do homem era um palavrão, embora ele tivesse tentado censurar-se por ela. E ela tinha certeza que ele só concordou em dar-lhe os cinco minutos que tinha dado porque, de acordo com Linda, ele tinha esperança de ficar com ela.

E depois, claro, havia Raj. Ela pareceu bastante estúpida, uma vez que *ele* chegou. Se ela soubesse que ele estaria aqui, jamais teria vindo em primeiro lugar. E não apenas porque ele a fez parecer boba perante os policiais. Aquele homem, aquele *vampiro*, não era nada além de problemas. Toda vez que ela chegava perto dele, seu QI parecia cair cerca de quarenta pontos. E ele sabia disso também. A arrogância simplesmente escorria dele, ele estava tão malditamente certo... O peso da porta de vidro desapareceu subitamente quando um longo braço se esticou por cima do seu ombro. A luz do hall da entrada desapareceu, lançando-a nas sombras, e ela olhou para cima, não surpresa ao ver Raj logo atrás dela, seu sorriso fácil não a enganando por um segundo.

Ela murmurou seus agradecimentos e saiu para o patamar, fechando o seu casaco e se afundando mais em seu calor. — Estou bem, Raj. — ela disse

rapidamente. — Você não tem que... — Ela jogou seu olhar para o lado quando a conversão sólida de uma porta de carro ecoou na noite. Em frente ao estacionamento, um motorista tinha acabado de sair de uma longa limusine preta para pegar um ar fresco. Ela não podia ter certeza, mas achava que o veículo não estava lá quando chegou à estação. Poderia ser qualquer um, é claro. Limusines não eram comuns — exceto em noites de baile — mas elas não eram completamente raras na cidade também. Mas por alguma razão — talvez fosse pelo telefonema que Tony havia recebido enquanto estava sentada em seu escritório — estava convencida que esta pertencia a William Cowens, e isso significava que Edward Blackwood estava nas proximidades. Ela imediatamente virou as costas para o lobby e afastou-se das luzes, apenas no caso. Raj percebeu a reação, naturalmente, e passou o braço sobre seus ombros, seu grande volume a escondendo efetivamente tanto da limusine quanto do lobby. Ela podia-o sentir estudando a limusine e seu motorista por sobre a sua cabeça.

— Vamos lá, Sarah. — ele disse. — Vou levá-la até seu carro. — Ele começou a descer as escadas com ela firmemente na curva de seu braço. — E você pode me dizer por que não quer que Williams Cowens saiba que está aqui. — Sarah quase perdeu o passo seguinte, mas sua força sólida a mantinha em pé. Ele colocou-a contra seu corpo com uma risada baixa. — Eu amo as botas, querida. — ele murmurou. — Mas elas não são a melhor escolha para as ruas geladas daqui.

Sarah sentiu uma onda de prazer por ele ter notado suas botas de salto alto, mas amaldiçoou sua própria torpeza. — Eu não esperava estar andando tanto. — ela murmurou. — E eu não estou preocupada com William Cowens.

— Não? Então talvez seja o motorista da limusine. Um ex-amante, talvez? — Ele disse-o levemente, mas havia um nítido rosnado em suas últimas palavras.

Sara riu. — Certo, é o motorista da limusine. Estava apenas assustada, isso é tudo. Não estou acostumada a rondar em torno de delegacias da polícia.

Eles tinham chegado ao seu carro. Sarah destravou os alarmes e travas e Raj chegou em torno dela para abrir a porta. — É Blackwood? — Ele persistiu.

Ela jogou a bolsa sobre o banco e deu-lhe um olhar exasperado. — Eu lhe disse. Eu nem sequer sei...

Raj colocou uma mão na porta e outra contra o telhado de seu carro, prendendo-a efetivamente. Ele era tão malditamente grande. Ela abafou uma breve e irracional vontade de correr, olhando para cima para encontrar seu olhar divertido em seu lugar. — Você sabe como funcionam os detectores de mentiras, Sarah?

Ela franziu a testa em confusão. — É claro. Quando uma pessoa mente sobre algo, existem alterações fisiológicas que denunciam. Pulsação, respiração... e provavelmente algumas outras coisas também. Não é exatamente a minha área, mas o que...

Ele se inclinou até que sua boca estava em seu ouvido. — O seu pulso e respiração apenas dispararam um pouco. E seu delicioso coração vai sair do seu peito. Ou você está loucamente apaixonada por mim, ou não está sendo totalmente honesta. Embora possa ser ambos. — Ela sentiu o toque suave de sua língua ao longo da curva da sua orelha. — Deliciosa. — ele sussurrou.

Ela estremeceu e se forçou a encontrar seus gelados olhos azuis. Só que eles não estavam assim tão gelados. Ela lambeu os lábios e aqueles olhos seguiram o movimento de sua língua, antes de retornarem para encontrar o seu olhar com um lento e sensual piscar de olhos. *Gelo também pode ser quente*, lembrou a si mesma.

— Por que você se importa? — Ela conseguiu dizer.

— Você não veio até aqui para oferecer conselhos sobre vampiros, — ele repreendeu suavemente. — É claro, há sua estreita relação com o Senhor Krystof... — Ele deixou as palavras trilhando sugestivamente.

— Eu realmente *não* o conheço. — ela admitiu. — Embora, eu o tenha visto em uma recepção da Universidade uma vez. E eu poderia provavelmente pedir a Cyn para marcar uma reunião ou...

— Eu acho que não. — ele interrompeu asperamente.

Sarah olhou para ele com surpresa e pegou o flash de alguma emoção em seus olhos. — Se você tem alguma dúvida sobre vampiros, pode perguntar a mim. — ele disse. — A ninguém mais.

— Desculpe? — Disse ela, sua atitude arrogante restaurando a sua maneira usual.

Raj lhe deu um sorriso encantador, um que quase a fez esquecer sua determinação recém-descoberta. — O Senhor Krystof não lida muito com os seres humanos. Enquanto que eu... — Ele esfregou seu rosto suavemente, colocando os lábios mais uma vez em seu ouvido. — Estou à sua *completa* disposição.

Sarah não precisava de um vampiro para lhe dizer que seu batimento cardíaco tinha disparado. Ela virou o rosto para o dele, impressionada com a suavidade de seu rosto, com o aroma quente e masculino de sua pele. — Raj. — Ela murmurou.

— Sim?

— O que estamos fazendo?

Ele riu. — Eu devo estar fora de prática se você precisa perguntar-me isso.

Sarah sorriu para ele, sentindo-se relaxada e quente, como ela se tinha sentido no clube. Era estranho como ele poderia fazê-la se sentir assim — estranho e um pouco preocupante. Ela começou a se virar, com a intenção de escorregar em seu carro, mas Raj tinha outras idéias. Ele embrulhou um braço à volta da sua cintura, colocando-a na ponta dos pés e beijou-a — uma longa, macia e sensual sedução de boca e língua. Quando ele finalmente terminou o beijo, traçou sua mandíbula com os lábios e colocou-a

cuidadosamente sobre seus próprios pés, enquanto ela segurava-se nele, não totalmente certa que pudesse permanecer de pé sozinha.

— Eu tenho que voltar para dentro. — ele murmurou, mesmo que continuasse a prová-la, sua boca movendo-se lentamente de face a face e para baixo ao pescoço, onde permaneceu. — Porque não passo por sua casa mais tarde. — Ele mordeu suavemente o seu pescoço e então beijou o local, mandando embora a pequena dor. — E nós podemos falar sobre o que realmente está acontecendo aqui.

Sarah se forçou a respirar, dando um passo para trás. Ela tropeçou no batente da porta de seu carro com um solavanco e Raj estabilizou-a com uma mão em seu braço. Ela olhou para ele, um pouco chocada ao perceber que estava realmente considerando. Ele era um vampiro. Ela o conhecia a apenas alguns dias, na verdade a algumas horas, e ela estava pensando seriamente em convidá-lo para ir a sua casa. Para conversar. *Certo.*

— Você está mexendo com a minha mente, Raj? — Perguntou ela em voz baixa.

— Eu com certeza espero que sim.

Ela riu e balançou a cabeça para sua própria tolice. — Nem todos podem ficar acordados a noite inteira. Eu tenho aulas para dar amanhã e já está tarde.

— Amanhã à noite então. — ele persistiu.

Ela sorriu, pensando na comemoração de aniversário do marido de Linda — o que sua amiga faria se ela aparecesse com um vampiro como acompanhante? — Eu já tenho um compromisso amanhã à noite.

— Que tipo de compromisso? — Ele exigiu, carrancudo.

Ela deu-lhe um olhar exasperado. — Não que seja da sua conta. — Ela disse incisivamente. — Mas é com uma amiga da Universidade. É a festa de aniversário do seu marido.

— Tudo bem. Eu encontro você depois.

— Talvez. Eu não sei... — Suas próximas palavras foram cortadas quando ele a ergueu facilmente e cobriu a sua boca com outro beijo prolongado. Ela ouviu-se gemendo baixinho contra os lábios dele e soube que se ele tivesse pedido naquele momento, ela teria ido para qualquer lugar que ele quisesse. Ele a deixou ir com cuidado, o seu corpo descendo em um lento e sugestivo deslizar que deixou poucas dúvidas quanto ao estado de sua própria excitação. Ela inclinou-se contra seu peito, sentindo-se segura no círculo de seus braços enquanto prendia a respiração. — Sabe onde eu moro? — Perguntou ela em voz baixa.

Ela poderia ouvir o seu sorriso quando disse: — Eu posso descobrir. — Ela não tinha dúvida de que era verdade. Na verdade, não tinha dúvida que Raj poderia fazer praticamente qualquer coisa que ele colocasse em sua mente.

— Tudo bem. — disse ela. Ela se obrigou a afastar-se dele, para colocar uns poucos centímetros de distância entre eles, para que ela pudesse pensar. Ela se virou e jogou sua bolsa através do assento. — Eu acho que vejo você amanhã.

— Sim, você irá.

Sarah tremeu com o calor dessas três palavras e se perguntou se tinha finalmente perdido sua mente para valer, assim como seus pais e seus terapeutas tinha pensado que iria, naquela época.

Raj ficou para trás e viu Sarah sair do estacionamento. Ele estava ansioso por seu próximo encontro, e não apenas porque se sentia atraído por ela, embora, não havia dúvidas sobre isso. Na verdade, seus sentimentos por ela eram um pouco mais profundos do que gostaria. Ele queria que ela estivesse em Nova Iorque. Se não fosse por sua posição bastante singular na época, sendo um membro da comitiva de Raphael, ele a teria tomado. Mas

ela não estava mais com Raphael. O cheiro de seu perfume permaneceu e ele sorriu. Oh, sim, ele iria definitivamente provar a sua doce Sarah, e seria em breve, também.

Mas também estava curioso sobre o que ela estava escondendo. E ela definitivamente estava escondendo alguma coisa. Ele poderia ter facilmente tirado a informação de sua mente. O mais leve toque exploratório já lhe tinha dito que ela era surpreendentemente suscetível à sua vontade, talvez mais do que a maioria dos humanos. Mas também lhe disse que ela estava tanto física como emocionalmente exausta com qualquer que seja o segredo que ela estivesse guardando. Raj queria descobrir o segredo logo.

Claro, que o segredo vinha embrulhado em um pacote que pretendia desembrulhar lentamente e com grande prazer. Ele não a tomaria rapidamente, como fazia com as mulheres de quem normalmente bebia, não seria como aquela mulher do bar. Raj não pretendia ser nada além do que era. Ele era um predador e os seres humanos eram a sua presa. E ele era muito bom no que fazia. Mas por alguma razão, não queria enganar Sarah Stratton e a fazer de lanche. Queria que ela fosse com ele conscientemente, que o convidasse para sua casa porque o queria lá, não porque sua mente estava nublada com luxúria. Embora, ela já o desejasse. Ela não estava completamente rendida ainda, mas as notas sutis de seu corpo lhe disseram que estaria em breve. Ele sorriu para si mesmo. Oh, sim, iria desfrutar ao desembrulhar Sarah Stratton muito lentamente.

Capítulo 14

— O fodido comissário está nos fazendo de piada, Dan. — Raj ouviu Scavetti dizer a partir do corredor. — O capitão diz que não sabia sobre isso até poucos minutos atrás, mas pode estar mentindo, cobrindo seu próprio traseiro. Eles querem saber sobre a reunião.

— Que reunião e quem quer saber sobre isso? — Raj perguntou, entrando na sala de conferências.

Scavetti deu-lhe um olhar fulminante. — Só uma mordida rápida, hein, Gregor?

— Você é um homem bruto, Scavetti. — disse Raj, nem mesmo olhando para o detetive enquanto sentava em uma cadeira junto à mesa, ficando de costas para a parede e de rosto para a porta aberta. — Mas Felder aqui parece uma pessoa decente, então eu vou assumir que você é um bom policial. — Ele se recostou na cadeira, perfeitamente à vontade. — Vamos continuar?

— Você tem algum outro lugar para estar, vampiro?

Raj lhe deu um olhar presunçoso. — Eu tenho agora.

— Filho da puta. — Scavetti murmurou. — O que há com vampiros e mulheres? — Ele balançou a cabeça com desgosto, mas sua voz tinha uma corrente de admiração que não conseguiu disfarçar.

Raj se permitiu um leve sorriso, sabendo que isso iria irritar Scavetti. O detetive corpulento respondeu na hora, dando-lhe um olhar final, antes de virar sua personalidade encantadora para seu parceiro. — Cowens e Blackwood sabem sobre a reunião.

— Eles sabem... — Felder começou.

— Que temos um dos sanguessugas aqui? Sim, eles sabem. Sem ofensa. — acrescentou, dando um olhar a Raj que deixou claro que a ofensa era muito pretendida.

— Sr. Gregor... — Felder começou.

— Me chame de Raj.

— Raj? — Tony perguntou, estendendo a única sílaba.

— Um apelido, detetive. Nós sanguessugas gostamos deles.

Os olhos de Scavetti se focaram quando ele tentou decidir se estava sendo gozado, mas Felder interveio mais uma vez. — Vamos, Tony. O Sr. Gregor... er, Raj está aqui para nos ajudar. *Pedimos-lhe* para vir para cá, lembra-se?

Raj tinha pena de Felder, pena por ele ter que trabalhar todos os dias com um parceiro tão pernicioso. Mas a verdade era que tinha interesse em ver este caso resolvido rapidamente, assim tentou ser mais diplomático. — O Senhor Krystof está muito interessado em resolver este assunto, meus senhores. Ele me pediu para ajudar em qualquer coisa que puder.

— *Senhor* Krystof, hein? — Scavetti zombou como era de esperar. — Bem, isso não é doce para caralho? Pensei que estávamos na América, Dan.

— Jesus Cristo, Tony, o que diabos está errado com você? — Evidentemente, mesmo Dan Felder tinha limites.

Scavetti fechou a boca, sugando de volta tudo o que estava prestes a dizer. Ele fez uma careta para Raj, como se desafiando-o a dizer qualquer coisa. Quando Raj permaneceu em silêncio, Scavetti deu a seu parceiro um olhar de desculpas. — Estou bem. — ele murmurou. Ele virou as costas, numa tentativa óbvia de manter suas próximas palavras em privado. Não funcionou. Raj poderia ouvi-lo facilmente, mesmo se estivesse no corredor do lado de fora da sala. Mas Scavetti não sabia disso.

— Isso apenas me tirou do sério, é tudo. — Scavetti disse suavemente para Dan. — O Comissário aparecer no último minuto assim. Este caso é importante para mim, você sabe.

— É por isso que você deve acolher a ajuda dos vampiros. — Felder respondeu. — O que sabemos sobre suas comunidades? Nada, isso sim. Então, seja agradável para variar, seu idiota.

— Sim. — Tony deu uma risada nervosa e enrijeceu visivelmente antes de se voltar para enfrentar Raj. — Você está bem com William Cowens e seu conselheiro espiritual da porra estarem na sala?

Raj deu de ombros facilmente. — Eu não tenho nenhum problema com isso. Quanto mais informações tivermos, mais cedo podemos resolver este caso e voltar para nossas próprias vidas. Acredite em mim, detetive, não estou mais feliz por estar aqui do que você está.

Descrença brilhou rapidamente nos olhos marrons de Tony, mas ele balançou a cabeça em concordância. — O Cowens e o Comissário tiveram uma reunião 'privada em primeiro lugar'. — Ele agitou seus dedos no ar, colocando aspas nas últimas palavras para dar ênfase. — Blackwood está com eles. Eles devem estar aqui a qualquer minuto.

Raj suspirou, pensando que cada minuto extra gasto na companhia de Scavetti tinha que tomar pelo menos uma hora de sua vida imortal. Mas ele esperou, deixando os pensamentos da bela Sarah Stratton e o que tinha planejado para ela, fazer aqueles minutos passarem mais depressa.

Ele sacudiu seus pensamentos para longe de Sarah e fixou sua visão na porta momentos antes de um grande homem de terno escuro entrar na

sala. Ele reconheceu Thornton, o comissário da polícia, de sua fotografia no átrio atrás do vidro à prova de balas. Com ele estavam William Cowens, seu guarda-costas e Edward Blackwood. O Comissário Thornton deu uma olhada ao redor, seu olhar brilhando brevemente sobre Raj antes de passar para Scavetti. — Já começaram a trocar informações?

— Não, senhor. — disse Scavetti. — O capitão disse para esperar por você e pelo Sr. Cowens.

— Então, vamos começar com isso. William. — disse ele, dirigindo-se a Cowens. — Estes são os detetives Scavetti e Felder. — Ele indicou cada homem, por sua vez. — Eles estão responsáveis pelo caso da Patricia e tenho plena confiança em suas habilidades. — Ele puxou duas cadeiras, ofereceu uma a Cowens e sentou-se na outra. — Edward Blackwood... — ele continuou, com um aceno de cabeça em direção ao fundador da HR[5] — é o conselheiro do Sr. Cowens neste assunto e estará servindo como seu porta-voz para a imprensa, a menos que ele decida que uma declaração mais pessoal se justifica.

Ele não se preocupou em apresentar o guarda-costas, é claro. Não era adequado e ninguém se ofendeu. O homem olhou a sala com cuidado, o seu olhar prolongando-se em Raj antes de mover-se para ocupar uma posição entre seu cliente e a porta, enquanto continuava a ter uma visão clara de todos na sala.

— E você, senhor. — disse Thornton, dirigindo-se diretamente a Raj, — deve ser o representante de nossa comunidade local de vampiros. — Ele quase engasgou com as palavras, o que Raj achou divertido. Que a maioria dos seres humanos preferisse acreditar que vampiros não existiam era compreensível, até mesmo preferível para a comunidade. Como ele tinha dito a Krystof, vampiros sobreviveram principalmente por estarem vivendo abaixo do radar, por assim dizer. Se os humanos pensassem demasiado sobre o que andava entre eles, poderiam ser estimulados a fazer algo sobre isso. E os vampiros mesmo sendo poderosos, eram poucos em números, especialmente em comparação com os bilhões de seres humanos caminhando na Terra.

[5] HR = Humanity Realized.

Mas sempre o surpreendeu que as autoridades humanas permitiram-se permanecer igualmente ignorantes. Thornton era o comissário da polícia de uma grande cidade americana — uma cidade que era controlada por um lorde vampiro, não menos; uma cidade que acolhia os vampiros mais poderosos do continente para a reunião do Conselho Vampiro a cada oito anos — e o homem não conseguia dizer a palavra *vampiro* sem engasgar com ela. Porém Raj manteve esses pensamentos para si. Ele levantou-se ligeiramente, apenas o suficiente para estender sua mão através da mesa, o que por uma questão de respeito forçou o Comissário a fazer o mesmo.

— Raymond Gregor. — ele disse. Ele notou que o comissário evitava olhá-lo diretamente e mais uma vez teve que reprimir o impulso de rir em voz alta. Tanto a televisão como o cinema tinham espalhado muitos mitos sobre vampiros, a maioria deles era loucura total. A necessidade de contato visual era uma deles. Ajudava algumas vezes focar a atenção do alvo, mas se Raj quisesse assumir o controle da mente de um ser humano, ele certamente não precisava perder tempo olhando em seus olhos para fazê-lo.

— É sempre uma honra conhecer alguns dos nossos homens de azul, detetives. — A voz de Blackwood quebrou a súbita tensão. — Mesmo se estiverem usando um terno. — acrescentou, com seu sorriso encantador patenteado. Ele apertou a mão dos dois detetives. — E Sr. Gregor... — acrescentou entusiasmado, apertando a mão de Raj. — É realmente um prazer. Meu instituto adoraria ter um diálogo com o seu povo. Creio que temos muito em comum.

Raj aceitou o aperto de mão sem comentários. A Humanity Realized perseguia os vampiros há anos, tentando "ter um diálogo". Vampiros eram praticamente imortais e a HR queria saber por que disso, podendo depois vender o segredo para humanos ricos e assim cumprir a missão que eles chamam de 'conquista total do potencial humano'. A última coisa que as pessoas — ou os vampiros — precisavam eram de um monte de concorrentes ricos, imbecis e imortais correndo por aí. Cada conselho de vampiros no planeta tinha emitido um decreto. Não deveria haver cooperação de qualquer tipo com os seres humanos quando se tratava de pesquisar a fisiologia dos vampiros. Era possivelmente a única coisa que cada membro do conselho concordava de todo o coração, e eles

estabeleceram esse decreto de forma absoluta. A pena era a morte — permanente e instantânea — para qualquer vampiro pego infringindo o decreto. Nenhum julgamento, nenhum recurso. A justiça dos vampiros tinha seu próprio código, e este era intransigente.

— Eu gostaria de deixar algo bem claro agora. — Cowens disse, seu tom sugerindo que ele estava acostumado a ter a atenção estrita de todos. E, de fato, o silêncio reinou quando todos na sala se voltaram para olhá-lo. — A minha filha está desaparecida. — Ele respirou profundamente, sua mandíbula apertada, lutando visivelmente para manter suas emoções sob controle. — Sei como isso funciona. — disse ele sem rodeios. — Sei que todos acham que ela já está morta. — Os olhos dele endureceram e ele ficou olhando para Felder e Scavetti. — Eu não acredito nisso. Não acreditarei até que tenha um corpo para levar para casa. Eu quero uma investigação completa, vocês me entendem? Não me importo se vocês se ressentem de eu lhes falar desta maneira. Podem queixar-se à União, ao comissário, ao próprio Deus. Eu não me importo. Eu quero que minha filha seja encontrada. Morta... — Ele fechou os olhos contra a dor. — Morta ou viva. — continuou com voz rouca. — Ou cabeças vão rolar. Estamos entendidos?

Felder e Scavetti devolveram seu olhar e Raj deu-lhes crédito por não estarem intimidados com a ameaça explícita. Cowens tinha influência suficiente para fazer com que um par de detetives da cidade passassem a simples policiais de rua se lhe falhassem, e eles tinham de saber isso.

— E você. — Cowens disse, virando seu olhar irritado para Raj que o encarava impassivelmente. — Eu não dou a mínima para quem você é ou para quem seja aquele que você chama de mestre. Se um de vocês tem a minha filha, se tiverem prejudicado um único cabelo de sua cabeça. — Cowens se levantou e se inclinou sobre a mesa. — Eu tenho recursos que você não imagina, vampiro. Nenhum buraco será profundo o suficiente para se esconder. — Ele chutou a cadeira para fora do caminho de repente, jogando a todos um olhar furioso e caminhou para fora da sala, seu guarda-costas correndo para alcançar a porta antes dele. Blackwood estava apenas alguns passos atrás. O comissário simplesmente se levantou e observou-os sair.

Quando ele se virou, sua expressão era sombria. — Este é um caso difícil, meus senhores. Não apenas para vocês, mas também para o Departamento. Eu estou confiando em vocês para cuidarem de tudo. — E ele também saiu, deixando apenas os três mais uma vez.

— Bem. Isso foi útil. — Raj comentou secamente. Ele corrigiu o seu desleixo ocasional de colocar os cotovelos sobre a mesa. — Então me digam, senhores, por que exatamente Sarah Stratton estava aqui esta noite?

Scavetti se virou e olhou-o por alguns minutos em silêncio, e então balançou a cabeça, rindo em descrença. — Ela ligou, disse que tinha contato com o chefão. — Ele deu a Raj um olhar cético. — O seu chefe, eu assumo.

— Seria de imaginar. Qual é o envolvimento do Blackwood?

— Eu não sei. Ele parece gostar *de você* o suficiente. Talvez você lhe devesse perguntar, *Raj*.

Raj estudou Scavetti preguiçosamente, pensando em como seria fácil agarrar o detetive desbocado uma noite e fazê-lo desaparecer. Será que alguém iria sentir a sua falta, ele se perguntou. Poderia até mesmo um Neanderthal como Scavetti ter pessoas que o amavam?

— Você é casado, detetive? — Perguntou ele. — Você tem uma esposa? Uma família?

Scavetti o encarou com suspeita. — Por que diabos você se importa?

Raj deu de ombros. — Apenas curiosidade.

— Bem, deixe-me fora da porra da sua curiosidade. E se você quiser saber mais sobre Stratton, pode perguntar-lhe você mesmo. Idiota.

Felder revirou os olhos. — Que tal se começássemos com isso, Tony? Raj aqui não é o único com uma vida social. Eu tenho um encontro com a minha próxima ex-esposa.

Scavetti meditou por mais alguns minutos, olhando fixamente para a parede. E, em seguida, sem qualquer aviso prévio, duas mãos bateram na mesa, sacudindo a xícara de café já lascada de Felder e derrubando algumas garrafas de água fechadas. — Porra, sim! — Ele anunciou. — Vamos fazer isso.

Ele se levantou e foi até ao quadro branco que preenchia toda a parede oposta. Havia um cartaz espesso encostado ao quadro, e Scavetti colocou-o de lado para revelar uma série de fotografias e papéis colados ao quadro em si. — Temos três mulheres no último mês que correspondem ao perfil. — disse ele, de repente todo negócios. — Todas as três desaparecidas, nenhum corpo encontrado ainda.

— Qual *é* o perfil? — Raj perguntou curiosamente.

Scavetti deu-lhe um olhar sujo, porém disse: — Estamos pressupondo que haja uma ligação com vampiros, de modo que isso é a porra número um. O resto é o normal — idade, aparência, acesso. A filha de William Cowens, Patricia, tinha dezoito anos e estava solteira, foi vista pela última vez em uma festa de vampiros. Era uma festa aberta, anunciada nos dormitórios e em vários locais do campus, em quadros de avisos e assim por diante. Falamos com sua companheira de quarto cabeça oca que disse que convenceu Cowens a ir à festa na última hora, que ela nunca tinha ido a uma antes. Neste ponto, nós não acreditamos que ela era o alvo específico. Não houve nenhuma ligação para o pai, nenhum pedido de resgate, nem mesmo com toda a publicidade — o que não é bom para as suas chances. A menos que um de vocês a tenha? — Perguntou ele com curiosidade falsificada. — Eu entendo que vocês as mantêm vivas por alguns dias.

Raj não se preocupou em responder, e Scavetti continuou com um grunhido. — De qualquer forma, por enquanto, parece um rapto aleatório — ela saiu da festa mais cedo e, tanto quanto podemos dizer, sozinha, ninguém a viu desde então. O que sabemos é que ela não voltou para o dormitório.

— Voltando ao incidente mais recente, antes da Cowens... — Ele mudou-se para onde estava a fotografia de uma outra jovem que parecia mais velha do que Patricia Cowens, mas não muito. — Regina Aiello, 21 anos de idade, vivia com sua mãe que foi quem reportou o desaparecimento. A

mãe diz que ela saiu com as amigas, uma espécie de noite para garotas antes do casamento de uma delas que seria no fim de semana. Falamos com as amigas que declararam que todas elas foram a uma fodida casa de sangue...

— Essa é aparentemente a festa de despedida destes dias. — Dan interrompeu para adicionar. — Não existem mais dançarinos exóticos, eu acho. Agora são os vampiros.

— As outras não perceberam que ela estava desaparecida... — Tony levantou a voz um pouco mais que seu parceiro e continuou falando. — Até que a mãe começou a ligar no dia seguinte. Aparentemente, vários de seu grupo descolaram durante as festividades para fazer Deus sabe o quê, e apenas assumiram que Aiello tinha feito o mesmo. A mãe diz que não sabia que elas estavam indo para uma casa de sangue e parecia muito chocada com a idéia. Conversando com as amigas da menina, tive a impressão que Aiello não era exatamente uma jogadora.

Raj ouvia com apenas meia atenção os fatos — entrevistas com as amigas de Aiello e assim por diante — ele afastou-se da mesa e se levantou, caminhando até ao quadro onde estudou as fotos das mulheres desaparecidas. O desaparecimento de Trisha Cowens poderia ser questionável — aquelas festas de vampiros ridículas não tinham nada a ver com os verdadeiros Vampiros — mas Aiello desaparecer de uma casa de sangue era preocupante.

Raj franziu a testa e continuou a ler enquanto Scavetti passou para a mulher ao lado, a primeira tomada, na medida que eles sabiam. Martha Polk, dezenove anos, prestes a casar, porém vivendo com seus pais. Ela foi contratada por uma empresa de luxo e tinha trabalhado numa festa privada, após a qual várias pessoas, incluindo alguns dos garçons, foram a outra das casas de sangue.

Raj via um padrão definido em desenvolvimento, mas se eram vampiros ou alguém que queria que se parecesse com vampiros era a grande questão. Nem todo mundo voltava diretamente para casa depois de irem às casas de sangue. Scavetti não estava tao errado nesse ponto. Quando um vampiro encontrava uma saborosa e receptiva parceira, não era incomum para os dois passarem alguns dias juntos, especialmente em um fim de

semana. A mulher muito jovem que estava descansando no escritório de Krystof anteriormente era um bom exemplo. Mas Polk tinha desaparecido a quase um mês e isso era muito tempo.

— Todo o grupo de Polk desenvolveu uma fodida amnésia sobre a noite em questão. — Scavetti estava dizendo. — Nenhum deles vai dizer com certeza que Polk estava com eles na casa de sangue, mas eles também não vão dizer que ela não estava. Aparentemente, seu noivo é do tipo ciumento e ninguém quer colocá-la em apuros. Como se ela já não estivesse em apuros.

Raj estudou a imagem da jovem, que era a fotografia da sua identificação do trabalho. Ela parecia muito jovem para se casar. Seu rosto era aberto e expressivo, com um grande sorriso e cabelos castanhos, que estavam apanhados em um rabo de cavalo.

— E depois há a Dra. Estelle Edwards. — Scavetti continuou. — Ela se encaixa no período de tempo, desaparecendo cerca de uma semana antes de Polk, e há uma conexão com vampiros, mas ela é mais velha do que as outras e viaja em círculos radicalmente diferentes. Ela é uma médica de pesquisas na universidade.

Raj mudou-se para o perfil de Edward, que estava separado do resto. Ele se inclinou para mais perto, esforçando-se para perceber a caligrafia irregular de alguém. Ele franziu o cenho. Seu marido disse que ela tinha ido ao encontro de uma conexão vampírica local? Que diabos era aquilo?

Ele desviou o olhar novamente para ver as imagens presas na parte superior do quadro. Scavetti estava certo. Estelle Edwards se destacava. Ela estava apenas nos seus trinta e alguns anos, mas com os cabelos loiros cuidadosamente penteados, e seu rosto bem de polpa, ela parecia muito mais velha, quase matronal. Todas as outras três eram pequenas e de cabelos escuros, com uma maturidade jovem para aquelas que Raj reconhecia como o tipo de mulheres que muitos vampiros — incluindo ele — gostavam de se alimentar. Essa maturidade lhes dava um brilho especial, suavizando suas bochechas e destacando seus lábios em uma plenitude que convidava um vampiro a esmagá-los com sua boca e saborear o suco da vida.

Ele se voltou para a imagem de Estelle Edwards. Tudo sobre ela dizia resolvida, casada, matrona. Ela era atraente o suficiente, mas nunca chamaria a atenção da maneira que as outras três faziam.

— Que tipo de pesquisa? — Raj perguntou, interrompendo o fluxo de Scavetti. O detetive o olhou com uma previsível cara feia que se transformou em rápido interesse quando viu a imagem que Raj estava olhando.

— Eu não tenho certeza. Você se lembra, Dan?

— Sim. — Felder estava folheando suas anotações. — Uh... hematologia?

— Sangue. — disse Raj infeliz.

— O marido disse que ela estava tentando obter financiamento para um estudo sobre vampiros. — Felder acrescentou. — Que queria descobrir o que os torna ... — Ele deu uma olhada para Raj, como se tivesse esquecido por um momento que havia um verdadeiro vampiro no quarto com ele. — Isto é, por que todos vocês vivem tanto tempo e tudo mais.

— Um assunto perigoso. — Raj disse pensativo. — Como ela pretende fazer isso sem uma cobaia?

— O que você quer dizer?

Ele deu uma volta completa e olhou entre os dois detetives, tentando decidir o quanto a dizer. — Quero dizer que é difícil estudar o sangue sem uma amostra, e nenhum vampiro teria cooperado, não por sua vontade de qualquer maneira. A não ser que ele tenha um desejo de morte.

— Por que não?

— Nós não compartilhamos. — Raj disse categoricamente. — Como você sabe que ela faz parte deste caso? Talvez ela pressionou um vampiro que não queria cooperar e foi morta por seus esforços.

— Não temos certeza de que ela faz, na verdade. Como diz Tony, o momento se encaixa, e há uma conexão com vampiros definitiva, mas quanto ao resto... — Felder encolheu os ombros. — Você pode estar certo sobre alguns vampiros ficando chateados e fazendo-a desaparecer, mas seu marido foi bastante insistente de que ela fez contato com alguém na comunidade de vampiros. Alguém que estava disposto a cooperar em sua pesquisa. E ele nos disse que ela já encontrou quem quer que fosse pelo menos uma vez antes.

— Será que esse contato tem um nome?

Scavetti bufou uma risada desdenhosa. — Perguntei-lhe o mesmo. Ele diz que ela é muito reservada sobre seu trabalho. Nós demos uma olhada dura no marido, mas acho que não há nada lá. Como em *nada* lá. Tive a impressão de que eles não gastam muito tempo juntos. Nenhum calor, se você sabe o que quero dizer.

— Ele é um doutor na Universidade também. — Felder acrescentou. — E também chefe de uma grande clínica psiquiátrica ou algo assim. Ele parecia extremamente certo de que sua esposa estava indo obter suas amostras, no entanto. Diz que ela tinha companhias farmacêuticas fazendo fila para patrociná-la. Um monte de dinheiro, também.

— Quanto dinheiro? — Raj perguntou curiosamente.

— O bom médico quase engasgou com sua própria língua tentando evitar responder a essa pergunta, mas eu o fiz admitir que estamos falando em algo com dezenas de milhões.

— Interessante. — Raj disse, escondendo a sua preocupação crescente. — Vou verificar esse ângulo para vocês. — disse ele. — Alguém pode ter estado com ela, seja humano ou vampiro, e se isso for verdade, eu vou encontrá-lo. Ou ela. Eu gostaria de falar com o marido de Edwards. — disse ele. — E talvez visitar o seu laboratório.

— Vou definir algo... — Felder começou a dizer, mas Scavetti o interrompeu, ignorando o olhar de surpresa do seu parceiro.

— Isso não vai acontecer, Gregor. Agradecemos a colaboração e tudo, mas não posso ter você contaminando o meu caso, andando por aí a falar com as pessoas, turvando a investigação.

Raj não se incomodou em discutir. Já não importava o que o detetive queria. Krystof o tinha enviado aqui para cooperar com a polícia em sua investigação e ele tinha feito isso. Mas Raj tinha assumido que não havia nenhum vampiro envolvido nesses crimes, que toda esta cooperação era apenas para mostrar. Ele tinha aprendido o suficiente esta noite para fazê-lo duvidar dessa hipótese, e isso significava que qualquer verdadeira cooperação com as autoridades estava agora encerrada. Se vampiros estavam envolvidos, este era um assunto interno e seria tratado como tal. Se o marido de Edwards estava certo e um vampiro estava fornecendo sangue para esta pesquisa — bem, só havia um resultado possível para o vampiro e todos os seres humanos envolvidos com ele. E o resultado provavelmente não seria aceitável para as autoridades humanas.

Raj olhou novamente para o quadro, memorizando os fatos mais marcantes de todas as quatro mulheres desaparecidas, antes de virar para passear ao redor da mesa.

— Eu acho que terminamos aqui, então? — Ele olhou para Scavetti, que pareceu surpreso com sua rendição rápida, embora ele tivesse sido aquele que insistiu para que Raj ficasse fora do seu caso e da sua vida. — Excelente. — Raj disse, quando ninguém se opôs. Ele foi para a porta, mas um súbito pensamento o fez parar e virar. — Se houver um vampiro misturado em qualquer parte disso, eu vou encontrá-lo e ele será julgado. Para vossa própria segurança, meus senhores, deixem essa parte da investigação para mim. Se eu souber de alguma coisa que possa ajudá-los em seus próprios esforços, eu vou deixá-los saber. Nesse meio tempo... — Ele puxou uma fina caixa de ouro do bolso interno da sua jaqueta. — Meus números. — disse ele, abrindo a caixa e soltando alguns cartões de visita sobre a mesa. — Chame a qualquer momento, embora à noite é sempre melhor. — disse ele com um sorriso rápido.

Scavetti ainda estava rosnando quando Raj caminhou pelo saguão e saiu no escuro para começar a procurar respostas.

Capítulo 15

A temperatura caiu alguns graus enquanto Raj estava dentro da delegacia. Buffalo e seu clima do caralho. Ele lembrou da sua cidade natal, na Costa Báltica da Polônia. O frio e a umidade pareciam durar lá também, dias passando um após o outro sem sequer um vislumbre honesto de sol. Seu pai tinha sido um estivador e de vez em quando, especialmente no inverno, uma caixa de laranjas da Itália ou da Espanha simplesmente abria, derramando a sua carga por toda a doca. Nesses dias, seu pai sempre trazia para casa alguns globos maduros e suculentos embrulhados em um papel de tecido fino como tesouros inestimáveis. O perfume espesso do óleo cítrico quando sua mãe tirava a pele, a doçura do suco enquanto saboreavam cada parte — um Raj muito jovem tinha sonhado com ensolaradas encostas cheias de belas mulheres em vestidos minúsculos puxando os círculos dourados em seus aventais.

Um ônibus passava na rua, expelindo gases do escape e colidindo com seus devaneios. Raj suspirou. Tinha passado séculos desde que tinha visto o sol pela última vez. Por outro lado, não havia escassez de mulheres bonitas em vestidos provocantes. Ele pensou em Sarah Stratton e seu vestido vermelho. Infelizmente, Sarah teria que esperar até amanhã. Ele tinha um vampiro com quem falar hoje à noite.

A viagem para a unidade de Krystof foi curta, a maioria das ruas estavam sem tráfego. Já era tarde para os mortais, mas ainda era o meio do

dia útil para os vampiros. Raj tirou seu telefone celular e rolou através dos números armazenados, encontrando aquele que queria.

— Sim. — Jozef respondeu.

— Devemos nos encontrar. — Raj afirmou.

Houve um momento de silêncio. — Dá-me umas duas horas.

— Estarei no lado de fora. — Raj desligou. Duas horas para matar. A deliciosa Sarah Stratton lhe veio à mente uma vez mais, mas ela provavelmente estava aninhada e segura na sua cama agora, toda saborosa e quente. Ah, bem. Duas horas. Ele poderia muito bem verificar a casa onde Patricia Cowens foi vista pela última vez.

Ele fez uma rápida meia-volta e voltou para seu covil, permanecendo lá o tempo suficiente para se livrar do terno e colocar seu conjunto habitual de frio — suéter, jeans e jaqueta de couro, tudo em preto.

De volta ao BMW, ele ligou para o endereço memorizado do último local que a garota desaparecida havia sido vista e o inseriu em seu GPS para obter a direção. Houve um tempo em que estas ruas lhe eram tão familiares como as docas da Polônia, e esta parte da cidade não havia mudado muito nos últimos anos. Mas ao contrário das ruas de sua infância, Buffalo não tinha nenhum poder nostálgico sobre suas memórias. Ele deixou-as ir logo que partiu. Esta não era mais sua cidade, nunca tinha sido.

Cruzando pelas ruas em silêncio, ele estacionou a poucos quarteirões de distância da casa onde Patricia Cowens tinha participado da festa dos aspirantes a vampiros. Ninguém sabia exatamente onde ou quando ela tinha desaparecido. Ela saiu da casa pouco depois das onze, dizendo à sua companheira de quarto que pretendia pegar o ônibus de volta ao campus. Mas não voltou para o dormitório e o motorista do único ônibus que estava funcionando naquela noite não se lembrava de pegá-la. Claro, depois de algum tempo todos os passageiros provavelmente pareciam iguais para esses caras, mas a polícia estava supondo que ela tinha sido sequestrada entre a casa e o ponto de ônibus, provavelmente antes de ter alcançado a movimentada rua principal.

A área estava tranqüila quando ele desceu do seu carro e olhou em volta. Perto dali, um cachorro latiu rapidamente, mas logo desistiu do esforço quando Raj desceu a rua. O bairro era velho, fileiras de casas modestas em lotes apenas grandes o suficiente para dar a ilusão de privacidade. Elas estavam bem conservadas em sua maioria, as calçadas cheias de minivans e carros de médio porte. Era um trabalho noturno, assim que todos os bons cidadãos estavam profundamente adormecidos, suas casas bem trancadas, com apenas o brilho ocasional de uma luz noturna através da janela ou a pouca luz da varanda para afastar a escuridão.

Raj caminhou até a casa onde a festa tinha sido realizada, subindo as escadas e virando-se para repousar na varanda e olhar ao redor. Havia luzes de rua aqui, mas muitas árvores, também. No verão, as árvores bloqueariam grande parte da luz das lâmpadas em cima, mas com o inverno acabado a apenas um par de semanas, a maioria das árvores ainda estavam nuas, seus galhos retorcidos como esqueletos fundindo as sombras nas calçadas e quintais vazios.

Não havia sinais de luta, dizia o relatório de Scavetti. Nenhum sangue — nenhum que a polícia humana tenha conseguido encontrar de qualquer maneira — nem pedaços rasgados de roupas ou pertences descartados. Mais significativamente, ninguém tinha ouvido absolutamente nada. O cão da rua abaixo não tinha latido o bastante para que o proprietário notasse e não tinha havido nenhum grito. Mas se William Cowens estivesse certo e o sequestrador de sua filha era um vampiro, ela teria ido de bom grado. E se esse vampiro tivesse perambulado por tempo suficiente, o cão teria se acostumado com ele e parado de latir, assim como fez com Raj esta noite.

Ele estudou a rua silenciosa. Quem tinha levado a menina havia esperado. Não especificamente por ela talvez, mas por alguém da festa. E se a teoria de Scavetti estivesse correta, o sequestrador tinha feito isso pelo menos duas vezes antes. Assim, ele teria encontrado um lugar escuro, onde ninguém o notaria, mas com uma visão clara da casa para que pudesse ver as pessoas indo e vindo, esperando uma mulher sozinha, uma mulher jovem como Patricia Cowens.

Raj concentrou-se no padrão de sombras e luz, lugares onde um de seus próprios poderia se ter escondido. Três casas abaixo e no outro lado da rua, entre duas casas mais antigas de tijolo, havia um espaço de aproximadamente três metros. A casa agora tinha uma luz acesa na varanda, mas nenhuma daquela luz chegava ao escuro espaço entre as duas casas.

Ele examinou o bairro lentamente e saiu da varanda, caminhando para baixo até ao outro lado da rua. Ao se aproximar do esconderijo, sua cabeça levantou e seus sentidos de vampiro lhe chamaram a atenção. Ele respirou profundamente em seus pulmões, provando o ar quando se aproximou, suas botas quase silenciosas na grama seca.

Se o vampiro fosse poderoso o suficiente, poderia envolver-se em sombras e desaparecer, especialmente à noite e sem luz direta. Em sombras tão profundas quanto essas... Ali. Uma espécie de perfume. Era fraco, mas o sentido de cheiro de Raj era muito mais forte que o de um ser humano e, apesar de ter estado frio, não tinha havido nenhuma chuva ou neve desde Trish havia sido sequestrada apenas alguns dias atrás. Ele inalou de novo e enrugou seu nariz em desagrado. Muito doce. Mas misturado com o perfume estava o cheiro de sangue velho dos Vampiros. *Merda.* Ele tinha ido lá na esperança de provar a si mesmo que estava errado, para encontrar provas de que tinha sido um ser humano sequestrando os seus próprios, e não algum patife que tinha decidido quebrar todas as regras da sociedade dos vampiros nesta nova era.

Ele tomou outro fôlego, fixando o perfume em sua memória. Seja lá quem tinha sido, assumiu o poder de se esconder nas sombras, indo para cima da vítima sem que ela visse nada. Além do próprio Raj, Krystof em geral não mantinha pessoas ao redor que fossem fortes o suficiente para fazerem algo assim. Os mais novos lacaios do lorde vampiro eram mais fracos do que nunca, isso provavelmente porque Krystof sabia que o seu controle estava enfraquecendo também.

Tinha um estranho percebido essa vulnerabilidade e se mudado sem o conhecimento de Krystof? Alguém que estava procurando na zona em preparação para uma aquisição? Se assim fosse, o intruso não teria escolha a não ser caçar para se alimentar. Os doadores humanos nas casas de sangue estavam indisponíveis para alguém de fora, alguém que não devia estar aqui

e tinha que esconder a sua presença. Mas porque *raptar* as mulheres? Por que não simplesmente encontrar uma companheira disposta e limpar a sua mente como Raj tinha feito antes?

Ele deu um passo para fora das sombras entre as duas casas, mas recuou rapidamente quando ouviu um carro se aproximando, movendo-se lentamente, como se procurasse por um endereço. Ele observou quando o motorista quase parou em frente à casa da festa, mas então seguiu em frente para estacionar na frente do vizinho em vez disso. O motor foi desligado e a luz interior entrou em campo quando o motorista saiu e fechou a porta, seus olhos grudados na casa onde Trish Cowens tinha sido vista pela última vez.

Raj sorriu, não de todo surpreso que o motorista fosse Sarah Stratton. De todas as formas, isso deu-lhe um momento de satisfação pessoal. Ele estava certo sobre ela. Ela estava envolvida no caso de alguma forma, e de uma forma que não queria que ninguém soubesse.

Envolvendo a escuridão à sua volta, assim como o sequestrador deve ter feito, Raj atravessou a rua, não mais do que a sombra de uma nuvem que passa sobre a lua minguante enquanto deslizava através da noite. Ele aproximou-se dela em perfeito silêncio, até que estava de pé a poucos metros de distância, sob os galhos nus de um olmo[6]. Ela estava perto o suficiente para que ele pudesse ouvir cada respiração sua, ouvir seu coração batendo rapidamente com nervosismo ou talvez medo.

Não tão ousada quanto Raj, ela andou só até metade da caminhada irregular em direção à casa, murmurando baixinho por todo o caminho. O pouco que conseguiu ouvir de suas palavras não fez sentido para ele. Ela parou e olhou o alpendre escuro e então virou e foi rapidamente em direção ao seu carro, parecendo de repente ansiosa para ir embora. Ainda sem saber que Raj estava lá, ela correu pela calçada, seus saltos agulha clicando acentuadamente no cimento. Ela passou direito por ele, seus braços cruzados com força, segurando-se de uma forma que sugeria que frio vinha de alguma outra coisa que não o clima.

[6] Gênero de ulmáceas que compreende grandes árvores frondosas.

Raj se posicionou atrás dela e puxou-a para seu peito, segurando-a lá com uma mão sobre a sua boca para impedi-la de gritar.

— Eu pensei que você estaria segura em sua cama por essa hora, pequena. — ele murmurou perto do seu ouvido. Ele suavizou o seu aperto, sem deixá-la ir, perfeitamente consciente de seu corpo contra o dele, o ruído do seu coração contra o seu braço onde a segurava com força, e os arrepios de medo desvanecendo quando ela percebeu quem a estava segurando. Ela era pequena em comparação a ele. Ele poderia ter erguido seu corpo e a levado facilmente, assim como Trish Cowens tinha sido levada apenas alguns dias antes. Mas ele não era um vampiro desonesto, e essa não era Trish Cowens.

— Se eu tirar minha mão, você promete não gritar?

Ela jogou sua cabeça para baixo no que ele assumiu ser um parecer favorável. Ele tirou a mão da boca dela, descansando-a no seu quadril em vez disso, ainda segurando-a no lugar. Ela atraiu uma longa respiração, mas não tentou se libertar. Ela relaxou em seus braços por pouco tempo, deixando a cabeça cair contra o seu peito.

— Você está tremendo. — disse ele calmamente.

Ela endureceu de indignação. — Você me assustou até a morte!

Raj riu, deslocando o seu aperto e transformando-o em uma carícia, desfrutando da sensação de suas curvas macias sob suas mãos, o quente peso dos seus seios contra seus braços. — O que você está fazendo aqui, Sarah?

Ela fez um movimento então, mas ele apenas abraçou-a com mais segurança. — Estava apenas curiosa. — ela insistiu. — E, estou preocupada com Trish.

— Sarah, Sarah. — ele repreendeu. — Você está mentindo novamente.

Ele soltou-a quando ela girou para olhá-lo. — O que *você* está fazendo aqui?

Ele levantou uma sobrancelha para ela. — *Estou* cooperando em uma investigação policial ativa. Você, por outro lado, foi informada de que seus serviços não eram necessários. E ainda assim, aqui está você.

Ele sentiu mais do que viu o calor do seu rubor. — Pelo menos não estava me esgueirando nas sombras, espionando pessoas. — ela murmurou, recusando-se a encontrar o seu olhar.

Raj apontou para o espaço aberto. — Eu dificilmente estava me esgueirando. Você simplesmente não me viu, do qual estou profundamente magoado.

Ele esperava um sorriso, mas em vez disso ela olhou-o com os olhos cheios de medo. — Ela não o viu também. — ela sussurrou. — Ele estava apenas... lá.

— Quem? — Raj perguntou subitamente intento. Ele reprimiu uma súbita vontade irritante de alcançá-la, puxá-la para perto e tranquilizá-la de que nada poderia machucá-la enquanto estivesse com ela. Ele queria respostas. — O que você sabe, Sarah?

Ela olhou-o com olhos assombrados, procurando seu rosto, procurando... *O quê?* Raj se perguntou.

— Nada. — ela sussurrou. — Pesadelos. Eles não significam nada. — Sua voz travou nas palavras finais.

Ele chegou mais perto dela então, mas ela bateu-lhe, tomando conta da frente do seu casaco com ambas as mãos e apertando o couro como uma tábua de salvação. Ela estava tremendo de novo e ele envolveu os braços à sua volta em confusão.

— Diga-me os seus nomes, Raj. — ela exigiu de forma inesperada, levantando a cabeça o suficiente para dar-lhe um olhar de procura. — As outras mulheres. Tony não me disse...

Raj franziu a testa. — Porque precisa de seus nomes, Sarah?

Ela sufocou uma risada áspera e baixou a testa para o seu peito. — Porque eu preciso saber se estou ou não ficando louca. — Sua voz estava abafada contra seu suéter, mas ele podia ouvir o desespero em sua voz. Isso o atormentava mais do que deveria, porém fez a sua decisão fácil.

— Você sabe sobre Trish. Ela está nos jornais.

Sarah o olhou com surpresa, como se não esperasse que ele atendesse a seu pedido. Ela assentiu com a cabeça.

— Há três outras mulheres, Estelle Edwards, Martha Polk e Regina Aiello.

Seu rosto parecia deformado, um soluço escapou de seus lábios quando ela escondeu o rosto mais uma vez contra seu peito. — Regina. — disse ela suavemente. — Sinto muito.

— Sente muito pelo quê, Sarah? Me diga o que está acontecendo.

— Nada. — ela disse, afastando-se dele para ficar sozinha, mesmo que sua mão acariciasse a frente do seu suéter, enxugando a umidade de suas lágrimas. — A mãe da Regina é alguém que conheço. Ela tem estado preocupada, e quando ouvi sobre esse caso... Não sei o que lhe vou dizer agora.

Ela estava mentindo de novo, droga. — Precisamos falar sobre isso. Para sua casa, agora. — disse ele, impaciente. — Eu te seguirei...

— Não. — Ela encontrou o seu olhar irritado, a mancha de ouro em seus olhos castanhos brilhando nas luzes da rua. — É tarde. — ela ofereceu como desculpa. — Não devia ter vindo. Não sei o que pensei que iria encontrar aqui.

Raj estudou-a silenciosamente, debatendo. Ela sabia alguma coisa, ou achava que sabia. Por outro lado, ela nem sabia os nomes das mulheres desaparecidas, além de Trish Cowens, assim que o que ela achava que sabia

não chegaria ao coração de quem estava fazendo isso. Provavelmente. E ele ainda tinha que se reunir com Jozef hoje à noite.

— Tudo bem. — disse ele, sem sorrir. — Amanhã à noite, então.

Ela olhou-o, como se não completamente confiante da sua entrega fácil. — Então estamos bem, certo?

Raj sorriu então, uma lenta curvatura de seus lábios. — Oh, sim, Sarah. Estamos muito bem.

Ela recuou vários passos para longe dele, recuando como se ele fosse um animal perigoso, como se estivesse preocupada que ele de repente saltasse em cima dela e a devorasse aqui mesmo nessa fria rua de Buffalo. O pensamento o manteve divertido quando ela se virou finalmente e correu para seu carro.

Ela passou por ele quando foi embora, dando um pequeno aceno através da sua janela aberta. Raj sorriu. E quando ela se foi, ele apertou um número de discagem rápida.

— Meu senhor. — Emelie respondeu instantaneamente. — Em que posso servi-lo?

Raj estremeceu. Ele odiava essa merda formal de vampiros e a Em sabia disso. Ela apenas usava essas formalidades se estava chateada com ele, ou se alguém estava ouvindo. E ele não conseguia pensar em nada que tenha feito para irritá-la recentemente. — Livre-se de quem quer que seja, Em. Precisamos conversar.

— Sim, meu senhor.

Raj esperou, ouvindo quando Em se moveu, ao invés de pedir aos outros para sair. Ele poderia ouvir sua respiração constante enquanto caminhava, uma porta abrir e fechar e depois outra. — Ok. — disse ela em um tom muito mais casual. — Estou no escritório. O que há, chefe?

— Parabéns. — disse ele secamente. — Você ganha. Traga algumas das minhas pessoas aqui em cima. Não um exército, ainda não de qualquer maneira. Apenas alguns para reforço. E ninguém além dos meus próprios filhos, pessoas que posso confiar absolutamente.

— Sim. — ela respirou em óbvio alívio. — Estamos prontos para ir, meu senhor. Eu selecionei alguns depois que você partiu, por precaução. Se partirmos de imediato, podemos estar aí antes do amanhecer.

— Amanhã à noite está bom o suficiente. Não há nada específico ainda, mas há a possibilidade de alguém de fora da cidade esteja se movendo contra Krystof e eu não vou deixar isso acontecer.

— Só dar a palavra, meu senhor.

— O que eu faria sem você, Em?

— Você gerenciaria. Não tão bem, é claro. — ela acrescentou. — Mas você gerenciaria.

— Obrigado. Mais uma coisa, Em. Quero saber tudo o que temos sobre a mulher que visitou Manhattan com Raphael e sua companheira na semana passada... Sarah Stratton. Coloque Simon nisso e diga-lhe para ir fundo. Já sei que ela leciona na universidade aqui em Buffalo, de modo que é um lugar para começar, mas quero tudo que Simon possa encontrar. Caso ele precise de uma imagem, ela deve estar no vídeo de segurança do clube.

— Tudo bem. — Em disse lentamente. — Você vai acolher gatinhos de rua novamente, chefe?

Raj riu. Sua curiosidade era bastante para queimar através do éter, mas Raj não estava com vontade de dizer mais nada. Ainda não.

— Vou falar com você mais tarde, Em. — disse ele, ignorando a sua pergunta. Ele desligou a chamada, colocou seu telefone no bolso e abriu a porta do carro, deslizando para o confortável interior. Partiu na direção oposta à que Sarah tinha tomado, pensando em gatinhos de rua e sobre Emelie. Ela sempre dizia que ele tinha uma fraqueza por donzelas em perigo.

E ela devia saber, sendo que a donzela que ele tinha resgatado uma vez havia sido a própria Emelie.

Albany, Nova York 1918

Raj passeava pela rua escura, bebendo da excitação, o medo. Os Estados Unidos estavam em guerra. Homens faziam fila para ir lutar na Europa, buscando a glória na batalha que nunca seria encontrada nas ruas de suas cidades natais. Raj poderia ter avisado. Poderia ter-lhes dito que não havia nada emocionante sobre o cheiro de um campo de batalha, o sangue e excrementos, os gritos de seus amigos morrendo enquanto você não podia fazer nada além de lutar para salvar sua própria miserável vida. Mas ele não disse nada. Eles não o teriam ouvido de qualquer maneira.

Jovens ansiosos percorriam as ruas de Albany, bêbados na maior parte, desfrutando de um arremesso final antes que o Tio Sam os enviasse para se tornarem soldados. Pela manhã, eles estariam lamentando essa última noite de indulgência — quando suas cabeças estivessem latejantes, seus estômagos se rebelando, e eles ficassem presos em um quente e lotado ônibus para a viagem a algum campo sombrio.

Mas para alguns deles, a maioria deles provavelmente, esta noite era o primeiro verdadeiro sabor de liberdade, sua primeira vez longe da fazenda da família. As brigas eram comuns, mas a polícia dava pouca atenção, reconhecendo a futilidade de tentar trazer ordem a um caos que se dissiparia em um ou dois dias de qualquer maneira. E enquanto os novos recrutas se limitassem a bater uns nos outros, ninguém se importava.

Ele afastou-se da principal avenida, procurando nas ruas laterais, nos becos escuros onde soldados inexperientes poderiam ser encontrados dormindo ou desmaiados. De qualquer forma eles eram uma refeição rápida e fácil para um vampiro com fome.

O ruído de uma multidão chamou sua atenção para o que deveria ter sido uma rua tranquila. Um grupo barulhento de homens havia se reunido, gritando encorajamentos e ameaças. Outra briga de socos, sem dúvida. Raj quase virou. Não havia nada para ele nestas disputas. Mas algo o fez voltar atrás e dar uma segunda olhada. Não foram as palavras que os homens estavam gritando; ele mal conseguia destingi-las. Mas as provocações carregavam uma brutalidade crua, a mesquinhez que ardia contra seus sentidos. Raj franziu a testa, abrindo caminho através da multidão até que se aproximou o suficiente para ver o que estava acontecendo sobre os ombros dos outros.

Ele xingou e empurrou violentamente o resto do caminho a seguir com um propósito, jogando corpos de lado em sua fúria. A jovem estava no coração do círculo, semi-nua, sangrenta e espancada, seu mais recente estuprador grunhindo entre suas pernas. Raj o chutou, sua espessa bota quebrando suas costelas com um som horrível. O homem gritou quando ele voou pelo ar, o ruído cortado com um gorgolejo engasgado quando ele atingiu a parede mais próxima.

Raj se agachou e girou, pronto para lutar, sua boca aberta, dentes totalmente exibido, vendo o tênue brilho de azul quando seus olhos de Vampiro queimaram como gelo frio de raiva.

Os jovens que momentos antes tinham estado cheios de bravura com a possibilidade de estuprar uma mulher indefesa fugiram antes que a ira do Vampiro os atingisse. Gritos desapareceram no beco enquanto corriam, pisando uns aos outros em sua pressa de escapar. Para um lado, o estuprador ferido estava lutando para rastejar longe, choramingando sem palavras. Raj deu um passo adiante, com a intenção de drená-lo, para garantir que ele nunca mais brutalizasse uma mulher indefesa, mas de trás dele veio um pequeno e perdido som.

Ele se virou em direção à mulher. Ela estava enrolada em si mesma, finos dedos lutando para puxar os farrapos da sua roupa ao redor do seu agredido corpo, para cobrir sua nudez. Ele tirou o casaco e cobriu-a, com cuidado para não tocá-la, para deixá-la alcançar as extremidades do tecido para seu peito quando ela apertou silenciosamente.

— Deixe-me ajudá-la, filha. — disse ele suavemente. Sua voz era profunda e melódica, a mesma voz que usava para seduzir os incautos, para persuadir os incautos a abrir suas veias para ele. Ela acalmou, tremendo como um pequeno animal sob o olhar de um predador, recusando-se a olhá-lo, como se isso de alguma forma fosse salvá-la.

— Você tem família? — Perguntou ele.

Ela começou a chorar então, soluços calmos abalaram seu corpo inteiro. Raj quis tranquilizá-la, dizer-lhe que poderia fazer tudo ir embora. O seu sangue podia não ser tão forte como o de seu mestre, Lord Krystof, e ela estava muito ferida, mas ele ainda era um Vampiro. E seu sangue era mais forte do que a maioria, forte o suficiente para curar seus ferimentos, forte o suficiente para que ele pudesse tirar esta noite de sua mente, apagar como se nunca tivesse acontecido. Mas em seu estado atual, ela não o teria ouvido, muito menos acreditado em algo tão fantástico.

— Deixe-me ajudá-la. — ele repetiu em seu lugar. Ele colocou uma única e suave mão em suas costas, estremecendo quando ela se puxou para longe do seu toque, seus gritos finalmente encontraram voz quando ela se tornou mais frenética.

Ele suspirou. A última coisa que ela precisava era as mãos de um homem sobre ela, mas o sol estava nascendo e ele tinha que entrar. — Sinto muito, querida. — disse. Ele a pegou facilmente, silenciando seus gritos com um rápido soco mental que roubou sua consciência e deixou-a mole em seus braços. Foi bruto, mas eficaz, e o tempo estava se esgotando.

Ele acelerou pelas ruas laterais em direção ao seu esconderijo, correndo do sol, começando a se perguntar o que ia fazer com ela agora que a salvou.

Capítulo 16

Buffalo, Nova York, hoje

Raj puxou o carro para a calçada perto da propriedade de Krystof e desligou o motor, saiu do carro para se encostar no seu calor ao frio de manhã cedo, esperando Jozef aparecer. Às vezes ele pensava sobre os homens que haviam atacado Emelie todos aqueles anos atrás. Eles eram homens comuns — filhos, pais e irmãos. Alguns deles sem dúvida tinham morrido na guerra. Outros teriam voltado para casa, criado famílias e envelhecido. De uma forma ou de outra, eles estavam quase certamente mortos agora. Teriam eles se lembrado da noite no beco? Teriam eles assistido suas próprias filhas crescerem e se envergonhado do que tinham feito? Havia pessoas que o chamavam de monstro, pessoas que teriam dizimado cada vampiro da Terra. Mas será que nunca olharam para seus próprios vizinhos e se perguntaram?

Ele olhou para cima quando a porta da frente se abriu sobre as silenciosas dobradiças. A profunda sombra de Jozef apareceu, lembrando a Raj que Jozef também possuía o poder de manipular as sombras se assim preferisse. Mas Jozef não era o agressor. Raj rejeitou essa idéia quase tão rapidamente como ocorreu. Jozef era poderoso o suficiente, mas era preciso inteligência e disciplina para subir mais alto na hierarquia dos vampiros. E é

aí que Jozef fica aquém. Ele era a ferramenta perfeita — confiável mas completamente sem imaginação. Isso era um trunfo e uma fraqueza num chefe de segurança. Ele nunca faria uma rebelião, mas não conseguia ver outra pessoa fazendo uma também. Na avaliação de Raj, ninguém sabia disso melhor do que o próprio Jozef. Ele tinha uma boa posição aqui com Krystof e um grande interesse em mantê-lo desta forma. O chefe de segurança passou entre as luzes cintilantes ao longo da calçada da frente, atravessando todo o pátio, indo diretamente para ele.

— Raj. — Jozef disse quando chegou perto o suficiente. — Já faz um tempo desde que você visitou Buffalo.

Raj sorriu para si mesmo. Como Krystof, Jozef preferia quando Raj estava longe da cidade. Ele encolheu os ombros despreocupadamente. — O velho não gosta de mim por aqui, e eu estou satisfeito com Manhattan.

Jozef ergueu os olhos para encontrar os de Raj. — Então em que posso ajudá-lo?

Ajude-me a voltar para Manhattan, Raj pensou sorrindo. — Eu vejo um monte de caras novas. — disse ele.

O outro vampiro não respondeu imediatamente, voltando-se para olhar a rua em seu lugar. Raj não o apressou. Se Jozef queria que Raj fosse embora, essa era a melhor maneira de fazer isso acontecer. Eventualmente, sua mente chegaria a essa conclusão. Nesse meio tempo, Raj esperou.

— Demasiadas caras novas. — Jozef disse abruptamente. — Krystof transforma cinco, às vezes dez por mês, e cada um deles é tão estúpido quanto o idiota do Morales. — Jozef continuou.

— Um exército? — Raj perguntou abruptamente.

— Carne para canhão mais provavelmente, mas contra que ameaça? Nenhuma, que eu saiba.

Raj considerou isso tendo em conta as suas suspeitas. — Algum vampiro novo se movendo na área? Alguém que seja forte o suficiente para desafiar Krystof?

Jozef latiu uma risada. — Além de você, você quer dizer?

— Não deve ser comigo que ele está preocupado. Eu não lhe dei nenhuma razão. — *Ainda,* ele acrescentou para si mesmo. — Estou falando de outra pessoa, um forasteiro. Talvez alguém na cidade não oficialmente.

Jozef deu um olhar aguçado. — Você sabe algo que eu não sei?

Raj deu de ombros e disse — Fui à casa da qual a filha de Cowens foi levada no último fim de semana. O sinal era velho, mas esteve alguém lá. Alguém forte o suficiente para perseguir a sua presa sem ser detectado numa rua vazia.

Jozef enrijeceu. — Se Krystof achasse que alguém estava caçando ilegalmente, alguém que pudesse fazer o que você diz, eu teria sabido. Você sabe como ele é. Se houvesse qualquer perigo real, ele estaria empurrando todo mundo que conseguisse encontrar entre si e a ameaça. — Ele pausou, fazendo a conexão. — Você acha que pode ser por isso? O motivo dele ter toda esta carne nova por aí? Mas por que não *me* dizer?

Agora *esta* era uma boa pergunta. Krystof entendia as limitações de Jozef tão bem quanto Raj fazia, razão pela qual mantinha Jozef perto e Raj longe. Mas se o vampiro realmente estava caindo em senilidade, ele podia não estar pensando tão logicamente quanto fez uma vez. Raj passou os dedos pelo cabelo em frustração. Porra, aquele homem velho.

— Ok, olha, vou falar para algumas pessoas sobre essas mulheres desaparecidas. Testemunhas, membros da família, o usual. *Vou* descobrir quem está fazendo isso, e se for um de nós, vou fazê-lo ir embora. — Ele fez uma pausa, pensativo, lembrando aquele perfume muito doce. — Ou ela.

Jozef ergueu a cabeça. — Ela? Você acha que é uma mulher?

— Não, não acho. Mas não posso descartar a possibilidade. — ele acrescentou, pensando em Emelie — não como uma suspeita, mas como um exemplo. Como seres humanos, os vampiros do sexo feminino eram geralmente mais fracos do que os homens, mas se o vampiro tinha poder suficiente, a força física tornava-se menos importante, especialmente se a vítima era uma menina como Patricia Cowens.

Jozef franziu a testa, como se tentando envolver sua mente em torno da idéia. — Os policiais vão realmente deixá-lo por dentro da sua investigação?

— Não, não vão. Eles praticamente só queriam ir com a maré para que pudessem dizer que tinham tentado. Mas não preciso de autorização para fazer perguntas. — Ele ia dizer algo sobre Sarah, mas mudou de ideia. Ele não podia confiar nela agora — ela estava definitivamente escondendo alguma coisa dele — mas ele ainda queria mantê-la o mais longe possível de Krystof e seus palhaços.

Franzindo a testa, ele jogou as chaves para cima e pegou-as. — Tenho que ir. Fique em contato, Jozef.

Ele virou sem esperar pela resposta de Jozef, andou ao redor do carro e abriu a porta do motorista. Quando estava se afastando da calçada, o outro vampiro já tinha ido e Raj estava se perguntando porque a própria idéia de outro vampiro chegando em qualquer lugar perto Sarah fez seus arrepios aumentarem.

Capítulo 17

Sarah lutou para manter os olhos abertos no dia seguinte, ouvindo com apenas metade da atenção a reunião do corpo docente que se arrastava. Ela tinha dormido pouco na noite passada, em parte porque estava com medo que os sonhos voltassem. A outra parte era porque não parava de se virar na cama como uma adolescente boba, pensando nos lentos e suaves beijos de Raj. Ela disse a si mesma que isso só acontecia porque não tinha um relacionamento sério com um homem há muito tempo. Desde a faculdade, e até então não tinha sido realmente grave. Ela aprendeu desde cedo a evitar amizades próximas, porque sempre tinha as perguntas a respeito do passado, sobre onde tinha crescido, onde sua família morava. O tipo de perguntas para o qual Sarah não tinha boas respostas. Cyn tinha sido uma exceção à regra, porque simplesmente, Cyn não forçava. E agora, é claro, lá estava o seu novo amigo, o extremamente sexy Raj.

Ela se lembrou de um professor que teve na pós-graduação. Ele tinha nascido na Polônia antes da guerra, havia sobrevivido à destruição de sua pequena aldeia judaica, à destruição de tudo e de todos que conhecia, não só de toda a sua família — apesar de ter sido horrível o suficiente — mas de todo um modo de vida. Ela tinha sido sua assistente por um ano e tinha passado muito tempo com ele, tomando chá e ouvindo as histórias de um mundo que se foi para sempre. Ele lhe contou todos os tipos de coisas, mas o que ela recordava agora era um pouco da sabedoria do velho país. Nunca

tinha dominado as palavras polacas; era uma linguagem difícil e uma que você podia estudar por anos e ainda não conseguir os sons corretos. Mas havia uma frase que em uma tradução aproximada seria algo como "Para cada monstro, há um monstro para amá-lo."

Talvez fosse isso que ela viu em Raj. Ambos eram monstros à sua maneira, aberrações em um mundo de pessoas que passaram sobre suas vidas, nunca tendo que se preocupar com sonhos de mulheres torturadas ou... bem, quaisquer que fossem as preocupações de um vampiro. Sangue, ela supunha, e onde consegui-lo.

Ela tomou conhecimento do movimento ao seu redor e percebeu que a reunião estava finalmente terminada. Do outro lado da mesa, o Presidente do Departamento estava lhe dando um olhar estranho, e ela tentou parecer pensativa e acadêmica, ao invés de aborrecida enquanto recolhia seus papéis e empurrava-os em sua enorme bolsa. Ela deve ter conseguido porque ele deu-lhe um pequeno gesto de aprovação antes de se juntar a um grupo mais sênior, ou seja, homens, membros do departamento que iriam agora em bando até ao bar mais próximo e beberiam até um estado de estupor. Uma coisa que tinha percebido imediatamente sobre acadêmicos. Eles bebiam muito. Pelo menos os mais velhos faziam. E quem sabia? Mais alguns anos destes encontros e ela poderia estar bebendo muito também.

Ela começou a ir para o elevador com todo mundo, mas um olhar para seu relógio a mandou correndo para as escadas em vez. Ela queria tomar banho e se aprontar antes de hoje à noite. Ela podia *ser* um monstro, mas isso não significava que tinha de parecer ou cheirar como um.

Raj acordou com um humor muito melhor em sua segunda noite na cidade. Ele teve tempo de sobra esta manhã para voltar ao seu covil, despir as suas roupas e ainda desfrutar de um agradável e frio shot de vodka antes de se estabelecer para dormir o dia inteiro, seguro na sua abóbada pessoal abaixo das ruas do centro de Buffalo. E não machucava saber que estaria

fazendo uma visita pessoal a Sarah muito em breve. O sabor da sua pele tinha sido doce. O seu sangue seria ainda mais doce. Ele franziu o cenho. Havia, no entanto, muito mais sobre Sarah Stratton que um sabor doce. Ela estava escondendo alguma coisa e ele pretendia descobrir o que era antes da noite acabar.

Ele olhou para o relógio. Passava apenas alguns minutos das oito. Havia uma parada que precisava fazer primeiro — alguns preparativos para Em e as tropas. E então a doce Sarah teria sua total atenção e ele teria as suas respostas.

Seu telefone tocou quando ele parou à frente de um grande edifício industrial não muito longe do aeroporto internacional de Buffalo. — Onde você está, Em? — Ele respondeu.

— Meu senhor. — Em disse, falando alto para ser ouvida sobre o considerável ruído de fundo do pequeno aeroporto. — Estamos carregando suprimentos. Chegaremos antes da meia-noite.

— Estou no esconderijo. — disse ele, olhando para fora do para-brisas ao prédio às escuras. — Vou acender as luzes e aquecê-lo, mas não estarei aqui quando você chegar. Vou me encontrar com alguém em poucos minutos.

— Jantar, chefe?

— Você poderia dizer isso. Falando nisso, você tem todos alimentados esta noite, certo?

— Você precisa perguntar?

— Certo. Mande todos ficarem juntos quando entrarem na cidade. Vou passar mais tarde e te atualizar, mas algo está malditamente fodido nessa cidade e não quero o meu povo andando por aí às cegas.

— Não acontecerá, chefe.

— Até mais tarde.

Raj colocou o telefone no bolso da jaqueta e saiu do carro. O antigo armazém avultava dois andares sobre ele, iluminado apenas pelas grandes luzes de segurança ao longo de toda a sua extensão substancial, e acima da porta. Suas paredes de tijolos eram velhas e enegrecidas pelos anos de poluição do aeroporto e tempo difícil, parecia um armazém abandonado. Um observador astuto teria notado, entretanto, que as luminárias eram novas e estavam fechadas em gaiolas resistentes para deter o vandalismo. Que embora as janelas estivessem sujas e salpicadas de excrementos de pássaros, nem sequer uma delas estava rachada ou quebrada, os painéis eram preenchidos com vidro de segurança e estavam firmemente selados. E a única entrada de pedestres era uma porta de aço sólido com um bloqueio pesado.

Raj sempre soube que um dia estaria fazendo um movimento contra Krystof. Ele tinha comprado esta propriedade anos atrás, conseguindo-a por uma pechincha quando seu antigo proprietário precisava de uma venda discreta e Raj tinha tido o dinheiro à mão. É claro, o título tinha mudado várias vezes desde então — no papel, de qualquer maneira. Quando ele olhou para o edifício, bateu-lhe pela primeira vez que antes que o mês acabasse ele seria o Lorde Vampiro do Nordeste. Nunca lhe ocorreu que pudesse fracassar. Ele derrotaria Krystof e tomaria seu lugar como um dos poucos rarefeitos que controlavam toda a sociedade Vampira. Não era algo que particularmente cobiçasse. Se Krystof tivesse sido um tipo diferente de mestre, Raj teria ficado satisfeito por ficar em Manhattan com seus clubes e seus filhos, isolado da política dos vampiros.

Mas Krystof sempre tinha sido um tirano mesquinho, sempre o jovem filho mimado de um casal real para o qual nascera como um ser humano. A recente deterioração de sua mente apenas agravou fraquezas inatas. E como para Raj, ele tivera o suficiente de um mestre; não tinha a intenção de servir outro.

Ele destrancou a porta de metal resistente. Uma luz suave de segurança acendeu para revelar um pequeno vestíbulo, com uma segunda porta a alguns metros além. A porta interior abriu facilmente, uma vez que a porta exterior estava totalmente fechada, e Raj entrou no edifício principal, imediatamente virando os interruptores para acender as luzes do teto.

Enquanto o exterior do edifício apenas insinuava que este era mais do que parecia, o interior não deixava dúvidas. A única janela era elevada acima do piso e selada com espessas venezianas de aço. Longos bancos de luzes industriais iluminavam todos os cantos do vasto espaço vazio. E quando o pessoal de Raj chegasse mais tarde, eles dirigiriam seus veículos direto para o armazém através das portas roll-up da baía, que estavam atualmente garantidas por hastes grossas perfuradas no chão de concreto.

Havia um mezanino[7] sobre a baía, com vários quartos para seus guardas humanos — alguns homens e mulheres de confiança que Em traria de Manhattan, juntamente com o contingente de vampiros. Tal como acontece com o pequeno armazém privado de Raj na baixa, o principal alojamento para os vampiros estava abaixo do solo, seguro atrás de uma porta como as dos cofres dos bancos.

Seus pesados passos ecoaram alto quando ele atravessou o piso do armazém. Abaixo de dois pequenos lances de escadas, ele digitou uma combinação digital e abriu a porta do cofre. As acomodações no interior eram espartanas, mas então, não tinha sido previsto isso ser uma sede permanente. Aquela era uma área de teste, nada mais. Ele acendeu as luzes de lá também, verificou a temperatura no termostato e subiu novamente, deixando a porta aberta atrás de si. No andar de cima, havia um microondas para servir a dupla função de aquecer a comida para os seres humanos e o sangue para os vampiros. Um refrigerador estava ao lado do balcão, servia também como um bar, e contra a parede mais distante, perto da escada, um grande sistema de armazenamento de sangue cantarolava feliz. Estava vazio agora, mas não por muito tempo. Ele verificou se estava funcionando e olhou novamente para o relógio. Hora de ir.

Deixando as luzes principais ligadas, ele fechou e trancou o cofre e saiu do prédio, trancando-o atrás dele. Em conhecia aquele lugar; ela foi a única que o ajudou a configurá-lo. Ela certamente não precisava dele para lhe dizer como conseguir instalar o seu povo. E, além disso, Sarah estava esperando.

[7] Andar intermédio construído geralmente entre o solo e o teto.

Capítulo 18

Sarah ligou o seu braço com o de Linda quando elas saíram do restaurante. Uma rajada de ar frio noturno após o calor que estava no restaurante, neste caso, era uma coisa boa. Ela provavelmente tinha bebido muito vinho, mas tinha sido tão bom e por apenas um curto momento, tinha sido capaz de esquecer tudo o resto e apenas curtir a festa. Infelizmente, jamais esqueceria por muito tempo ou tão bem quanto gostaria. Razão pela qual Linda logo voltaria para dentro com Sam e seus amigos, ficando ainda na festa, enquanto Sarah ia para casa sóbria como a boa moça que nunca havia planejado tornar-se.

— Tem certeza que não vai ficar, querida? — O fôlego de Linda estava perfumado com o adorável *Château Margaux*[8] que elas tinham bebido a noite toda.

— Sim, tenho certeza. Tenho que dormir um pouco ou amanhã serei inútil, e preciso voltar para a minha pesquisa. — Ela não tinha contado a Linda que Raj viria mais tarde e não pretendia fazê-lo. Sua amiga provavelmente começaria a planejar o casamento se descobrisse que Sarah tinha um encontro real.

[8] É considerado um dos melhores vinhos do mundo, e consequentemente, é também um dos mais caros. Este exclusivo vinho é fabricado na região de Bordeaux, na França.

— Eu faço pesquisas, também. — disse Linda alegremente. — Apenas não muito frequentemente. — Ela riu, como se aquilo fosse a coisa mais engraçada que já tinha ouvido. No restaurante, ela insistiu em levar Sarah em segurança até seu carro, mas agora Sarah estava pensando que deveria levar *Linda* em segurança de volta para dentro.

— Talvez você devesse voltar para dentro. — disse ela agora, tentando fazer com que Linda retornasse ao restaurante. — Posso encontrar o meu...

— Boa noite, Sarah.

Ela saltou ao som da voz de Raj, voltando-se para encontrá-lo encostado casualmente contra o seu carro, parecendo um cruzamento entre o bad boy sobre o qual todas as mães alertam as filhas e um modelo de loção pós barba da Calvin Klein. Seus ombros largos estavam envoltos em couro, seus quadris estreitos e pernas longas cobertas com um confortável jeans que fez seu estômago — e as partes baixas de sua anatomia — vibrar. Ele lhe deu um sorriso malicioso, como se soubesse exatamente o que ela estava sentindo.

— Raj. — ela disse.

— Raj? — Linda parou em seu caminho, de repente completamente sóbria quando ela captou este novo assunto. — E quem poderia ser este, Sarah, minha querida? — perguntou ela sedosamente, olhando o vampiro da cabeça aos pés com curiosidade descarada. — Essa pesquisa para a qual você tinha que voltar, talvez?

— Bem. — Sarah sentiu-se enrubescer e se apressou para dizer. — Linda, este é Raymond Gregor. Raj, minha amiga Linda Hoffman.

Raj deu a Linda um olhar frio e estendeu a mão para Sarah. Ela pegou-a sem pensar e se viu sendo afastada do abraço de Linda para se colocar na curva do braço dele. Ele a segurou lá antes de dizer: — Um prazer, Linda. Vou fazer com que Sarah chegue em casa com segurança.

— Você vai? — Linda disse maliciosamente, com um olhar

especulativo para Sarah. — Bem, bem.

— Linda, Raj e eu...

— Somos velhos amigos. — Raj interrompeu. — Estava na cidade e resolvi dar uma olhada em Sarah. Já faz um tempo, não é mesmo querida? — Ele beijou sua testa, seu hálito quente sobre sua pele, e ela estremeceu com algo além do frio.

— Hmmm. — Linda obviamente não estava comprando, mas ela estava claramente disposta a esperar por *toda* a história. — Vou deixar vocês dois *recuperarem o atraso*, então. — Ela riu um pouco e disse: — Falaremos, Sarah querida — antes de caminhar de volta através do parque de estacionamento com um pequeno aceno por cima do ombro.

Sarah virou-se para exigir uma explicação de Raj, mas viu-se varrida literalmente fora de seus pés quando ele a ergueu diretamente em um beijo escaldante que fez sua raiva desaparecer, juntamente com cerca de metade das suas células cerebrais. Ele esmagou-a contra si, beijando-a tão avidamente, como se realmente tivessem ficado separados por muito tempo, embora tivesse sido apenas algumas horas. Ela sentiu a própria resposta crescer para atender a dele com uma intensidade que não conseguia se lembrar de ter experimentado antes. Ela não queria pensar em nada exceto o gosto de sua boca, a varredura de sua língua contra a dela, a sensação de seu corpo grande envolvendo-a, abrigando-a da noite hostil. Ela gemeu baixinho e colocou os seus braços em volta do pescoço dele, sussurrando o seu nome contra seus lábios.

— Acho... — Raj começou, mas o que ele achava foi adiado pela sua renovada demanda por sua boca. — Sarah. — tentou novamente, conseguindo fazer com que seus lábios fossem perto o suficiente de seu ouvido para que ela ouvisse o que ele estava dizendo. — A sua amiga ainda está olhando.

Ela enrijeceu com a lembrança de que eles estavam no lado de fora do restaurante mais popular de Buffalo. Ela escondeu o rosto em seu ombro e ele riu baixinho. — Vou te levar para casa.

— Não. — protestou ela. — Posso...

Ele reforçou seu aperto. — Bem, eu não posso. — ele rosnou. — Não quero você fora da minha vista.

Desejo fresco rolou através de seu corpo em uma onda de calor. — Ok. — ela sussurrou.

O carro de Raj estava estacionado bem ao lado do dela. Ele desligou o alarme e levou-a para o banco do passageiro, fechando a porta com uma pancada sólida. Sarah pulou um pouco com o som, um choque de adrenalina clareou sua cabeça tempo suficiente para saber que estava no carro de Raj, se preparando para voltar para casa e...

Raj inclinou-se do banco do motorista para dar-lhe um beijo rápido e duro. — Não pense tanto, querida. Não sou perigoso. — Ele girou o volante em um círculo apertado, levando-os a passar pelo manobrista assustado e para fora do estacionamento. — Não para você de qualquer maneira. — ele murmurou.

Sarah deu-lhe um olhar preocupado, mas rapidamente percebeu que *gostou* da ideia de que ele poderia ser perigoso. Ela gostava que esse grande vampiro letal a cobiçasse, que a quisesse de tal maneira que estava preparado para tomá-la ali mesmo no estacionamento. E ele *estava* pronto. Ela podia não ser experiente, mas sabia quando um homem a queria. Claro, ela não tinha sido exatamente contra também. Ela sorriu, sentindo-se um pouco satisfeita consigo mesma.

Raj aproveitou esse momento para pegar a sua mão, elevando-a à boca para um beijo suave antes de colocá-la em sua coxa musculosa. — O seu lugar ou o meu, querida?

Sarah deu-lhe um olhar surpreso. — Você tem um lugar?

Ele riu. — Claro que tenho um lugar. Onde você acha que eu durmo? No cemitério local?

Sarah corou. — Não. — protestou ela. — Claro que não. Apenas

pensei... Não sei. Talvez um hotel?

Ele bufou. — Você já *viu* os hotéis locais? Sou de Manhattan, querida. Estou acostumado a um padrão mais elevado. Então, o que vai ser? Tenho uma curva chegando.

— Meu lugar, acho. — Sarah disse, começando a se preocupar novamente sobre o que tinha se metido. — Eu moro...

— Sei onde você mora. Era para eu encontrá-la lá.

— Então porque... — Ela franziu a testa com um pensamento súbito. — Como você sabia em que restaurante eu estava?

Ele deu de ombros facilmente. — Você disse que era uma celebração. Não há muitos lugares dignos de comemoração por aqui. Tive sorte e vi o seu carro.

Sarah não tinha certeza se acreditava nele, mas não conseguiu descobrir de que outra maneira ele teria sabido onde encontrá-la. — Olha, Raj... — Ele beijou-lhe a mão novamente, um dedo de cada vez, com uma prolongada carícia dos seus lábios e apenas um toque de língua.

— Você está pensando de novo. — disse ele. — E, além disso... — Ele freou e parou na frente de sua casa. — Nós chegamos, e ganhei pelo menos um beijo de boa noite por trazê-la para casa em segurança.

Sarah abriu a boca para responder, mas ele já tinha saído do carro e estava abrindo a sua porta, estendendo a mão para ajudá-la. Ela poderia rejeitar, mas pegou a mão dele de qualquer maneira, deixando-o puxá-la em seus braços, sabendo que ela sentiria o mesmo puxão de desejo no minuto...*Oh, Deus, sim*.

Raj ajudou Sarah a subir as escadas da frente de um duplex com um

par de portas velhas e um pouco deformadas. O apartamento da esquerda estava escuro, mas a contração de uma cortina lhe disse que alguém estava olhando. Debaixo da luz do alpendre, Sarah inseriu sua chave e destrancou o miserável pedaço de merda disfarçado como uma trava. A porta se abriu e Raj respirou o cheiro de sua casa, sentindo uma satisfação profunda fluindo, junto com a fragrância exclusiva que era de Sarah. Ela olhou-o, seu longo cabelo era um derramamento de ouro sobre os ombros macios, e seu cérebro foi subitamente preenchido com uma única palavra. *Minha.* O pensamento o acertou antes que pudesse detê-lo, e ele franziu a testa, mesmo quando seu corpo chutou rígido em uma resposta instintiva. Suas presas estavam empurrando ansiosamente através de suas gengivas, famintas por uma prova de seu sangue, e seu pau estava endurecendo com um tipo totalmente diferente de fome. Ele nunca tinha sentido esta atração instantânea por uma mulher. Ele não tinha certeza se gostava, mas ele definitivamente a queria.

— Você vai me convidar para entrar? — Perguntou ele preguiçosamente.

Ela olhou-o com olhos grandes e incertos. — Você acha que deveria?

Ele lhe deu um sorriso de tubarão, puxando-a perto o suficiente para que ela pudesse sentir a reação do seu corpo. — A menos que você prefira fazer isso na varanda para que o seu vizinho possa apreciá-lo também.

Sarah corou furiosamente e entrou na casa. — Vamos para dentro.

Raj deu uma pausa pelo tempo suficiente de piscar a quem estava assistindo ao lado, e depois seguiu Sarah, imediatamente fechando a porta atrás dele. Ela jogou o casaco sobre o corrimão de escadas, tirou seus saltos e começou a ir em direção à parte traseira do duplex. Sem seu casaco, ele podia ver que ela estava usando uma saia e um suéter. Não era o vestido de seda pura de Verão que ele desejou na outra noite, mas estava realmente muito bonita, a saia apertava e grudava em seus quadris, acentuando uma bunda agradavelmente arredondada. Ele observou aquela bunda enquanto a seguia até à cozinha. Ela estava murmurando alguns disparates sobre uma xícara de chá, levantando a chaleira e sacudindo-a antes de colocá-la de volta no queimador e torcer o botão para acender a chama. Quando ela virou-se

para encontrá-lo em pé logo atrás dela, deu um grito de susto.

— Você tem medo de mim, Sarah? — Perguntou ele em voz baixa, empurrando o cabelo dela atrás da orelha com um dedo delicado.

— Estou aterrorizada. — disse ela com um riso nervoso. — Mas não da maneira que você pensa.

Os lábios de Raj contorceram-se num sorriso quando ele deixou seu dedo viajar para baixo em seu pescoço e sobre o arco frágil de sua clavícula, parando para descansar um pouco acima da curva completa dos seus seios, onde ele podia sentir a batida suave do seu coração. — Acho que você parece boa o suficiente para comer.

— Oh. — ela ofegou. Seus olhos, quando se encontraram com os dele, ainda estavam arregalados, mas não mais incertos.

Ele fechou a distância entre eles, puxando-a contra seu corpo com um braço possessivo ao redor de sua cintura, a mão em seu quadril quando se inclinou para respirar profundamente o seu quente cheiro. Seu coração estava acelerado, a respiração rápida e superficial. Seus seios eram macios contra o peito dele, seus mamilos duros. Ele deslizou a mão sob seu suéter para tocar a seda macia e quente que era a sua pele e ela derreteu em seus braços, chegando a envolver os braços em volta do seu pescoço, os dedos finos tocando as pontas de seus cabelos quando ela levantou o rosto para um beijo. Querendo muito mais do que beijos brincalhões, Raj rosnou e enfiou os dedos em seus cabelos sedosos, levando a boca para o pescoço nu. Ele podia sentir o cheiro do sangue fluindo quente e doce, poderia sentir a adrenalina de sua jugular contra seus lábios quando se inclinou para provar. Suas presas emergiram lentamente para passear no veludo de sua pele, tão duras e prontas quanto o seu pau contra o estômago dela. Ela gemia baixinho, e ele sentiu como uma leve vibração contra o seu coração. Sua mulher. O sangue era seu para beber, o corpo era seu para tomar.

Raj congelou. Ele levantou a cabeça e suas mãos congelaram. Ele piscou contra a necessidade quase irresistível de afundar seus dentes nela, de levantá-la para cima do balcão e tomá-la ali mesmo na cozinha. Sarah choramingou o seu nome baixinho, com avidez.

Mas que diabos? Ele colocou as mãos em seus ombros e endireitou os braços, forçando-a para longe de si, colocando bastante espaço entre eles para que conseguisse respirar sem inalar o aroma inebriante de sua excitação. — Sarah. — disse ele, sacudindo-a ligeiramente. — Sarah!

Ela protestou baixinho, olhando-o em confusão com olhos que estavam borrados de desejo. — Raj? — Disse ela com uma pequena e machucada voz.

— Porra! — Ele puxou-a contra seu peito mais uma vez, envolvendo os braços em torno dela firmemente e prendendo seus braços entre eles. Ela lutou para tocá-lo, acariciá-lo um pouco com as mãos. Sua própria excitação o atormentava, gritando-lhe para ir em frente e tomá-la. Ele enterrou o rosto nos cabelos dela e gemeu. Seria tão fácil levantá-la, deslizar a apertada saia até a cintura, abrir-lhe as pernas e enfiar seu pau dolorido nela até que ambos chegassem a gritar. Ela queria. E Deus sabia que ele também; seu corpo inteiro estava pulsando, dolorido com a necessidade de tê-la. Mas a própria força de seu desejo o fez parar, porque Raj não fazia esse tipo de coisa, não perdia o controle com qualquer mulher, muito menos uma que ele mal conhecia. Ele estava no controle, sempre no controle.

— Sarah. — ele ordenou. Ele pegou o queixo delicado com uma mão e forçou-a a olhar para ele.

— Raj. — respondeu ela com impaciência.

Ele suspirou, lamentando o que estava prestes fazer, desejando que ele fosse um pouco mais parecido com um bastardo egoísta. Mas ele não era. Com um pequeno empurrão de sua mente, ele a mandou dormir, apagando suas memórias da noite desde seu regresso à casa. Ela entrou em colapso, mas ele a pegou com facilidade, levantando-a em seus braços, segurando-a contra seu peito, a cabeça encostada em seu ombro.

Ele levou-a para cima, torcendo-se para o lado na escada ridiculamente estreita, conhecendo o vizinho intrometido, ele provavelmente devia estar ouvindo cada passo. Havia dois cômodos lá em cima, um obviamente era um escritório de algum tipo. Ele ignorou-o e abriu

a porta do seu quarto com um chute suave. Uma cama queen-size preenchia a maior parte do espaço, uma única mesa de cabeceira no canto. Uma lâmpada estilo Tiffany estava em uma cômoda perto da porta, oferecendo o mínimo de luz, mas mais que suficiente para a sua visão de vampiro.

Ele colocou Sarah na cama, empurrando uma enorme pilha de rendadas almofadas no chão. Ele deixou sua roupa, embora com ligeira apreensão. Não que não quisesse ver seu pequeno corpo nu — definitivamente queria *isso* — mas não queria que ela acordasse se perguntando o que ele estava fazendo com ela enquanto estava inconsciente. Especialmente desde que negou a si mesmo o prazer de fazer exatamente aquelas coisas que ela teria se perguntado. Era uma coisa pagar o preço por seus pecados, mas outra inteiramente diferente era pagar o preço sem o prazer de pecar em primeiro lugar.

Ele colocou Sarah sob o edredom, deslizando-a entre os lençóis frescos e cheirosos. Ela murmurou baixinho, virou para o lado e colocou confortavelmente o travesseiro abaixo de sua bochecha. Raj ficou olhando-a respirar, dentro e fora, cedendo a si mesmo um toque prolongado em sua pálida bochecha. Ele não entendia o que estava acontecendo. Ele tinha belas mulheres fazendo fila para sua cama todas as noites da semana. Então, o que havia com a doce Sarah que o fazia pensar em desordem contra qualquer homem que ousasse tocá-la? Porque agia como uma criança ofegante após o primeiro sangue fresco que provou? Raj não gostava de coisas que não entendia, especialmente não quando essas coisas tinham o poder de torná-lo vulnerável.

Ele se levantou e cruzou o corredor para seu escritório, que era ainda menor do que seu quarto. Havia a parafernália de computador normal, mas principalmente, a sala estava cheia de livros. Livros nas prateleiras, livros em caixas, livros empilhados no chão. Curioso, Raj olhou para os títulos. Um monte de volumes acadêmicos com esses complicados títulos que os palermas estavam tão afeiçoados. Ele mudou-se para a estante ao lado e fez uma careta. Ficção, romance, um lote de vampiros. Ela lia esses livros às dúzias.

Ele pegou um de seus cartões de visita em seu estojo de ouro e colocou-o sob o seu telefone onde ela veria, em seguida, desligou a lâmpada

de mesa. No outro cômodo, Sarah estava dormindo pacificamente, seus cabelos de ouro despenteados, seus longos cílios escuros contra um rosto pálido. Amaldiçoando-se por todo o tipo de coisa, Raj virou e desceu a escada rapidamente, caminhando de volta para a cozinha, onde a chaleira do maldito chá estava gritando histericamente. Ele desligou-a e correu para a porta da frente, seu humor escurecendo a cada passo.

— Foda-se! — Ele xingou e apenas conseguiu impedir-se de colocar um punho através da parede. Ele tinha toda a maldita noite pela frente, duro como uma rocha e sem a mulher que ele ansiava foder. Alguém ia pagar o preço por seu mau humor. Talvez fosse hora de questionar alguns dos vampiros locais. Ele queria ver um pouco de sangue fluindo e era certo como o inferno que não ia ser o seu.

Capítulo 19

A casa de sangue de onde Regina Aiello havia desaparecido era em uma pequena vila de Corfu, bem além da principal cidade, em alguns acres cercados pelo coloridamente chamado Murder Creek[9]. Raj sempre se perguntou se o riacho havia sido a motivação de Krystof para comprar a propriedade — uma casa no Riacho Assassino para os vampiros brincarem era uma tentação muito grande para deixar passar.

Exteriormente, o lugar parecia o mesmo de quando Krystof o comprou um pouco depois da Segunda Guerra Mundial — uma bem mantida casa de madeira de dois andares com um alpendre coberto. O jardim da frente estava coberto por um gramado bem cuidado, mas a área restante havia sido permitida a crescer selvagem, com uma grama alta que se estendia para cada lado, proporcionando uma reserva de privacidade para o que realmente estava acontecendo dentro daquela simples casa branca de fazenda.

Raj puxou o BMW para o lado da estrada. Não havia asfalto tão longe da cidade. A casa estava cheia até a borda e mais, com pessoas saindo para a varanda e até mesmo para o quintal, onde mesas e cadeiras haviam sido colocadas para acomodar o excesso. Até onde ele podia ver não havia

[9] Riacho Assassino, em português.

controle sobre quem entrava e saía, e certo como o inferno ninguém estava verificando as identidades. Que porra é essa?

Ele atravessou a grama irregular, seus passos pesados no solo macio. Casais estavam praticamente fazendo sexo no jardim da frente, os vampiros estavam afundando as presas em plena vista da estrada aberta, não mais do que a vinte e cinco metros de distância. Ele pegou um punhado de cabelos longos e puxou um dos ofensivos vampiros de seu doador da noite. O vampiro virou com um rugido furioso, presas totalmente distendidas e pingando sangue, as mãos enroladas em garras.

Raj lhe deu um olhar entediado. — Quem está no comando aqui? — Ele perguntou.

— Quem diabos é você? — O vampiro grunhiu.

Raj não disse uma palavra. Usando uma pequena porção de poder, ele deixou o vampiro de joelhos e então o dobrou para trás até que o som das vértebras estalando estava tão alto que podia ser ouvido por cima da batida da música que vinha da casa. O vampiro podia apenas grunhir de dor, mas seus olhos estavam arregalados de medo, brilhando amarelo dourado enquanto imploravam silenciosamente por compaixão.

— Acredito que te fiz uma pergunta. — Raj disse calmamente. Ele libertou o vampiro sem aviso prévio, fazendo com que ele viesse para frente com tanta força que foi de cara para a grama, antes de lentamente, dolorosamente, se erguer apenas o suficiente para responder a pergunta de Raj.

— Mick está no comando, meu senhor. — o vampiro falou roucamente. — Ele está no primeiro quarto à sua direita.

— Obrigado. — Raj disse alegremente e foi embora. Atrás de si, ele podia ouvir a companheira do vampiro fazer barulhos de preocupação até que foi afastada por um rugido raivoso de profanação. Raj sorriu. A noite dele já estava melhorado.

Ele cruzou a varanda da frente sem incidentes. Cada vampiro do lado de fora da casa presenciou a sua demonstração de poder e se afastou rapidamente, puxando seus humanos com eles. Como ele suspeitava, não havia nenhum segurança na porta — o que significava que não havia nem ao menos um arquivo de consentimento, e muito menos isenções assinadas. Esta casa era um desastre esperando para acontecer — e o nome do desastre dessa noite era Raj.

Uma vez lá dentro, ele encontrou Mick facilmente. O tolo estava deitado no meio de uma grande cama de quatro colunas, cercado por mulheres. Ele era um cara grande, alto e encorpado, com a cabeça cheia de cabelos ruivos bagunçados e um peito largo, que estava tão nu quanto as mulheres que o cobriam. Ele tinha poder, também. O bastante para controlar esta casa e seus vampiros. Mas não o bastante para encarar um verdadeiro mestre.

Felizmente para Raj, ele era muito arrogante para perceber isso.

Raj passeou pelo quarto casualmente, parecendo um comprador de imóvel em potencial verificando as mobílias. O olhar de Mick o seguiu com preocupação, mas ele não se moveu da cama.

— Há vampiros afundando as presas no jardim da frente. — Raj comentou, passando a mão ao longo da moldura de prata de um espelho antigo de boa qualidade.

— Chocante. — Mick disse secamente. As mulheres dele riram baixinho.

Raj olhou-o. — E aparentemente não há ninguém verificando as identidades de seus adoráveis convidados. — ele continuou, dando um pequeno aceno para as mulheres seminuas que se envaideceram sob seu olhar.

Mick grunhiu um comando, atraindo a atenção de suas adoráveis fãs de volta para si. — E o que você tem a ver com isso? — Ele exigiu. — E já que estamos no tópico, quem diabos *é* você?

— Eu não me apresentei? Que rude. Raymond Gregor. — ele disse, continuando a sua observação do mobiliário que era em sua maioria de mau gosto. Ele pausou e mudou o seu olhar para o grande vampiro. — Raj para os meus amigos, mas eu sinto dizer que isso não te inclui, Mick.

O vampiro ruivo bufou em desdém e começou a empurrar para longe as suas companheiras infelizes para se levantar da cama. Raj estava grato em ver que o vampiro *estava* usando calças que ele fechou com um rápido movimento antes de se virar para encará-lo.

— Então você é o Raj. Ouvi falar de você.

— Ouviu? Eu, por outro lado, nunca ouvi falar de *você*.

Mick apertou os olhos com raiva e se ergueu à sua altura máxima, empinando o seu peito em desafio, da mesma forma que o humano Scavetti havia feito na noite anterior.

— Mick. — Raj disse gentilmente. — Talvez você queira tirar as humanas do quarto primeiro.

O outro vampiro pareceu perplexo por um momento e então riu. — Frankie. — ele disse para um vampiro baixo e de aparência assustada parado perto da porta. — A casa está fechada, tire todo mundo. Cinco minutos atrás. — ele adicionou com um estalo, quando Frankie apenas ficou lá de pé encarando-o.

Raj esperou pacientemente enquanto a casa era fechada e esvaziada de testemunhas humanas. Houve muitas reclamações da parte dos humanos, mas nenhuma dos vampiros. Eles se moviam pela casa em um silêncio tenso, apressando os seus visitantes pela porta de saída, apressando-os para seus carros e os enfiando dentro deles. Raj só esperava que não houvesse uma erupção de acidentes no caminho para casa. Isso não seria bom para os negócios.

— Então, *Raj*. — Mick disse finalmente. — Onde você quer fazer isso?

Raj sorriu e lentamente liberou uma boa medida de seu verdadeiro poder. Era uma arremetida deliciosa, tão saborosa quanto o sangue da mulher mais suculenta que ele já tinha tomado, tão doce quando o primeiro filete lento de sangue descendo por sua garganta depois de uma longa seca. Ele espetou Mick com um olhar zombeteiro. — Nós podemos fazer isso bem aqui. Não vai demorar muito. — ele disse com uma arrogância nascida de certo conhecimento.

Os olhos de Mick se arregalaram, e Raj viu o primeiro lampejo de medo quando ele reconheceu a verdadeira profundidade do poder de Raj. Mas ele não se acovardou. Ele tinha que saber que não podia ganhar esta batalha, mas mesmo assim ele se manteve firme, e Raj decidiu naquele momento que não mataria o bom e velho Mick. Ele precisaria de vampiros com este tipo de coragem quando assumisse o território de Krystof. E ele definitivamente assumiria o território.

Mick atacou primeiro, entendendo que essa era a sua única e pequena chance. Ele mirou uma lança de poder concentrado no peito de Raj e atacou fisicamente no mesmo momento, jogando-se pelo quarto. O seu físico considerável o atingiu como um motorista de uma empilhadora, e Raj grunhiu por causa do impacto, mas repeliu-o facilmente, usando apenas seu poder para lançar o outro vampiro em um elegante armário que se erguia até praticamente ao teto. Ou fazia antes que Mick o atingisse e o reduzisse a uma pilha de madeira despedaçada. *Uma pena, realmente*, Raj pensou despreocupadamente.

Mick ficou de pé com um rugido e teria atacado novamente, mas Raj — querendo, *precisando*, de uma violência mais física — cruzou o quarto em duas passadas firmes e pegou o grande vampiro com um soco, quebrando a sua mandíbula e fazendo-o girar longe para bater na cama, derrubando o dossel e enrolando-o em uma mortalha de veludo azul empoeirado. Mick balançou a cabeça — uma visão grotesca com a sua mandíbula pendurada — e ficou mais uma vez de pé, os punhos apertados em seus lados. Seus músculos estavam tensos e as veias pulsando enquanto ele concentrava-se na sua força restante, jogando tudo o que tinha numa última desesperada explosão de poder, sua boca aberta em um rugido furioso, como se o volume estridente de sua voz pudesse adicionar peso ao ataque.

Raj ergueu uma mão e desviou cada grama daquele poder e jogou mais em seu dono, levando Mick ao chão e pressionando-o lá até que as suas articulações gemeram e ele gritou em agonia sob o peso esmagador.

— Renda-se. — Raj exigiu suavemente. — Renda-se e me sirva por vontade própria, ou você morre aqui, agora.

Mick se torceu sob a maior força de Raj, seu rosto contorcido com raiva e dor enquanto lutava até o último vestígio de seu poder. Ele bateu no chão com um punho, atravessando as antigas tábuas de madeira e despedaçando os ossos de sua mão antes de finalmente forçar seu olhar para encontrar o implacável olhar azul de Raj. Ele murmurou uma palavra de sua boca arruinada. — Mestre. — ele disse.

Raj assentiu e o libertou, e então imediatamente tirou seu casaco e torceu a manga, cortando o próprio pulso com um golpe de suas presas. — Você vem até mim por espontânea vontade e desejo, Mick? — Perguntou ele formalmente.

Os olhos de Mick encontraram os dele brevemente com surpresa, mas em seguida ele assentiu, seu olhar faminto abaixando-se até à generosidade de sangue rico tão tentadoramente próximo. — Sim, meu senhor.

— E é isso que você realmente deseja?

— Meu senhor, esse é meu verdadeiro desejo.

Raj abaixou o seu braço ensanguentado até à boca arruinada do vampiro. — Então beba, Mick, e seja meu.

Mick fechou sua boca sobre o pulso de Raj, sugando o poderoso sangue para dentro de seu corpo com grandes goles. Raj podia sentir o puxão não somente em seu pulso, mas em sua própria alma enquanto mais um vampiro se tornava seu — seu para comandar, seu para viver ou morrer. Mais uma rocha adicionada ao fardo de responsabilidade que já estava muito pesado.

Quando ele sentiu o vínculo selar permanentemente, ele retirou o braço da boca de seu novo servo. Ele não se preocupou em limpá-lo. O ferimento se curaria sozinho nos próximos minutos, e não havia nada neste quarto que quisesse utilizar para limpá-lo. Ele baixou a manga, colocou seu casaco novamente e se levantou para observar os vampiros reunidos. Alguns encaravam de boca aberta em choque, outros pareciam quase aliviados. Era um testemunho da falha na autoridade de Krystof que nenhum deles protestou com a sua aquisição, ou nem mesmo tentou uma corrida até às saídas para passar um relatório.

— Esta casa será reaberta em duas noites sob nova direção. — Raj anunciou. Ele olhou de volta para o Mick que já estava começando a se curar com a onda de sangue de Raj que percorria suas veias. — Mick vai rever a sua boa administração. Não é, Mick?

— Sim, Mestre. — Mick disse fervorosamente. Quando ele olhou para cima desta vez, o seu olhar não possuía nada além de respeito. — Nós estivemos esperando por você por um longo tempo, meu senhor.

— Eu sei. — Raj disse sobriamente. — Mas estou aqui agora. — Ele se virou e deixou a casa pelo caminho por onde havia entrado, ignorando os vampiros que se ajoelhavam em obediência enquanto passava. Ao receber o juramento de Mick, roubando-o efetivamente de Krystof, ele havia declarado abertamente a sua intenção de derrubar o Lorde Vampiro. Era possível que a mente de Krystof estivesse tão fraca que ele nem notaria a sua perda, ou somente achasse que isso era apenas rivalidade entre os seus servos. Até por que, ele havia trazido Raj a Buffalo para limpar a sua bagunça. Mas quer Krystof apreciasse o verdadeiro significado ou não, Raj sabia o que havia feito. E sabia que só poderia levar ao confronto final com o seu Criador. Ele também sabia que deveria estar se vangloriando pelo triunfo de sua fácil primeira vitória, e uma parte dele reconhecia a importância desta noite. Mas tudo o que ele podia sentir era uma aguda consciência do terrível fardo que estava prestes a ser seu. O fardo que cada senhor vampiro carregava, o peso dos milhares de vampiros que iriam respirar novamente apenas por sua vontade. Ele subiu no conforto de sua BMW e voltou para a cidade, tentando lembrar-se de quando ele havia se sentido tão solitário.

Estava quase amanhecendo quando ele encostou na garagem de seu covil particular. Ele tinha planejado passar pelo armazém próximo ao aeroporto e ver como a Em e os outros estavam, mas ele se encontrou sentado nas docas do Lago Erie[10] ao invés. Ele assistiu enquanto os estivadores descarregavam um único e enorme navio cargueiro, os grandes guindastes erguendo os grandes contentores de metal tão diferentes das caixas e barris, e até mesmo o ocasional gado, que havia sido norma quando ele havia trabalhado nestas docas há muito tempo atrás. Até que um encontro por acaso trouxe Krystof para a sua vida. Ele frequentemente pensava sobre aquela noite — se ele tivesse ido diretamente para casa depois do trabalho, para aquele quartinho horrível que ele havia alugado por bem mais do que valia, ou se ele tivesse parado no bar a uma quadra depois ao invés do primeiro que ele tivesse entrado, sentindo-se animado com o dinheiro que tinha em seu bolso pelo dia do pagamento. Um capricho, nem mesmo uma decisão de verdade — uma coisa tão insignificante que havia mudado sua vida para sempre.

Buffalo, Nova Iorque, 1830

Raj fez seu caminho de volta à mesa, esquivando-se de punhos voadores e bêbados que tropeçavam, equilibrando três canecas de cerveja espumosa que espirravam liberalmente sobre seus dedos para juntar-se à camada de outros derramamentos que envernizavam o chão imundo. Era um lugar decadente, esta taverna, situada à beira do cais escuro e fedorento de grãos úmidos das docas a apenas metros de distância. Mas era um dos poucos bares que serviam a ele e a seus amigos, a maioria imigrantes, com sotaques tão espessos quanto um pedaço de pão feito por sua mãe, isso

[10] O lago Erie é um dos Grandes Lagos. Com uma área de 25745 km², o Lago Erie é o 13º maior lago do mundo, em extensão territorial (contando-se o Mar Cáspio e o Mar de Aral). Limita-se ao norte com a província canadensede Ontário, e ao sul com os Estadosamericanos de Nova Iorque, Ohio ePensilvânia. É o mais raso dos cinco Grandes Lagos, com uma profundidade média de apenas 19 metros, e o menos volumoso.

quando eles se lembravam das palavras em inglês, o que não acontecia frequentemente e não rápido o suficiente.

Ele desviou de um irlandês que estava seguindo para o bar e deslizou para a cadeira que Maciek havia guardado para ele, largando as canecas sobre a mesa com um baque e um respingo final de líquido dourado.

— Calma aí, Rajmund. — Maciek disse em polonês. — Não vai sobrar nada para beber.

— Raj. — Rajmund corrigiu. — Eu já te falei, Maciek. Os americanos não possuem a língua para os nomes poloneses. Me chame de Raj.

— Raj. — Zosia, disse, sua voz baixa, um ronronar sensual que o fazia pensar em cantos escuros e saias levantadas. De preferência as dela. — Não faz sentido, Rajmund.

Ele deu de ombros e se inclinou para roubar um beijo de seus deliciosos lábios. — Talvez não, minha doçura, mas os americanos gostam, não? E nós todos somos americanos agora.

— Talvez você seja, — ela disse, erguendo um ombro para mandá-lo embora. — Eu ainda sou polonesa. — Rajmund colocou um braço ao redor dela e sorriu, ignorando a careta de desaprovação de Maciek. O cérebro do seu amigo estava preso em sua casa na Polônia, onde uma garota correta passaria a noite com a sua mãe, sem beber em uma taverna imunda com tipos como Rajmund Gregorczyk. Mas eles não estavam mais nas docas de Gdansk[11]. Isso era Buffalo, Nova Iorque, América. E isso era o futuro deles.

Maciek bebeu um longo gole de sua cerveja e colocou-a de volta na mesa. Ele enxugou o rosto com as costas de uma mão suja, espalhando grande parte da espessa espuma em torno de sua barba e bigode desalinhado enquanto ele limpava. — Vou te dizer o que eu penso, — ele começou.

[11] Gdańsk é uma cidade da Polónia, na província de Pomerânia. Localiza-se na foz do Vístula.

Mas eles nunca tiveram a chance de ouvir o que Maciek pensava. A porta se abriu com um tremor, como se uma tempestade estivesse soprando do lago pronta para derrubar o prédio ao redor deles. A madeira grossa bateu contra a parede com o som de uma tonelada de tijolos atingindo a doca.

Silêncio. Cada cabeça no lugar se virou na direção do batente vazio da porta e encarou. Mais do que alguns fizeram o sinal de cruz e murmuraram uma oração à Virgem. Um homem deu um passo no silêncio. Um homem rico. Raj podia dizer pelas suas roupas, suas mãos brancas e unhas lustradas, o seu perfeitamente penteado cabelo. E o olhar de desdenho que ele passava sobre os bêbados reunidos.

Havia outros com ele. Estranho, Rajmund pensou, que ele não os havia notado antes, embora eles certamente entraram no bar primeiro. Havia quatro deles, dois na frente e dois flanqueando o homem rico em cada lado, seus físicos avantajados e punhos grossos os descreviam, da mesma forma que as roupas finas do homem o haviam descrito a ele. Ambos eram guarda-costas, músculos contratados para garantir que as mãos brancas do homem rico ficassem limpas.

O almofadinha inalou uma vez, imediatamente erguendo um delicado lenço branco ao seu nariz. — Bem. — ele disse com um forte sotaque americano. — Eles terão que servir.

O que aconteceu em seguida foi um borrão de sangue e violência, enquanto os quatro guarda-costas perfuravam a multidão, suas bocas amplamente abertas com presas impossíveis, seus dedos se curvando em garras como algum tipo de besta perversa. Os homens endurecidos da taverna, homens que jogavam caixas de duzentos quilos como brinquedos de criança, gritavam aterrorizados, rastejando-se no chão imundo agora escorregadio com algo vermelho enquanto gargantas eram despedaçadas e sangue esparramado em toda a parte. Rajmund agarrou Zosia e a jogou atrás de si, se afastando contra uma parede e tentando se lembrar se havia uma porta traseira e se ela estava trancada. Ele viu Maciek pegar uma pesada cadeira e a balançar, quebrando-a nas costas de uma das bestas, mas a criatura virou e riu — *riu* — enquanto afundava as suas presas no pescoço de Maciek e ele começou a gritar.

Atrás dele, Zosia estava gritando também, sua voz se elevando acima das outras, um grito feminino estridente em uma sala cheia de homens. Rajmund viu o homem rico notar, no entanto, ele não parecia mais tão fino como antes — suas roupas caras estavam manchadas com sangue escuro e entranhas, suas mãos brancas estavam enterradas na carne de uma prostituta irlandesa morta. Ele ergueu a cabeça, seus olhos brilhando iguais aos de um animal na luz difusa até Rajmund pensar com certeza que ele podia sentir o calor deles contra a sua pele.

— Quieta, Zosia, — Rajmund sibilou. Ele podia senti-la tremendo atrás de si, suas mãos apertadas no tecido fino de sua camisa.

O homem rico sorriu e começou a andar em direção deles, deslizando pelo caos como se o próprio Deus estivesse limpando o caminho, homens e monstros eram colocados de lado como se não fossem mais do que cortinas de seda. — O que você está fazendo aqui, garoto?

Raj o encarou em choque. O monstro estava falando com ele em polonês. — Eu... eu trabalho nas docas, — ele gaguejou, sem saber o que mais dizer.

O homem rico sorriu e isso era uma visão terrível. — Não mais.

Uma única pancada forte de uma delicada mão branca rasgou a garganta de Rajmund. Ele caiu de joelhos, sentindo a calidez de seu próprio sangue enquanto este escorria por entre seus dedos para se juntar à poça crescente no chão. Zosia gritou o seu nome, e ele assistiu impotente enquanto ela era arrastada até o seu corpo inútil, seus calcanhares chutando fracamente enquanto o homem rico enterrava os dentes em seu pescoço e bebia.

A última coisa que Raj viu antes da cortina negra cair sobre seus olhos foi o amável rosto de Zosia frouxo pela morte, seus olhos, antes brilhantes e azuis, agora pálidos e sem vida.

Rajmund abriu seus olhos para a escuridão. Ele podia ver homens, monstros se movendo nas sombras, podia ouvir seus grunhidos de prazer

enquanto eles sugavam os sucos dos pedaços de carne que ele não queria pensar a respeito. Isso era a morte? Este era o inferno que os padres haviam lhe falado a respeito, a corrupção de sua alma que eles haviam previsto se ele deixasse a terra de seu nascimento e viajasse para tão longe?

— Ele está acordado, — alguém grunhiu.

— Ah, finalmente. — Rajmund reconheceu aquela voz. O homem rico. Aquele que carregava o mal com ele como um manto elegante.

— Traga-lhe a garota.

A garota? Ele queria dizer Zosia? Ela estava viva então?

Uma jovem foi empurrada para fora da escuridão — não era Zosia. Ele não reconhecia esta criança patética. Ela tropeçou e caiu com força contra ele, chorando lamentavelmente. O corpo dela fedia a sexo e suor e ela tremia de medo. Ele esticou o braço para confortá-la enquanto ela se virava na direção dele, seus olhos estavam cheios de um apelo silencioso. Ele tocou a pele nua de seu braço... e uma fome irracional rugiu por dentro dele. Ele podia ouvir o correr de seu sangue e o pulsar aterrorizado de seu coração, podia sentir o cheiro doce e fresco tão perto sob sua pele fina como papel. Era intoxicante. Ele se inclinou para mais perto, nadando no aroma, sua língua lambendo para sentir o pulso dela, como um pequeno animal implorando para ser libertado.

Ele sentiu suas gengivas se partirem, sentiu algo duro e afiado cortando seus lábios e sabia que eram presas quando ele as pressionou na suave pele do pescoço dela. Uma ponta afiada perfurou a pele dela para libertar uma única gota de sangue. Ele fechou os olhos perante o sabor estimulante, sua cabeça foi jogada para trás como se isso tivesse sido um dilúvio caindo em sua garganta ao invés de uma mera gota.

Seu olhar caiu no pequeno ferimento vermelho. Até à grossa e tensa veia. Ele enterrou seu rosto em seu pescoço e pela primeira vez, ele se alimentou.

Rajmund empurrou o corpo da garota para o lado, sua mandíbula se abrindo amplamente enquanto ele tentava liberar a tensão de sua alimentação. Ele sentou-se por um momento em silêncio, torcendo sua cabeça de um lado para o outro, escutando o estalo das vértebras enquanto ele encarava o quarto. Ele congelou quando viu a carnificina, quando percebeu o que ele havia se tornado, o que ele havia feito. Horrorizado, ele passou tropeçando pelo quarto sujo até sentir a parede em suas costas.

Alguém riu e ele olhou para cima para encontrar o homem rico o encarando, mais uma vez vestido com roupas finas, suas mãos e rosto estavam imaculadas e brancas.

— Zosia? — Rajmund resmungou. — Maciek?

O homem rico gesticulou ao redor da sala com uma mão elegante. — Receio que eles estejam todos mortos. É por uma boa causa, se serve de consolo para você. — Seu olhar perfurou Rajmund. — Mas não você, Rajmund. Você está bem vivo.

— Por quê? — Rajmund perguntou, mais um choro de uma alma atormentada do que a pergunta de um homem.

O homem rico sorriu. — Porque eu posso. Venha rapaz. Você é um de nós agora.

Rajmund jogou a sua cabeça para trás e uivou.

O toque de seu celular trouxe Raj de volta para o presente. Ele tirou o telefone do bolso enquanto saía do carro, sem se importar em verificar o identificador de chamadas.

— Sim?

— Raj? — A voz de Em estava incomodada.

— Sim, Em. Alguma coisa errada? — Ele digitou o código de segurança na porta do armazém particular, certificando-se de que esta estava fechada e trancada atrás de si antes de cruzar o espaço vazio e descer as escadas para o seu apartamento privado.

— Não. — Em disse cuidadosamente. — Não por aqui. Estamos todos aqui no armazém, os caras estão se acomodando lá no andar de baixo. Eu esperava que você...

— Algo surgiu.

— Certo, ok. Nós te veremos esta noite?

— Sim. — A porta da abóbada se fechou atrás dele. Ele digitou o código para ativar a segurança completa de seu prédio e escutou as trancas pesadas da abóbada fechar.

— Deixe-me pensar por um minuto, Em. — Ele esfregou a testa, tentando colocar as próximas vinte e quatro horas no lugar. Ele teria que ver Sarah de novo. Ele ainda tinha que descobrir o que ela estava escondendo, a verdadeira razão que ela havia estado tão ansiosa para ser parte de uma investigação policial. E Krystof estava provavelmente esperando por um relatório a respeito do progresso, mas ele podia malditamente esperar até que Raj tivesse tempo para ele. O seu povo era bem mais importante. — Eu vou passar aí logo após o pôr do sol. Está uma grande bagunça aqui, Em. Pior do que eu pensei.

— Então eu estou feliz que nós estamos aqui por você, chefe.

— Sim. Te vejo à noite.

Ele apertou o botão para desconectar e encarou o telefone, pensando em Sarah Stratton. Ela era uma complicação que ele não precisava agora, e se o pensamento trouxe uma pontada de dor inesperada, ele ignorou. Esta

não seria a primeira vez que havia sido forçado a deixar para trás um humano com quem se importava.

Ele imediatamente discou o número dela, aliviado quando o telefone lhe deu a opção de ir direto para a caixa de mensagens.

— Sarah. Nós precisamos conversar. Passarei aí por volta das dez esta noite. — Ele deixou assim e desligou. Ela receberia a mensagem quando acordasse de manhã. E se ela não estivesse em casa quando chegasse lá, ele a acharia e pegaria o que precisava, de uma forma ou de outra.

Capítulo 20

Regina forçou-se a se sentar, abrir seus olhos e permanecer acordada. Os Vampiros a tinham, ela estava certa disso agora. Mas não somente vampiros. Havia humanos normais, também. O negócio era, ela não conseguia descobrir o que eles queriam. Aquele que ela conhecia um pouco — aquele com quem ela dançou na casa de sangue e que a devia ter deixado inconsciente de alguma forma e a sequestrado — vinha vê-la quase toda noite. Mas tudo o que acontecia depois das visitas dele era uma espécie de borrão. E ela estava grata por isso porque o pouco que lembrava sobre os outros vampiros e o que eles tinham feito com ela... Ela não queria pensar sobre aquelas coisas. Ela correu suas mãos pelos seus braços nus, arrepiados por causa do frio; ela havia até perdido a sua fina jaqueta em algum lugar. Seus dedos esbarraram em um ponto dolorido no seu braço esquerdo e ela olhou para baixo, tocando-o cuidadosamente. Contusões escuras marcavam a sua pele, visíveis mesmo em condições de pouca luz. Tinha havido outro quarto. Um com luzes brilhantes e a pontada fria de uma fricção de álcool, o seu sangue enchendo o pequeno tubo de vidro. Uma mulher havia falado com alguém enquanto se debruçava sob o braço de Regina. Mas o que a mulher havia dito? E quem mais havia estado lá?

Regina tentou se lembrar, mas uma onda de tontura a atingiu, fazendo o seu estômago vazio se revirar de náusea. Ela se deitou e fechou seus olhos, desejando que tudo acabasse. Era tão irônico. Ela sempre havia sido uma das

garotas boazinhas — sem drogas, sem bebidas e quase nunca saindo em encontros. Ela havia decidido finalmente quebrar o padrão, sua primeira pequena rebelião, e o que acontece? Algum doido a sequestra.

Ela suspira cansada e muda de lugar na cama desconfortável. Era tão difícil pensar. Talvez fosse isso que eles queriam, mantê-la confusa para que não conseguisse pensar direito, não pudesse lembrar-se de seus rostos quando eles a soltassem. Porque ela tinha que acreditar que a deixariam ir. Ou que alguém iria encontrar a ela e às outras. Era a única coisa que a mantinha seguindo em frente. Ela tremeu e se esticou para pegar as cobertas que ele finalmente havia lhe trazido na noite passada. Isso era um bom sinal, não era? Era somente... As cobertas tinham cheiro de perfume. Era um aroma que ela reconhecera, um aroma almiscarado que ela nunca havia usado. E ela não podia evitar se perguntar quem havia usado estas cobertas antes de serem dadas a ela?

Suas pálpebras se fecharam e lágrimas vieram sem serem convidadas. Ela queria ir para casa; ela queria sua mãe. Ela adormeceu. Talvez quando ela acordasse, a polícia estaria aqui, talvez eles a encontrassem. Talvez daria tempo. Antes de eles fazerem com ela o que quer que tenham feito com a garota que usava o perfume almiscarado, a garota que não precisava mais de suas cobertas.

Capítulo 21

Sarah acordou com lágrimas correndo pelo seu rosto, o travesseiro molhado embaixo de sua bochecha. As lágrimas não eram somente de Regina desta vez. Elas eram de Sarah, também. Lágrimas de raiva, de frustração, de desespero pela coragem frágil da garota e a esperança de que o resgate estava próximo. Mas como poderiam encontrar Regina antes que fosse tarde, antes que ela terminasse como todas as outras que Sarah não foi capaz de salvar? Ela sentou-se na cama, puxando uma longa respiração. Naquela época ela era apenas uma adolescente, lembrou-se severamente. Uma criança. Ela era uma adulta agora, uma mulher com recursos e contatos próprios. Certamente poderia arrumar alguma forma... Seu telefone tocou e ela sabia que não era a primeira vez. Foi o toque que a havia acordado.

Ela se virou automaticamente, se esticando para a sua mesa de cabeceira onde sempre deixava o telefone sem fio durante a noite. Mas não estava lá. Ele tocou novamente... no outro cômodo. Ela fez uma careta. Nunca ia dormir sem o telefone por perto. Nunca.

Ela começou a sair da cama e teve uma segunda surpresa. Estava vestindo as roupas que havia usado na noite passada — seu suéter e saia, de todas as coisas, e o seu sutiã. Isso estava errado. Nenhuma mulher sã

dormiria de sutiã. Era uma das primeiras coisas que ela tirava quando passava pela porta, juntamente com seus sapatos. Devia estar mais bêbada do que pensava quando deixou o restaurante ontem à noite. Era pura sorte ela ter conseguido chegar em casa sem se machucar ou machucar outra pessoa. *Burra, Sarah.* Deveria ter chamado um táxi. Seu telefone tocou uma última vez, o toque cortado quando a ligação foi desviada automaticamente para a caixa de mensagens.

Ela ficou de pé, tremendo ligeiramente enquanto arrastava os pés descalços até o guarda-roupa para pegar um par de chinelos e depois uma rápida parada no banheiro. Passando pelo seu escritório, ela encontrou o telefone sem fio sobre a mesa em seu carregador. Ela o pegou e notou um cartão de visita lá, um cartão grosso e branco com contornos nítidos e um nome familiar... E tudo voltou para ela de uma vez.

Ela *tinha* ido ao restaurante, mas Raj a estava esperando no estacionamento. Ele a trouxe para casa e eles... Eles o quê? Ela lembrava-se de ter aberto a porta, lembrava-se de tê-lo deixado entrar na casa. A Sra. M. estava escutando de sua janela como sempre; Raj tinha lhe dito isso. Mas então o que aconteceu? E como ela terminou na cama totalmente vestida?

A luz do seu telefone piscou, lembrando-a que tinha mensagens. Ela ligou para o correio de voz e descobriu que havia duas. Ela apertou o botão distraidamente, ainda tentando se lembrar...

— Sarah.

Raj. Ela desmoronou na cadeira, de repente dominada por uma onda de luxúria tão forte que tirou o seu fôlego. Ela se inclinou para frente, se abraçando, seus mamilos duros e dolorosamente eróticos contra a renda de seu sutiã, suas coxas apertadas com força contra uma necessidade tão poderosa que a fez gemer em voz alta. Ela queria tirar suas roupas e...

— Nós precisamos conversar. Passarei aí por volta das dez esta noite.

E era isso. Ele desligou sem se identificar, sem dizer adeus, apenas presumindo que ela estaria esperando por ele hoje à noite como um bom bichinho de estimação. — Bastardo arrogante. — murmurou, embora um

pouco sem fôlego. Ela pressionou uma mão sobre o coração, esperando seu corpo se recuperar, apenas meio escutando enquanto seu correio de voz ia para a próxima mensagem, que seria a ligação que a tinha acordado. Era Linda, exigindo que Sarah lhe ligasse imediatamente e lhe contasse sobre este cara lindo chamado Raj e querendo saber por que Sarah não o havia mencionado antes. Sarah sorriu com a descrição que Linda fez de Raj. Ele era bem deslumbrante com aqueles lindos olhos azuis e corpo musculoso. Ela se arrepiou enquanto outra onda de necessidade a atingia.

— Filho da mãe. — ela xingou de repente.

Ela correu para o banheiro e começou a tirar suas roupas, seu suéter primeiro, depois o seu sutiã. Seminua, inclinou-se mais para perto do espelho, segurando o seu cabelo para cima e procurando em seu pescoço por qualquer marca denunciadora. Ela ficou perversamente desapontada quando não encontrou nenhuma, mas ela imediatamente tirou sua saia, deslizando-a pelos seus quadris e descendo-a até o chão. Ela havia lido todos aqueles livros sobre vampiros; havia uma grande veia na coxa que alguns deles gostavam bastante. Ela encarou suas coxas nuas no espelho e então sentou-se para olhar com seus próprios olhos. Nada. Sem marcas de mordida de qualquer tipo.

Empoleirada em seu vaso sanitário fechado no banheiro frio, quase nua, ela de repente se sentiu bem estúpida. Se ele a tivesse arrebatado, por que teria se incomodado em colocar-lhe as roupas de volta? — Estúpida. — murmurou. Ela ficou de pé e encarou o seu reflexo. — Ele fez alguma coisa, no entanto. Sei que fez.

Ela estremeceu violentamente e começou a pegar as roupas espalhadas. Voltando para o seu quarto, ela dobrou o suéter e jogou o resto dentro do cesto de roupas, então tirou suas roupas íntimas e foi tomar um banho quente, ficando debaixo daqueles jatos pulsantes por um tempo e deixando que eles a esquentassem. A primeira coisa que havia feito depois de ter se mudado para o apartamento foi substituir a abominação que era o 'economizador de água' que a Sra. M. havia providenciado frugalmente por um chuveiro decente. Ela acreditava em economia, mas o suficiente era o bastante. Algumas vezes uma mulher precisava de uma boa e quente surra — do tipo aquático, claro.

Uma vez fora do chuveiro e seca, ela colocou seu moletom mais quente e as pantufas de pele de carneiro e seguiu para o andar de baixo para tomar café. Quando a primeira dose de cafeína fluiu deliciosamente pelo seu sistema, ela novamente considerou suas memórias lúgubres da noite anterior. Definitivamente lembrava-se de ter chegado a casa com Raj, porque ela se lembrava especificamente de tê-lo convidado para entrar. Ele havia fechado a porta e então... Um choque de desejo a varreu da cabeça aos pés, como antes. Alguma coisa havia acontecido com ela. Algo relacionado com aquele maldito vampiro. E ela pretendia descobrir o que era.

Ela pisou firme de volta para o seu escritório e encontrou o cartão de visita branco que ele havia deixado em sua mesa. Ela discou o número, sabendo que ele estaria dormindo pelo dia e esperou que o toque do telefone tornasse o seu descanso bem menos proveitoso.

* * *

Raj estava estranhamente nervoso e insatisfeito enquanto se vestia para a noite. E não era a sua fome habitual que estava fazendo-o se sentir dessa forma. Ele era velho o bastante, e poderoso o bastante para que não precisasse se alimentar todas as noites. A mulher no bar há duas noites deveria ter sido mais do que suficiente para mantê-lo forte por pelo menos outro dia — não que *tivesse* que esperar tanto tempo, mas ele podia. Ele considerou parar para uma bebida em algum lugar no caminho para se encontrar com Em e os outros, mas se ele precisava de sangue tanto assim, sempre poderia aproveitar o estoque à disposição no armazém. E, além disso, por alguma razão a idéia de se alimentar de um forasteiro anônimo não era apelativa.

Não, não era por *alguma* razão. Era por uma razão bem específica, uma com cabelo loiro e um corpinho arrumado que ele estava ansioso para provar de cada maneira possível. Demasiado ansioso. Raj não acreditava em auto-indulgência. Sim, ele dirigia carros bons e vestia roupas boas, e sua cobertura em Manhattan estava bem mais que confortável em suas amenidades, mas estas eram coisas, posses insignificantes das quais ele podia se afastar sem pensar duas vezes. Quando se tratava de sua vida

pessoal, tudo era sobre disciplina e controle. Ele tomava vodka ocasionalmente, mas nunca bebia em excesso. Ele preferia sangue da veia de uma linda mulher, mas nunca tirava demais e sempre deixava suas mulheres felizes e saciadas. Ele tinha suas crias de vampiro, mas ele era o mestre deles e seu criador. Ele não era amigo deles ou seu parceiro de bebida. Em Emelie ele confiava completamente, mas ela era a única.

Razão pela qual essa súbita atração irracional por Sarah Stratton era tão irritante. Sua necessidade de protegê-la, de roubá-la e fazê-la sua e somente sua, era poderosa e instintiva. Ele não tinha que pensar se a queria ou não; ele a *queria* sim — totalmente e de cada maneira possível. Foi preciso muito esforço para parar a si mesmo e evitar arrancar as roupas dela e mandar para o inferno as consequências. Ele balançou sua cabeça em desgosto. Se pudesse escolher, ele voaria de volta para Manhattan esta noite e nunca mais veria Sarah Stratton. Já que essa não era uma opção, ele simplesmente teria que agir como um homem civilizado ao invés de uma besta voraz, mesmo se o segundo fosse o mais próximo da verdade.

Ele colocou sua jaqueta de couro e pegou seu celular, vendo que havia uma mensagem da adorável Sarah. Ele fez uma careta, pensando que ela poderia estar cancelando o encontro desta noite, o que era inaceitável. Quando ele escutou a mensagem dela, sua careta aumentou.

— *Sei que você fez algo ontem à noite, vampiro, e quero saber o que foi. Ninguém mexe com a minha cabeça, entendeu isso? Nem mesmo você. E para o inferno com dez da noite, Sr. Todo Poderoso. Quero você aqui dez minutos depois do pôr do sol ou vou à polícia.*

Houve uma pausa na qual ele podia ouvi-la dar um suspiro frustrado.

— *Está bem, não vou realmente até a polícia, mas também não vou ficar aqui esperando. Se você não estiver aqui até às nove, estou saindo e você pode usar os seus truques estúpidos de vampiro para tentar me encontrar.*

Parte dele queria rir da exasperação em sua voz. E parte dele, uma parte completamente irracional, queria aplaudi-la pela sua determinação em enfrentá-lo. A parte mais racional exigiu saber por que ela lembrava-se de qualquer coisa sobre o que tinha acontecido ontem à noite. Teria ele

inconscientemente *querido* que ela se lembrasse dele e por isso deixou um ponto fraco nas memórias que havia plantado? Isso seria tanto estúpido quanto perigoso. Havia somente uma maneira de descobrir. Ele discou o número de Em. Seus vampiros estavam acordados e prontos para ir. Ele podia ouvir as suas vozes ao fundo quando ela atendeu.

— Meu Senhor.

— Tenho um compromisso para cumprir no caminho, Em. Não demorará muito.

— Espero que não. — ela disse secamente. — Estar presa neste armazém é como estar presa em uma gaiola para macacos. Estes caras precisam ser libertados.

Ele riu. — Não demorará muito. Estou a caminho. — Mas primeiro, ele pensou para si mesmo, *há uma questão sobre uma pequena humana teimosa para tratar.*

Capítulo 22

Sarah puxou o suéter pela cabeça, alisando-o sobre seus quadris e verificando se as rendas de seu sutiã não pareciam irregulares sob o tecido fino. Seu cabelo recém lavado brilhava com a luz do teto de seu quarto, e ela colocou somente o suficiente de maquiagem para dar uma leve qualidade esfumaçada aos seus olhos, as manchas douradas pareciam pedaços de fogo na sombra. *Oh, recomponha-se, Sarah. Pedaços de fogo com fumaça, pelo amor de Deus.* Ela riu de si mesma. Claramente esteve lendo muitos daqueles romances que tanto gostava.

Claro, ela não era nada como as heroínas fodonas daqueles livros. Ela nunca disparou uma arma, nunca usou uma faca — a menos que aquelas nas suas gavetas da cozinha contassem. E apesar de se manter em forma, não havia como ela dar um chute alto em alguém até derrubá-lo. Ela era muito baixa em primeiro lugar, demasiado curvilínea e tinha três quilos acima do peso, independentemente de quantas manhãs corresse o circuito de oito quilômetros. Alguns homens gostavam de suas curvas, no entanto. Normalmente não os homens *certos*, mas pelo menos provava que ela não era um sapo total.

E por que ela estava gastando tanto tempo se preparando, de qualquer forma? Isto não era um encontro. Muito pelo contrário. Ela pretendia ler para Raj o seu ato de rebeldia e mandá-lo embora. Só isso.

— Isso definitivamente não é um encontro. — ela repreendeu o seu reflexo pela milésima vez. Claro, *isso* pedia a questão de por que estava usando o seu melhor sutiã push-up de renda e tinha cedido algum de seu tempo para colocar sombra no olho em primeiro lugar. Oh bem, era preciso criar a fumaça para aqueles pedaços de fogo, certo?

Ela riu alto, como uma pessoa louca, e sentou-se na beirada da cama para colocar seus sapatos. Não eram de nenhuma marca famosa — como a maioria das mulheres, ela não tinha orçamento para gastar quinhentos dólares em um par de sapatos. Mas eles eram legais e, mais importante, tinham um salto de dez centímetros para que ela não se sentisse como uma anã total ao lado de Raj. Não que isso fosse um encontro. Ela ficou de pé e desligou a luz do teto enquanto saía do quarto, pronta para enfrentar o leão no seu covil. Ou no dela. Ou sei lá. Por que isso definitivamente não era um encontro

Raj foi das escadas até à varanda de Sarah com um gracioso salto. Ele estava com pressa de chegar ao armazém e não tinha tempo para perder fingindo ser humano. Ele colocou sua mão na maçaneta e, encontrando-a destrancada, torceu-a e entrou, batendo enquanto isso.

Ele pegou Sarah descendo as escadas. Ela estava usando um sutiã diferente, um que fazia suas curvas óbvias ainda mais óbvias sob a fina blusa de lã. E por que diabos ele estava notando isso? Ela estava olhando-o chocada, o que rapidamente se transformou em indignação.

— Apenas entre de uma vez, por que não?

— Acabei de fazer isso, obrigado. — ele disse, ignorando seu sarcasmo. — Você já pensou alguma vez em trancar a porta?

— Qual seria o motivo? Não parou *você*, não é?

— Legal. Você está pronta para sair?

— Sair? Estamos indo em algum lugar?

— Sim. Tenho uma parada a fazer e então levarei você para jantar.

— Você vai? — ela perguntou, em um tom que implicava bem o oposto. Ela desceu outros dois degraus, mas ficou na escadaria, a qual deixava-a na linha de visão dele. — O que aconteceu ontem à noite? E quero a verdade, não mais das suas besteiras de vampiro.

— Não estava ciente de que havia lhe dado alguma besteira de vampiro. — ele disse calmamente.

— Ha, ha. O que aconteceu, Raj? E não diga *nada*, porque sei malditamente bem que você fez algo com as minhas memórias, e pode ter a maldita certeza que não foi consensual.

Raj se afastou surpreso. Primeiro de tudo, ela não devia se lembrar de nada, mas em segundo, sua escolha de palavras o deixou distintamente desconfortável. Ele não pegava mulheres contra a vontade delas. Nunca. Não desde aquela noite na taberna, quando ele estava muito fora de sua mente para perceber o que estava acontecendo. Sarah estava esperando por uma resposta, encarando-o acusadoramente. Ela havia feito algo nos seus olhos que destacava o cinza mas não escondia as manchinhas douradas que sempre estavam lá.

— Nós falamos sobre as mulheres desaparecidas. — ele disse lentamente. — Foi... você ficou chateada. Mais do que chateada. Eu não entendi o porquê, mas me incomodou ver você daquele jeito, então apaguei e tirei as memórias para que você não tivesse pesadelos.

Era uma versão da verdade, de qualquer maneira. Ela não tinha estado precisamente chateada, apesar de ter estado definitivamente fora de controle. E ele *não* queria lhe acrescentar pesadelos ao se impor em sua vida.

Sarah estava observando-o, verificando o seu rosto, procurando pela verdade, ele imaginou. Ele a olhou com calma e soube o momento que ela decidiu acreditar nele. — Nunca mais faça isso, Raj. — ela disse suavemente. — Por nenhuma razão. Minhas memórias são minhas, boas e ruins, e vou lidar com elas. Não posso suportar a ideia de alguém mexendo com a minha cabeça.

Havia algo mais ali do que ela estava dizendo, e isso fez com que ele se perguntasse o que havia acontecido no seu passado. Tinha algo a ver com o que quer que fosse que ela escondia? — Sinto muito. — ele disse.

Ela sorriu ao mesmo tempo, como se ele a tivesse surpreendido. — Bem, isso é algo que você não ouve todo dia. — Sua expressão se tornou abruptamente séria e ela olhou-o de um jeito engraçado. — Er, Raj, nós não, isso é, hum... nós não...

— Sarah. — ele disse suavemente, capturando o seu olhar. — Se eu tivesse feito amor com você, você se lembraria.

Seu rosto ficou com um tom encantador de rosa. — Bastardo arrogante. — ela murmurou, mas lhe sorriu novamente, e ele sentiu um peso se levantar de sua alma. — Tudo bem. Deixe-me pegar o meu casaco.

Ele a viu passar por si descendo o resto dos degraus, assistiu seu firme traseiro balançar sob uma calça azul escura, com aqueles saltos malditamente sexys que ela estava sempre usando. — Melhor colocar um casaco grosso. — ele disse. — Está frio lá fora. Talvez aquele que você tinha na outra noite. — *Aquele que escondia a tentação de seu doce corpinho*, ele acrescentou para si mesmo.

— Tudo bem. — ela disse concordando e tirou o longo casaco marrom. Ele o pegou para ela, segurando enquanto ela escorregava para dento dele, deslizando-o para seus ombros. Ele deixou suas mãos correrem pelos seus braços, terminando com um leve tocar de seus dedos, mas resistiu à vontade de enterrar seu rosto no quente dourado de seu cabelo.

Jesus, Raj, você está com problemas.

Ela o olhou por cima do ombro. — Então você está me levando para jantar? Você está com fome? — ela perguntou inocentemente.

— Você está oferecendo? — Ele não pôde deixar de retribuir.

Ela fungou delicadamente. — Em seus sonhos, amigo.

Ele se inclinou para sussurrar diretamente em seu ouvido. — Ou talvez nos seus, querida.

Ela se arrepiou e ele sorriu satisfeito. Ele podia não ter nenhuma intenção de tomá-la, mas não queria que ela ficasse completamente imune a ele também.

Sarah abriu a porta, mas ele parou na frente dela, sua atenção direcionada para a porta ao lado onde alguém estava assistindo novamente. — O seu vizinho presta bastante atenção em quem vem e vai.

— É só a Sra. M. — ela disse alegremente, andando ao redor dele e saindo para a varanda. Ela lhe deu um olhar de aviso. — Ela mantém um olho em mim.

— Você recebe muitos visitantes do sexo masculino?

— Nem um pouco. — ela disse, dando um tapinha em seu braço, como se ele precisasse ser tranquilizado. — A Sra. M. é um pouco super protetora.

Bom, ele pensou. Mas manteve o pensamento para si. — Tranque a porta. — ele a instruiu.

— Sim senhor, Sr. Raj.

Ele andou à sua frente e desceu as escadas. Iria ser uma longa noite.

Sarah assistiu Raj pelo canto de seu olho enquanto ele manobrava pelo trânsito de sexta-feira à noite. Ele parecia diferente essa noite, ainda amigável e superprotetor, mas mais frio de alguma forma, exceto por aquele pequeno deslize sobre estar faminto, o que deve ter sido uma coisa bem estúpida para ela dizer. Ela *não havia* dito como um flerte. Havia? Ela tinha que admitir que estava atraída por ele. Quem não estaria? Ele tinha toda aquela vibração de alto, moreno e lindo, exceto que ele era loiro e tinha olhos azuis, claro. Seu cabelo era grosso, escovado para trás de seu colarinho, apenas longo o bastante para que ela se perguntasse como pareceria se ele deixasse crescer ainda mais, talvez passando os ombros. E com aqueles lindos olhos azuis, um tipo de azul gelo, exceto quando queimavam com um calor inegável. Ela estremeceu dentro de seu casaco quente. Sim. Estava definitivamente atraída por ele. E algumas vezes tinha certeza que ele estava atraído por ela também, mas então era como se ele desligasse um interruptor e desaparecesse por detrás daquele exterior de somente negócios.

— Você é diferente dos outros. — ela disse repentinamente.

Apesar do intenso tráfego, ele se virou para encará-la, seus olhos praticamente brilhando na luz difusa. — Outros? — ele perguntou, sua voz tão baixa e profunda que era praticamente um grunhido.

Sarah lambeu os lábios nervosamente. — Os outros vampiros aqui em Buffalo.

— Você conheceu outros vampiros aqui em Buffalo?

Havia algo sobre a maneira como ele disse isso, sobre a maneira que ele a estava olhando que de repente a fez ciente de que estava presa em um carro com um vampiro. Um grande e perigoso vampiro. Ela estava arrependida de ter trazido isso para a conversa agora, mas ele estava esperando por uma explicação, então ela disse, — Mais ou menos. Quer dizer, realmente não *conheci* ninguém, mas houve uma festa na Universidade ano passado. Era supostamente para mostrar os talentos locais de Buffalo. Manhattan está ficando tão caro que algumas pessoas estão realmente voltando a Buffalo para viver. Não são muitos, é claro, mas alguém decidiu que não poderia ser mau de todo fazer as pessoas lembrarem que há uma

grande universidade aqui, com um centro médico e vários intelectuais e artistas. Não é Manhattan, mas não é o exterior da Mongólia, também.

Raj olhou-a de modo cético. — Os vampiros? — ele a lembrou.

— Certo. Bem, sou apenas uma historiadora, e uma nova, mas minha amiga Linda — você a conheceu na outra noite — o marido dela é meio que uma estrela no departamento de arte.

Ele assentiu, e Sarah pensou se era possível que tivesse lhe contado sobre isso ontem à noite e não se lembrava. — Bem. — ela continuou, — eles me convidaram para ir à festa com eles. Todos os manda-chuvas locais estavam lá, incluindo o seu chefe, Krystof Sapieha.

— Ele não é o meu chefe. — Raj estourou.

Sarah franziu a testa em confusão. — Mas achava que ele era o lorde vampiro local, e isso...

— É complicado. Continue com sua história. — ele exigiu.

Ela lhe deu um olhar bravo — ele realmente tinha que parar de lhe dar ordens. — De qualquer forma, Sapieha ficou lá por apenas talvez uma hora, mais ou menos, com dois outros vampiros — guarda-costas, eu acho — embora não tenha ficado muito impressionada.

— Não? — Raj deu-lhe um olhar rápido e divertido antes de voltar o seu olhar à estrada para parar em um sinal vermelho. — O que você esperava?

— Eunucos gigantes. Você sabe, brincos de ouro e tal.

Ele riu. — Tenho certeza que eles eram bem capazes, apesar da ausência de ouro e castração, e provavelmente havia outros no meio do grupo do qual você não sabia. Krystof está bem ciente de sua própria segurança.

— Talvez. Mas pensei que seria interessante conhecê-lo. Sabe, por causa da Cyn e do Raphael. Imaginei que eles fossem provavelmente amigos.

— Você falou com *Krystof*?

Ela ficou repentinamente ciente de que a luz havia se tornado verde mas eles ainda estavam parados ali. Raj estava observando-a atentamente, oprimindo-a, não somente com seu tamanho, mas com a sensação de ameaça, como se tudo dependesse do que ela iria falar em seguida.

— Não. — ela disse cuidadosamente. — Eu tentei, mas ele estava falando com uma mulher, estavam realmente envolvidos, sabe? Fui lá de qualquer forma, mas quando cheguei perto demais, um dos outros vampiros me parou. — Ela deu de ombros. — Talvez Krystof estivesse arrumando a sua próxima refeição ou algo assim. Ele foi embora bem depois disso.

Raj parecia satisfeito com sua resposta. Pelo menos relaxou, de modo que ela já não sentia que sua vida dependia de suas próximas palavras. Ele olhou para o sinal e acelerou pelo cruzamento. — Ainda bem. — ele disse finalmente. — Krystof está muito velho. — ele disse, como se isso explicasse tudo.

Ele virou em uma área industrial não muito longe do aeroporto, dando várias voltas até eles estarem dirigindo por uma rua lateral escura, fronteada pelo que parecia ser um monte de armazéns abandonados. Ele parou no estacionamento de um desses armazéns e parou na porta. Sarah olhou ao redor, se inclinando para ver através do pára-brisa. Não havia outros carros em lugar algum e não havia luz vindo de dentro. — Você está vivendo de acordo com o seu estereótipo, sabia? — ela disse.

— Estereótipo?

— Vampiro grande e mau, mulher inocente e indefesa, depósito abandonado, meio da noite. Você sabe. Estereótipo.

— Não fiz nada ultimamente que tenha sido ruim, e *você* dificilmente é indefesa e provavelmente não é tão inocente também. — ele adicionou com um sorriso torto. — E também, este depósito não está abandonado. Eu te

darei a parte sobre o meio da noite, no entanto. Pense como se fosse o meio da tarde dos vampiros.

— Um senso de humor? Tome cuidado, Raj, o seu estereótipo está escapando.

Quando ele nem ao menos mostrou um sorriso, Sarah pensou que ele talvez não tivesse um senso de humor no final das contas. Deixando as chaves na ignição e o carro ligado, ele se virou para encontrar seus olhos diretamente.

— Espere no carro. Levarei apenas alguns minutos.

— Sim, Mestre. — ela entoou.

Ele balançou a cabeça e saiu. Antes que ele desse dois passos, a porta do depósito abriu e uma mulher emergiu — uma alta e linda mulher que parecia terrivelmente feliz em ver Raj. Curiosa, Sarah abriu a porta do carro, pretendendo se juntar ao grupo.

A mulher olhou na direção do som e sorriu. — Quem é o jantar? — ela perguntou, balançando seu queixo na direção de Sarah.

Raj olhou rapidamente por cima do ombro e se virou para encarar Sarah, bloqueando sua visão da outra mulher. — Volte para o carro. — ele ordenou mal-humorado.

— Não seja tão estraga-prazer chefe. — a mulher disse claramente. — Deixe a sua amiguinha se juntar a nós.

Raj se virou novamente, e Sarah viu suas presas aparecerem pela primeira vez. — Cale a sua maldita boca, Em!

A expressão brincalhona da mulher congelou com suas palavras, mas não foi substituída por revolta, o que Sarah teria esperado de uma namorada. Ao invés disso, a mulher caiu num joelho, com a cabeça inclinada. — Meu senhor. — ela murmurou. — Me perdoe.

Sarah olhava da mulher ajoelhada para o Raj e se perguntou se deveria estar com medo também.

— Volte para o carro, Sarah. — ele repetiu, andando em sua direção, suas presas mais uma vez fora de vista.

Espere. *Meu senhor?* Esta mulher era uma vampira?

Sarah escutou Raj xingar baixinho enquanto ela dava a volta ao redor dele, andava até a mulher e estendia sua mão. — Sarah Stratton. — ela disse.

A mulher deu a Raj um olhar desnorteado, seus olhos questionadores. Ele fez um som aborrecido e gesticulou que estava tudo bem. A vampira ficou de pé e pegou a mão de Sarah, balançando-a firmemente. Não era um daqueles cumprimentos femininos, mas sim um verdadeiro aperto de mão. — Emelie. — ela disse. — Sem sobrenome, como Prince. — ela adicionou com um sorriso torto.

Raj fungou e Emelie fez uma careta para ele por cima do ombro de Sarah. — Todo mundo está esperando por você, meu senhor. — ela disse severamente.

— Nos dê um minuto. — Raj disse.

— Como desejar. — Emelie respondeu. — Um prazer te conhecer, Sarah. Talvez da próxima vez nós possamos realmente ter uma conversa.

— Sobre o meu cadáver. — Raj murmurou.

— Tarde demais. — Emelie disse docemente, e trotou de volta para o armazém, fechando a porta atrás de si.

Sarah se virou logo que ela se foi. — Meu senhor? — ela repetiu.

Raj fechou seus olhos brevemente e então os abriu, lhe dando um olhar paciente. — Vampiros vivem uma longa vida. Nós desenvolvemos uma sociedade altamente estruturada para sobreviver, para nos protegermos uns dos outros como também dos humanos com suas tochas e estacas. Quando

essa estrutura foi primeiramente concebida, não havia tal coisa como democracia. E não funcionaria de qualquer forma. Vampiros são mais do que apenas humanos que permanecem acordados à noite. — Ele se aproximou de repente e trancou seu olhar com o dela. — Lembre-se disso, Sarah. Vampiros são perigosos e imprevisíveis, não importa o quão humanos eles possam parecer.

— Tudo bem. — ela disse em voz baixa. — Estou devidamente aterrorizada.

Ele recuou um pouco. — Não há necessidade de ter medo da Em.

— Vocês dois... — Ela deixou as palavras caírem, envergonhada por ter feito a pergunta.

Raj sorriu um pouco presunçoso. — Te incomodaria se estivéssemos?

— Não. Claro que não. Eu só...

— Bem, nós não estamos. Em é minha melhor amiga e minha tenente. Mas nunca houve nada entre nós.

— Oh. Bem. Ok. — Sarah limpou sua garganta nervosamente. — E agora, o quê?

— Agora, você volta para o carro e fica lá. Isso não vai demorar muito. — Ele pegou o braço dela e a empurrou de volta ao BMW, fechando a porta firmemente. — Fique aí. — ele disse pela janela enquanto ela apertava o botão para abri-la. — E feche a janela de novo. Emelie não é a única vampira lá.

Enquanto ele se afastava do carro, Sarah pensou ter escutado ele murmurar, "e eu não tenho nenhuma intenção de dividir". Mas ela poderia estar errada.

Capítulo 23

Raj fez uma varredura final da área, verificou que Sarah estava sentada no carro, que ele esperava que estivesse trancado como prometido, e abriu a porta do armazém, pronto para se desculpar com Em. No interior, as luzes estavam ligadas. Elas eram muito fracas para os olhos humanos, porém ideais para um vampiro. E o grande espaço não estava mais vazio. Quatro grandes veículos, todos pretos e com vidros fumados, estavam estacionados próximos às portas da plataforma de carga. Próximo ao grande refrigerador, os oito membros da equipe que Emelie havia trazido de Manhattan estavam envolvidos em diferentes atividades. Alguns descansavam, assistindo TV de tela grande, utilizando fones para preservar a idéia de silêncio do lado de fora do armazém. Outros estavam verificando equipamentos, em sua maioria armas e facas. Vampiros não precisam de muitas ferramentas. Com sua força, velocidade e presas, eles eram a sua própria arma mortífera. Mas uma arma era útil algumas vezes, e facas eram sempre divertidas.

Em estava conversando com Abel, um dos "filhos" mais velhos e confiáveis de Raj. Abel encontrou o olhar de Raj e acenou para ele, o grande diamante em seu ouvido piscou alegre contra a sua pele quase negra. Emelie terminou o que quer que estivesse dizendo e foi até ele, contornando uma mesa carregada com equipamentos de informática e eletrônicos. O mago tecnológico da equipe, um humano chamado Simon, estava montando as

coisas lá em cima, seus dedos voavam sobre o teclado enquanto seus fones de ouvidos bombardeavam música tão alta que Raj podia ouvir de onde estava.

Os olhos de Emelie estavam baixos enquanto ela se aproximava. Para seu total horror, ela se prostrou em um joelho e disse: — As minhas desculpas, meu senhor. Não percebi...

— Jesus Cristo, Em, levante-se! — Raj puxou-a para seus pés. — Eu sou o único que tem que se desculpar. Não deveria ter estourado com você daquela forma. Não sei o que há de errado comigo.

Em estudou-o, seus escuros olhos castanhos estavam solenes, os encantadores planos de seu rosto exibidos devido ao rabo de cavalo apertado que estava puxado bem alto em sua cabeça. — Raj, meu amigo. — ela disse suavemente. — Isso não é verdade. Passei somente alguns minutos com vocês dois, mas sei o que está acontecendo. E você também sabe.

Raj igualou seu olhar sério por alguns momentos. Quando ele desviou o olhar, ele xingou viciosamente. — Porra! Por que agora? Por que *ela*? Jesus Cristo, Em, esta cidade está uma bagunça total. O Krystof está fazendo novos vampiros como se eles não fossem nada a não ser brinquedos, alguém está sequestrando mulheres das casas de sangue, e agora ela! Eu não preciso dessa merda!

A sua voz estava cada vez mais alta, até que chamou a atenção dos vampiros que estavam do outro lado do cômodo. Todos eles haviam parado o que estavam fazendo. Até mesmo os que estavam assistindo TV tinham tirado os seus fones. Eles não tinham a intensão de escutar, mas não podiam evitar, já que ele estava gritando como um idiota. Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. — Não posso lidar com isso agora. Há muito em risco. Não posso me permitir ser distraído por alguma garotinha que pensa que vampiros são algo sobre o que ela lê nos livros com homens seminus nas capas.

A boca da Em se apertou em um esforço óbvio para não rir, mas os olhos a entregaram. — Por que não apenas pegar a garota, chefe? — ela

perguntou de maneira prática. — Talvez seja isso que você precise — um gole rápido, um rala e rola no palheiro e você é um vampiro livre.

— E se eu não for? Então ela estará presa a um maldito vampiro pelo resto da vida. Sem mencionar que as coisas vão ficar cabeludas por aqui, e existem muitos vampiros que adorariam colocar as mãos em Sarah se ela estivesse ligada a mim. Ela não merece ficar enrolada em tudo isso.

Em deu de ombros. — Talvez você devesse deixar a Sarah tomar esta decisão sozinha. Ela é uma mulher crescida, você sabe, não uma criança. Além disso, há piores coisas na vida do que estar ligada a um vampiro, especialmente um tão poderoso quanto você.

Raj simplesmente franziu a testa para ela. — Por que não encerramos a conversa sobre a minha vida amorosa?

Em deu de ombros e disse: — Você é o chefe. Você quer me dizer o que está acontecendo, ou quer dar um resumo para todos de uma vez?

— Vamos fazer de uma vez só. Não gosto de deixar a Sarah lá fora sozinha.

— Então traga-a para dentro.

— Não. — ele disse instantaneamente.

Em ergueu suas sobrancelhas de forma significativa, balançando a cabeça enquanto ela guiava Raj para onde a equipe o aguardava.

— Tudo bem pessoal. — Raj começou. — Aqui está o que nós temos. Diversas mulheres humanas desapareceram no último mês, todas conectadas de alguma forma às atividades vampíricas. A última é a filha do William Cowens. — Ele olhou ao redor e viu cada membro de sua equipe assentindo conhecedoramente.

— Foi o Cowens que insistiu para a polícia seguir pelo ângulo vampírico. Krystof concordou em cooperar, em grande parte, eu acho, porque ele tinha certeza que não havia nada e era uma maneira fácil de

conseguir um pouco de crédito de cidadania. Ele me chamou para aguentar com o calor, e se houver um desentendimento, ter certeza que não recaía sobre ele. Nenhuma surpresa até agora.

— Mas. — Ele pausou, encontrando os olhos de cada um dos presentes. — Informações recentes me levaram a acreditar que possa realmente haver um vampiro envolvido. Não estou certo se o Krystof sabe sobre isso ou não, mas ele claramente sente-se ameaçado por alguém ou algo, e não acho que seja apenas eu. Ele está fazendo novos vampiros a torto e a direito, tantos que o Jozef nem sabe sobre todos eles.

— A solução está nas casas de sangue. Com todos estes novos vampiros correndo por aí, as casas tendem a estar lotadas e alguém pode estar entrando às escondidas. Eu quero que vocês se dividam em equipes de dois, vestidos como civis. Há quatro casas de sangue na grande área de Buffalo. Eu já parei na casa Corfu e houve... uma mudança na gestão. — Emelie lhe deu um olhar afiado. — Não tive a chance de fazer muitas perguntas no início, então ainda vou querer uma equipe lá, e em cada uma das outras casas em um esquema rotativo. Com todos os novos vampiros, não deverá ser um problema para vocês se misturarem, mas não vamos abusar.

— Em e eu estaremos fazendo a geral; vocês têm nossos números de telefone. Se vocês encontrarem qualquer coisa estranha, nos liguem. A menos que as suas vidas estejam ameaçadas, se for assim vocês façam o que for necessário. Perguntas?

— Você quer que nós utilizemos as bolsas ou podemos nos alimentar? — Abel perguntou.

Raj pensou nisso por um minuto e disse. — Podem ir em frente e se alimentarem nas casas de sangue; vocês chamariam atenção se não o fizessem. Mas não exagerem. Preciso de vocês alertas e prontos para avançar.

Abel assentiu em entendimento e Raj olhou em volta. — Mais alguém?

Não havia outras perguntas, então Raj se virou para a sua tenente. — Em. — ele disse, indicando que ela deveria andar com ele até à porta.

Uma vez do lado de fora, ele verificou que a Sarah estava onde a havia deixado. Ele ficou surpreso quando ela lhe ofereceu um pequeno aceno animado, mas então olhou por cima de seu ombro e fez uma careta ao encontrar Em acenando de volta.

— Cristo. — ele xingou de novo. — Pare com isso. — Ele se posicionou entre Em e o carro, bloqueando efetivamente qualquer visão de Sarah. — Olhe, Em. — ele disse baixinho. — Isso pode ser algo muito ruim. Algumas das coisas que eu estou ouvindo me fazem pensar... Ah, merda, nem gosto de falar nisso. — Ele desviou o olhar, balançou sua cabeça, depois olhou-a. — Acho que alguém está vendendo sangue de vampiro para pesquisas.

Os olhos de Em se arregalaram em choque, o que espelhava seus próprios sentimentos. — Não um dos nossos!

— Diabos, não. Alguém daqui, um local. Uma das mulheres desaparecidas era uma pesquisadora na universidade. O marido alega que ela estava se encontrando com alguém que disse que poderia garantir acesso a amostras de sangue vampírico.

— Krystof? — Em perguntou sem acreditar.

Raj balançou a cabeça. — Parece fora do normal. Nunca o vi arriscar sequer um corte de papel. E por algo como isso? O Conselho iria crucificá-lo à meia noite e deixá-lo no sol, ele sabe disso.

— Há muito dinheiro envolvido em algo assim, no entanto.

— Sim, mas ele não precisa de dinheiro. Pensei que talvez fosse sobre encontrar uma solução para o que há de errado com ele, mas então por que me trazer aqui para investigar? — Ele balançou a cabeça. — Não acho que seja Krystof. Não estou excluindo nada, mas não parece certo. — Ele olhou rapidamente por cima do ombro e viu Sarah observando-os atentamente, embora ela não pudesse ouvir o que eles estavam falando.

Ele se virou novamente para Em, abaixando sua voz ainda mais. — Irei falar com o marido da pesquisadora desaparecida amanhã. Os policiais não querem que eu me envolva, mas não preciso da permissão deles, e se isso envolve vampiros, não é da conta deles de qualquer jeito. Entrarei em contato contigo depois. Neste meio tempo, cuide do que é meu. Certifique-se de que ninguém saia sozinho e isso inclui você, Em. Você sai com uma das equipes ou comigo. Não quero perder ninguém por causa disso.

— Amo você também, chefe. Eu te beijaria, mas a sua nova namorada lá não iria gostar.

— Em. — ele balançou a cabeça, incomodado. — Estou indo agora, mas entrarei em contato.

Sarah observou quando Raj se afastou de Emelie e caminhou de volta para o carro, movendo-se com aquela sua graça letal, cada músculo tenso e pronto. Ele olhou-a e ela pôde ver que seus olhos haviam ficado daquela estranha cor de azul gelo novamente. Ela sorriu e capturou o seu olhar de surpresa, seguido rapidamente por uma careta. Isso a fez se perguntar por que ele estava se esforçando tanto para não gostar dela.

Ele abriu a porta do motorista com força e se acomodou no carro, mal esperando que a porta estivesse fechada para sair apressadamente do estacionamento sombrio com uma virada que fez os pneus guincharem. Ele nada disse enquanto eles seguiam de volta para a cidade, mas Sarah não se importou. Ela aprendeu bastante sobre Raj esta noite, provavelmente muito mais do que ele pretendia que ela soubesse. Você podia aprender coisas ao assistir as pessoas se relacionarem umas com as outras, até mesmo sem escutar o que estavam dizendo. Na verdade, algumas vezes era melhor *não* ouvir as palavras porque palavras nem sempre diziam a verdade, mas o corpo geralmente fazia. Por exemplo, ela sabia ao certo que Raj lhe havia dito a verdade sobre Emelie. Não havia nada sexual entre eles e nunca houve. Eles eram amigos, amigos *antigos* e próximos que estavam

totalmente confortáveis um com o outro. Mas só isso. Nem um pingo de tensão sexual entre eles. Sem flerte, sem fazer pose para efeito, até mesmo inconscientemente.

Por outro lado, houve a reação de Emelie à Sarah, e a reação de *Raj* à reação de *Emelie*. Sarah sorriu muito privadamente. Sim, ela havia aprendido algumas coisas sobre Raj esta noite e tudo estava começando a fazer sentido para ela.

— Você ainda está com fome?

Ela interrompeu seus pensamentos privados para olhá-lo. — Como?

— Jantar. — ele disse pacientemente. — Você ainda está com fome?

— Oh, claro. Sim. Hum, você vai a restaurantes?

Ele riu. — Normalmente não. Bem, não para comer comida de qualquer forma.

Ela corou com o seu lembrete sutil. — Não estou morrendo de fome. Quer dizer, está tudo bem se...

— Conheço um lugar. — ele disse. — E nós ainda precisamos conversar.

— Sobre o quê? — ela perguntou nervosamente.

Ele olhou-a. — Sobre aquelas mentiras que você continua me contando.

Cara, ele realmente conhecia um lugar, Sarah pensou para si mesma. Ela garfou o último pedaço do mais suculento salmão que já havia

experimentado. Eles estavam em um pequeno restaurante, um que ela havia passado quase todo dia em seu caminho para o campus sem nunca perceber o tesouro que era. Em uma dessas frustrantes mudanças rápidas de humor que ela estava começando a associar ao Raj, ele havia quase se tornado alegre. Ele parecia ser amigo de longa data do proprietário polaco — pelo menos essa era a linguagem incompreensível que os dois estavam falando. Somente o polonês possuía tantas variações da letra S.

Raj estava até mesmo bebendo vodka, para sua grande surpresa e para o óbvio divertimento dele. — Não é que *não* possamos comer comida normal, querida. — ele disse, inclinando-se na mesa para sussurrar de forma conspiratória. — É só que o sabor é insípido em comparação com a nossa dieta habitual. — Ele piscou-lhe então, aqueles olhos azuis gelo brilhando quentes, e ela começou a se perguntar como seria ter toda aquela sensualidade vampiresca concentrada nela por uma única noite... ou talvez duas.

Raj lhe ofereceu um sorriso confiante, como se soubesse o que ela estava pensando, o que fez com que o encarasse. O que apenas fê-lo rir mais uma vez antes que o proprietário passasse por lá e os dois tomassem mais uma dose de vodka. Não que isso parecesse ter algum efeito sobre Raj. Ela, por outro lado, estava cuidadosamente vigiando sua única taça de vinho branco. Já era difícil o bastante resistir ao charme dele enquanto sóbria.

— Sr. Gregor. — uma voz cordial ecoou por todo o local e Sarah olhou para cima em estado de choque ao encontrar Edward Blackwood se aproximando deles. O proprietário deu a Raj um olhar questionador, mas Raj balançou sua cabeça de leve e deslizou para fora do assento, ficando próximo da mesa e não parecendo muito mais contente em ver o fundador do HR[12] do que Sarah estava, apesar de que talvez não pela mesma razão.

— Sr. Blackwood. — ele disse suavemente. — Isso é inesperado.

— Um inesperado prazer, com certeza. — Blackwood sorriu. — Foi uma pena nós não termos tido a oportunidade para conversar um pouco mais na outra noite. Talvez pudéssemos ter um momento agora, se a sua

[12] Humanity Realized.

companhia não... — Ele correu um olhar sobre Sarah, e ela endureceu, convencida de que ele parou por um breve segundo com algo próximo a reconhecimento. Raj pareceu sentir o seu desconforto. Ele deu um passo na frente dela novamente, bloqueando os olhares inquisidores de Blackwood.

— Sinto muito, Blackwood. — Raj disse, não soando nem um pouco triste. — Nós temos planos.

— Claro que vocês têm. Que rude da minha parte achar diferente. Como a investigação está indo? Se é que posso roubar um pouco do seu tempo.

— Investigação?

— Bem, sim, com a polícia. Fizeram algum progresso?

— Você terá que perguntar isso para eles. Receio que me foi pedido educadamente para ficar fora do caso.

Blackwood fez uma careta. — Mas pensei, isto é, era do nosso entendimento que você estaria envolvido.

— Não. — Raj disse, balançando a cabeça. — Estou investigando com meus próprios recursos, eu não me importaria em falar com algumas das testemunhas, mas não tenho acesso. Não oficialmente de qualquer forma.

— Sério. Bem, talvez eu possa fazer algumas ligações. — Ele pegou uma fina carteira do bolso de seu casaco e extraiu um cartão de negócios. Entregando-o para Raj, ele disse: — Em troca, talvez você concorde em se encontrar comigo quando tudo isso acabar. — Raj pegou o cartão e deslizou-o para dentro do seu bolso enquanto Blackwood esperava com óbvia expectativa por alguma oferta recíproca. Quando nada aconteceu, ele alisou sua gravata nervosamente, tossiu e disse: — Bem, farei aquelas ligações então. Vocês tenham uma noite agradável.

Raj não se moveu até que Blackwood havia cruzado a sala de jantar principal e tinha saido de vista, entrando em uma das pequenas salas privadas. Sem sentar-se, ele fez algum tipo de gesto para o seu amigo

proprietário e deslizou uma mão sob o braço de Sarah. — Estamos indo. — ele disse, quase levantando-a da cadeira.

Sarah não protestou já que o que mais queria era se afastar o mais possível de Blackwood. Ela deixou Raj levá-la para fora do restaurante, mas depois cavou seus pés no chão, sendo que ele a estava arrastado como algum tipo de boneca de pelúcia para onde o carro estava estacionado. — Pare. — ela disse, balançando seu braço até se soltar de seu firme aperto.

Ele ofereceu-lhe um olhar frio. — Fiquei com a impressão que você queria evitar Blackwood.

Sarah corou, mas ergueu seu queixo desafiadoramente. — Isso não significa que eu queira ser arrastada pela rua como uma criança rebelde. *Posso* andar, sabia.

— Sim, eu sei. — ele disse de uma maneira que a fez corar ainda mais.

— Como você faz isso?

— Isso o quê?

— Fazer tudo parecer como algum tipo de preliminares. É apenas *caminhar*. — ela reclamou.

Ele riu e colocou um braço ao redor de sua cintura, fazendo-a mover-se novamente na direção do seu carro. — Não quando é você que está caminhando, querida. E não com estes saltos que você está usando.

Sarah sorriu a despeito de si mesma enquanto Raj abria a porta do carro e ela deslizava para dentro. Mas seu sorriso sumiu quando viu Blackwood de pé no lado de fora do restaurante olhando na direção deles.

— Ele está nos observando. — ela murmurou enquanto Raj se acomodava no assento do motorista.

— Eu sei. — Ele se afastou da curva, executando uma inversão de marcha ilegal que os levou na direção oposta da qual eles queriam ir, mas

evitou que eles passassem pelo restaurante e pelos olhos curiosos de Blackwood.

Sarah esperou ele virar em algum lugar, mas ele pegou a estrada principal para fora da cidade ao invés disso.

— Onde nós estamos indo? — As palavras mal tinham abandonado a sua boca e ele já estava cruzando várias faixas de tráfego e fazendo uma parada em uma rua escura com casas silenciosas. Ele deixou o motor ligado, mas estacionou o carro e se virou para encará-la, um longo braço ao longo das costas de seu assento.

— Acho que é hora para a nossa pequena conversa, Sarah.

— Aqui? — ela perguntou.

— Aqui. Podemos começar com por que você tem medo do Edward Blackwood. O cara faz os vendedores de carros usados parecerem escoteiros, mas ele é inofensivo. A menos que você tenha alguns milhões guardados num fundo em algum lugar? — Ele ofereceu-lhe um olhar inquisidor.

— Não. — Ela respirou profundamente e roubou uma rápida olhada de Raj. Ele sentou-se observando-a com aquele seu olhar azul tranquilo, parecendo como se tivesse todo o tempo do mundo e estava pronto para passá-lo esperando que ela contasse tudo. Ela batia os dedos sem parar sobre a sua coxa até que ele se esticou e colocou a sua mão sobre a dela, parando-as.

— Olhe para mim, Sarah. — Ela olhou. — Seja o que for, o que seja que esteja acontecendo… não pode ser tão ruim. Sou um vampiro, querida. Eu bebo sangue humano diariamente. O que você possivelmente poderia me contar que superaria isso?

Ela riu e, para seu horror, sentiu as lágrimas pressionarem contra a parte de trás de seus olhos. — É só que... passei anos fugindo de tudo, e agora...

— Na outra noite você me perguntou sobre as outras mulheres. Você queria saber os nomes delas. Por quê?

As lágrimas estavam ameaçando transbordar e rolar pelas suas bochechas. Ela queria lhe contar a verdade, e algo lhe disse que ele entenderia se ela o fizesse. Talvez ele estivesse certo, talvez era porque ele era um vampiro e nada que lhe pudesse contar seria pior que isso. Mas...

— Me conta, Sarah.

— Eu saí de casa quando tinha dezesseis anos. — ela sussurrou miseravelmente, odiando a si mesma. — Não podia mais viver lá. Mudei o meu nome e cortei todos os contatos para que eles não me pudessem encontrar. — Era próximo da verdade, tão próximo que ela esperava que ele não notasse a diferença.

Ele franziu-lhe a testa no carro escuro. — Por quê? Algo aconteceu?

Ela assentiu, recusando-se a encontrar o seu olhar. — Apenas não era um bom lugar para mim.

— Então onde o Blackwood entra nisso? — ele perguntou, claramente confuso.

— O quê?

— Blackwood. — ele repetiu. — Vi a sua reação na delegacia e novamente esta noite. Você realmente ficou assustada por causa dele.

— Blackwood... — Sarah disse, pensando rapidamente —...conhecia os meus pais. Ele me reconheceu e então... já faz doze anos desde que vi qualquer membro da minha família. Gostaria de manter assim.

Raj estava quieto, batendo levemente no volante, seu olhar no tráfego noturno, mas seus pensamentos pareciam bem longínquos. Abruptamente, ele olhou de volta para ela e perguntou: — Então por que este caso? Por que o seu interesse nas mulheres desaparecidas?

— Eu só... li sobre Trish no jornal. Senti pena dela e pensei... já que meio que conhecia o Tony, e a Cyn é minha amiga. Pensei que talvez pudesse *fazer* algo ao invés de apenas esperar que Trish morresse. — Esta parte, pelo menos, era verdade.

Ela esperou pela reação do Raj, esperou que ele fosse estourar com ela, acusá-la de mentir mais uma vez, mas ele apenas bateu seus dedos no volante um pouco mais, e então verificou seu relógio e disse: — Tenho que te levar para casa.

Quando eles chegaram a casa, Sarah abriu a porta do carro sem esperar que Raj desligasse o motor. Ela começou a ir em direção às escadas, procurando suas chaves na bolsa enquanto caminhava. Atrás de si, ela escutou o bip do controle remoto do BMW e então Raj estava ao seu lado, chegando primeiro do que ela na porta e esperando enquanto ela a destrancava. Ela abriu a porta, entrou e jogou sua bolsa nas escadas, tirando o seu casaco. Ela estava ciente de que Raj estava elevando-se sobre ela por isso manteve seus saltos, mas ainda assim podia sentir o olhar tranquilo dele seguindo todos os seus movimentos. O quanto ele viu? Ela se perguntou. Os vampiros podiam ler os pensamentos humanos? Alguns diziam que era um mito, mas os vampiros não estavam exatamente fazendo fila para serem estudados, então quem realmente sabia a verdade?

— Eu vou colocar um pouco de água para fazer chá. — ela disse, sem saber exatamente o que mais fazer. Raj a seguiu até à cozinha. Enquanto alcançava a chaleira, a sombra dele caiu em cima dela e ela teve um momento de déjà vu tão forte, que teve que se agarrar ao fogão para não cair. Ela podia senti-lo bem atrás de si, bloqueando a porta, seu olhar gelado contra as suas costas. O coração dela começou a acelerar e um suor frio cobriu a sua pele enquanto ela lutava pelo seu próximo fôlego.

— Sarah?

Ela se virou ao ouvir a sua voz, esmagada pelo desejo de fechar a distância entre eles, de alcançar e tocar o seu rosto, de correr seus dedos pelo seu cabelo grosso e ver se era tão sedoso quanto parecia. De sentir seus braços segurando-a sem dificuldade enquanto ele a pegava e mergulhava seu pênis profundamente dentro dela, uma e outra vez, até que estivesse gritando o nome dele.

Chocada com seus próprios pensamentos, ela se forçou a desviar o olhar. Evitando seu toque, ela deslizou lateralmente pelo balcão até chegar à geladeira. Ela se virou e abriu a porta, tirando uma garrafa de água gelada e segurando-a em seu rosto superaquecido. — Desculpe. — ela disse. — Estou um pouco cansada. Não tenho dormido bem.

— Eu deveria ir, então. Deixar você dormir.

— Não. — ela disse rapidamente, e então revirou seus olhos pela sua própria estupidez, grata por estar de costas e ele não poder vê-la. Ela respirou fundo e se virou, seu olhar se firmou na garrafa de água enquanto ela torcia a tampa. — Eu estava pensando que talvez fosse capaz de ajudar na sua investigação. Você provavelmente quer falar com algumas pessoas no campus, e eu poderia ir com você, talvez, você sabe, já que trabalho lá. Pensei que nós pudéssemos ser parceiros. — ela disse razoavelmente. Infelizmente, quando ergueu seus olhos, ele não a estava olhando como uma parceira. Era mais como se ela fosse um filé e ele fosse um homem faminto.

Raj se inclinou no batente da porta, negando a si mesmo dar mais um passo, com medo de chegar demasiado perto de Sarah. Suas gengivas doíam e seus lábios estavam fechados com força sobre as presas que queriam nada mais do que se afundar na suave carne dela e beber o doce néctar de seu sangue. Ele notou a sua reação, soube o exato momento que o seu corpo se lembrou do que aconteceu na cozinha na noite anterior, apesar da mente dela ter sido limpa. Ele havia escutado o coração dela acelerar, havia visto o

brilho de suor em cima de seus lábios, e sabia que o delicado vale entre seus seios estaria quente e molhado.

Ele se esticou para longe da porta, mais para aliviar a pressão em sua virilha do que qualquer outra coisa. — Tudo bem. — ele disse, pensando que isso era uma idéia muito ruim. Ele deveria estar evitando qualquer contato com ela, não aceitando-a como sua parceria. Mas por alguma razão, a boca dele apenas continuou falando. — Preciso falar com algumas pessoas. — ele disse. — Testemunhas, familiares, este tipo de coisa. E certas pessoas me acham intimidante.

— Sério? — ela disse com uma voz fraca.

— Você por outro lado... — ele não conseguiu evitar. Ele fechou a distância entre eles e se esticou para colocar uma mecha de cabelo loiro ao redor de seu dedo. — Você é uma torta de maçã e catequese de domingo. As pessoas provavelmente devem chegar até você na rua e contar todos os seus segredos. Criancinhas devem te procurar em uma multidão quando elas perdem suas mães.

Sarah fez uma careta para ele, claramente sem saber se devia ficar lisonjeada ou insultada pela descrição.

Raj riu, sentindo a tensão sexual de esvair. Ela ofereceu-lhe aquele meio sorriso. — Que seja. — ela disse. — Quando começamos?

— Amanhã à noite, se você estiver disponível.

— Claro, por que não? Quem precisa dormir?

— Eu quero começar com o marido da Dra. Edwards. Ele é um homem e um estudioso de modo que a sua presença deverá ser particularmente útil.

— Deus, obrigada. Eu amo ser *útil*. Quem é a Dra. Edwards?

— Estelle Edwards. Uma pesquisadora médica *e* a primeira mulher a desaparecer. Ela não se encaixa no perfil e gostaria de saber o porquê.

Ela deu de ombros. — Tudo bem.

Raj sorriu. — Eu te deixarei dormir, então. — disse. Ele caminhou pelo corredor, satisfeito por ter feito uma saída limpa, já pensando em maneiras de escapar desse encontro com ela amanhã à noite. Só Deus sabia o quanto ele queria passar um tempo com ela. Mas ele queria muito isso e isso não era saudável para nenhum dos dois. Ele alcançou a porta da frente e se virou para dizer adeus, mas Sarah estava bem atrás dele.

Ela ficou lá parada olhando-o, as suas mãos atrás das costas como uma criança bem comportada. Ela respirou fundo, o que não ajudou em nada a sua repressão recém descoberta, e disse: — Você não quer me dar um beijo de boa noite?

Ele congelou. — O quê?

— Um beijo de boa noite. — ela persistiu.

Ele fez uma careta. — Sarah...

Ela deu-lhe um olhar impaciente. — Qual é o problema, Raj? Você me beijou ontem à noite, não é? E na noite anterior. De repente me cresceu uma segunda cabeça ou algo assim? — Ela deu um tapinha em seus ombros, como se estivesse procurando a segunda cabeça.

— Ótimo. — Ele se abaixou, pretendendo dar um beijo casto na bochecha dela, mas Sarah tinha outros planos. Ela virou sua cabeça no último segundo para que seus lábios se encontrassem. E ele estava perdido.

Os lábios dela eram suaves e quentes, derretendo-se sob os lábios dele enquanto a boca dela abria com um pequeno gemido ofegante. Ele abraçou o redor de sua cintura com um braço e os virou, prendendo-a contra a parede, pressionando o corpo dele no dela enquanto explorava a sua doce boca. Suas línguas se enroscaram, os braços esguios dela se entrelaçaram ao redor de seu pescoço e puxaram-no mais para perto até que ele pensou que eles se fundiriam em uma única entidade, presos para sempre em um abraço abrasador. E certamente havia maneiras piores para acabar com a vida de alguém?

Ela gritou quando suas presas cortaram seu lábio e ele se afastou, perdido na primeira prova de seu sangue, o feitiço estonteante disso enquanto o sangue percorria seu sistema. Ele a segurou por mais um momento, aproveitando a sensação de seu corpo quente e disposto, a imagem da excitação dela, suas bochechas coradas e seus olhos nublados pelo desejo, e então a deixou deslizar novamente até que os pés dela tocaram o chão.

— Tome cuidado, pequena. — ele sussurrou roucamente. — Não provoque a menos que você esteja preparada para lidar com as consequências. — Ele a segurou até ela conseguir ficar de pé sozinha, permitindo a si mesmo mais um beijo tenro contra a sua boquinha faminta antes de se afastar. — Te ligo amanhã. — ele disse, e então ele se foi, o protesto frustrado dela ecoando pela calçada vazia atrás dele.

Capítulo 24

Raj trancou a porta de seu jazigo particular e foi diretamente para o bar, servindo-se com uma dose de vodka e jogando-a goela abaixo. Mas nada podia lavar o sabor persistente do sangue de Sarah. Talvez se nunca tivesse experimentado além da doçura de sua pele, ele poderia ter ficado longe dela. Mas agora... Aquele pequeno gole havia selado seu destino. Ele ainda poderia deixá-la para trás, podia correr de volta para Manhattan no jato mais rápido que ele possuía, mas isso não apagaria a memória, a necessidade. Ela era dele, e ele seria condenado se deixasse alguém, humano ou vampiro, tê-la. Mas será que Sarah estaria condenada se ele a tomasse ao invés?

Ele colocou o copo vazio de volta no bar e arrancou suas roupas, consciente do sol nascente drenando sua energia. Quando ele caiu por fim em sua cama, deu as boas-vindas ao doce esquecimento do sono diurno. Ao menos por algumas horas, estaria livre.

Quando acordou aquela noite, havia uma mensagem de Tony Scavetti esperando por ele em seu correio de voz, pedindo que telefonasse. Não era algo esperado, mas era bom saber que seus cartões de negócio não tinham ido para o lixo.

Raj tomou banho e se vestiu antes de ligar para o número do detetive.

— Scavetti.

— Raymond Gregor, Detetive. Você ligou.

— Sim. — Scavetti disse, soando como se preferisse arrancar cada um de seus próprios dentes a fazer aquela ligação. — Eu entendo que você gostaria de falar com algumas das testemunhas.

Já que isso era a última coisa que Raj esperava que o homem dissesse, ele demorou um minuto para responder. — Eu gostaria. — ele disse finalmente.

— Sim, bem. Eu fiz algumas ligações. O Dr. Edwards estará em casa esta noite se você quiser vê-lo.

— Estarei lá por volta das nove. — Raj disse. — Por que a mudança de atitude, Detetive?

— Não sei sobre o que...

— Não vamos fazer jogos, Tony. Não entre nós. — Raj acrescentou secamente. — Por que a repentina cortesia?

Ele escutou a forte respiração de Scavetti e então algo que soou como uma cadeira acertando a parede. — Você tem amigos, Gregor. Te darei isso. Amigos com um monte de dinheiro. E o dinheiro fala, mesmo quando deveria manter a porra da boca fechada.

E o verdadeiro Scavetti retorna, Raj pensou. Era quase reconfortante.

— William Cowens ligou para o Comissário e *solicitou* a nossa cooperação. — Scavetti acrescentou. — Solicitou a porra do meu traseiro. O Capitão desceu a lenha na gente com força. Então você conseguiu suas malditas entrevistas. Isso é bom o bastante?

— É, e obrigado.

— Sim, que seja. Ei, Gregor, já que nós estamos sendo amiguinhos e tudo, por que você está aqui?

— Desculpe?

— Quero dizer, o seu território habitual é Manhattan, certo?

Raj não lhe havia dito isso, e não deve ter sido fácil para ninguém cavar informações sobre ele e seus negócios. Talvez a polícia tivesse alguém dentro do círculo de Krystof.

— Deve haver mais do que apenas alguns caras locais que poderiam lidar com algo como isso. — Scavetti estava dizendo. — Então por que trazer um chefão como você da cidade grande? O que vocês estão tentando esconder?

Raj gostaria de ter a resposta para essa pergunta, mas tudo o que ele disse foi: — Você terá que perguntar isso para o Lorde Krystof. Como você, eu só faço o que mandam.

— Certo. — Scavetti disse, claramente sem acreditar em uma única palavra. — Assim como eu tenho certeza que você me avisará se descobrir qualquer coisa sobre aquelas garotas desaparecidas.

— Você e eu temos os mesmos objetivos, Detetive. Sinto muito se você não acredita nisso.

— Sim. Que seja.

O telefone ficou mudo contra a orelha de Raj. Ele desconectou e discou o número de Sarah que sabia de cor.

— Alô?

Ele não se identificou. — Temos um encontro com o Dr. Edwards às nove da noite. Você pode ir?

— Bem, boa noite para você também, Raj.

Ele ficou em silêncio por um momento, e então disse. — Sarah.

— Sim.

— Você pode ou não?

— Sim, meu senhor.

Ele fez uma careta. *Droga, Emelie.* — Não me chame assim.

— Mas Emelie...

— Emelie gosta de joguinhos.

Ele podia ouvir o ligeiro bater de teclas de computador e percebeu que ela continuava a trabalhar em outra coisa enquanto conversava com ele. — Estou interrompendo algo? — ele grunhiu.

— Bem, alguém certamente acordou do lado errado do caixão esta noite. Então você vai me pegar, ou o quê?

Raj teve um pensamento fugaz sobre a parte do 'ou o quê' da frase, mas ele disse. — Estarei aí antes das nove.

— Vejo você então.

— Sim, você verá. — ele disse e desligou, determinado a ter a última palavra.

Seu telefone tocou quase que instantaneamente. Era Sarah. Ele pressionou o botão com o seu polegar, e antes que pudesse dizer qualquer coisa, ela disse: — Boa noite, Raj. — e desligou.

Capítulo 25

— Passaremos pela Universidade depois de nos encontrarmos com o Edwards. — Raj disse quando Sarah abriu a porta da frente. Ela havia decidido trancá-la, e ele deixou bem claro a sua irritação quando ela finalmente o deixou entrar. — Quero falar com a colega de quarto de Trish, também. — ele continuou. — Você poderia ligar com antecedência e ter certeza de que ela estará lá.

Sarah ofereceu-lhe um olhar obscuro. — Quem te colocou no comando desta parceria? Talvez eu tivesse outra coisa em mente.

— Você tinha? — ele perguntou curiosamente.

Ela apertou seus lábios em aborrecimento e pisoteou até pegar o seu casaco do sofá onde o havia jogado mais cedo. — Não. — ela estourou e começou a colocar o casaco com raiva. Ela ficou surpresa quando Raj o pegou dela, deslizando-o graciosamente sobre seus braços, suas mãos demorando-se em seus ombros uns poucos segundos a mais.

Ela se arrepiou e ele ergueu suas mãos imediatamente.

— Nós levaremos o meu carro. — ele disse, segurando a porta aberta. Ele ergueu uma sobrancelha. — Isso é, a menos que você tenha outro plano?

Ela mostrou a língua enquanto passava por ele, arrancando-lhe uma repentina risada genuína. Aparentemente até o Raj poderia ser surpreendido. Bom saber.

Demorou meia hora para chegar à casa dos Edwards, que era uma imensa casa estilo rancho em um grande lote duplo num dos muitos subúrbios de Buffalo. Este subúrbio em particular possuía um tema country, com cercas de ferro brancas e grandes áreas de gramado onde caberiam seis casas em outras partes da cidade.

— Os Edwards têm filhos? — Sarah perguntou enquanto eles estacionavam na entrada de carros em formato de U.

— Não. Eles têm carreiras. — Ele olhou para encontrá-la observando a casa duvidosamente. — Você não aprova?

— Realmente não me importo de qualquer forma, contanto que eles estejam felizes. É só, eu olho para esta enorme casa e tento imaginar os dois perambulando lá dentro. Eles provavelmente poderiam passar dias sem ver um ao outro.

— Talvez seja isso o que aconteceu. Talvez a Estelle esteja na verdade trabalhando em algum lugar dentro da casa e o Dr. Edwards nem sabe. — Ele desligou o motor. — Vamos.

A casa estava toda iluminada, tanto do lado de dentro como de fora. Possuía um único andar, provavelmente com um porão, mas o telhado era alto e as janelas tiravam vantagem disso, esticando-se desde perto do chão até quase à linha do telhado. Altas portas duplas estavam ladeadas por painéis de vidro obscurecido, e eles puderam ver alguém se movendo lá dentro quando tocaram a campainha.

— Eu assumo. — Sarah disse. — Ele provavelmente está chateado, e uma mulher...

Raj fungou. — Até onde você sabe, esse cara matou a esposa. O marido sempre é o principal suspeito em casos assim.

Ela olhou-o pensativamente. — Ou você é um grande fã de programas policiais... — Raj revirou os olhos. — Ou você não me contou todos os seus segredos.

Ele deu-lhe um olhar seco.

— Ok, então você não me contou *nenhum* de seus segredos. Mas você irá. — ela disse confiante. — As pessoas sempre...

A porta da frente se abriu, interrompendo o que quer que fosse que as pessoas sempre faziam no mundo de Sarah. Donald Edwards era somente um pouco mais baixo que Raj, mas parecia ter metade de seu peso. A calça de veludo marrom, a camisa branca e o casaco de lã cinza caíam folgadamente sobre uma armação de ossos pesados, como se ele tivesse ficado doente ou tivesse perdido peso recentemente. Seu cabelo negro era cortado bem curto, liberalmente salpicado de fios prateados.

— Doutor Edwards? — Sarah disse. — Eu sou Sarah Stratton. Acredito que você esteja nos esperando? — Ela esticou a sua mão, que Edwards encarou sem emoção, como se não soubesse muito bem o que fazer com ela. Quando ele finalmente reagiu, foi de maneira lenta e metódica, um aperto frouxo que ele soltou quase que imediatamente.

Sarah deu a Raj um olhar perturbado.

— Raymond Gregor. — Raj disse, estendendo a mão por sua vez. O aperto de mão de Edwards veio mais rápido desta vez, como se já tê-lo feito com Sarah, houvesse-lhe lembrado de qual era a resposta adequada. Longos dedos finos envolveram os de Raj e ele podia sentir o pulso sob a pele do homem.

Eles esperaram que Edwards dissesse algo, que os convidasse a entrar ou talvez que os mandasse embora. — O Detetive Scavetti disse-nos que ligou? — Raj o lembrou.

Os olhos castanhos do homem se voltaram para Raj e ele assentiu. — Sim, claro. Entrem. — ele disse. Ele saiu da entrada da porta, dando-lhes espaço para entrar. Sua voz estava rouca pelo desuso. Ou este era um homem em profunda tristeza pelo desaparecimento de sua esposa, ou alguém que estava usando produtos farmacêuticos com muita frequência.

Eles seguiram-no para uma área de estar um pouco além do foyer. Era um cômodo estranho, grande e com teto alto, com um centro afundado que possuía um sofá em formato de L e diversas cadeiras, como também uma fogueira. Uma televisão de tela ampla estava em um lado, posicionada para que ficasse conveniente para quase todos os assentos no cômodo. Edwards sentou-se em uma cadeira demasiado pequena para a sua altura e gesticulou na direção do sofá adjacente.

Sarah sentou-se na beirada do sofá radiando preocupação, seus joelhos estavam juntos e suas mãos apertadas, o corpo inclinado de leve para frente. Raj sentou-se no braço do sofá próximo a ela. Ele não estava recebendo uma vibração clara do Edwards e isso o deixava nervoso.

— Ela está morta? — O rosto de Edwards não demonstrava nenhuma expressão. Ele nem mesmo olhou para o Raj, mas encarou Sarah, como se sabendo que ela era aquela que entregaria as más notícias.

— Não! Oh, não, Dr. Edwards. — Sarah esticou uma mão para tocar em seu joelho nodoso, coberto pelo veludo. Raj teve que se segurar para não pegar sua mão de volta quando ela permaneceu por tempo o bastante para dizer. — Sinto tanto. Não estamos aqui para isso.

O corpo inteiro de Edwards pareceu entrar em colapso. Raj sentiu o cheiro das lágrimas antes de vê-las correndo por debaixo das pálpebras fechadas do homem. Scavetti havia estado errado sobre a parte do casamento de Edwards. Este homem amava a sua esposa.

— Sinto tanto. O Detetive Scavetti deveria ter-lhe contado. — Sarah acrescentou tristemente. — Nós não...

— Nós fazemos parte de uma nova investigação. — Raj interrompeu. — Certas informações chamaram nossa atenção e estas informações levam-nos a acreditar que o caso da sua esposa pode ser parte de um esquema maior. Nosso propósito em estar aqui é coletar quaisquer detalhes que consigamos na esperança de conseguirmos uma visão mais clara do crime.

Sarah franziu a testa para ele, mas Edwards respondeu ao tom de negócios. Ele se endireitou visivelmente, sentando-se direito na cadeira e puxando uma respiração estabilizadora. Ele olhou diretamente para Raj. — Claro. — ele disse, parecendo alerta pela primeira vez desde que eles chegaram. — Apesar de que a polícia já esteve aqui diversas vezes. Eu não...

— Novos olhos, Dr. Edwards. — Raj disse vigorosamente. — E uma nova perspectiva. Somente algumas perguntas.

— Claro. Sinto muito. Vocês gostariam de algo para beber? Acabei de fazer café.

O café estava frio e intocado, e Edwards ainda não lhes havia dito muito mais do que eles já sabiam. Ele alegava não saber quase nada sobre o contato vampiro que sua esposa planejava encontrar, o que Raj achou inacreditável. Se a mulher que ele gostava tivesse saído para um encontro tardio com um vampiro desconhecido, ele com uma maldita certeza teria sabido com quem ela estaria se encontrando. Inferno, ele teria ido junto com ela.

— Você não se preocupou que a sua mulher estivesse encontrando alguém, talvez até um vampiro, tão tarde da noite? — Raj perguntou sem rodeios, o que fez com que ele ganhasse um olhar chocado da Sarah.

O Dr. Edwards parecia aturdido pela pergunta também. Ele não respondeu imediatamente, encarando Raj e depois desviando o olhar, como se debatendo se respondia ou não a pergunta. Quando ele olhou novamente, seus olhos estavam cheios de perda, e algo mais — culpa.

— Nós deveríamos ter jantado naquela noite. — ele disse baixinho. — Parece insignificante agora, mas na época... — Ele inspirou antes de continuar. — Eu havia conseguido uma espécie de golpe profissional e nós iríamos celebrar. Estelle cancelou no último minuto. Eu fiquei bravo. Ela tinha feito este tipo de coisa tantas vezes antes, sempre colocando seu trabalho na frente de tudo o resto. Ela deixou uma mensagem no telefone, cancelando nossos planos e me dizendo sobre a sua reunião. Nem liguei de volta.

— A sua esposa mantém uma agenda? Qualquer coisa que liste seus compromissos?

Lágrimas brilharam nos olhos de Edwards e ele engoliu com dificuldade antes de assentir. — No computador dela, mas a polícia já levou isso. Acho que eles não encontraram nada.

— Ela tem uma secretária? — Sarah perguntou. — Alguém que poderia ter ligado para o contato dela?

Edwards balançou a cabeça. — Estelle era muito cuidadosa com o seu trabalho. Pesquisa médica é um campo altamente competitivo, cruel alguns diriam, e ela já tinha sido passada para trás antes por uma colega. Ela raramente dividia quaisquer detalhes, e até mesmo seus assistentes sabiam somente sobre o que eles estavam trabalhando no momento, muito pouco de um grande projeto.

Raj ficou de pé para partir. *Isso era inútil.* — Obrigado, Dr. Edwards, por...

Edwards também ficou de pé, interrompendo-o. — Você deve entender. Vivemos bem aqui, mas nem sempre foi assim. É difícil ver sob sua personalidade profissional, mas Estelle é muito inteligente. Ela me disse que iria se encontrar com alguém da comunidade vampírica, alguém poderoso o bastante para garantir acesso às amostras de sangue que ela precisava. Acreditei nela, Sr. Gregor. E acredito que quem quer que seja que ela encontrou... — Ele respirou fundo antes de continuar — ... aquele com quem ela se encontrou sabe onde ela está.

Raj fez uma careta e assentiu afiadamente. — Pelo que vale, acho que você está certo, Dr. Edwards. — Ele gesticulou para Sarah, indicando que era hora de partir.

Sarah deixou seu café intocado em seu delicado pires e ficou de pé. Ela havia tirado o seu casaco quando tinha se sentado e agora o recolheu, ficando pronta para partir. Algo chamou sua atenção, e Raj a viu caminhar até um grande aparador contra a parede do vestíbulo.

— Esta é a sua esposa? — ela perguntou para o Edwards, tocando uma fotografia numa moldura prateada.

— Sim. — o doutor respondeu, parecendo confuso. — Mas já entreguei a fotografia para a polícia.

— Você fez isso, senhor. — Raj disse rapidamente. — Dra. Stratton é nova no caso. Obrigado por concordar nos ver tão em cima da hora. Nós entraremos em contato. — ele adicionou e apressou Sarah pela porta.

Capítulo 26

Sarah esperou até que eles estavam no carro de Raj e de volta à estrada principal, antes de dizer: — Lembra quando disse a você que Krystof estava conversando com alguma mulher na recepção da universidade?

— Mmm. — Raj disse distraidamente.

— Era com Estelle Edwards.

Ele olhou-a em descrença. — Por que você não disse nada antes? — Perguntou ele.

— Nunca vi a fotografia dela antes. — respondeu ela calmamente.

— Mas você se encontrou com Scavetti...

— Durante cinco minutos, para que ele me dissesse todas as razões pelas quais não pertencia a seu precioso caso. Só sei a aparência de Trish porque ela estava no jornal.

— Porra.

— Não entendo, Raj.

— O que você não entende? — Ele perguntou. Ele parecia irritado, de repente, embora não necessariamente com ela.

— Qual é a conexão? Por quê Estelle Edwards, e por quê essas mulheres?

— Sangue. — ele disse de forma sucinta. — Aquele filho da puta.

— Explique por favor.

Ele fez uma careta. — Os vampiros ficam jovens para sempre. Os seres humanos gostariam disso também. Está tudo no sangue.

Os olhos de Sarah se arregalaram em entendimento. — Oh, meu Deus! — disse ela. — E Estelle Edwards é uma hematologista! Ela poderia fazer uma fortuna.

— Exatamente.

— Mas por que ninguém fez isso antes? Inferno, por que você não montou uma sociedade anônima?

Ele parou em um sinal vermelho e virou-se para olhá-la. — Por quanto tempo você acha que os vampiros continuariam livres se os seres humanos descobrissem uma maneira de nosso sangue fazê-los viver para sempre? — Perguntou ele seriamente.

Ela olhou-o quando percebeu o que ele quis dizer. — Certo. — ela disse. — Entendi. — A luz mudou e o BMW arrancou como se estivesse em uma pista de corridas. — Então Krystof está em apuros? — Ela perguntou.

O Sr. Inescrutável apenas deu de ombros, ignorando a sua pergunta, o que fez com que Sarah tivesse um súbito desejo de jogar alguma coisa nele. Infelizmente, não havia nada útil, e além disso, na velocidade que ele ia, o

carro provavelmente falharia de uma forma espetacular e ela morreria. Ele ficaria bem, é claro. Vampiro estúpido.

Olhando para a frente, ele chicoteou o poderoso sedan pelas ruas vazias, sua raiva irradiando dele. Ela esperava que ele a levasse direto para casa e a deixasse na calçada, de modo que ficou surpresa quando ele virou em direção à universidade.

— O nome da colega de quarto é Jennifer Stewart. — disse ele abruptamente e recitou seu número de telefone. — Tente lhe ligar.

— Sim, meu senhor. — respondeu ela, o que lhe valeu um olhar de lado. Ela digitou o número.

— Se ela não estiver lá, vou deixá-la...

— Olá, é Jennifer? — Sarah fez uma careta para Raj. — Jennifer, meu nome é Sarah Stratton.

Jennifer Stewart poderia ser irmã gêmea de Patricia Cowens, Raj pensou. Elas tinham o mesmo rosto em formato de coração cercado por longos cabelos pretos encaracolados e o mesmo corpo recém-maduro, implorando para ser depenado.

— Eu disse à polícia. — ela estava dizendo. — Trish nunca foi a uma dessas festas antes. Ela era realmente doce, mas quase não ia a parte alguma. Era realmente importante para ela que seu pai a tivesse deixado viver no dormitório, e ela não queria fazer nada que o fizesse mudar de idéia. Ele é bastante protetor, como quase totalmente obcecado. Você sabia que ele comprou uma casa aqui só para poder visitá-la nos fins de semana? É fora do campus e é realmente enorme.

— Ele comprou uma casa por que Trish estava vindo estudar aqui? — Sarah perguntou.

— Yeah. Trish não se importava, no entanto. Ela disse que era por causa de sua mãe ter sido assassinada. Ele é realmente um cara muito legal para ser tão maciçamente rico.

Raj estava ficando impaciente com a conversa. Eles já tinham passado por uma longa e desnecessária série de apresentações, durante a qual Jennifer sabiamente pediu para ver a sua identificação. Raj conseguia entender isso. Afinal, a sua companheira de quarto estava desaparecida. Mas a verificação da identificação tinha sido seguida por uma longa explicação de por que eles deveriam chamá-la de "Jen" e não de "Jennifer" e nunca de "Jenny". Raj a chamaria tudo que ela quisesse se isso significasse obter algumas respostas antes do próximo milênio.

— Não acho que ela tenha se divertido na festa, no entanto. — *Jen* estava dizendo. — Às vezes tem uma espécie de uma vibração estranha lá, entendem?

Raj não entendia. Ele não queria entender. O que ele *queria* era saber o que Jen tinha a dizer que poderia o ajudar a descobrir se Krystof estava negociando sangue vampiro. Cristo, se isso fosse verdade, o velho realmente tinha perdido o juízo. Ele perambulou até a pequena secretária do lado da janela, inclinando-se para observar uma fotografia das duas companheiras de quarto que estava presa num quadro de cortiça. Sem sequer olhar por cima do ombro, ele arrancou a fotografia do quadro e colocou-a no bolso antes de se virar a apoiar-se contra a secretária.

— Será que você ou Trish alguma vez foram a algo mais sério que estas festas? — Perguntou impaciente. — Qualquer coisa envolvendo vampiros?

Jen olhou-o com aqueles grandes olhos de menina e balançou a cabeça. — Oh. Você se refere às casas de sangue?

Isso era exatamente ao que Raj se referia e ele achou curioso que uma garota de olhar inocente tivesse percebido tão rapidamente. — Entre outras coisas. — ele disse. — Alguma coisa do gênero?

— Não, senhor. — disse ela, balançando a cabeça vigorosamente e jogando seus cachos brilhantes. — Nunca.

Raj se endireitou. — Jennifer. — disse ele numa voz baixa e sedutora. Seu olhar voltou-se para ele tão rapidamente como uma bússola para o norte.

Ele se pôs em um joelho à frente dela e pegou a sua mão, como um cortesão ante uma princesa. *Jennifer, você sabe o que sou não é?*

Sim. Até mesmo a voz mental dela era jovem e sem fôlego. Isso o fez sorrir.

Estou tentando encontrar Trish, Jennifer, e sei que você quer ajudar, não é?

Ela balançou a cabeça ansiosamente.

Vou ajudar você a lembrar algumas coisas, tudo bem?

É isso uma espécie de hipnose?

É exatamente isso.

Ela franziu o cenho. *Você não vai me fazer cacarejar como uma galinha ou algo parecido, vai?*

Raj queria rir, mas ele respondeu de forma séria. *Não. Isso seria trair a sua confiança e eu nunca faria isso, querida.*

Ok, então.

Raj ouviu Sarah se movendo sem parar atrás dele. Toda a conversa com Jennifer tinha levado apenas alguns minutos, mas ele de repente se deu

conta do que Sarah estava vendo. Ele ajoelhado na frente da jovem, o seu olhar bloqueado no dele, com o rosto repleto de felicidade, como se ele fosse a pessoa mais maravilhosa que ela alguma vez conheceu. Ele limpou a garganta e falou em voz alta. — Jennifer, você mentiu antes, quando perguntei sobre as casas sangue?

Os olhos da menina se encheram com lágrimas que caíram por seu rosto. — Sinto muito. — ela sussurrou.

— Por que você mentiu, querida?

— Não tenho permissão. — disse ela com uma voz infantil. — Meus pais ficariam muito, muito bravos comigo.

— Você contou à polícia sobre isso?

— Não! Eles contariam!

— Eu não vou contar.

Ela sorriu feliz. — Eu sei.

— Assim, você pode me dizer a verdade, não pode? Você pode me contar sobre a casa de sangue.

— Sim. — ela balançou a cabeça vigorosamente. — Minha amiga Kara e eu fomos lá duas vezes. Foi assustador no início, mas os vampiros foram muito legais. E alguns deles eram bonitos também, assim como os livros de romance dizem.

Raj virou a cabeça para compartilhar sua diversão com Sarah e ficou surpreso ao encontrá-la olhando-o. Ele franziu a testa, mas mudou sua atenção de volta para Jennifer, não querendo perder a ela ou à imagem perfeitamente clara que ele estava recebendo sobre a casa de sangue que ele reconheceu como sendo aquela que estava sob sua gestão nesta cidade. — Você conheceu alguém na casa de sangue, Jennifer? Alguma pessoa especial?

A jovem corou. — Havia um cara. Ele realmente parecia gostar de mim. Dançamos a noite toda e ele disse que eu deveria voltar de novo, que talvez pudéssemos sair ou algo assim.

Raj franziu a testa para a imagem que ele estava recebendo dela, que não era exatamente uma imagem. Fosse quem fosse, tinha passado tempo suficiente com ela para seduzir sua mente e alterar suas memórias.

— Ele realmente gostou do meu casaco.

Raj piscou. — Do seu casaco?

— Não era realmente meu. — Jen confidenciou, inclinando-se mais perto dele. — Peguei emprestado de Trish. Ela tem roupas bonitas. — Jen parecia triste. — Ela estava usando o nosso casaco quando foi embora.

Raj olhou-a atentamente. — Você lembra o nome do vampiro, Jennifer? Aquele que dançou com você?

Ela franziu o cenho. — Não me lembro.

— Como ele se parece?

Ela franziu a testa novamente, olhando suas mãos unidas e concentrando-se. — Não consigo lembrar também. Sinto muito. — Ela olhou-o e ele podia dizer que ela estava ficando mais e mais perturbada enquanto tentava quebrar o condicionamento do outro vampiro, a fim de agradá-lo. Ele não queria isso.

— Está tudo bem. — ele disse rapidamente, acalmando-a. — Você foi muito útil esta noite.

— Eu fui?

— Absolutamente. — Ele a pegou pelo braço e levou-a até uma das camas gêmeas. — Você deve dormir agora.

— *Estou* cansada. — ela disse, bocejando amplamente e enrolando-se na cama.

Ele inclinou-se, puxou as cobertas sobre ela e tocou seu ombro. — Boa noite, Jennifer.

Ele ficou de pé e encontrou Sarah parada ao lado dele, quase vibrando com raiva. — O que... — começou ele.

— Lá fora. — ela disse furiosamente.

Ele deu-lhe um olhar estreito, não gostando que alguém lhe desse ordens. — Qual é o seu problema?

— Eu disse, lá fora.

— Olha Sarah, se você quer sair, vá em frente. Preciso ter certeza de que...

— Não vou te deixar sozinho com ela.

Raj sentiu sua própria raiva crescer para atender à dela. Ele agarrou seu braço, segurando-a quando ela tentou se afastar, puxando-a do quarto e levando-a escada abaixo, não largando-a até que estavam ao lado do seu BMW.

— O que diabos está errado com você? — Ele exigiu

— Comigo? O que está errado com *você*? — Ela exigiu. — Você praticamente estuprou aquela garota!

— Você está fora de sua maldita mente? — Ele disse, cada palavra enunciada de forma clara. Ele estava segurando a sua raiva pelo mais fino dos fios. Que ela iria acusá-lo de...

— Por que? Porque você não a tocou? Você pensa que estupro só acontece com o corpo? Pense outra vez. *Sei* como se parece...

— Você não sabe de merda alguma porque eu nunca faria mal a uma mulher. — ele rosnou, chegando tão perto que podia sentir o corpo dela tremendo. — N*unca* mais me acuse de algo assim. Nunca. Você entendeu?

Sarah olhou-o. — Foda-se, Raj. — ela sussurrou. Ela virou-se e afastou-se pelo estacionamento, tirando o seu celular da bolsa.

Raj usou sua velocidade de vampiro para se colocar em seu caminho. — Volta para o carro. Não deixarei você aqui.

Ela riu. — Bem, não vou entrar no carro com um estuprador, então má sorte a sua.

Raj encarou-a, não acreditando no que ela estava dizendo. Como ela poderia pensar aquilo dele? Como poderia qualquer mulher achar que ele era aquele tipo de monstro, ainda mais *aquela* mulher?

Ela estava falando ao telefone com alguém e ele percebeu que ela estava chamando um táxi. Ele considerou agarrá-la e jogá-la de volta em seu carro. Inferno, ele poderia apagar este pesadelo todo de sua mente e ela nunca lembraria de nada. Mas ele não faria isso. Não de novo. E não com Sarah.

Ele viu-a passar pelo estacionamento, em direção à rua onde, presumivelmente, o táxi iria encontrá-la. Talvez tenha sido melhor assim. Ele queria uma desculpa para se afastar dela. Para fazê-la caminhar para longe dele. Para levá-la o mais longe possível de vampiros em geral, e dele em particular. Isto não era o que ele tinha em mente, mas serviria. Isso serviria perfeitamente.

Ele caminhou de volta para seu carro sem dizer uma palavra, sentado lá até que viu o táxi chegar, até que Sarah estava segura no seu interior. E então ele dirigiu pela noite sozinho.

Capítulo 27

Raj parou na frente do armazém e tirou a chave da ignição. Ele sentou-se lá por um tempo escutando o assobio do arrefecimento do motor e o zumbido ocasional de um grande caminhão nas proximidades da Estrada Genesee. O aeroporto estava silencioso. O último vôo com passageiros veio de Chicago por volta da meia-noite. Depois disso, os terminais praticamente fecharam até a manhã seguinte e os primeiros vôos de carga começavam às seis da manhã.

Ele tinha a conexão que estava procurando. Jennifer, a doce Jennifer, havia lhe dado. Eram as casas de sangue. O rapto de Trish Cowens nunca tinha feito sentido para ele. Por que qualquer vampiro perseguiria uma vítima na rua, quando poderia encontrar muitas mulheres nas casas de sangue que estavam dispostas a passar uma hora ou até mesmo o fim de semana se era isso o que o vampiro queria? Mas não era Trish Cowens quem o vampiro queria. Era Jennifer Stewart, que se parecia tanto com sua companheira de quarto e que havia usado uma jaqueta de couro na noite em que tinha ido visitar a casa de sangue. O mesmo casaco que Trish estava usando na noite em que foi levada.

Mas qual era a conexão entre as mulheres raptadas e o projeto de pesquisa sobre vampiros de Estelle Edwards? Ela precisava de humanos para testar a sua pesquisa? E quanto a Krystof? Mesmo que estivesse por trás deste esquema, ele certamente não tinha sido aquele que havia dançado com Jennifer Stewart na casa de sangue ou, para que conste, aquele que tinha raptado Trish Cowens. E ainda havia o fato de que tinha sido Krystof quem o trouxe a Buffalo para descobrir o que estava acontecendo.

Raj xingou e abriu a porta. Muitas malditas perguntas e poucas respostas. Ele caminhou até o armazém, esperando que estivesse vazio. Mas quando entrou, encontrou Em se dirigindo para um dos grandes SUVs, o único que sobrava no compartimento do armazém.

— Raj. — disse ela, virando na direção dele. — Não esperava que você aparecesse por aqui.

— Temos alguns humanos ativos na cidade, além desses guardas?

Ela piscou, obviamente surpresa com o seu comportamento frio, mas ele não estava em um humor amigável.

— Nenhum em quem confio, meu senhor, mas posso ter alguém aqui ao amanhecer.

— Faça-o. Preciso de mais guardas diurnos para este lugar e uma vigilância de vinte e quatro horas para Sarah.

Emelie pausou no ato de pressionar os botões do seu celular. — Você acha que ela...

— Não tenho tempo para fazer de babá dela, mas preciso saber qual é o seu envolvimento. Ela tem me mentido desde o começo e preciso saber o porquê. Simon encontrou mais alguma coisa sobre ela?

— Nada relevante, meu senhor, mas ele ainda está procurando. Há uma coisa estranha...

Raj olhou-a bruscamente. — O quê?

— Ao que parece, ela não existe até dez anos atrás. Talvez um pouco menos.

— O que isso significa?

Ela deu de ombros. — Não há certidão de nascimento, nem graduação do ensino médio, nem carteira de motorista que possamos encontrar até então. Obviamente, é possível que ela estudasse em casa e que não dirigisse um carro até que se tornou independente, mas isso está soando estranho para Simon. Ele está procurando mais profundamente.

Raj franziu a testa. — Me informe assim que você encontrar alguma coisa. Onde estão todos?

— Por toda a cidade, como você pediu, meu senhor. Nós estivemos rodando as casas de sangue entre nós, e posso lhe dizer uma coisa. Não há ninguém no comando aqui. Nenhum dos vampiros locais levantou uma sobrancelha quando apareci, e eu não passo exatamente despercebida.

Raj assentiu. A maioria dos vampiros eram homens, embora tenha sido mais por acaso do que por planejamento. Ao contrário do que a ficção popular queria fazer as pessoas acreditarem, não havia muitos vampiros no mundo. Apenas mestres vampiros tinham o poder de fazer e manter uma criança, e a razão mais comum para um mestre fazer crianças era defender seu território. Havia um forte preconceito cultural entre todos, exceto os vampiros mais jovens, que colocavam as mulheres na categoria "para-serem-protegidas", enquanto os machos eram vistos como defensores. E então havia a necessidade de sangue — se um vampiro tinha uma amante do sexo feminino, mesmo que por um curto período de tempo, ele iria querer que ela permanecesse humana para que ele pudesse continuar a alimentar-se dela. Tudo isso resultava em mais vampiros do sexo masculino do que do sexo feminino, o que por sua vez significava que Emelie definitivamente deveria ter sido notada.

— Jozef me disse na minha primeira noite na cidade que Krystof estava fazendo crianças a torto e a direito. — Raj disse. — Os gestores das casas de

sangue locais estão, provavelmente, tão acostumados com caras novas que não se incomodam em questionar ninguém.

— Ou talvez eles estejam sobrecarregados. — disse Emelie. — As casas a que eu fui estavam demasiado lotadas. Os sistemas de ventilação não estavam funcionando corretamente e os humanos estavam embriagados com feromônios vampíricos.

Raj balançou a cabeça, não totalmente surpreso com isso. — As casas de sangue são a chave, Em. Acho que Trish Cowens foi um erro. Alguém tinha intenção de levar sua companheira de quarto, mas levou Trish em vez disso. — Ele franziu o cenho. — E Sarah diz que viu Krystof conversando com Estelle Edwards em uma recepção da universidade.

O rosto de Em refletia seu choque. — Isso é bem condenatório, chefe.

Ele assentiu. — Parece que sim, mas maldição, Em, simplesmente não se encaixa. Krystof não teria me trazido até aqui se fosse culpado. Ele *sabe* que eu descobriria isso. Alguma coisa está me escapando. Só não sei o que é. — Ele tomou uma inspiração difícil. — Não importa. — disse ele finalmente. — Se for Krystof, vou lidar com ele mais cedo que o planejado, isso é tudo. E não pode ter sido ele a raptar as mulheres das casas, porque os gerentes das casas lembrar-se-iam se Krystof tivesse visitado. Estive em Corfu na outra noite e ninguém me disse uma palavra sobre Krystof. Assim, mesmo que ele esteja por dentro disso, não está agindo sozinho.

— Sejam quem forem — Em afirmou. — Devem estar ficando um pouco frenéticos com toda a imprensa que isso está recebendo. Precisamos encontrar essas mulheres antes que os bandidos comecem a se livrar das evidências, assumindo que eles ainda não o fizeram.

Raj balançou a cabeça em desgosto. — Faça as suas chamadas, Em. Traga mais alguns de nossos humanos ativos para cá. E então você e eu estaremos indo visitar a casa de sangue no Este de Amherst. Jennifer Stewart, a colega de quarto de Trish, foi lá duas vezes. Quero ver o aspecto das coisas por aquelas bandas.

Capítulo 28

A casa estava bem do jeito que ele lembrava. Construída no começo dos anos setenta, era uma casa de madeira e vidro — dois andares, com um formato incoerente de A que a teria feito parecer ridícula se não fosse pelas casas idênticas ao redor. Era uma espécie de comunidade de mini-chalés suíços no norte do estado de Nova Iorque.

O interior estava tão firmemente preso nos anos setenta como o exterior. A pequena entrada levava a uma sala de estar rebaixada com paredes que se alternavam em painéis de madeira e espelhos com veios dourados. Sem dúvida o carpete devia ter sido originalmente algum tipo de tapete felpudo, mas isso tinha sido há muito tempo. Este tinha sido substituído por algo mais resistente, algo que não mostrava as manchas de sangue. O interior estava escuro e esfumaçado, música pulsando com cada batida pesada que fazia o piso barato vibrar sob seus pés. E Em estava certa. O ar estava nublado com feromônios e suor humano.

Raj parou no batente da porta e esperou que alguém o desafiasse, ou que pelo menos reconhecesse que ele pertencia ali. Mas ninguém o fez. Ele olhou para Em e começou a andar em direção à parte traseira da casa, terminando em uma cozinha que havia sido esvaziada para dar lugar a duas grandes geladeiras subzero que estavam situadas lado a lado. Raj trotou até às geladeiras e abriu uma.

Havia fileiras e fileiras de sangue empacotado lá dentro. Ou o gerente da casa possuía um acordo com o banco de sangue local ou ele estava drenando mais dos doadores humanos do que qualquer um sabia. Raj fechou a porta pesada. Ele ainda não havia sido desafiado por ninguém. — Lá em cima. — ele disse a Emelie.

Ela assentiu e liderou o regresso até ao fundo do corredor, fazendo uma virada em torno de um frágil corrimão de ferro. A escadaria estava abarrotada, mas quando eles chegaram ao andar de cima, verificaram que o salão estava mais ou menos livre das atividades que estavam decorrendo atrás das portas fechadas. Os sons habituais estavam emanando por aquelas portas — mulheres, homens e vampiros, no auge da paixão sexual e liberação. Não eram poucas as explosões pontuadas com gritos de dor, alguns vampiros nem tentavam ser gentis.

Raj sentiu as suas próprias presas empurrando para serem liberadas. Ele não se havia se alimentado de uma veia desde a mulher do bar, na sua primeira noite na cidade, e embora o sangue empacotado continha todos os nutrientes que ele precisava, não possuía nem um pouco da satisfação visceral que ele tanto ansiava. Entre o sistema de ventilação ruim e a multidão de humanos dispostos, era como pedir a um homem faminto para andar por um McDonald's sem provar nem uma batata frita. A porta da suíte principal se abriu e ele se virou, presas totalmente estendidas. Um vampiro estava lá, seu braço ao redor da cintura de um jovem que certamente teria desmoronado se não fosse pela assistência do vampiro.

— Raj! — O vampiro disse. — Soube que você estava na cidade. E aí, grandalhão?

— Livre-se do humano, Kent. — Raj grunhiu.

— Claro. — Kent disse concordando. — Volte para dentro, querido. — ele disse a seu companheiro. — Você parece um pouco exausto. — Ele virou o humano e deu-lhe um pequeno empurrão em direção à grande cama no fundo. O jovem mal conseguiu alcançar a cama, caindo de bruços quando seus joelhos bateram no colchão.

Kent assistiu, balançando sua cabeça com carinho. — Um doce garoto, mas um encontro barato. — Ele fechou a porta e se virou novamente para Raj com nada além de negócios em seu rosto.

— Vamos conversar. — ele disse. Kent pegou um molho de chaves do bolso de sua apertada calça jeans e abriu a porta do lado direito do quarto principal. Era uma espécie de pequeno escritório, com uma secretária de metal do tipo industrial e duas cadeiras. Não havia janelas, e pela configuração, Raj imaginou que aquele espaço devia ter sido cortado do quarto ao lado.

Kent se apoiou na secretária, suas costas contra a parede exterior, e indicou as duas cadeiras, olhando Em curiosamente antes de dizer: — Estou surpreso em ver você, Raj. Agradado, mas sem dúvida surpreso. Então, o que aconteceu?

Raj não sentou-se. Ele ficou bem ao lado da porta, consciente de que Emelie estava às suas costas e a casa cheia de vampiros ao seu redor. Kent era um amigo, ou havia sido uma vez, mas Raj não iria tão longe a ponto de dizer que confiava nele. Raj não confiava em ninguém que tivesse permanecido no enlace de Krystof. Ele estudou Kent e viu uma fina camada de suor trair seus nervos, viu a sua mão agarrar as chaves com tanta força que o sangue estava começando a escorrer por entre seus dedos. Raj encontrou seus olhos e os segurou até que Kent baixou seu olhar com um pequeno gemido. Ele deslizou para o chão e ficou de joelhos.

— Mestre. — ele forçou a palavra a sair de seus lábios, que estavam apertados dolorosamente.

Raj o deixou lá por mais alguns minutos, enquanto Emelie ficou totalmente parada ao lado dele, provavelmente lutando contra o próprio impulso de ficar de joelhos.

— Levante-se Kent. — ele disse finalmente, e sentou-se na maior das duas cadeiras, empurrando-a contra uma parede.

Kent suspirou aliviado e, depois de olhar para Raj, levantou-se de modo vacilante e se encostou fracamente contra a parede por cima da secretária.

— Como posso servi-lo, meu senhor? — Kent perguntou de um modo bastante subserviente.

— Eu não sou o seu senhor, Kent.

O outro vampiro ousou dar uma rápida olhada para o rosto de Raj, mas desviou o olhar rapidamente. Ele deu de ombros. — Krystof não se importa com nada fora dos limites de Delaware Park. Você é o único mestre que vejo em dois anos.

Raj disfarçou o seu desânimo. — Ninguém verifica as casas?

— Jozef, às vezes. Ele vem a cada poucos meses, mas ele esteve aqui no último mês, então não espero que ele apareça por algum tempo.

Raj ficou em silêncio, pensando. — Alguém lhe perguntou algo sobre mulheres desaparecidas?

— Mulheres?

— Três mulheres, Kent. Três desaparecimentos separados, mas cada uma delas havia visitado casas de sangue, incluindo esta aqui. Uma quarta... — Ele considerou o quanto queria dizer. — Uma quarta mulher possui uma conexão diferente com a comunidade vampírica, mas ela também desapareceu. Ninguém te contou?

— Não. Esta é a primeira vez que estou ouvindo isso.

Raj balançou sua cabeça. Kent estava falando a verdade, o que significava que Krystof nem sequer tinha tido o cuidado de avisar os gerentes das casas. Ele pegou a foto de Jennifer Stewart e Trish Cowens que ele havia roubado do quadro de avisos no dormitório e rasgou-a ao meio, para que ficasse somente Jennifer. — Você reconhece esta garota?

Kent estudou a foto cuidadosamente, mas balançou a cabeça. — Sinto muito, meu senhor, ela poderia ser uma das cem, uma das mil, mulheres que passam por aqui. Elas vêm e vão e, você me conhece, não presto muita atenção nas senhoritas.

— E quanto a todos aqueles pacotes de sangue lá embaixo, Kent? De onde estão vindo?

O outro vampiro pareceu congelar por um momento e Raj grunhiu suavemente. — Kent.

— Ordens. — ele engasgou, e Raj notou que ele estava lutando contra a compulsão de algum outro mestre. Ele teria caído no chão novamente, mas Raj colocou-se de pé e o segurou antes que ele pudesse atingir o chão.

— Ordens de quem, Kent? — Ele perguntou atentamente.

Kent balançou a cabeça, como se estivesse tentando clareá-la, e então jogou sua cabeça para trás e gritou. Raj reagiu instantaneamente, agarrando o outro vampiro com as duas mãos e cercando-os aos dois em uma esfera de puro poder. Kent caiu contra ele e Raj procurou em sua mente, desfazendo o emaranhado de comandos e contra-comandos que algum mestre desajeitado havia deixado para trás.

Quem quer que tenha feito isso tinha a força para sobrepujar a vontade de outro vampiro, mas não a delicadeza ou a experiência para fazer isso sem dano. Ele amaldiçoou a ignorância que poderia muito bem deixar Kent permanentemente danificado e sentiu a essência do outro. Era familiar, mas... quem? Alguém que ele conhecia? Ou somente alguém cujo poder ele havia cruzado anteriormente? Raj se afastou suavemente e ergueu Kent em seus braços. Emelie estava de pé pronta, e ela respondeu ao aceno de cabeça de Raj abrindo a porta e saindo no corredor para olhar ambos os lados.

— Está limpo, meu senhor.

Raj o levou para o quarto principal. Ele considerou deixá-lo na cama com o amante, mas havia muitas janelas no quarto e ele não podia ter certeza se Kent acordaria a tempo. Ele se decidiu pelo closet, enfiando o

vampiro inconsciente no canto dos fundos e cobrindo-o com uma pilha de cobertas que obviamente haviam sido usadas antes. Saindo do armário, ele fechou a porta, verificou o humano que dormia e levou Emelie de volta para o corredor. Ela olhou-o, seus olhos cheios de perguntas, mas ele balançou a cabeça. — Mais tarde.

Eles tinham voltado ao SUV antes que qualquer um na casa estivesse consciente da passagem deles. Raj não disse nada por um longo tempo, tentando lembrar onde ele tinha se cruzado com aquele poder antes, o gosto do vampiro que havia bagunçado tanto com a cabeça de Kent. Não foi até que Em pegou uma estrada lateral, que passava por detrás do aeroporto e que dava para o armazém, que ele estalou os dedos para a lembrança repentina. — Trish Cowens. — ele disse.

— Meu senhor? — Em tirou seus olhos da estrada para lhe lançar um olhar preocupado.

— O bastardo que mexeu com a cabeça do Kent. É o mesmo idiota que raptou Trish Cowens. Ele é forte o bastante para esconder sua identidade, mas não forte o bastante para evitar fazer uma bagunça enquanto isso. E isso com certeza não é coisa do Krystof, mesmo estando fodido do jeito que ele está ultimamente. — Ele tamborilou os dedos no painel da porta, pensando. — Você e eu vamos visitar todas as casas de sangue da cidade nos próximos dois dias. Kent estava muito ferrado para fazer uma identificação, mas talvez os outros não estejam. Talvez o nosso homem tenha melhorado a sua técnica com a prática. — Ele deixou de fora a possibilidade de que o Kent era a melhoria e que os outros estariam piores — perigosamente piores. Ele olhou para o relógio. Menos de duas horas até o amanhecer. As casas de sangue já estavam fechando, e se ele não quisesse dormir no armazém, teria que fazer o mesmo. — Começaremos amanhã à noite. Estarei no armazém depois do pôr do sol. Os outros podem seguir em frente, mas você ficará comigo.

O celular da Emelie tocou e ele esperou enquanto ela atendia a ligação, dizia algumas poucas palavras e desligava. — A equipe humana adicional estará aqui pela manhã, meu senhor. Quem você quer que fique com a Sarah?

— Alguma mulher no grupo?

— O Yossi já está aqui, então a Angel está vindo. — ela disse.

Yossi era um dos vampiros de Raj. Angel era a sua amante humana de várias décadas. — Coloque Angel e um dos caras junto com ela durante o dia. Quero alguém que possa ficar por perto se ela sair. Quero saber sobre todo mundo que ela vê e sobre o que falaram.

Em lhe deu um olhar confuso enquanto dirigia-se para a garagem do armazém e estacionava próximo à porta, deixando o motor ligado. — Você acha que ela está tramando algo?

Raj fez uma careta. — Não sei. Mas alguém com rancor para comigo poderia pensar que ela é importante e um alvo fácil.

— Então, você acha que há mais humanos envolvidos do que apenas Estelle Edwards?

— Talvez. Encontrei o Edward Blackwood ontem à noite em um restaurante. Ele adoraria colocar suas mãos em um pouco de sangue de vampiro para investigação, e o instituto dele com certeza tem o dinheiro para financiar algo do gênero.

— Talvez este outro vampiro, aquele tentando se infiltrar, esteja oferecendo o próprio sangue como amostra. — Em sugeriu.

— Isso seria o bastante? O marido da Dr. Edwards parecia achar que ela precisaria de vários doadores.

— Não tenho a mínima idéia a respeito disso, chefe. Precisamos de alguém que entenda de sangue.

— Não somente de sangue, mas sangue de vampiro. — Raj disse pensativamente. — Ok, Em, estou indo. Vejo você amanhã.

Ele não perdeu tempo, cantando pneus para fora do estacionamento, foi direto para o seu covil no centro. Havia apenas uma pessoa que ele conhecia que poderia ter respostas para suas perguntas e estaria disposto a

falar com ele. Ele era Peter Saephan, o médico humano particular de Raphael. Raj nem mesmo consideraria tal coisa antes de sua recente reunião com Raphael. Mas se o Lorde Vampiro do Oeste estava falando sério a respeito da cooperação, esta era a oportunidade perfeita para prová-lo. Além disso, se alguém estava vendendo sangue de vampiro, a comunidade vampírica do mundo inteira seria afetada. Camponeses com tochas não seriam nada comparados com a caça que estouraria se os humanos descobrissem sobre o que o sangue de vampiros poderia fazer por eles.

Ele verificou seu relógio novamente. Ainda era cedo na costa oeste e ele tinha tempo suficiente apenas para uma ligação antes do sol o levar.

Capítulo 29

Buffalo, New York

Sarah ficou na cama até tarde na manhã seguinte. Ela manteve seus olhos fechados, com esperança de que pudesse voltar a dormir, mas isso não estava acontecendo. Não que ela não estivesse cansada. Ela não havia dormido bem ontem à noite, mas não tinham sido os sonhos que a mantiveram acordada desta vez, tinha sido a consciência pesada. E ela estava começando a pensar que preferia os sonhos.

O problema era que ela não sabia exatamente porque estava se sentindo culpada. Seria porque ela não fez nada enquanto Raj fazia uma lavagem cerebral de modo vampiro em Jennifer Stewart? Ou porque tinha acusado o Raj de algo horrível sem nenhuma prova concreta?

Ela havia repassado o que tinha acontecido no dormitório de Jennifer várias e várias vezes em sua cabeça, deitada na cama encarando o teto a noite toda. E ela não conseguia deixar de pensar que tinha perdido algo. Algo vital.

Ela suspirou. O sol entrava brilhante em seu quarto. Suas janelas ficavam de frente para o leste, e somente a parte mais baixa estava coberta.

Normalmente, ela gostava que o seu quarto estivesse ensolarado e quente pela manhã, especialmente no inverno. Hoje, ele apenas destacava a poeira em seu armário e lhe lembrava que o Raj estava além do seu alcance. Claro, mesmo que estivesse de noite, ele provavelmente não falaria com ela. Ele tinha ficado bastante chateado ontem à noite.

Por outro lado, Jennifer tinha dezoito anos de idade e provavelmente dormia com o celular grudado na orelha. Sarah saiu da cama e pegou seu próprio celular de sua bolsa. Uma rápida verificada em seu registro de chamadas lhe deu o número que ela havia utilizado na noite anterior, quando ela tinha ligado para Jen do carro do Raj.

A garota respondeu imediatamente. — Jen. — Ela certamente soava alegre o bastante, Sarah pensou.

— Oi, Jen. Aqui é Sarah Stratton. Fui visitar você ontem à noite no dormitório, recorda? Sobre a Trish?

— Sim, claro. Oi, Professora Stratton.

— Tenho mais algumas perguntas para você. Poderíamos nos encontrar mais tarde hoje?

— Eu acho. Estou meio que estudando, no entanto. Tenho um trabalho de literatura infantil que é tipo trinta por cento da minha nota para entregar no dia que voltarmos das férias. Que tipo de idiota marca um trabalho para ser entrege um dia depois das férias de primavera? — ela reclamou, e então pareceu se lembrar com quem estava falando. — De qualquer forma — ela murmurou. — Tenho umas duas horas. O meu irmão vem me pegar mais tarde para ir até à casa dos meus pais. Acho que poderia te encontrar.

Sarah ignorou a falta de entusiasmo e disse, — Ótimo. Você está no seu quarto?

— Certo. — Jen disse, rindo de uma forma que dizia a Sarah que ela tinha feito uma pergunta idiota. — Como se alguém conseguisse estudar

naquele lugar hoje! Está como uma tumba. Não. Estou na Union. Acho que poderia fazer uma pausa para comer, em talvez uma hora?

— Ok. — Sarah concordou, de repente se sentindo velha e fora de prática. — Encontro você na porta da frente.

— O Raj virá com você? — Jen perguntou com uma explosão repentina de entusiasmo.

— Hum, não, Jen, ele está...

— Oh, dã! Vampiro. — Ela riu. — Ok, olha tenho que ir.

— Espera, como você sabe... — Mas Jen já tinha desligado.

— Claro que sabia que ele era um vampiro! — Jen estava olhando para Sarah como se ela tivesse ficado louca. — Cara lindo, olhos assombrosos, consegue falar na minha cabeça. O que mais ele poderia ser?

Sarah olhou ao redor da sala de jantar lotada, mas ninguém estava prestando atenção, ou pelo menos ninguém que achava estranho falar a respeito de vampiros. — Não sei. — ela disse. — Apenas pensei...

— Você precisa expandir seus horizontes, Professora Stratton. Isso foi o que o meu professor de literatura me disse semana passada. 'Expanda seus horizontes'. Claro que não acho que ele se referia à literatura de vampiros, mas, ei, cada um com o seu, certo? Não foi Shakespeare quem falou isso ou algo assim?

— Hum, não, isso foi o Cícero. Então você não acha que ele, sei lá, se aproveitou de você ontem à noite?

Jen ficou boquiaberta, ela pareceu tomar consciência do que estava fazendo e fechou sua boca, verificando ao redor rapidamente antes de dizer, — Raj é o cara mais doce que conheci. E vamos lá, Professora Stratton, até mesmo *você* deve ter notado que ele é um gato total. Queria que o meu último namorado fosse tão legal quanto ele. Tudo o que ele queria era...

— Ok. — Sarah ergueu a mão. Ela não estava realmente interessada em escutar o que o último namorado da Jen queria. — Isso está ótimo. Estou indo agora. Só queria me assegurar de que você estava bem.

— Claro. — disse Jen, parecendo confusa. — Por que eu não estaria? — O seu rosto se iluminou. — Escute, se você vir o Raj diga-lhe 'oi' por mim, ok? E diga-lhe...

— Eu digo-lhe. — Sarah disse rapidamente, ficando de pé. — Obrigada, Jen. Se precisarmos de mais alguma coisa, eu ligo.

— Ou o Raj poderia ligar. — Jen falou atrás dela enquanto Sarah se apressava pela sala de jantar. — Fico acordada até bem tarde.

Sarah não estava somente exausta, ela estava depressiva quando chegou a casa depois da reunião com a Jen. A sua primeira reação tinha sido alívio pela garota estar bem, mas enquanto dirigia para casa, tudo o que ela podia pensar eram as coisas que ela havia dito para Raj na noite anterior antes de lhe virar as costas. Ela se lembrou da expressão em seu rosto, a descrença em seus olhos quando ela o acusou de estupro, e então o seu olhar de traição enquanto o significado das palavras se aprofundava. Que idiota ela havia sido. Que grande imbecil. E ele ainda esperou até aquele estúpido táxi chegar e ela estar a caminho de casa antes de sair do estacionamento. Ela fechou os olhos contra uma onda de arrependimento. O que ela havia feito?

Ela estacionou na frente de sua casa e arrastou-se pela escada, se perguntando se ela deveria ligar para Raj e desculpar-se. Ainda era de dia, o que significava que não corria o risco dele desligar na cara dela. Ela poderia simplesmente deixar uma mensagem no seu correio de voz e se escapulir de volta para o seu cantinho de culpa. Mas, talvez ele nem escutaria a sua mensagem, talvez ele escutasse a sua voz e apertasse apagar, o que era o que ela merecia. *Droga.*

Ela destrancou a porta da frente, grata pela Sra. M estar na casa do filho hoje e não esperando para atacar com outro recipiente Tupperware. O seu celular tocou enquanto estava tentando abrir a porta, o que fez com que ela deixasse cair sua bolsa no chão, atrapalhando-se com as chaves enquanto apalpava seus bolsos procurando pelo telefone. Ela agarrou-o no quarto toque, um pouco antes de ir para o correio de voz.

— Alô. — ela disse, um pouco sem fôlego.

— Sarah Stratton?

Ela ficou parada, escutando com atenção. A voz era familiar, mas... — Sim. — ela disse cuidadosamente.

— Aqui é Edward Blackwood. Acredito que nos conhecemos, vamos assim dizer, na outra noite. Você estava jantando com o vampiro Raymond Gregor.

— Oh. — Seus pulmões se esticaram para produzir ar suficiente para aquela única sílaba, para manter a inspiração e a expiração. Ela caiu sobre as escadas, não se importando com sua bolsa jogada no chão perto da porta aberta.

— Claro, nós não fomos devidamente apresentados. — Blackwood estava dizendo. — Mas eu estava falando com aquele detetive da polícia, o Sr. Scavetti, e ele mencionou o seu nome.

— Eu vejo.

— Pensei que talvez pudéssemos almoçar, Srta. Stratton.

Ela podia sentir o seu coração palpitando forte em seu peito, mas não parecia ter nenhum sangue indo para o seu cérebro. Ele havia dito o seu nome de forma sarcástica? Ou ela estava ouvindo coisas que não estavam lá porque estava tão aterrorizada?

— Isso é muito gentil — ela conseguiu falar, — mas receio estar um pouco ocupada agora, com os exames e a minha própria pesquisa. Não poderia possivelmente...

— Fiquei com a impressão de que você estava trabalhando com o vampiro no caso dos Cowens.

Sarah colocou a cabeça entre as pernas, forçando o sangue a voltar para o seu cérebro para que assim ela pudesse pensar. Isso tornava a respiração mais difícil, mas ela teria desmaiado de outra forma.

— Você está bem? — A voz oleosa de Blackwood estava cheia de preocupação.

— Sim. — ela quase engasgou. — Sim, sinto muito. Você me pegou no meio da minha rotina de exercícios; estou um pouco sem fôlego, só isso.

— Ah. Sinto muito interromper. Nós no Instituto acreditamos firmemente em um regime de exercícios saudável. Eu mesmo me exercito com um treinador regularmente, apesar de que tenho uma fraqueza por boa comida. — Ele deu uma risada de autocensura que era tão falsa quanto qualquer outra palavra que ele havia pronunciado desde que ela tinha estupidamente atendido o telefone sem ter verificado seu identificador de chamadas. Não que isso teria importado. Blackwood era um homem persistente. Ela se lembrava bem.

— Poderíamos almoçar amanhã? — ele disse, provando a exatidão da sua impressão.

— Perdoe a minha franqueza, mas por que, exatamente, você quer almoçar comigo? — Sarah perguntou, lembrando-se a si mesma mais uma

vez que ela já não era uma adolescente assustada. Ela era uma mulher crescida e se não quisesse almoçar com alguém, não tinha que o fazer.

— Bem, como você deve saber, estou ajudando o meu amigo William — que é o pai da Patrícia — a passar por esta terrível experiência. E como parece que você tem informações...

— O Sr. Gregor é um amigo, Sr. Blackwood. Nós estávamos jantando, nada mais. Não sei por que você acha...

— Vamos lá, Susan, não há necessidade disso comigo.

O coração de Sarah pulou com tanta força, que o sobressalto fez com que ela atingisse a ponta afiada da escada atrás de suas costas. — Desculpe? — ela sussurrou.

— O seu cabelo está de alguma forma mais escuro e, claro, já se passaram dez anos, mas se me permite dizer, você cresceu e virou uma mulher adorável, Susan. — Ele repetiu seu nome com ênfase.

— Não me chame assim. — ela conseguiu dizer com alguma convicção.

— Claro. — ele disse suavemente. — Eu certamente entendo o seu desejo por privacidade. Os tablóides sempre foram intrusivos, mas agora com a internet onde as imagens se espalham ao redor do mundo em apenas alguns momentos, eles ficaram completamente fora de controle. — Sarah encontrou a sua raiva.

— Isso é uma ameaça, Sr. Blackwood?

— Estou ofendido por você achar isso. — ele protestou, mas não colocou nenhum esforço verdadeiro nisso. — O meu único propósito em entrar em contato contigo é de ajudar um querido amigo a salvar sua filha antes que seja tarde. — Ele pausou para um efeito calculado. — Não é muito tarde, é, minha querida? Quer dizer, por que mais...

Sarah fechou seus olhos, sentindo o peso do destino inevitável caindo sobre ela. — O que você quer? — ela perguntou sem emoção.

— Um simples encontro. Talvez um almoço agradável entre dois velhos amigos.

Nós não somos amigos, ela pensou ferozmente, mas somente para si mesma. Blackwood podia ser um inimigo formidável, e ela tinha pouca ou nenhuma defesa contra o tipo de campanha que ele poderia lançar-lhe. — Quando? — ela perguntou.

— Amanhã no Chloe's. Lá pelas duas? Ao meio-dia é tão comum.

E Edward Blackwood nunca queria ser *comum*. — Ótimo.

— Maravilha. Estou ansioso, então. Boa tarde... Sarah.

Ela sentou-se e escutou o ar morto, sentindo o pânico se acumular em seu peito até que se tornou uma dor física. Ela queria gritar pela frustração, raiva, desespero. Lágrimas encheram seus olhos. Ela queria falar com alguém; ela *precisava* falar com alguém. Ela queria o Raj. Mas ela não podia tê-lo, porque havia sido estúpida, demasiado cega, para ver o homem atrás do vampiro antes de deixar seus próprios medos fugirem com as suas emoções e descontado tudo nele.

Ela puxou seus joelhos para cima e deixou cair seu rosto em suas mãos, deixando as lágrimas virem enquanto o sol se punha abaixo do horizonte, sua luz difusa brilhando pela sua porta entreaberta.

Foi o som de vozes que a acordaram. Sarah ergueu sua cabeça. O quarto estava escuro e ela demorou um minuto para descobrir onde estava. Ela estremeceu com mais do que frio, percebendo que ela havia adormecido sentada nas escadas, sua porta permanecendo entreaberta. Suas costas doíam enquanto ela se esticava da posição desconfortável, e ela segurou o balaustre com força quando se levantou, apoiando as pernas que estavam com câimbras pelo tempo que ela esteve sentada. A batida da porta de um carro a fez pular e se apressar para a porta, fechando-a e trancando-a antes de olhar cuidadosamente para fora da janela. Mas ninguém estava lá. Ela

ligou a luz da varanda de qualquer forma e cuidadosamente subiu as escadas, esperando que conseguisse dormir... e não sonhar.

Capítulo 30

Raj dirigiu até o armazém, estacionando nas sombras entre as luzes de segurança. O interior estava silencioso e sombrio. Alguns dos guardas humanos estavam relaxando na sala de estar, jogando o que parecia ser um vídeo game, com fones de ouvidos. Em estava inclinada contra um dos SUV's, falando com a Angel, ou melhor, escutando atentamente o que a mulher bem menor estava dizendo. Raj não sabia o verdadeiro nome da Angel, mas dada a sua idade real e origem japonês, era pouco provável que fosse Angel. Para todos na comunidade vampírica, no entanto, ela era a Angel do Yossi. Ela também era um dos melhores ativos humanos de Raj, com uma mente rápida e um temperamento controlado, e como bônus ela conhecia várias artes marciais. Talvez o mais importante, ela podia mudar a sua aparência e atitude de forma impressionante. Esta noite, ela parecia com ela mesma, uma garota de dezoito anos, com cabelo negro até a cintura. Quando Em viu Raj, ela indicou que ele se aproximasse. Ele suspirou impacientemente e verificou o seu relógio, ainda havia algum tempo antes que ele pudesse ligar para a Costa Oeste. Ele caminhou até elas, dando a Em um olhar questionador.

— Diga ao nosso mestre o que você me contou. — ela disse a Angel.

Angel se apoiou em um joelho. — Meu senhor. — ela murmurou e esperou pela permissão para poder continuar a falar. Raj deu a Emelie um olhar aflito e olhou para a linha perfeitamente reta do pálido couro cabeludo no meio da cabeça escura de Angel. Ele odiava essa merda vampírica.

— Levante-se, Angel. — ele disse gentilmente. — E me diga o que está acontecendo.

— Sim, meu senhor. — Ela ficou de pé com a sua habitual economia de movimentos. — Como instruído, eu segui Sarah Stratton o dia inteiro. Ela permaneceu em casa até o final da manhã, depois ela foi até a universidade local e se encontrou com uma estudante, Jennifer Stewart. Jennifer é a companheira de quarto...

— Eu sei quem ela é. Vá em frente.

— Jennifer e Sarah se encontraram para o almoço. Fui incapaz de ouvir a maior parte da conversa delas, já que o local estava extremamente barulhento. No entanto, quando Sarah estava indo embora, Jennifer a chamou, dizendo-lhe que você, meu senhor, poderia lhe ligar a qualquer hora.

Angel manteve seus olhos abaixados com vergonha, claramente pensando que Raj estava mirando a jovem humana. Isso fez com que lembrasse desconfortavelmente as acusações ainda recentes de Sarah. — Que mais? — ele perguntou muito rudemente.

Angel abaixou sua cabeça rapidamente e continuou. — Sarah estava visivelmente perturbada após o encontro. Ela foi diretamente para casa, mas quando ela estava abrindo a sua porta da frente, o seu celular tocou. Na urgência de atender o telefone, ela derrubou diversos itens e deixou sua porta aberta enquanto falava, então eu fui capaz de ouvir o lado dela da conversa. Era Edward Blackwood quem estava lhe ligando, meu senhor.

Raj endureceu e ficou atento. — Blackwood? O que ele queria?

— Pelo que pude deduzir, ele queria se encontrar com ela. Sarah estava claramente relutante em fazê-lo, mas acabou por concordar com o encontro.

— Detalhes?

— Restaurante Chloe às duas da tarde amanhã. Já tenho tudo coordenado com o Simon. Ele vai fornecer um pequeno transmissor que estou planejando colocar em Sarah. Simon está bastante confiante de que ele será capaz de gravar todo o encontro.

Raj queria bater em alguma coisa. Por que Sarah iria se encontrar com o Blackwood? Ela tinha lhe dito que ele era amigo da família, alguém que ela queria evitar. Havia ela mentido a respeito disso, também? — Tudo bem, — ele disse finalmente. — Fique perto dela amanhã, Angel. Aconteça o que acontecer, eu não quero que ela se encontre com o Blackwood sozinha. Em, vamos colocar o Simon mais perto. Ele pode monitorizar a escuta e ajudar a Angel ao mesmo tempo.

— Sim, meu senhor. Já falei com ele, e ele irá montar o equipamento do outro lado da rua. O Chloe tem janelas em toda a parte da frente, então há uma boa chance de nós termos visual, também.

— Perdoe-me meu senhor. Mas há mais.

Raj olhou para Angel. — Mais?

— Meu senhor… ao que parece, isto é, eu presumo...

— Só diga, Angel. — ele disse impacientemente, pensando que talvez ele fosse um monstro se até mesmo Angel estava com medo de lhe falar abertamente.

— Não quero presumir, mas achei que você quisesse saber... — ela respirou pelo nariz e seguiu em frente. — Depois da ligação, ela ficou ainda mais perturbada. A porta dela ainda estava aberta e eu pude ouvi-la chorando. — Angel disse suavemente, sem olhá-lo diretamente.

Raj a encarou, seus pensamentos em branco pela fúria que ameaçava inundar cada centímetro de autocontrole que ele possuía.

— Vá dormir um pouco, Angel. — Em disse baixinho.

— Sim, senhora. Meu senhor. — Angel sussurrou.

Raj mal registrou a sua partida. As mãos dele estavam fechadas contra um desejo quase esmagador de enfiar um punho através do para-choque preto reluzente do SUV ao lado dele, sua mandíbula se apertou contra um uivo de frustração. Ele olhou para cima e até mesmo Em deu um passo para trás quando viu a fúria em seu rosto.

— Quem está com a Sarah esta noite? — ele grunhiu.

— Cervantes.

— Coloque-o no telefone. — Enquanto Em discava, Raj se virou e saiu como uma tempestade em direção à saída. Em o seguiu, lhe entregando o telefone assim que eles estavam no lado de fora. Ele o colocou em seu ouvido. — Onde ela está?

— Acredito que ela se recolheu para a noite, meu senhor. A porta ainda estava aberta quando cheguei, mas ela fechou-a e trancou-a um pouco depois. A luz da varanda foi ligada e depois ela ligou as luzes do andar de cima.

Raj xingou suavemente. Ela havia deixado a porta aberta? Isso não parecia coisa dela, não era? Mas que infernos ele sabia? Ele mal a conhecia. *Droga*. O que ele queria fazer era correr até a casa e se assegurar que ela estava segura, mas desde que ela claramente o contava como um de seus pesadelos, ele não achava que uma visita sua iria fazê-la se sentir melhor.

— Obrigado, Cervantes. Me deixe saber se algo mudar. — Ele entregou o telefone de volta a Em. — Iremos para Corfu e eu tenho uma ligação para fazer no caminho.

— Meu senhor. — Emelie se arriscou, — talvez nós devêssemos passar...

Raj se virou e perfurou-a com um olhar de ferro. — Isso não foi uma sugestão, Emelie.

Ela segurou a respiração. — Sim, meu senhor.

Ele caminhou até o BMW, abrindo a porta do passageiro com força e jogando as chaves por cima do teto em direção a Emelie. — Você dirige. — ele grunhiu.

Em pegou as chaves com uma mão e deslizou para o assento do motorista. Enquanto ela manobrava delicadamente para fora do estacionamento do armazém e ia em direção à rua, ele discou o número do Duncan.

— O que está acontecendo, chefe? — ela perguntou.

Ele a ignorou, encarando a janela e pensando sobre a Sarah chorando nas escadas de seu maldito apartamento duplex. Do receptor do celular, a voz de Duncan disse: — Boa noite, Raj.

Raj agradeceu a Peter Saephan e desligou. Ele havia prometido manter Raphael informado, assumindo que este assunto se tornasse algo mais que uma preocupação local.

— O que foi tudo isso, chefe? — A voz de Em interrompeu seus pensamentos.

— Era o médico de estimação do Raphael. — ele disse casualmente. Em se virou para encará-lo. — Preste atenção na estrada, Em. — Ela prestou atenção na estrada bem a tempo de evitar passar por um sinal vermelho. —

A última coisa que fiz esta manhã foi ligar para o Duncan. Havia uma mensagem esperando por mim quando acordei esta noite.

— Raphael deixou você falar com o Saephan?

O semáforo mudou e Raj se encolheu quando ela pisou fundo no acelerador. — Ele deixou. — ele disse, respondendo à sua pergunta. E então ele deu de ombros. — Se alguém está realmente vendendo sangue de vampiro, poderia ser prejudicial para todos nós. E tudo o que eu queria era fazer algumas perguntas.

— Uau. Talvez ele estivesse realmente falando sério a respeito daquele papo de aliança que você me contou.

Raj assentiu enquanto olhava pela janela. — Talvez ele estivesse.

— Então, o que o Dr. Saephan disse sobre a nossa pesquisadora desaparecida?

Ele olhou-a para ela. — Ele diz que se a Edwards está fazendo isso, ela precisaria normalmente do máximo de doadores que fosse possível, mas já que é com sangue de vampiro que estamos lidando, ele pensa que dois ou três devem bastar.

— Vampiros ou humanos?

— Ambos. Ele disse que a escolha por mulheres é provavelmente devido às preferências dos vampiros. Ela não pode apenas usar sangue empacotado para os humanos, porque a mordida física muda a química.

Em estava encarando a estrada, escutando cada palavra. — Então as mulheres provavelmente ainda estão vivas. Isso é algo.

— Por algum tempo de qualquer maneira, sim.

Eles viraram na Lake Road e a casa de sangue apareceu. Raj estudou a casa de fazenda branca e disse suavemente. — Bem, isso é uma melhora.

A cabeça de Em girou em direção a ele. — Eu queria falar contigo sobre isso. — ela falou. — Não posso acreditar que você veio até aqui sem reforços. E se...

Raj lhe deu um olhar frio. — Você está sugerindo que eu não sou capaz de me defender, Emelie?

Em pestanejou e engoliu com dificuldade, mas manteve sua posição. — Nem um pouco, meu senhor. — ela disse formalmente, mas então acrescentou com um rosnado. — e você sabe disso. Mas isso não significa que você seja invencível. Uma simples ligação, é só o que estou pedindo.

Raj se permitiu um sorriso sincero. — Feito. Podemos entrar agora, mamãe?

— Foda-se. — Em disse alegremente e abriu sua porta.

Eles cruzaram o gramado irregular juntos, evitando uma fila ordenada de frequentadores do clube que esperavam admissão. Dois seguranças vampiros estavam parados na porta, verificando identidades e entregando renúncias, que eram então assinadas e entregues a um terceiro vampiro que estava sentado em uma pequena mesa no lado de dentro. Os seguranças observaram Emelie de cima a baixo, o que ela ignorou, e assentiram respeitosamente para o Raj, mandando a multidão dar alguns passos atrás para que ele pudesse seguir em frente. A música estava tão alta quanto antes, mas pelo jeito todo mundo parecia preferir dessa maneira. Para que ter uma casa de sangue no meio do mato se você não puder aumentar o som? Havia um fluxo constante de vampiros e humanos seguindo para os quartos privados no andar de cima, e mais do que alguns gritos de prazer emanando dos cantos escuros no andar de baixo. Mas desde que eles permanecessem dentro da casa, Raj não ligava muito para o que eles faziam.

— Meu senhor.

Raj se virou para encontrar Mick esperando por ele. Quando seus olhos se encontraram, Mick baixou seu olhar imediatamente e curvou-se até a cintura, segurando a reverência por diversos segundos antes de se endireitar com um sorriso. — Estou honrado pelo seu retorno, meu senhor,

e com tal adorável companhia. — Ele admirou a forma torneada de Emelie, a sua apreciação descansando em algum lugar ao sul do seu rosto.

Em deu a Raj um olhar de *'posso bater nesse filho da puta'*, mas, para o seu óbvio desgosto, Raj somente balançou sua cabeça com diversão. — Minha tenente, Emelie. — ele disse a Mick. Os olhos do outro vampiro se arregalaram de leve por causa do título de Em e Raj sentiu um salto de poder quando o grande vampiro instintivamente desafiou Em pela sua posição. Ele abafou um sorriso de satisfação quando Emelie jogou em Mick um aumento de poder e um sorriso vicioso. Ela podia *parecer* uma modelo de passarela, mas Em era durona. Certamente mais resistente do que qualquer um dos outros vampiros de Raj, e isso dizia muita coisa.

Mick cambaleou para trás, sua expressão estava sombria, mas ele deu a Em um relutante aceno de reconhecimento e se voltou para Raj. — Acredito que tudo esteja da maneira que você queria, meu senhor?

— Sim, parece ótimo. Escuta, há algum lugar onde possamos conversar?

Os olhos do outro vampiro se arregalaram com surpresa uma segunda vez. — Por aqui. — Ele os guiou através da casa para o que provavelmente tinha sido um alpendre fechado em outra época. Quando Mick fechou a porta que dava para a casa, a música alta se desligou como se um botão tivesse sido pressionado. — Às vezes, um vampiro não consegue nem pensar com esse barulho. — ele brincou. — Por favor, meu senhor. — Ele acenou para um conjunto de cadeiras, e então se sentou, inclinando-se e parecendo completamente relaxado, apesar do seu confronto com Raj a apenas algumas noites atrás. Raj havia notado isso a respeito dos vampiros. Eles ficavam mais confortáveis quando havia uma cadeia clara de dominância. Mick se acostumou facilmente com poder de Raj uma vez que Raj demonstrou sua força superior. Os problemas só surgiam quando não havia uma hierarquia óbvia, ou quando, como aconteceu com o Krystof, o que seria dominante deixava o seu reinado tão solto que ele se tornava ineficaz.

— Então, Mick. — Raj começou, — você sabe porque estou na cidade, certo?

Mick encolheu os ombros. — Sei o que ouvi. Krystof te trouxe para lidar com aquelas garotas desaparecidas porque os policiais o deixaram preocupado. — Ele olhou Raj especulativamente. — Jozef acha que é balela. Ele não está exatamente contente em ter você de volta.

— Sim, eu notei isso. — Raj disse secamente. — Também não estou muito contente em estar aqui. — Ele teve um pensamento repentino e se inclinou para frente, sua cabeça empinada curiosamente. — Jozef não acha que existe uma conexão vampírica com esses crimes?

— Ele não disse isso com todas as letras, mas fiquei com essa impressão. Por que, você acha que tem?

— Notei vários rostos novos na cidade. — Raj disse, mudando de assunto. — E não somente nas casas de sangue. Metade da carne no porão do Krystof na outra noite era novidade para mim.

Mick fungou. — Por que você acha que as coisas estão tão fora de controle por aqui? O velho está fazendo novos vampiros tão rápido que eu estou surpreso que os policiais não estejam investigando *isso* em vez de alguns pedaços desaparecidos de... — O olhar dele se voltou para Emelie. — ... de jovens mulheres. Pelo menos alguns daqueles caras têm que ser de fora da cidade.

— Alguma teoria sobre o porquê de Krystof estar tão ansioso a ponto de converter? Alguma ameaça que você saiba?

Mick fungou. — Além de você, você quer dizer? — ele disse numa imitação inconsciente de Jozef. Ele balançou a cabeça. — Nah. Uns dois dos mais antigos desapareceram, no entanto. Talvez Krystof esteja preocupado...

— Antigos? — Raj interrompeu. — Como quem?

— Apenas posso te contar o que eu ouvi. Mas você conhece o Byron?

Raj assentiu.

— Sim, bem, o parceiro dele, Serge, desapareceu algumas semanas atrás. A princípio pensei que ele havia seguido em frente, sendo o Krystof do jeito que ele é. Mas Serge não teria ido embora sem Nina — que é o caso dele de longa data. Ela se converteu num maldito fantasma desde que ele se foi, e Byron não está dizendo nada. É com ele que você deveria estar conversando.

Raj fez uma careta. — Eles ainda têm aquela loja de vídeo na cidade?

— Sim, mas é mais provável ele estar em casa. Ouvi dizer que o Byron não está realmente prestando atenção nos negócios atualmente.

Raj e Emelie se levantaram, seguidos por Mick. — Tudo bem. — Raj disse. — Obrigado, Mick. Bom trabalho, por falar nisso.

Mick colocou uma mão sobre seu coração e se curvou novamente. — Obrigado, meu senhor.

— Sim. — Raj disse. — Ok. Nós estamos saindo daqui, Em.

Em seguiu os rápidos passos de Raj pela grama quando ele voltou para o BMW. — Chaves. — ele vociferou. Ela entregou-as com um suspiro.

— Sabia que isso não duraria. — ela murmurou.

Raj quase não a ouviu. — Você ou qualquer um dos caras ouviram qualquer coisa parecida nas outras casas de sangue?

— Não, meu senhor. Nem um sussurro. Somente que as casas estão superlotadas, e como te falei antes, ninguém nem mesmo pestanejou com os nossos rostos desconhecidos, embora eu falei para os caras diminuírem um pouco os níveis de poder, fazer parecer como se eles fossem mais novos do que realmente são.

Raj franziu. *Vampiros antigos*. Ele tinha que descobrir *quem* estava faltando além do Serge. Se os vampiros desaparecidos fossem fortes o bastante para ser um desafio, poderia ser alguém eliminando a competição antes de fazer uma jogada, mas se não fosse... Ele não conhecia o Serge ou o Byron tão bem, mas Serge nunca pareceu ser o tipo de atacar seus próprios e Byron era fraco.

Ele caiu no assento do motorista e ligou o carro. — Byron e Serge vivem próximos da loja, talvez até no mesmo terreno. Veja se... — Mas Em já tinha o endereço e estava digitando-o no teclado do GPS, com seu Blackberry na mão. — Muito bem. — ele disse.

— Eu vivo para servir, meu senhor.

— Certo. — Raj fungou.

A locadora de vídeo estava às escuras quando eles chegaram, o que consistia com o que Mick havia lhe contado, mas ainda surpreendeu Raj. Byron e Serge sempre haviam ficado abertos até tarde, já que os seus companheiros vampiros eram alguns dos seus melhores clientes, especialmente os mais velhos que eram lerdos para aceitar as novas tecnologias. Ele circulou ao redor da quadra até a casa modesta que ficava na parte de trás da loja. Esta era a parte antiga da cidade, de quando muitos mercadores viviam no mesmo prédio onde ficavam seus negócios. Com o aumento dos crimes na cidade, a maioria das lojas haviam se realocado à anos atrás, mas dois vampiros não precisavam se preocupar com a criminalidade. Uma simples demonstração do que podia acontecer e as gangues locais deixavam a loja em paz.

Ele e Em foram até a pequena casa arrumada. — Você acha que tem alguém em casa?

— Tudo está bem fechado, mas há pelo menos um humano dentro. — Em disse, concentrando-se. — E um vampiro também.

— Byron e Nina, se o Mick estiver certo. Ok, vamos tocar à campainha como os convidados indesejados que somos.

Eles nem se esforçaram para fazer silêncio, deixando suas botas baterem na varanda de madeira e apertando a bonita e pequena campainha com força por um longo tempo. Raj esperou um minutou e tocou novamente. Mesmo que Byron tivesse o cérebro que Deus deu a um hamster, ele não só saberia que havia dois vampiros em sua porta, mas que qualquer um deles poderia arrebentar a porta sem a cortesia de tocar na porra da campainha.

Uma fatia de luz fraca dividiu o batente da porta quando esta se abriu e o rosto pálido de Byron veio à tona. Ele encarou Raj por um longo tempo, deu uma olhada de relance em Emelie e de volta para o Raj, e então abriu a porta mais amplamente. — Entrem. — ele disse de modo indiferente.

Emelie passou por Raj para entrar primeiro — ela estava se tornando um pé no saco frequente quando se tratava da segurança dele. Ele pegou um breve lampejo de movimento ao fundo do corredor — Nina, ele presumiu. Byron fez um leve som de angústia, e Raj se virou para encontrar o outro vampiro assistindo-o com medo.

— Eu não vou machucá-la, By. Você deveria saber disso.

Os ombros de Byron caíram. — Não sei de mais nada, Raj. Nem uma maldita coisa. — Ele olhou ao redor como se não soubesse onde sentar, como se esta não fosse a sua casa. Finalmente, ele gesticulou para o que era obviamente a sala de estar e os guiou naquela direção, ligando um interruptor enquanto ele entrava no cômodo. Uma lâmpada permanente estava no canto, destacando uma grande cadeira confortável e uma velha mesa cheia de livros. Acompanhando-a estava um grande sofá estofado, com uma daquelas cobertas feitas à mão jogada por cima. A luz estava clara o bastante para se ler, mas suave o bastante para os olhos dos vampiros.

— Sente-se. — Byron disse. Ele dirigiu-se para a grande cadeira, mas pausou, e com um olhar para o Raj, acomodou-se no sofá ao invés, se apertando para dar lugar a Em, deixando cuidadosamente um espaço entre eles para que não tivessem que se tocar.

— Obrigado. — Raj disse. Ele se sentou na cadeira grande, mas não se acomodou nela. Sentia-se como um intruso nesta casa, nesta sala. — Desculpe te incomodar, By.

— Não tem problema. Acho que sabia que você chegaria aqui eventualmente.

— Por que isso?

Byron estudou o rosto de Raj cuidadosamente antes de responder. — Porque algo está acontecendo. — A voz dele tremeu com uma raiva que crescia com cada palavra. — E alguém te contou a respeito de Serge, ou você não estaria aqui. Então não faça malditos joguinhos comigo, ok?

Emelie se eriçou, mas Raj ergueu uma mão, acalmando-a. — O que você acha que está acontecendo? — ele perguntou suavemente.

— Como diabos vou saber? Krystof manda dizer que quer o Serge, então o Serge vai. Isso foi mais ou menos seis semanas atrás e nós não ouvimos uma única palavra dele desde então. Nina diz que ele ainda vive, e que ela saberia se ele estivesse morto. Mas onde infernos ele está então? — A voz dele se quebrou na última frase e Raj desviou o olhar, dando-lhe privacidade para seu pesar.

— Mick disse que podem haver outros desaparecidos também. — ele disse baixinho.

— Sim. — Byron murmurou. — Talvez. Havia uns dois que vinham sempre à loja, mas eu não os vi ultimamente. Um deles é o Barney. Ele é dos antigos e gosta de filmes, especialmente os clássicos que são difíceis de encontrar. Charles é mais novo... quer dizer, sabe, relativamente falando. Ele gosta de vídeo games e pornô – nossas grandes vendas, sabe?

Raj assentiu.

— Sim, bem. Não vejo nenhum dos dois a um tempo. Claro que tal como eu, eles podem estar muito assustados para deixarem suas casas.

Raj ficou de pé e inclinou sua cabeça em direção da porta, dizendo a Emelie que eles estavam indo embora. Byron olhou para cima surpreso e ficou de pé rapidamente. Ele cambaleou desajeitadamente e Raj franziu o

cenho. — Você está se cuidando, By? Você não fará nenhum bem a Nina ou a Serge se você estiver passando fome.

— Nina não quer que eu deixe a casa. Ela está com medo que eu desapareça também... — Sua voz foi sumindo. — Ela não está comendo direito, não está dormindo. Não posso arriscar sua...

— Farei com que algum sangue seja entregue aqui... — Raj olhou para o relógio e franziu. — Amanhã à noite. Nesse meio tempo, se você precisar de algo, ligue para mim ou para a Em aqui. — Ele entregou a Byron um de seus cartões antes de voltar para a porta da frente. Ele começou a abri-la, mas a voz de Byron o parou.

— Você me informará? — ele pediu.

Raj se virou.

— Seja o que for que você descobrir. — Byron pediu. — Seja o que for, Raj. Me fale. Nada pode ser pior do que não saber.

Ele assentiu. — Eu te informarei. Nesse meio tempo, cuide-se e cuide da Nina. — Ele não podia sair da casa rápido o bastante, caminhando pela calçada e passando o portão até onde o seu carro estava estacionado. Ele destrancou-o, mas ao invés de entrar, ele caminhou às voltas pelo beco com passadas fortes. — Droga, Emelie. Que diabos Krystof está pensando?

— Talvez ele não esteja. — ela disse. Raj parou e olhou-a enquanto ela acrescentava. — Você esteve me dizendo isso por meses, inferno, por anos, que o velho não está bem da cabeça. Talvez ele finalmente tenha perdido a cabeça de vez e não esteja pensando em nada mais.

— Porra. Tudo bem, chegou a hora. Farei uma visita ao velho amanhã à noite. Ver o que ele sabe sobre tudo isso. — Ele fechou seus olhos, sentindo o sol ameaçando o horizonte. — Não posso fazer mais nada esta noite. Vamos embora. Não quero terminar dormindo com os macacos na jaula. — ele disse ecoando o comentário anterior de Em sobre o resto dos seus vampiros.

— Mas está tudo bem se for eu? — Em observou enquanto ela deslizava para o banco do passageiro no BMW.

— Sim, porque você vive para servir, certo? — Sua única resposta foi um dedo do meio levantado. Raj sorriu, e passou pela cabeça dele que talvez esta pudesse ser a última vez que ele iria sorrir a respeito de algo por um bom tempo.

Capítulo 31

Sarah estava um pouco atrasada por isso ela se apressou pela rua em direção ao toldo elaborado em vermelho e dourado do Chloe. Ela tinha ficado relutante em utilizar o estacionamento com manobrista do restaurante, preferindo estacionar o carro ela mesma para o caso de precisar de uma fuga rápida. Mas isso significava ter que utilizar a via pública e ficar a dois quarteirões de distância. Ela olhou para as grandes janelas que ficavam a alguns metros acima do nível da rua com vista para a praça principal. Blackwood já estava lá, sentado em uma mesa próxima da janela em plena vista de qualquer pessoa que passasse por ali — sem dúvida de forma intencional. O maître estava próximo de seu convidado famoso que provava um vinho tinto, conversando amigavelmente.

A luz estava perfeita, dando destaque ao cabelo loiro falso de Blackwood. O cabelo loiro havia sido com certeza muito caro, mas era também um claro trabalho de descolorante... Ela sorriu e pela primeira vez desde que se tinha levantado pela manhã, ela sentiu-se um pouco melhor sobre tudo.

Não que isso fosse durar. Ela subiu as escadas, colocando-se de lado para deixar passar um grupo bem alinhado de homens de negócios que abriram a porta assim que ela se aproximou. Ela não tinha dado mais que

dois passos no interior do restaurante quando Blackwood a avistou. Ele acenou e disse algo para o maître, enviando o homem correndo de forma agitada na sua direção.

— Srta. Stratton. — disse ele sem fôlego. — Permita-me...

— O banheiro feminino? — Ela perguntou, interrompendo.

— Oh — ele disse, claramente atordoado por ela não estar correndo para a mesa do grande homem — Sim, claro. Por aqui. Irei informar ao senhor...

— Obrigada. — Sarah fugiu pelo corredor ornamentado, chamando-se de todos os nomes para covardes que ela conseguiu lembrar. Não era como se assim ela pudesse fugir da reunião, então qual era o ponto de adiar os cinco minutos que levaria para lavar as mãos? Ela suspirou e abriu a porta, quase engasgando com o perfume do aromatizador. Ela lavou as mãos rapidamente, secando-as com algumas toalhas de papel que estavam numa cesta de vime sobre a pia. Jogando a toalha de papel em um cesto de lixo, ela procurou na bolsa o seu gloss labial. Não que ela se importasse com a sua aparência, mas adiava o inevitável por mais alguns segundos.

Uma jovem asiática entrou por trás dela e parou, agitando uma mão na frente do rosto. — Eca! Está muito perfumado aqui.

Sarah sorriu por cima do ombro. — Eu sei.

A mulher caminhou até à pia próxima de Sarah, lavando as mãos rapidamente e se inclinando para a frente como ela fez para estudar a sua tez perfeitamente dourada. Obviamente satisfeita com o que viu — *e quem não estaria*, pensou Sarah com inveja — ela estendeu a mão para pegar uma toalha de papel, sem querer jogando a bolsa de Sarah no chão. Ela rapidamente virou-se para pegá-la, mas Sarah havia feito o mesmo. Elas apanharam a bolsa juntas e então a mulher soltou, passando e dando um toque no ombro de Sarah com um sorriso de arrependimento.

— Desculpe.

— Tudo bem — Sarah respondeu — Não tem nada aqui além de lixo de qualquer maneira.

— Nem me diga. Não me estava a referir à sua, claro. Mas juro que a minha bolsa fica mais pesada a cada dia e não consigo descobrir o porquê. — Elas compartilharam um sorriso de conhecimento enquanto Sarah jogava a alça da bolsa em seu ombro, reunindo sua coragem e saindo para enfrentar a 'música'.

Blackwood levantou a sua grande bunda da cadeira com uma aparência cortês e disse: — Obrigada por encontrar-se comigo, minha querida.

Sarah quase não o reconheceu, se concentrando em sentar-se, pendurar sua bolsa na cadeira e em abrir os botões do casaco. Ela não o tirou, não pretendia ficar muito tempo. Blackwood olhou-a atentamente. Ela tomou um nervoso gole de água quando ele começou a falar.

— Então, diga-me Susan. — ele começou. Ela lhe lançou um olhar furioso e ele recuou, fingindo estar atrapalhado. — Que tolice a minha. Obviamente é Sarah agora, não é? — Ele sorriu de forma insinuante. — Entendo o seu desejo por sigilo, você sabe. O brilho das câmeras pode ser desgastante. — Ele esperou que Sarah respondesse, que comentasse sobre suas misérias compartilhadas, mas ela manteve-se em silêncio, bebericando sua água e contando os fios da toalha de mesa. — Bem então. — Blackwood disse, preenchendo o silêncio. — Eu me pergunto como você passou a trabalhar com um vampiro neste assunto? Nem sequer sabia que você estava na cidade e acredite em mim, tenho ótimas fontes.

— Eu já lhe disse, Sr. Blackwood...

— Edward, por favor.

— Sr. Blackwood. — ela repetiu com firmeza. — O Sr. Gregor é um amigo. Nada mais. — *E provavelmente nem mais isso*, ela pensou consigo mesma, sentindo uma dor estranha no peito com o pensamento. — Estávamos apenas jantando juntos quando você nos viu.

As bochechas de Blackwood coraram e sua boca estava apertada em irritação óbvia, mas ele mudou de tática dizendo. — William está bastante convencido de que os vampiros estão por trás disso, sabe. Mas eu não estou tão certo.

Sarah olhou-o. — Você não acha que existem vampiros envolvidos?

— Não, eu... — Blackwood começou, mas depois olhou-a de forma curiosa e se inclinou para frente conspirando. — A menos que você tenha algo para nos dizer? Sempre achei que a polícia faria bem em ouvir o que você tem a...

— Não tenho qualquer conhecimento...

— Não brinque comigo. — Blackwood retrucou, qualquer vestígio de amizade desapareceu em um instante, sendo substituída por uma expressão rígida. — Entendo o porque de você não ter ido à polícia. — ele disse. — Aqueles idiotas não reconheceriam um verdadeiro talento, nem se ele mordesse as suas bundas. O que não entendo é porque você escolheu jogar sua sorte naqueles bebedores de sangue nojentos. Se você está tendo sonhos...

— Os sonhos foram há anos atrás. — Sarah insistiu. — Eu não tenho...

— Isso é bobagem! — Blackwood quase gritou. O espaço ficou subitamente silencioso. Blackwood respirou fundo e recostou-se com um sorriso, alisando a gravata cor de rubi sobre a maior parte de sua barriga e dispensando o maître que estava vindo de forma ansiosa em sua direção. Ele então tomou um longo gole de seu vinho e afagou a sua boca afetadamente com o guardanapo bem passado.

— Nós dois sabemos do que você é capaz. — ele disse numa voz baixa, aquele sorriso falso mais uma vez plantado firmemente em seu largo rosto. — Assim, *não* me insulte fingindo o contrário.

— O que você quer de mim? — Sarah perguntou com firmeza.

— O que eu quero é o que você sabe sobre Patricia Cowens e toda essa questão.

— Eu já lhe disse. Não sei *de nada* e não *quero* saber de nada. Você tem alguma ideia de tudo o que me fez passar naquela época? A polícia me tratou como se eu fosse uma assassina e meus pais pensaram que eu estava louca. Eles me internaram, *Edward*. Passei os últimos dez anos fazendo qualquer coisa que eu pudesse para esquecer esse chamado presente e nada que você diga vai mudar isso.

Blackwood a considerou com um sorriso presunçoso. — Nada? Bem, *Susan*, estou bastante certo que os tablóides ficariam encantados em descobrir que a sua adolescente psíquica favorita está viva e bem, e ainda por cima vivendo aqui em Buffalo. Por que, imagino que faria as primeiras páginas durante semanas se você aparecesse. Você estaria bem ao lado de vacas de duas cabeças e do Elvis. E claro, os tablóides estão por toda a internet também, não estão? O que você acha que seus colegas da Universidade pensariam disso?

Sarah pregou-se à sua cadeira, seu coração saindo pela garganta, vendo os últimos dez anos de sua vida irem por água abaixo com cada palavra dita por Blackwood. Ela estava tão errada sobre Raj. Ele não era um monstro. Ele não estava nem perto. O verdadeiro monstro estava sentado à sua frente na mesa deste elegante restaurante, com um sorriso presunçoso em seu rosto gordo que dizia que ele não dava a mínima para ela ou para qualquer outra pessoa.

— Sua recusa em encarar a verdade sobre o seu talento é uma perda para toda a raça humana.— ele estava dizendo. — Uma verdadeira perda. E, devo dizer, egoísta de sua parte. Você certamente deve isso...

— Não devo nada a ninguém. — ela conseguiu sussurrar — Muito menos a qualquer um de vocês. — Ela agarrou o guardanapo e cegamente o pôs sobre a mesa, dando de ombros e colocando a alça de sua bolsa sobre o ombro. Ela deslizou sua cadeira para trás para levantar-se, mas Blackwood colocou uma mão firmemente em seu braço sobre a mesa, segurando-a no lugar.

— Agora, Sarah, não acho que nenhum de nós ...

— Diretor Blackwood? — Ela olhou e viu uma mulher de meia-idade que usava joias suficientes para alimentar uma pequena vila por um ano. — É você! Ouvi dizer que você estava na cidade...

Blackwood ficou de pé em um instante. — Claro, minha querida, e é uma alegria vê-la. — A mulher tomou seu braço, levando-o com ela para longe da mesa, chamando alguém do outro lado da sala. Sarah viu sua chance e aproveitou-a, saindo às pressas do restaurante. Ela passou por um maître de olhos arregalados e por um trio de matronas que ofegaram com sua grosseria. Como se ela se importasse.

Ela quase caiu das escadas na urgência de escapar. Havia uma grande van preta estacionada mesmo em frente ao restaurante, e uma parte de sua mente registrou o manobrista discutindo com o motorista enquanto ela passava correndo. Mas ela deixou isso para trás, junto com os olhares curiosos dos executivos de terno e adolescentes com seus iPod's que ela empurrou para fora de seu caminho. Ela tomou um atalho através de uma passagem que fedia entre dois edifícios, correndo em torno de latas de lixo, quase tropeçando em um sem-teto que reclamou com raiva quando ela interrompeu a sua sesta. Ela chegou a seu carro, chaves na mão, grata pelo controle eletrônico das portas, porque ela não achava que poderia inserir uma chave na fechadura com as mãos tremendo do jeito que estavam.

Uma vez dentro do seu carro, ela trancou todas as portas e encostou a testa contra o volante, tentando pensar. Ela tinha que fugir, sair de Buffalo, de Nova York. Tudo o que ela tinha construído ao longo destes últimos anos desapareceria — sua carreira, sua educação — nada disso tinha importância agora. Ela começaria tudo de novo. Ela tinha guardado algum dinheiro, o suficiente para durar um ano se ela fosse cuidadosa. O som de algo raspando

fê-la sentar-se rapidamente e olhar ao redor. Não tinha ninguém lá, mas ela não devia estar sentada aqui como estava. Ela respirou fundo e deu partida no carro. O carro pelo menos era dela. Ela o comprou em dinheiro, menos uma coisa para ela se preocupar, uma trilha a menos para levá-los a ela.

Ela saiu do estacionamento e foi para casa.

Sarah virou para a sua rua, passando o duplex e contornando o prédio para estacionar no beco. Uma cerca usada com um portão frágil servia como abertura do beco para o quintal mal cuidado que ela compartilhava com a Sra. M. Havia um cadeado no portão, mas ele estava no interior e ficava aberto na maioria das vezes. Nenhuma delas passava muito tempo aqui, a não ser para remover o lixo. Sarah se atrapalhou com suas chaves, enquanto caminhava para casa, tentando se lembrar qual delas abria a porta traseira. Ela nunca precisou usá-la antes, mas tinha certeza que a Sra. M. tinha lhe dado uma chave quando ela mudou-se.

Ela encontrou a chave certa e empurrou-a na fechadura, escorregando para dentro e fechando a porta atrás de si. Seu primeiro pensamento foi de verificar cada persiana e cortina do andar de baixo, fechá-las todas antes de correr escadas acima para colocar toalhas sobre as brechas das janelas de seu quarto. Estava escuro com as janelas cobertas, então ela ligou algumas luzes e andou de aposento em aposento fazendo um inventário. Não havia nada de seu mobiliário que ela não pudesse deixar para trás. Talvez ela tivesse feito isso inconscientemente ao longo dos anos, nunca comprando qualquer coisa que significasse algo para ela. Talvez uma parte dela sabia que esse dia chegaria, o dia que ela teria que abandonar tudo novamente.

Em seu escritório, ela abriu um pequeno cofre escondido na gaveta inferior da mesa. Seu passaporte e sua carteira de motorista sobressalente estavam lá, embora ela fosse precisar de uma nova identidade o mais rápido possível. Cartões de crédito seriam a maneira mais fácil de rastreá-la, assim eles teriam que ir imediatamente. Ela girou sua cadeira, ligando o computador e indo para o site de seu banco na Internet. Com alguns comandos no teclado, ela transferiu todos os fundos de sua conta corrente para uma conta separada sob o nome de sua avó materna. Sua avó Maude tinha falecido há muito tempo e não se importaria. Sarah tinha sido sua única neta e elas eram muito próximas. Ela morreu antes de tudo começar a

desabar, o que foi provavelmente uma coisa boa. Em qualquer caso, a conta não permaneceria aberta por muito tempo. Eventualmente, alguém — a imprensa ou a polícia — rastrearia a transferência. Mas a essa altura o dinheiro teria ido, sacado de bancos ou caixas eletrônicos em seu caminho para onde quer que ela estivesse indo.

Feito isso, ela deu mais olhada ao seu redor. Nenhum dos móveis importava, mas seus livros com certeza ela gostaria de levar. Então seria o seu computador de mesa, e claro, seu laptop. As caixas de quando ela se mudou estavam no armário debaixo da escada. Ela poderia começar a arrumar esta noite e ter ido até a manha seguinte. O aluguel estava pago até o final do mês, mas ela daria à Sra. M. o suficiente para cobrir mais um mês, para compensar sua partida repentina.

Ela atravessou o corredor e foi para o seu quarto. Não havia memórias aqui. Sem amores perdidos, sem noites quentes de paixão. Ela pensou novamente em Raj. Ele seria um amante apaixonado, não havia nenhuma dúvida nisso. Lembranças de seus poucos encontros ainda causavam arrepios através de seus ossos e apertos de saudade em seu estômago. O que teria sido se eles tivessem feito amor?

Ela fechou os olhos e deliberadamente afastou o pensamento. Isso nunca aconteceria. A menos que ela desse uma parada em seu caminho para fora da cidade, ela nunca mais o veria. Seu peito inchou com a dor da ideia e ela esfregou distraidamente, surpresa ao encontrar-se chorando. — Não seja estúpida, Sarah. — ela ralhou consigo própria. — Ele nem mesmo está falando com você.

Ela tomou uma respiração profunda e estabilizadora. *Roupas*, ela pensou propositadamente, indo até o armário. Todas as suas roupas iriam. Ela não tinha muitas e não podia dar-se ao luxo de deixá-las para trás, em qualquer caso. Não se ela iria viver de suas economias por um tempo.

Ela estava lá, olhando ao redor e se perguntando por onde começar, quando a campainha tocou lá embaixo. Ela congelou, escutando, e pulou quando seu telefone tocou alto em contraponto com a persistente campainha da porta. Ela ignorou o telefone; fosse quem fosse seria encaminhado para o correio de voz. Em vez disso, ela andou em silêncio até

a janela, estremecendo quando o velho piso de madeira rangeu ruidosamente sob seus pés. Levantando o canto de uma das toalhas que tinha pendurado sobre a haste da cortina, ela viu uma van preta estacionada em frente de sua casa. Era uma van de carga, sem janelas, e havia algo sobre ela — um homem descabelado surgiu da parte de trás, parecendo como se tivesse dormido lá dentro, ou talvez vivesse lá. Ele fechou a porta dupla ruidosamente e arrastou-se para o lado, onde abriu a grande porta de correr. O interior era surpreendentemente bem iluminado e estava repleto de equipamentos, uma espécie de... Sarah recuou consternada. Era uma van de imprensa, e ela agora lembrava onde a tinha visto antes. Tinha sido em frente do restaurante onde ela encontrou-se com Blackwood; ela se lembrava dela de sua corrida louca pela rua.

Seu coração afundou quando o sorriso falso Blackwood encheu seus pensamentos. A imprensa esteve lá o tempo todo. Não é de admirar que ele plantou-se de forma tão proeminente na janela da frente, ele *queria* que eles a vissem, que tirassem fotos dos dois juntos. Ele lhe mentiu. Quer ela concordasse ou não em trabalhar com ele, já havia planos em movimento para divulgar a coisa toda.

Ela amaldiçoou aquele homem desprezível, lutando contra o pânico que estava tentando mostrar sua cara feia. Não fazia sentido entrar em pânico. Era apenas um cara — a campainha tocou novamente e ela ouviu alguém gritar lá embaixo. Ok, dois caras. O homem da van olhou para cima e gritou alguma coisa. Ele era provavelmente de um dos jornais sensacionalistas, ou talvez de uma daquelas revistas de entretenimento. Elas seguiam de perto as aventuras de Blackwood, embora ela nunca tivesse sido capaz de descobrir o porquê.

Okay. Ela podia lidar com isso. Ela empacotou rapidamente, levando apenas o que ela precisava para o próximo mês ou algo assim. A maioria de suas roupas, até mesmo os seus livros estariam a salvo aqui, enquanto ela pagasse o aluguel. Ela poderia usar esse tempo para criar sua nova identidade, encontrar um novo lugar para morar e em seguida, quando tudo tivesse se acalmado, voltar e pegar o resto das suas coisas. Esse era o plano, sim. Ela definitivamente poderia fazer isso. Ela então pegou uma mala de seu armário e começou a arrumar.

Duas horas mais tarde, a imprensa local chegou em peso, não querando ser ultrapassada pelos tablóides quando se tratava de uma história sobre um dos seus. Eles bateram várias vezes em sua porta até que ela achou que suas juntas deviam estar sangrando. Eles ainda questionaram a Sra. M. da porta ao lado, as câmaras rolando. Sarah ligou alertando, mas a sua senhoria tinha levado tudo na esportiva, embora ela parecia estar aproveitando um pouco a notoriedade.

Sarah agradeceu a senhoria novamente e desligou, e então apenas para sua infelicidade, ela verificou seu correio de voz, excluindo uma mensagem após a outra, praticamente na primeira sílaba prenunciada. Aquele imbecil do Blackwood tinha ligado várias vezes, oferecendo a segurança duvidosa da casa do William Cowens como um refúgio. Quão gentil da parte dele, Sarah pensou cruelmente, considerando que foi ele quem colocou os chacais da imprensa sobre ela em primeiro lugar.

Ela subiu as escadas para continuar a empacotar, dizendo a si mesma que toda essa coisa iria estourar rapidamente. Alguma outra história iria capturar a atenção dos tabloides e eles esqueceriam dela e veriam que tudo isso não era realmente uma história em tudo. Ela espiou pela janela novamente. A mulher do noticiário local estava lá embaixo, fazendo algum tipo de reportagem ao vivo. Mas os caras dos jornais pareciam ser a fonte principal da sua matéria. Era suposto estar frio esta noite, e, além disso, havia pouca coisa que eles pudessem explorar em uma casa fechada. Uma vez que eles tivessem ido embora, ela carregaria algumas coisas para seu carro e iria embora antes do sol nascer, sem que ninguém mais soubesse.

Isso não era bom. Sarah olhou pela janela do andar de cima pela enésima vez. Isto definitivamente não era nada bom. Ao invés de desistirem e irem para casa assim que o sol se pôs, a multidão de repórteres em seu gramado da frente só tinha aumentado. Lágrimas encheram os seus olhos e

ameaçaram transbordar, mas ela as enxugou, assim como tinha feito dez minutos atrás, e dez minutos antes disso. Chorar não ajudaria em nada. Ela tinha considerado ir lá e fazer uma declaração, mas desistiu da ideia quase que imediatamente. Ela sabia por experiência própria que isso só aumentaria ainda mais o interesse da mídia. E eles nunca ficavam satisfeitos, especialmente nos dias de hoje em que não havia nenhum segredo muito pessoal, nenhum detalhe demasiado íntimo, para ser publicado nas páginas de jornais, revistas e sites, onde seriam sugados por um público que abraçava o direito de saber de toda e cada mínima coisa.

Uma sirene tocando fez com que ela voltasse correndo para a janela. Luzes vermelhas piscaram quando um sedan da polícia chegou. Já não era sem tempo, ela pensou furiosamente. Todos esses repórteres e câmeras tinham que estar violando uma regulamentação ou outra. Deixe os policiais levá-los embora e ela estaria bem atrás deles, correndo tão longe e tão rápido quanto poderia. Alguém começou a bater em sua porta lá embaixo, mas ela ignorou-o como tinha feito com todos os outros.

— Sarah Stratton. — uma voz profunda gritou — Polícia. Abra.

Ok, *isso* era novo. Ela correu escada abaixo, tendo o cuidado de verificar se era realmente a polícia. Ok, então não era a polícia; era apenas um policial. Tony Scavetti. E o que diabos ele estava fazendo aqui? — Abra a porta, Sarah! — Ele bateu outra vez, sacudindo a estrutura da porta, e ela começou destravando as diferentes fechaduras para poder abrir a porta.

Sarah estava em sua sala da frente encarando Scavetti que estava mais furioso do que ele tinha o direito de estar. Ela não tinha pedido por nada disso. — Olha. — ele estava dizendo. — Isto é uma besteira. Quero que este circo da mídia acabe agora. Vou levá-la em...

— Eu não vou a lugar nenhum. — ela insistiu, recusando-se a ser intimidada. Ela conhecia os seus direitos. — Se você quer que isso acabe,

sugiro que comece por se livrar dos palhaços que estão lá fora. — Ela apontou um dedo na direção do seu lotado jardim. — Não fiz nada errado.

Scavetti deu um passo para mais perto, invadindo o seu espaço pessoal, tentando ameaçá-la com a sua altura e volume. — Se eu tiver que prendê-la...

— Com que motivos? — Sarah exigiu, ficando bem na sua frente. Ela passou toda a sua vida sendo menor do que a maioria das outras pessoas. Ele teria que vir com algo muito melhor do que o seu tamanho se queria intimidá-la.

— Interferência em uma investigação em curso, retenção de evidências e...

— Sarah latiu uma gargalhada. — E que provas você teria disso, Tony? — Ela zombou. — Você quer dizer ao D.A. que eu tenho mantido os meus sonhos de você? O que você é agora, o meu psiquiatra?

Scavetti corou de raiva e abriu a boca para responder, mas outra pessoa começou a bater na porta. — Sarah. — uma mulher estava gritando.

Sarah franziu o cenho. Seu primeiro instinto foi o de ignorá-la, assim como havia ignorado todos os outros antes, mas havia algo de familiar na voz. Ela começou a ir em direção à janela mais próxima da porta, mas Scavetti chegou lá primeiro.

— Quem diabos é essa? — Scavetti rosnou.

Espiando em torno dele pela persiana semiaberta, Sarah deu uma segunda olhada. Era a mulher do banheiro do restaurante. Aquela que tinha derrubado a sua bolsa. O que diabos ela estava fazendo aqui?

Como se tivesse ouvido a pergunta silenciosa de Sara, a mulher chamou urgentemente através da porta, — Sarah, meu nome é Angel. Eu trabalho para Raj. Quero ajudá-la. Deixe-me entrar.

O coração de Sarah deu uma pequena sacudida. Raj? Mas isso significava que ele sabia do seu encontro com Blackwood. Tinha ele a espionado todo esse tempo? Por que ele iria fazer isso, a menos...

— Sarah, por favor. Deixe-me ajudá-la.

Sarah correu até a porta da frente. Se havia uma pessoa em quem ela confiava no meio dessa confusão toda, ela percebeu de repente, era Raj.

— O que diabos você está fazendo? — Scavetti exigiu, estendeu a mão para ela, mas Sarah abriu os bloqueios, puxando a porta apenas o suficiente para espiar cautelosamente. — Como posso saber que Raj lhe enviou?

— Não sei. — Angel disse, parecendo perturbada com a pergunta. Ela começou a dizer algo, mas cortou-se com uma maldição, colocando os seus dedos num ouvido, como se tentasse escutar alguma coisa. Olhando com atenção, Sarah viu que ela estava usando algum tipo de rádio fone no ouvido, como os seguranças de Rafael usavam. Ela assentiu para o que a outra pessoa estava dizendo. — Vá em frente e ligue para Raj. — Angel disse a Sarah. — Não, espere. Ligue para Emelie. Ela disse para lhe dizer...

Se essa mulher sabia tanto o nome de Raj como o de Emelie, então ela tinha que ter sido enviada por Raj. Sarah abriu a porta e deu um passo para trás. Angel entrou e fechou a porta rapidamente, encerrando a corrida de ruído e corpos que tentavam segui-la. — Obrigado. — ela disse sem fôlego. — E eu realmente trabalho para Raj.

— Você estava no restaurante hoje.

— Estava. Nós sabíamos sobre a reunião com o Blackwood e não queríamos que você fosse sozinha. Por uma boa razão, como se pode constatar.

— Eu não entendo. — disse Sarah. — Por que Raj... — Scavetti limpou a garganta ruidosamente atrás dela. — Ah. — disse ela virando ligeiramente para indicar o irritado detetive. — Este é o detetive Scavetti, Departamento da polícia de Buffalo. Ele quer...

— Você não tem que ir com ele. — Angel disse imediatamente, dando a Scavetti um olhar hostil. — Raj vai estar aqui...

— Que porra esse maldito vampiro tem a ver com isso?

Angel o interrompeu com um frio olhar. — Vamos esperar até que ele chegue aqui antes que qualquer coisa seja decidida.

— Quem o nomeou Deus? — Scavetti rosnou. — Não tenho que esperar por um maldito vampiro...

— Pare — Sarah gritou para Scavetti. — Vamos esperar. — ela lhe disse com firmeza. — A menos que você esteja preparado para me tirar daqui chutando e gritando na frente de todo mundo. — Ela fez um gesto para a multidão de pessoas enlouquecidas da imprensa.

Scavetti franziu a testa, claramente pensando em fazer exatamente isso.

— Vamos, Tony. — ela o persuadiu. — Vai machucar se você esperar até que Raj chegue aqui? — Se você me arrastar lá para fora vai sair em todos os jornais. E que bem isso vai fazer? Você não quer me envolvida no seu caso, e isso é basicamente a última coisa neste mundo que quero também. Talvez juntos possamos descobrir alguma coisa.

Scavetti olhou-a, e ela poderia dizer que ele não estava feliz. Mas ela também sabia que havia tocado em um nervo ao falar da imprensa estar sobre toda a história. Ele finalmente deu-lhe um aceno de cabeça, curto e infeliz.

— Muito bem. Vamos esperar. — Ele verificou o relógio. — Dez minutos. Depois disso, não dou a mínima para o que você diz. Vou levar a sua bunda daqui.

Sarah sabia quando parar. — Obrigado, Tony. Vou lá pra cima para embalar algumas coisas, apenas no caso. — ela disse.

— Boa ideia. — Angel disse. Ela deu um olhar presunçoso a Scavetti enquanto seguia Sarah para as escadas. — Vou te ajudar com isso.

Capítulo 32

Raj abriu seus olhos para a familiaridade do seu lar em Buffalo. As luzes já estavam acesas, ligadas por um temporizador que permitia que quando ele acordasse houvesse o pouco de luz que ele precisava para conseguir enxergar. Enquanto ele se levantava da cama, a luz aumentava até atingir um nível estável, um nível suave de iluminação. O seu primeiro pensamento foi que estava fome, mas ele não tinha tempo para um doador vivo. Ou isso foi o que ele disse a si mesmo. Ele não estava disposto a enfrentar sua relutância em tocar mulheres anônimas por sangue e sexo. Estava sem disposição para lidar com o significado desta relutância levando em conta os seus sentimentos por Sarah Stratton — que eram passado, ele lembrou-se firmemente.

Ele foi até o refrigerador e tirou uma bolsa de sangue. Soltando a válvula de libertação o suficiente para evitar que o conteúdo explodisse por todo o seu micro-ondas, ele configurou-o para um rápido aquecimento. Menos de um minuto mais tarde, ele revirou a bolsa entre suas mãos para nivelar a temperatura e bebeu rapidamente, tentando não pensar na mulher que ele preferia estar bebendo no lugar disto.

A memória do doce sangue de Sarah o atingiu de todo jeito — a explosão repentina de quando ele tinha mordido aquele lábio cheio com as suas presas, o calor que sentiu quanto o sangue acariciou a sua língua e deslizou por sua garganta com uma lentidão extraordinária. Seu cérebro

continuou, pensando o quão delicioso seria tocar sua veia, perfurar a suavidade aveludada daquele pescoço enquanto seu pênis entrava em seu pequeno corpo apertado. Ele podia sentir as suaves curvas dela nas suas mãos, ouvir os pequenos e famintos choros enquanto ele a pressionava contra a parede — *Chega!*

Ele jogou a bolsa vazia de lado com desgosto e forçou seus pensamentos em outra coisa. Sarah não queria nada com ele, e ele tinha coisas melhores para fazer do que perseguir uma mulher que pensava que ele estuprava pequenas garotas por diversão. Ele sentiu um fluxo quente de raiva e deu boas vidas a isto, deixando-a encher seu peito com determinação enquanto começava a tomar banho. Ele se encostou contra a parede de azulejos, olhos fechados, braços esticados em frente a si enquanto a água quente atingia seu pescoço e costas, revendo tudo que sabia até então. Ele pensou novamente nos rostos das jovens mulheres, imaginando as cenas nas casas de sangue de onde elas tinham desaparecido. Quando ele chegou em Estelle Edwards, seus pensamentos deslizaram até parar. Tudo girava em torno dela. Ela era a laranja na tigela de maçãs, a rosa solitária no buquê de margaridas. Ela era a chave. A pesquisadora especializada em sangue, que foi vista falando com Krystof e depois disse ao marido que tinha um contato na comunidade vampira que poderia providenciar...

Ele praguejou viciosamente quando o pensamento o atingiu. Ele deu um soco contra o azulejo com tanta força que este rachou sob a tensão.

Jovens mulheres estavam desaparecidas, mas *também vampiros antigos*! Antigos, mas não poderosos. Este era o elemento crucial. Eles eram velhos o suficiente para terem desenvolvido a característica que mais interessava aos pesquisadores humanos — resistência às doenças e ao envelhecimento — mas não poderosos o suficiente para dominar suas próprias crianças ou para dobrar vampiros à sua vontade. E se os vampiros desaparecidos fossem prisioneiros, assim como as jovens mulheres? E se todos eles — vampiros e humanos — não fossem nada mais do que ratos no laboratório de Estelle Edwards?

Mas estão por que trazer Raj para desvendá-lo? Krystof devia saber que ele nunca ficaria parado com algo como isso. A não ser que este fosse o plano do velho o tempo todo? Talvez ele tivesse perdido o controle do

projeto e não sabia como desligá-lo ele mesmo. Cristo! Isto também não fazia nenhum sentido.

Ele desligou o chuveiro, revoltado com todo esse negocio. Ele secou-se rapidamente e quando estava semivestido o seu telefone tocou. Ele o pegou, não surpreso em ver que era Emelie.

— Em. — ele disse a saudando. — Como foi hoje com Sarah e Blackwood?

Emelie respirou fundo pelo que estava prestes a falar e disse: — Certo, vamos começar pelo restaurante, então. — Raj franziu a testa, mas Emelie lançou-se em seu relatório, então ele a ouviu cuidadosamente. — Angel conseguiu colocar a escuta em Sarah com antecedência, então conseguimos a coisa toda. Blackwood tentou chantageá-la, ameaçando ir à impressa com a verdadeira identidade dela...

— Chantageá-la? Espera, que identidade — Raj interrompeu.

— Ok, aqui é onde fica complicado. Blackwood parece conhecer Sarah da Califórnia.

— Sim, ela me disse. Um amigo da família ou algo assim.

— Não exatamente. A doce e pequena Sarah não tem sido exatamente honesta conosco. O seu verdadeiro nome é Susan Siemanski. Este nome é familiar para você?

Raj franziu a testa. Sarah não era realmente *Sarah*? Que porra é essa? — Não — ele disse — Deveria ser?

— Não a menos que você passe muito tempo na internet.

— Eu pago pessoas para fazerem isso por mim. — Ele disse impaciente — Que porra está acontecendo, Em?

— Susan Siemanski aparece em diversos sites, todos dedicados ao estranho e ao desconhecido. Merda paranormal. Nossos rapazes se cruzaram

com esses sites procurando por supostas atividades de vampiros. Às vezes isto é uma cobertura para coisas reais e nós...

— Sei disso, Em. Vá direto ao ponto.

— Desculpe. Susan, conhecida como Sarah Stratton, tinha quinze anos quando alegou ser – acho que a palavra é *canalizada* por mulheres sequestradas em seus sonhos. Houve dois casos públicos, com alguns meses de intervalo. Em cada caso, a mulher foi encontrada morta depois da polícia ignorar os avisos de Siemanski. Ela saiu dos radares depois disto, o que explica porque Sarah não existia até dez anos atrás. Ela deve ter mudado...

— Certo. — Raj cortou-a, sentindo sua própria raiva crescer. Ela tinha lhe mentindo o tempo todo, deixando-o pensar que ela tinha fugido para escapar de uma situação ruim em casa, deixando-o imaginar todos os tipos de possibilidades. E nada disto era verdade. Ela era uma fudida psíquica. Era essa a conexão dela com esse caso? Ela estava recebendo dicas das mulheres desaparecidas em seus sonhos ou qualquer que seja a porra que ela fazia? Maldita seja, ela estava jogando com ele, fazendo-o de completo idiota.

— Raj, você tá aí?

— Sim. Então o que Blackwood quer?

— Saber os sonhos dela e esse tipo de treta, mas é obvio que ele a queria trabalhando exclusivamente para ele, ninguém mais, e especialmente não nós *bebedores de sangue nojentos*. Acredito que foi assim que ele colocou.

— Imagine isto. — Raj disse distraidamente, tirando uma camisa do armário e colocando-a sem baixar o telefone. — E ele parecisa um homem tão bom.

— Sim, bem, felizmente um dos seus fãs o parou e Sarah conseguiu sair discretamente. Ela voltou para casa e ficou lá. *Infelizmente,* o idiota escorregadio tinha uma equipe de filmagem esperando lá na frente para filmar a sua triunfante redescoberta da adolescente psíquica há muito tempo

perdida, ou barrá-la, para seguir com a sua ameaça de expô-la. Que aparentemente, ele decidiu fazer.

Ele parou o que estava fazendo. — O que está acontecendo?

— Nós temos uma situação.

Raj ouviu Emelie falar com mais alguém, uma conversa de um só lado, como se ela estivesse em um segundo celular. Ele a ouviu praguejar e então gritos de ordens para alguém no armazém. — Era Yossi. — Ela disse, voltando a falar com ele. — A casa da Sarah está repleta de repórteres querendo saber por que uma psíquica foi chamada para ajudar a achar a filha de William Cowens. A polícia também está lá, com aquele cara Scavetti. Ele quer levá-la sob custódia...

— Não! — Raj praticamente rugiu. Ele ouviu Em conversando com o outro celular de novo.

— Angel acha que consegue persuadir Sarah a deixá-la entrar. Você quer que ela...

— Sim. Quero alguém dentro daquela casa. Não quero Sarah desaparecendo sob custódia da polícia. Preciso saber qualquer coisa que ela saiba sobre esse caso. Fale com a Angel agora, Em. Eu vou esperar.

Em falou rapidamente e voltou. — Ok, Yossi e Cervantes estão esperando no lado de fora, mas a Angel está batendo à porta agora. O que vem depois?

Raj já estava colocando a sua jaqueta, o telefone prensado entre sua orelha e ombro. Ele podia ouvir um monte de barulhos vindo do lado de Em, motores de SUV prontos para partir.

— Em — Ele gritou, querendo ter certeza que ela o ouvia. — Precisamos de um carro de fuga, algo anônimo.

— Nós teremos, chefe — As palavras dela pulavam enquanto ela corria para se juntar aos caras nos SUV.

Raj socou o código de saída no teclado e esperou impacientemente enquanto a porta se abria. — Encontro você na casa da Sarah — ele disse e desligou, correndo para garagem.

— Que porra é essa? — Raj deu uma olhada na rua em frente ao duplex de Sarah e circulou ao redor do quarteirão, lembrando de algo parecido a um beco e assumindo que ela tinha uma porta traseira. Ele havia estado um pouco distraído nas duas vezes que tinha estado na cozinha dela. O extremo leste do beco estava bloqueado por um cerca de arame. Ele praguejou viciosamente e deu a volta de novo, virando para baixo na extremidade oeste da rua e pressionando a discagem rápida para Em enquanto estacionava atrás do carro da Sarah.

— Onde você está? — Ele perguntou, antes que ela pudesse falar qualquer coisa.

— Estamos em três veículos, dois SUVs e um sedan alugado. Os dois SUV estão segurando em cada uma das extremidades do quarteirão. Está uma bagunça lá fora, chefe.

— Sim, eu vi isso. Estou num beco atrás da casa da Sarah. Tem alguns repórteres por aqui, mas nada que eu não consiga lidar. Muito tarde para alguns deles, eu acho. Quero que os dois SUVs venham para a frente. Fale para eles chamarem atenção. Você trás o sedan por trás; você e eu iremos desta forma. Angel está na casa?

— Sim, meu senhor, juntamente com o Detetive Scavetti que não é um campista feliz, de acordo com a Angel. Sarah cravou seus calcanhares e se recusa a fazer qualquer coisa até você chegar lá. Scavetti está a ponto de explodir, mas Angel não parece muito preocupada com isso.

— Eu conheci Scavetti. Vou apostar em Angel qualquer dia. Ligue para ela, e fale o que está para acontecer e diz-lhe para dar uma segurada em Scavetti. Eu não quero uma arma na minha cara quando entrar pela porta de trás.

— Eu não acho que você seja a pessoa favorita de Scavetti no momento.

— Estou lisonjeado. — Raj olhou para cima quando um Taurus branco apareceu no seu retrovisor, com Em na direção. Ele executou uma rápida virada em U para que o BMW ficasse de frente para a entrada do beco. Em fez o mesmo, colocando-se atrás dele. Ela saiu do carro e deu um sorriso animado.

— Teremos diversão hoje, hein, chefe?

Raj balançou sua cabeça. Ele às vezes precisava se lembrar que por atrás da aparência de modelo, Emelie era uma viciada em adrenalina. Ela vivia por esse tipo de coisa. — Todo mundo pronto?

Ela assentiu. — Ao seu comando, eles irão acertar o gás. Dois minutos na frente da casa, dois minutos dentro.

Raj deu uma olhada na situação em volta. O quintal imundo estava rodeado por uma cerca de madeira, e se houvesse alguma lâmpada, não estava acesa. O portão desigual estava meio aberto, o cadeado estava pendurado inutilmente na cerca em um formato de U, provavelmente posto lá por um dos dez ou mais obstinados tipos da imprensa que estavam reunidos ao redor com seus Blackberries na escuridão. Ocasionalmente, um deles olhava para casa, mas nada acontecia lá, também. As janelas de Sarah estavam todas cobertas, persianas para baixo e cortinas fachadas, mas ele pegou um rápido movimento do rosto curioso da proprietária em uma das janelas do andar acima na casa do lado. A mulher daria uma ótima espiã. Não havia luz banhando o pátio interno do duplex de Sarah, e atrás dele, o beco estava muito mal iluminado, sem luzes de rua. A lâmpada que ligava com um sensor de movimento, que tinha acendido quando ele passou, estava novamente apagada. Três carros estavam estacionados no lado lateral, todos

eles direcionados para um beco sem saída, provavelmente pertenciam aos repórteres, uma vez que os moradores saberiam do beco.

— Tudo bem. — ele disse para Em — Darei a essas pessoas um bom cochilo e então você e eu iremos pelos fundos ao mesmo tempo em que Yossi e os outros vão pela frente. Eles que façam muito barulho, peguem Angel como chamariz e saíam como um furacão. Ela é do mesmo tamanho que Sarah, iremos cobrir o cabelo dela. Você sai pelos fundos com Sarah e a leva para o armazém. Eu irei cuidar de Scavetti e qualquer coisa a mais que aparecer e te encontro lá mais tarde.

— Posso lidar com o policial se você preferir...

— Ele me conhece. Você pega a Sarah.

Em o estudou rapidamente. — Você é o chefe.

Raj assentiu. — Diga para Yossi começar.

Sarah se sentou encolhida no meio da escada, abraçando seus joelhos contra o peito, se sentindo miserável. A pobre Sra. M. estava tão presa na casa ao lado quanto Sarah. Scavetti não conseguia decidir se estava mais puto com o Raj, ou com o fato de que todo mundo agora pensaria que o Departamento da Polícia de Buffalo, ou seja, Tony Scavetti, estava usando uma psíquica para solucionar o seu caso de perfil bastante alto. Uma vez que ele concordou em dar a Raj dez minutos, o detetive jogou suas mãos para cima em sinal de desgosto e desapareceu na sala de Sarah, onde ela podia o ouvir xingando alguém pelo celular. Angel estava fazendo quase a mesma coisa, embora com muito menos xingamentos, sussurrando para alguém através de seu fone de ouvido igual a alguns agentes especiais dos filmes de ação.

Por sua vez, Sarah não sabia se a iminente chegada de Raj era uma boa ou uma má notícia, mas sabia que ele poderia fazê-la desaparecer muito mais rápido do que se ela estivesse por conta própria e sem envolver a polícia. Então ela se sentou nas escadas onde ninguém podia vê-la do exterior, ouvindo a competição entre os múrmuros de Scavetti e os de Angel, e esperando Raj que provavelmente a odiava.

Ela sentou abruptamente, então duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Angel gritou, "Eles estão vindo," e um súbito som de motores e pneus cantando mandaram Scavetti correndo para a porta da frente. Ele xingou violentamente quando Angel fechou a porta na cara dele, mas então os dois foram para trás quando quatro homens em trajes de combate preto passavam pela multidão de repórteres furiosos, pisando na varanda e entrando casa. Angel fechou a porta atrás deles e então o pequeno corredor de Sarah estava cheio de grandes e corpulentos vampiros, enquanto Scavetti estava praticamente batendo no próprio peito de tanta raiva. A testosterona era tão espessa no ar que ela olhou para o teto, esperando ver um nuvem pairando visivelmente sobre as suas cabeça.

— Que porra é essa? — Scavetti gritou — Quem diabos autorizou...

— Eu autorizei. — Raj disse da cozinha. Com toda a confusão e barulho na porta da frente, Sarah não havia ouvido a porta do fundo abrir. Ela percebeu que esse havia sido o plano, aquela equipe que entrou pela porta da frente tinha um propósito — cobrir a entrada do mestre deles.

Ao som da voz dele, todos os quatro vampiros se viraram como um, músculos tremendo como cavalos em um portão de partida enquanto eles se apoiaram em um joelho, juntamente com Angel. Scavetti olhou, sua boca mostrava sua curiosidade, seu olhar viajava dos vampiros de joelhos para Raj e de volta em descrença.

Sarah ouviu os passos pesados, e então a cabeça e os ombros de Raj entraram em vista através do corrimão à sua direita. Vestindo couro preto e jeans, ele irradiava uma espécie de perigosa autoridade, parecendo mais largo do que nunca e duas vezes mais letal do que qualquer um dos seus lacaios vampiros ajoelhados diante dele. E mesmo ele sabendo onde ela estava sentada, ele não fez muito a não ser não olhar em sua direção. O

coração dela se apertou dolorosamente. Em apareceu atrás dele, vestindo uma roupa de combate preta e parecendo muito melhor do que Lara Croft alguma vez pareceu. Raj fez um gesto para os vampiros ajoelhados e eles levantaram.

— Detetive Scavetti — Raj disse calmamente — A senhorita Stratton está sob custódia?

Sarah se sacudiu ao som do seu nome, enquanto o policial olhava afiado para todos os lados. — Eu não preciso dessa porcaria, Gregor. — Ele rosnou.

Os vampiros fortemente armados de Raj eriçaram-se com indignação perante o tratamento desrespeitoso para com o mestre deles, e Sarah pressionou-se contra a parede, esperando violência. Mas Raj apena sorriu. — Deixe-me tirar isso das suas mãos, Detetive. Posso lhe assegurar que nada disso é culpa da senhorita Stratton. Se você estiver procurando quem revelou a identidade dela, deveria ligar para o Edward Blackwood.

Então ela estava certa sobre Blackwood. Não que tivesse alguma dúvida. O bastardo havia ligado a tarde inteira, presumindo claramente que Sarah não teria ninguém a quem recorrer além dele. Ele não sabia que ela preferia deixar Scavetti prendê-la que se colocar nas mãos gordurosas dele.

— Faremos. — Scavetti murmurou em resposta ao comentário de Raj sobre Blackwood. Ele olhou em volta — Obviamente, você tem um plano.

— Angel irá servir como chamariz — Ele fez um gesto para mulher pequena. — Meu pessoal irá sair pela porta da frente, como se estivessem tirando a senhorita Stratton rapidamente, saindo pela noite em um grande alarde e chamando tanta atenção quanto possível.

Sarah olhou para Angel que capturou o seu olhar e sorriu de forma conspiratória. Ela estava inclinada no vampiro atrás dela e Sarah se perguntou se eles eram um casal, se era por isso que Angel, que obviamente não era uma vampira, fazia parte da equipe de Raj.

— Enquanto isso, a minha tenente — Raj estava dizendo, indicando Emelie que fez um rápido sinal de continência em resposta. Ele lhe deu um olhar repressor, mas também havia um pequeno sorriso brincalhão em sua boca enquanto fazia isso. — Minha tenente — ele continuou — Irá pegar a senhorita Stratton e sair pela porta dos fundos e transportá-la para um local que só o meu pessoal conhece.

Scavetti parecia satisfeito até aquele ponto, mas agora ele fazia uma careta. — Nós iremos querer saber para onde você a está levando. E que porra você estará fazendo durante tudo isso?

Raj deu ao detetive um olhar paciente. — Pensei que você e eu poderíamos aproveitar essa oportunidade para nos atualizarmos sobre nossos progressos, Detetive, incluindo, claro, a localização da senhorita Stratton. Nosso objetivo neste assunto tem sido de ajudá-lo repetidamente a resolver esta investigação, não atrapalhá-la. Assim que tivermos concluído para sua satisfação, irei me encontrar com a minha equipe.

Scavetti parecia que tinha engolido algo podre, mas ele assentiu.

Por sua vez, Sarah tinha algumas dúvidas bastantes reais sobre Raj ter a intenção de informar para qualquer um sobre o seu paradeiro uma vez que tivessem deixado a casa. Mas ela também não podia deixar de notar que era Emelie que a estava levando embora, não Raj. Lá se vai o cenário do cavaleiro-em-um-cavalo-branco. Ela tinha certeza que em nenhuma dessas cenas aparecia o ajudante do cavaleiro resgatando a donzela. Ele também especulou se alguém ia pedir a sua opinião sobre algo, ou se ela seria tratada apenas como uma bagagem...

— Isso é aceitável para você, Sarah?

Empurrada para fora de seus pensamentos, ela levantou sua cabeça e encontrou Raj olhando-a pela primeira vez desde que ele apareceu do nada. Ela estudou os olhos azuis gelados e não encontrou nenhum traço de calor para ela em nenhum lugar de suas profundezas frias. Ela engoliu através do aperto em sua garganta e assentiu. — Sim. Obrigada.

Raj segurou o seu olhar por mais um momento. — Você deveria ligar para sua vizinha e perguntar se ela precisa ser resgatada também. — Ele disse em uma voz gelada.

— Ok. — Sarah sussurrou. Ela levantou rapidamente, grata pela desculpa para subir e fugir dos olhares especulativos de Emelie e dos outros vampiros. Ela havia subido apenas um degrau quando um pensamento lhe ocorreu. Ela parou e virou-se para perguntar: — E o meu carro? — Raj só olhou para ela. — Vou precisar do meu carro, não importa para onde vamos. — Ela insistiu. Ela não sabia exatamente o que faria ou para onde iria, mas ela definitivamente sabia que não suportaria a atitude frigidamente educada de Raj por mais tempo que o necessário.

Ele olhou-a por mais um momento e então olhou para Emelie. — Me dê suas chaves — ela disse, dirigindo-se a Sarah. — Irei pedir para um dos caras trazê-lo para a casa segura depois.

— Ok. — Sarah concordou. Ela subiu as escadas para ligar para a Sra. M e pegar a mala que ela havia empacado mais cedo, antes que a imprensa tivesse chegado e jogado todos os seus planos no espaço. Ela iria em frente com o plano de fuga de Raj por enquanto. Mas na primeira oportunidade, iria embora. Se ele não queria nada com ela, tudo bem. Ela não precisava dele para sair da cidade. Ela já havia orquestrado o seu primeiro desaparecimento quando tinha dezoito anos e estava quebrada. Ela com toda a certeza conseguiria fazer isso agora. Raj não teria que se preocupar muito mais com ela.

Capítulo 33

A manobra saiu como um mecanismo de relógio. Não que Sarah esperasse outra coisa. Emelie parecia saber o que Raj queria antes que ele pudesse pedir, e não havia como discutir depois algo era decidido. Os seus guardas vampiros prestava uma atenção quase fanática em cada palavra que ele dizia, mas então, o que ele dizia parecia fazer sentido, então por que não?

A Sra. M. tinha concordado em evacuar e os planos foram feitos rapidamente para deixá-la com seu filho. Raj disse que cuidaria dela depois que todo mundo tivesse ido embora, e ele e Scavetti tivessem terminado a sua discussão. E ele não tinha dito uma única palavra para Sarah desde que pediu-lhe para ligar para a Sra. M.

Quando chegou o momento, todas as luzes da casa foram apagadas, e a equipe de vampiros vestidos de preto de Raj, com Angel aninhada entre eles, saíram pela porta da frente e para o pátio, como se os cães do inferno estivessem em seus calcanhares. Antes que eles estivessem fora da varanda, Emelie apressou Sarah pela porta dos fundos e através do quintal, onde ela quase tropeçou no corpo de alguém. Ela sufocou um grito e agarrou Em, que riu baixinho.

— Não se preocupe. Eles ainda estão vivos.

— O que aconteceu com eles? — Sarah sussurrou, manobrando em torno do que ela agora via serem várias pessoas, parecendo particularmente fantasmagóricas à luz azulada dos seus Blackberries e telefones celulares.

— Raj aconteceu para eles. — Em disse, com alguma satisfação.

— O que isso significa? — Sarah falou irritada.

Em não falou, segurando uma mão de modo a pedir silêncio enquanto elas passaram pelo portão para se dirigirem ao beco, onde um chato e branco Taurus estava estacionado atrás do Sedan de Raj. Havia dezenas de milhares de sedans brancos e americanos como este ao redor de Buffalo. Eles eram tão comuns como o vento, e Buffalo era uma cidade muito ventosa.

Em minutos, elas estavam saindo do beco e entrando rua. Emelie fez um comentário depreciativo sobre o motor do carro, mas ela ficou dentro do limite de velocidade enquanto seguiam em direção ao aeroporto. Ela olhou para Sarah e disse: — Vou te levar para o armazém por agora.

— Por que Raj não veio conosco?

— Porque qualquer um pode dirigir este pequeno carro entediante, mas só Raj pode fazer o que Raj faz.

— O que isso significa? — Sarah exigiu novamente.

— Fazer todos os repórteres irem embora. — Emelie disse com uma voz de filme assustador e riu.

— Ótimo. — Sarah murmurou, sem ver o humor.

— Não se preocupe. Ele vai mexer com suas memórias um pouco, mas todos eles ficarão bem, mesmo aquele desagradável detetive da polícia — ou pelo menos tão bem como ele sempre fica. Raj apenas não quer que ninguém se lembre de um bando de vampiros chegando em massa para salvar sua pequena bunda bonita.

Sarah corou. — Não me importo com o que ele lhes faça. Eu odeio essas pessoas.

Emelie deu-lhe um longo olhar. — Existe algum lugar que você prefira ir? Família, talvez?

Sarah olhou pela janela e balançou a cabeça. — Não. Nenhuma família.

— E quanto a seus pais ou seus irmãos?

Sarah virou-se e deu a Emelie um olhar insípido. — Você me verificou.

Emelie acenou com a cabeça facilmente, sem embaraços, sem desculpas. — Não foi fácil, se isso serve de consolo. — ela ofereceu.

Sarah respirou fundo. — Isso não importa mais, não é? — Ela apontou o polegar por cima do ombro. — Todos sabem quem eu sou agora. Vou ter que começar tudo de novo.

— Raj poderia ajudá-la com isso. A comunidade vampírica tem recursos.

Sarah riu amargamente. — Não acho que Raj me daria a hora do dia, a menos que ele tivesse que fazê-lo.

Emelie deu-lhe um olhar intrigado. — Ele correu em seu socorro hoje, não foi?

— Sim. — Sarah admitiu. — Mas só porque ele quer esse caso resolvido e eu sou a melhor pista que ele tem. Até ao momento, de qualquer maneira. Provavelmente não serei nem isso por muito mais tempo.

Emelie a surpreendeu quando estalou os dedos na frente do rosto de Sarah. Quando ela recuou, Emelie disse. — Huh. Bem, você não é cega, então a única alternativa é estúpida.

— Desculpe-me?

— Raj é louco por você, pequena humana.

— Raj odeia as minhas entranhas, vampira magricela.

Emelie riu. — *Vampira magricela*. — repetiu ela. — Estranho, mas preciso. Então me diga, Sarah. — ela disse deliberadamente. — O que exatamente você fez ao meu mestre para transformá-lo da maneira que você fez? Ele tem sido uma cadela nos últimos dias e acho que a culpa é sua.

Sarah encontrou o olhar de Emelie e virou-se, não querendo admitir o que tinha feito.

— Oh, vamos lá, Sarah. Vamos passar muito tempo juntas por um par de dias. Será mais divertido se nós pudermos falar de coisas de garotas. — você sabe, caras, maquiagem, cabelo, merdas como essas.

Foi a vez de Sara rir com a ideia de Emelie estar interessada em *conversas de garotas*. — O que Raj lhe disse? — Ela perguntou ela.

— Você não deve ter notado, Sarah, mas Raj pode fazer uma fiel imitação da Esfinge quando ele quer. Ele não me disse merda alguma. E isso é estranho, porque Raj me diz praticamente tudo. Ele é o meu Senhor, o que o faz muito importante, mas ele também é o meu melhor amigo. Ele foi a primeira pessoa a me ver como algo diferente do que ele precisava que eu fosse. Eu morreria sob seu comando sem hesitar e eu *irei* matar quem o prejudique.

— Oh.

Emelie sorriu. — Não se preocupe, isso não era uma ameaça. Raj *me* mata se eu prejudicar um fio de cabelo da sua linda cabeça. Mas eu estou pensando que o que você fez teve de ser algo ruim, porque aquele vampiro é louco por você.

Sarah suspirou. — Será que Raj lhe disse que foi até a universidade na outra noite e conversou com Jennifer Stewart? A companheira de quarto de Trish?

— Sim. Estamos fazendo a turnê de três dólares nas casas de sangue em Buffalo no último par de noites por causa disso.

Sarah piscou, surpresa. Raj tinha continuado a investigação sem ela? Era estúpido, mas ela estava com uma espécie de mágoa por descobrir isso.

— E? — Emelie disse impaciente.

Sarah se encolheu. Ela tinha uma ideia muito boa de qual seria a reação de Emelie ao que ela estava prestes a dizer.

— Não sei nada sobre como todos vocês fazem coisas. Quer dizer, sei que vocês podem fazer o ato de beber sangue parecer muito bom,— não que eu tenha *feito* isso.

Emelie vaiou ruidosamente, obviamente, divertindo-se com a inexperiência de Sarah.

Sarah fez uma careta para ela e continuou. — Aparentemente Raj estava falando com Jennifer, um, em sua cabeça, acho que você diria. Você sabe, telepaticamente ou o que quer que isso seja. Acho que ele só a fez conversar em voz alta, eventualmente, para que eu pudesse ouvir, mas só descobri isso quando já era tarde. Eu não sabia *então* o que estava acontecendo.

O rosto de Emelie ficou solene. — O que você lhe disse? — Ela perguntou, seus olhos de repente escuros com acusação.

— Eu disse-lhe que o que ele tinha feito era o mesmo que violação. — Sarah disse em voz baixa. — Que ele estuprou a mente de Jen, em vez de seu corpo.

Emelie fechou os olhos por um momento, como se sentisse dor, sacudindo a cabeça ligeiramente. — Você e eu temos que falar. — ela disse sombriamente. Mas então ela mergulhou em um silêncio, fazendo uma curva à esquerda por uma longa rua escura, eventualmente parando em frente a um armazém abandonado de aparência igual aquele onde Sarah e Raj

tinham parado no que parecia ser uma vida inteira atrás. Antes, quando ele ainda gostava dela.

Sarah suspirou quando Emelie passou pela porta do escritório, parando ao invés disso, na frente de uma das três grandes portas do compartimento de carga. Estacionando o carro em uma vaga, ela estendeu a mão para o banco de trás e cavou em um saco preto de lona, emergindo com o que parecia ser um pesado controle da porta da garagem. Apontando e clicando, a porta mais à esquerda se enrolou para cima quase que silenciosamente. Emelie deixou o controle remoto cair em seu colo e dirigiu para o interior com o carro, clicando nele novamente para fechar a porta atrás delas assim que estavam dentro.

— Lar doce lar. — Emelie anunciou e desligou o motor.

— Que lugar é esse? — Sarah perguntou, olhando através da janela.

— Isto, minha cara, é o porque Raj vai ser o próximo Senhor Vampiro do Nordeste. Força bruta é bom e ele tem muita, mas é o cérebro que faz a diferença, e Raj é um gênio quando se trata de planejamento estratégico. Ele comprou este lugar um ano atrás em antecipação a este dia.

Sarah deu-lhe um olhar cético. — Este dia? — Ou Emelie estava falando sobre algo diferente da sua própria situação, ou Raj era mais do que um gênio estratégico, ele era um adivinho.

Emelie riu quando ela abriu a porta do carro e saiu. Ela agarrou a bolsa da parte de trás e disse: — Há muito mais neste dia do que você imagina, pequena humana. Um inferno de muito mais.

— Diga-me algo que eu *não* sei. — Sarah retrucou.

— Quanto tempo você tem?

Sarah virou-se. — O quê?

— Você disse para lhe dizer algo que você não sabe. Bem, quanto tempo você tem?

Sarah observou com inveja quando Emelie caminhou para longe dela. Ela parecia uma modelo em uma passarela, apesar da pesada bolsa jogada sobre um ombro e os equipamentos de combate pretos que ela usava. Ou talvez por causa disso. O contraste só acentuava a sua sensualidade bastante feminina. Como se estivesse ciente que Sarah estava olhando-a, ela se virou e andou alguns passos para trás, sorrindo. — Vamos, Sarah. Tenho uma história para te contar e vou precisar de uma bebida primeiro.

— Uma bebida? Mas...

— Não seja tão covarde. — Emelie deixou cair a bolsa perto de uma pilha de artes similares e passou o braço em volta do braço de Sarah, levando-a através do grande espaço vazio em direção a algum tipo de sala num canto. Desde que Emelie era tão forte quanto qualquer outro vampiro, Sarah podia escolher entre ir junto ou ser arrastada como uma boneca de pano. Ela foi junto.

Elas foram para a falsa área de estar, que era aproximadamente do tamanho do primeiro andar inteiro de Sarah. Era definido por um carpete espesso, ou talvez apenas um tapete realmente grande. Vários sofás e cadeiras estavam espalhadas em ângulos estranhos, embora todas estivessem voltadas para um ecrã panorâmico digno de um cinema privado e completo com uma variedade estonteante de dispositivos eletrônicos. Emelie soltou o braço de Sarah e caminhou até um bar que ficava ao longo de uma parede, com várias linhas de garrafas alinhadas em um balcão atrás dele. Emelie pegou uma das garrafas e serviu-se de uma dose de um líquido claro. Ela ofereceu a garrafa para Sara, que balançou a cabeça.

— Raj me viciou em vodka décadas atrás. — disse Emelie. — Quando ainda era apenas comunistas que bebiam isso. — Ela riu da sua própria piada e jogou a dose de licor em sua garganta. Sarah quase tossiu em simpatia, mas Emelie não parecia se incomodar com o álcool. — Tem um sabor melhor com sangue, mas não quero manchar sua sensibilidade inocente. — Ela piscou para Sarah e serviu-se de uma outra dose, bebendo-a da mesma maneira.

— Ok. — ela disse, dando uma respiração profunda e soltando-a, como se chegasse a alguma decisão importante. Com mãos apoiadas nos quadris estreitos, ela deu a Sarah um olhar especulativo. — Sente-se, Sarah. Vou lhe contar uma história. É aquela que muitas poucas pessoas sabem, na verdade, apenas duas pessoas no mundo sabem, e isso inclui a mim.

—Uh, eu não tenho certeza...

— Oh. Você é uma estudiosa, certo? Onde está a sua curiosidade? Você está prestes a ouvir como me tornei uma vampira.

Capítulo 34

Em serviu uma outra dose, engolindo-a rapidamente. — Eu fui estuprada. — Ela olhou para Sarah, como se desafiando-a a comentar o assunto. Quando Sarah não disse nada, ela continuou. — As circunstâncias não importam. Vamos apenas dizer que eu estava mais atraída pela filha da cozinheira do que pelos jovens homens que ligavam para a casa dos meus pais querendo ser pretendente, e fiz uma coisa estúpida tentando compensar isso.

— Raj encontrou-me a tempo... De qualquer forma, ele tirou alguns deles de cima de mim, assustando o resto. Não me lembro de muito sobre essa parte. Eu realmente não me esforço. Mas me lembro do depois. Ele me levou de volta para seu covil. Não era extravagante, mas era seguro.

Ela recostou-se contra o bar, um meio sorriso no rosto. — Sei o que você está pensando. Ele é um vampiro, certo? Uma menina sensata teria corrido dele gritando. Mas eu sabia quem eram os verdadeiros monstros e não era o vampiro bonzinho que me ofereceu uma sopa quente.

Esfregando as mãos para cima e para baixo nos braços, como se de repente sentisse frio, ela caminhou até um dos sofás, pegou a jaqueta descartada de alguém e vestiu-a. — Os monstros eram totalmente humanos. Aqueles homens poderiam ter sido meus primos ou tios. Infernos, pelo que

sei, alguns deles eram. Fui espancada e estuprada quase até à morte. — Ela olhou para o chão, com o rosto branco, livre de qualquer emoção. — Estúpida. — ela disse finalmente, em seguida, respirou fundo e encontrou o olhar de Sarah.

— Raj ofereceu-me uma escolha naquela noite. Ele me curaria, limparia minhas memórias do estupro e me mandaria de volta para meus pais. Ou liberdade. A chance de ser eu mesma. A escolha foi fácil.

— Alguma vez você se arrependeu...

— Nunca. — Emelie disse imediatamente. — Nunca. Raj poderia dizer de forma diferente. Como bom líder que ele é, como um vampiro poderoso, ele nunca pediu para ser transformado. Mas eu amo a minha vida, e adoro Raj. Não como um amante. Nunca fomos isso. Não tenho interesse nos homens, e Raj nunca, jamais forçou-se a ninguém. Você estava bastante enganada sobre o assunto. Mas eu o amo como meu mestre e meu amigo, meu verdadeiro criador. Ele é o melhor homem que alguma vez conheci, Sarah, vampiro ou não, e eu vivi muito tempo. — Ela se inclinou para frente atentamente, forçando Sarah a olhá-la. — E não tolerarei que *ninguém* lhe cause dor.

Sarah suspirou. — Eu realmente fodi tudo, não é?

Emelie latiu uma risada. — Sim, você realmente fez. E ele não está feliz, você mentiu sobre quem você é, também.

— Menti para todos sobre isso. — Sarah disse com desdém. — Ninguém sabia até hoje.

— E seus amigos?

— Ninguém. — Sarah repetiu.

Emelie inclinou a cabeça como se estivesse escutando, em seguida, deu dois passos e se agachou na frente de Sarah. — Ouça-me. Raj está quase aqui. Nunca o vi se preocupar com uma humana do jeito que ele faz por você. Toda esta coisa hoje? Ele não teria feito isso por qualquer outra pessoa. Mas

se você o quer — e você seria uma tola se não o quisesse — você tem que fazê-lo acreditar que ele não é um monstro.

— Ele não é! — Sarah disse, muito indignada com a sugestão.

— Não, mas às vezes ele pensa que é, e você praticamente lhe disse que pensa assim também.

— Eu... — Sarah lembrou das coisas que havia dito a Raj e soltou um longo suspiro. — Droga.

— Isso resume tudo. — Emelie concordou. Ela se levantou e caminhou em direção à saída. Quando ela chegou à porta, esta estava se abrindo e Raj estava caminhando através dela.

— Meu senhor. — disse Emelie, sua voz cheia de respeito afetuoso.

— Em. — ele disse, nem mesmo olhando de relance para Sarah. — Quando você enviar alguém para pegar o carro, diga-lhe para verificar dentro e ao redor da casa. Quero ter certeza de que não perdi ninguém.

Sarah se afundou ainda mais nas almofadas e olhou para ele, pensativa. Verdade, ela tinha saído da linha na outra noite, e se ele alguma vez lhe desse a chance, ela ficaria feliz em se desculpar abundantemente, mas ele não tinha que ser um babaca sobre isso. Ela nunca disse a ninguém o seu verdadeiro nome, nunca confiou em alguém a esse ponto, nem mesmo em Cyn, então por que ele achava que ela derramaria suas entranhas para ele? Ela tentou direcionar um pouco de raiva para ele, mas não estava funcionando. Claro, não ajudava ele parecer tão malditamente delicioso parado ali com seus jeans apertados, sua t-shirt esticada sobre o seu peito largo e com a jaqueta de couro. Ela se lembrou do cheiro daquela jaqueta, do couro macio contra a sua bochecha, o zíper friccionando... *Ah deuses*. Ela se virou na cadeira, dando-lhe as costas e inclinando-se para baixo de modo a não ter que olhá-lo. Ele estava provavelmente aliviado por não ter que olhá-la mais, também. Não que ele tivesse olhado de qualquer maneira. Filho da puta.

Raj sabia que Sarah estava olhando para ele, sabia que ela estava esperando por algum reconhecimento da sua parte. Ele viu-a estremecer quando disse para Em conseguir que um dos caras verificasse a casa e se sentiu um pouco culpado. Ela passou por muita coisa hoje e o pior ainda estava por vir. Ela provavelmente perderia o emprego por causa disso e seria difícil, se não impossível, conseguir um novo com toda a má publicidade. Aquele idiota do Blackwood teria sem dúvida o maior prazer em dar-lhe um emprego no seu falso instituto, mas Raj sabia que ela não iria sequer considerar isso. Ele se perguntou se ela tinha dinheiro suficiente para sobreviver por um tempo, e depois se perguntou por que se importava. Não era como se ela tivesse sido honesta com ele sobre qualquer coisa.

Além disso, ele sabia que se desse uma polegada, que se deixasse se importar mesmo que um pouco, aquela polegada se tornaria uma milha e ela estaria de volta em seu estômago, sua presença o roendo até que fosse forçado a tocá-la, e, em seguida... Bem, não havia dúvidas de onde terminaria. Ele balançou a cabeça, enojado consigo mesmo. Jesus, ele tinha quase duzentos anos de idade. Talvez devesse crescer um pouco e parar de agir como um maldito adolescente apaixonado. Ele ouviu o suspiro de Sarah atrás do sofá e se perguntou se ela estava chorando. *Maldição.* Ele tinha que sair daquele fodido armazém.

Ele moveu seu olhar para Em e encontrou-a lutando contra um sorriso. Ótimo. Fodidamente ótimo. — Acho que é hora de ligar para Blackwood. — ele disse rispidamente. — Ele tem recursos para apoiar algo como isso, e estou curioso do por que ele estava tão determinado a manter Sarah para si mesmo.

— Além disso, ele é meio que um imbecil.

— Isso também. — Uma das portas do compartimento de repente se abriu para admitir os dois SUVs que transportavam Angel e a equipe da armadilha que a tinham levado embora. As portas se fecharam atrás deles e eles se empilharam fora dos caminhões, as suas animadas conversas pós-operação ficando tranquilas depois que viram Raj ali. — Problemas, Yos?

— Nenhum, meu senhor.

— Bom. Simon, preciso saber onde Blackwood está agora, então você, Danny e Cervantes irão comigo. Todos os outros, verifiquem os seus equipamentos e tirem o resto da noite de folga. Nós nos encontraremos amanhã à noite e veremos onde estamos.

Emelie inclinou-se perto, falando baixo o suficiente para que só ele pudesse ouvir. — Não estou adequada para o papel de babá, chefe. Yossi e Angel estão aqui. Eles podem cuidar da... — Ela parou quando viu a expressão no rosto de Raj. — Sim, sim. — Ela deu um longo suspiro de sofrimento. — Você era muito mais fácil de trabalhar *antes*...

— Não diga isso, Em. — Ele alertou.

Ela encolheu os ombros. Ela não necessitava dizer as palavras. Sarah Stratton tinha entrado debaixo de sua pele, e se ele não saísse logo, nunca faria. Era provavelmente muito tarde já, mas ele não estava pronto para admitir isso, tolo que era.

Sarah ouviu Raj sair. Não tanto por ele ser barulhento mas mais porque todos os seus vampiros ficavam muito quietos quando ele estava por perto. A porta do compartimento bateu e o nível do ruído cresceu enquanto seus subordinados faziam suas atividades habituais. Vários estavam indo em sua direção e ela enxugou os olhos rapidamente, não querendo que ninguém visse que estava chorando como um grande bebê. Ela enxugou o rosto em sua t-shirt e olhou ao redor, tentando lembrar onde tinha deixado cair a sua mochila. Ou se a tinha trazido do carro.

— Sua bolsa está no quarto de dormir. — Sarah pulou com o som da voz de Em bem atrás dela. Ela se sentou e olhou em volta para encontrar a tenente de Raj olhando-a com uma expressão cuidadosamente em branco. — Por que não mostro onde você dormirá? — Em perguntou.

Sarah concordou. Ela tinha que pensar sobre o que ia fazer a seguir, mas estava muito cansada no momento. Amanhã iria conduzir... Espere um minuto. — O meu carro? — Ela perguntou a Em.

— Vamos enviar um dos guardas humanos pela manhã. Ele vai verificar a casa e pegar o seu carro. Por quê? Você está com pressa para ir a algum lugar?

— Não. — Sarah disse rapidamente. — Eu me sinto melhor, você sabe, tendo o meu próprio transporte.

Em deu-lhe um olhar cético. — Claro. Bem, o carro provavelmente estará aqui quando você acordar. Venha, vou lhe mostrar as redondezas. Você provavelmente vai ficar conosco alguns dias de qualquer maneira.

Não conte com isso, Sarah pensou. Ela teria ido bem antes disso.

Capítulo 35

Raj e sua equipe chegaram bem depois da meia-noite. Era uma casa comum em uma rua tranquila cheia de casas comuns. Esta era uma casa de dois andares com sequóias espalhadas por uns exuberantes dois hectares com uma piscina turquesa brilhando com luzes de festa. Uma grande tenda branca tinha sido montada e um monte de festeiros se misturavam dentro e fora, usando ternos pretos.

— É esta, Simon? — Raj perguntou.

— Yep. Ele ainda está lá. Várias pessoas estão usando o Twitter na festa.

— Espera aqui. Danny, Cervantes... vamos lá.

Raj parou nos degraus da entrada, examinando as mentes dos festeiros, procurando por Blackwood. Ele estremeceu com a sobrecarga de raiva, inveja e cobiça associadas a uma reunião deste tipo, mas finalmente se focou no fundador da HR e plantou uma sugestão que o levaria para dentro da casa e para longe da multidão. Telepatia era a força particular de Raj — mas quanto menos humanos ele tivesse que lidar melhor.

— Não há necessidade de bater. — disse ele, caminhando até à porta. — O Sr. Blackwood está prestes a nos deixar entrar.

Fiel à sua previsão, a porta se abriu e Blackwood ficou ali, olhando-os com confusão. — Gregor? — Perguntou ele. — O que... — Seus olhos se alargaram quando ele viu os dois vampiros volumosos que acompanhavam Raj.

— Vamos conversar, Blackwood. — Raj disse agradavelmente.

— Realmente, não acho que...

— Não. — Raj comentou. — Você não acha, não é? Bem, talvez seja hora de começar a achar. Existe algum lugar nesta monstruosidade onde podemos falar sem sermos interrompidos? — Ele olhou ao redor friamente.

— Sim. — disse Blackwood, de repente tornando-se ciente do potencial embaraço. — Claro. Por aqui.

Ele os conduziu por um corredor e para dentro de uma biblioteca de dois andares. Danny e Cervantes fecharam as portas duplas e ficaram bloqueando a saída enquanto Raj cruzou para ficar na frente da grande mesa que Blackwood tinha interposto entre eles, como se fosse fazer-lhe algum bem. O fundador da HR tinha redescoberto suas bolas na viagem para a biblioteca e agora estava inchado de ira. — Gostaria de saber o significado disto, Gregor. O prefeito *e* o comissário da polícia estão entre os convidados desta noite, por isso não ache que pode...

— Silêncio. — Raj disse calmamente. A voz de Blackwood parou no meio da frase, seu rosto avermelhado pelo esforço de tentar lutar contra o comando de Raj. Aquilo que estava acontecendo pareceu atingi-lo finalmente e ele se afundou na cadeira de couro, suor surgindo em seu rosto repentinamente pálido.

— Eu ia fazer isso da forma agradável, Blackwood. — disse Raj. — Mas vê-lo aqui nesta grande festa com seu smoking extravagante enquanto Sarah Stratton está se escondendo e querendo saber para onde vai correr da próxima vez... Encontro-me com vontade de causar alguma dor.

Raj olhou desapaixonadamente para o homem que tremia e desejou que as manchas saíssem do tapete. Era um tapete muito bonito, afegão, ele pensou e provavelmente caro. Blackwood se contorceu, gemendo quando Raj o cutucou experimentalmente com uma bota. A viagem até aqui não tinha sido um desperdício total. Ele tinha tido algum prazer pessoal em causar dor ao fundador da HR, especialmente depois do que tinha encontrado na mente narcisista do homem. Não era ele quem estava por trás dos sequestros e ele não sabia mais sobre isso do que aquilo que os jornais poderiam dizer-lhe. Todo o caso tinha significado nada mais para ele do que a chance de obter favores com William Cowens. Encontrar Sarah no meio da situação tinha sido puro acaso, como encontrar um diamante na rua. Principalmente, ele não gostava dela e ficou feliz com os seus problemas depois da maneira como ela o tratou na reunião ao almoço. Este último pensamento tinha enfurecido tanto Raj que ele quase matou o homem. Mas ele não queria que ninguém visse uma conexão entre o reaparecimento de Sarah e a súbita morte de Blackwood.

Ele chutou o ser humano novamente, desta vez com mais força. Os olhos de Blackwood se abriram e ele rastejou pelo chão, indo descansar contra a parte de trás da mesa onde ele se balançou para uma posição sentada, seus olhos observando Raj com medo.

— Você está saindo da cidade amanhã, Blackwood. E você não vai voltar. Nem para Buffalo, nem para Nova Iorque. Não quero que você coloque um pé nessa parte do país novamente, entendeu?

Blackwood acenou com a cabeça rapidamente.

— Você vai esquecer que Susan Siemanski alguma vez existiu. Sarah Stratton é alguém que você nunca ouviu falar. Se você ou algum dos seus contactá-la ou entrar em qualquer lugar perto dela novamente eu vou saber. Você acredita em mim, não é, Edward?

Outro aceno espasmódico.

— Bom. Então terminamos aqui. Só mais uma coisa. — Ele descansou o seu olhar sobre Blackwood e piscou preguiçosamente. A boca de Blackwood se abriu e ele tentou gritar, mas nada saiu.

Cervantes fechou as portas quando eles saíram da biblioteca, caminhando sem pressa pelo corredor, suas botas silenciosas sobre o espesso tapete. Raj agarrou um dos garçons enquanto eles passavam pela cozinha, segurando o braço do homem e capturando o seu olhar. — Acho que o Sr. Blackwood pode estar tendo um ataque cardíaco. — disse ele, e depois limpou a memória do homem de si mesmo e de seu povo, e saiu pela porta.

Capítulo 36

Ela estava em um carro, o tecido áspero do assento abrasava sua pele nua como se fosse aço. Ela gemeu e tentou parar de rolar, mas não conseguiu. Ela estava fraca, muito fraca. Algo estava errado. Havia vozes, homens conversando, discutindo brevemente, e então o carro virou de repente, esmagando-a contra alguma parte metálica. Os seus olhos se abriram para a escuridão e ela percebeu que não estava no carro, mas no porta-malas. Lágrimas salgadas rolaram pelo seu rosto, queimando como ácido.

O carro parou e o porta-malas se abriu, cegando-a com a luz fraca. Alguém estava lá, um grande homem se aproximou dela, pegando-a como se ela não pesasse nada. Ele deu alguns passos, ergueu os braços e... ela estava voando pelo ar, o seu grito de terror não era mais do que um lamento triste. Rochas arranharam a sua carne quando ela atingiu o chão e rolou colina abaixo, ervas daninhas e arbustos a rasgando e raspando.

Ela ficou imóvel, incapaz de se mover, ouvindo a tampa do porta-malas bater, as portas do carro fecharem e o motor desaparecer na distância. Tremendo de frio, quase engasgando com o fedor de onde quer que eles a tinham deixado, ela forçou os seus olhos a abrirem e olhou para a lua que

era pouco mais que uma fatia curva de branco em um céu claro. Era lindo. Apesar do esmagador cheiro de podridão, apesar do ar gelado mordendo sua pele nua, ela sorriu. E algures em seu cérebro, uma pequena voz lhe disse o que ela já sabia. Ela estava morrendo. Ela silenciou a voz, apenas desligou-a. Ela olhou para a lua, e para os edifícios iluminados demasiado longe para fazer-lhe qualquer bem e em seguida fechou os olhos.

Sarah sentou-se com um grito, alcançando automaticamente o interruptor ao lado da sua cama. Ela caiu no chão com um baque duro, choramingando com a sensação do linóleo duro onde deveria haver um tapete quente. Seu coração martelava enquanto tudo voltava a ela em uma onda. A multidão de repórteres, o armazém... Regina!

Ela engatinhou, finalmente localizando a mesa ao lado da cama onde tinha deixado o seu relógio. Ela verificou a hora em seu mostrador iluminado. Nove horas, mas era da manhã ou da noite? Ela se esforçou para ficar de pé e abriu a porta. Uma onda de som, motores de caminhão e vozes altas, cumprimentaram-na. Ela tropeçou para fora e desceu as escadas, quase caindo contra Danny, o assassino da moça que tinha sido o bartender de Raj no clube naquela noite em Manhattan há cem anos atrás.

— Whoa, linda — Danny disse divertidamente, segurando-a de pé. — Você está bem?

— Ela está viva. — Sarah resmungou. As vozes morreram e ela ficou ciente pela primeira vez que tinha interrompido uma reunião de algum tipo. Raj estava lá, assim como Em e um monte de outros vampiros e seres humanos. E todos eles estavam olhando para ela. Ela encontrou o rosto Raj no meio da multidão. — Ela está viva. Regina Aiello. Temos que encontrá-la.

A expressão em seu rosto bonito ficou escura e fria.

— Por favor. — ela implorou, lágrimas de medo e frustração protegendo-a do gelo no olhar dele. — Você pode me odiar se quiser, mas

por favor, encontre-a. Por favor, Raj. Eles nunca me escutaram antes, e todas elas morreram. Mas podemos salvar Regina. Por favor. *Por favor*. — Ela sentou-se nas escadas, soluçando, seu coração se quebrando. Isso não podia estar acontecendo de novo. De novo não. *Droga!* Ela não ia deixar isso acontecer de novo!

Esfregando com raiva as lágrimas inúteis, ela agarrou o corrimão e se levantou. Raj ainda estava olhando-a. Ela achava que havia um lampejo de compaixão em seu olhar, mas não podia confiar nele. Não quando a vida de Regina estava em jogo.

— Sei onde ela está. — disse-lhe ela, sua voz ficando mais forte com cada palavra. — E se você não me vai ajudar, vou encontrá-la eu mesma. — Um pequeno soluço escapou dos seus lábios com a última palavra e ela engoliu em seco.

— Vista-se. — ele disse-lhe bruscamente. — Danny, você e Cervantes vêm comigo. — ele ordenou, seus olhos nunca deixando Sarah. — Em, envie as equipes para fora, mas fique em contato.

Sarah ainda estava fechando seu casaco quando a porta de tamanho industrial foi aberta e eles se apressaram para a noite. Danny estava dirigindo, então ela lhe disse o que eles estavam procurando. Tudo o que ela tinha para se guiar era o pouco que tinha visto através dos olhos de Regina, mas ela tinha reconhecido aqueles edifícios ao longe.

— Que lado, linda? — Danny perguntou, parando no primeiro grande cruzamento que eles encontraram.

Sarah estava sentada no assento do banco dianteiro de um SUV enorme, com Danny de um lado e Raj de outro, seu braço pendurado sobre o assento atrás dela. Ele atirou em Danny uma carranca pelo carinho e deixou cair a grande mão em seu ombro, puxando-a ligeiramente para longe do outro vampiro. Ela limpou a garganta, determinada a não ser intimidada. Eles não podiam fazer isso sem ela. — Estamos indo para o campus da universidade. Você sabe onde é?

— Com certeza. — Danny disse, piscando para ela. — É um lugar grande, no entanto. Algum lugar em especial?

— Sul do centro médico, mas não vamos parar. Só preciso me posicionar em relação aos edifícios principais e vamos para fora a partir daí.

— O quê? — Raj estalou.

— Sei o que Regina sabe. — Sarah disse calmamente. — Ela está em uma colina de algum tipo ao sul do campus. A distância é difícil julgar, mas cheira como um despejo ou um aterro sanitário.

Raj praguejou sob a sua respiração, mas acenou para Danny, que sorriu e virou à direita, acelerando o SUV bem acima do limite de velocidade.

O coração de Sarah acelerou quando eles chegaram ao campus. Ela tinha quase certeza que estava certa sobre os edifícios, mas vê-los trouxe lágrimas de alívio para os seus olhos. Buffalo era um lugar muito plano, e ela questionou a ideia de algo como uma colina nas proximidades. — É isso. — ela sussurrou. — É exatamente isso. — Ela engoliu as lágrimas. — Ok, você pode dirigir por aqui, Danny? — Ela apontou em uma direção que ficava para sul. — Não sei exatamente...

— Tenho-o, querida. — disse ele com um sorriso encantador. — Vou encontrar a sua garota para você.

Raj rosnou suavemente por sobre a cabeça dela e Danny ficou sóbrio imediatamente, tornando-se todo negócios. Ela ouviu um ronco de risos vindo do banco traseiro, onde Cervantes estava sentado. Ele tinha estado em silêncio até este ponto e ela tinha quase esquecido que ele estava lá.

Sarah se remexeu nervosamente enquanto eles se dirigiam para mais longe do campus. Ela olhava por cima do ombro, tentando alinhar a sua posição com o que podia ver dos edifícios. Cervantes a observou toda vez que ela se virou, seus olhos brilhando em um amarelo pálido na luz fraca. Isso a teria assustado uma vez, mas as últimas semanas fizeram-na praticamente imune às esquisitices dos vampiros.

Algum dia no futuro, quando tudo isso tivesse terminado e a sua vida estivesse de volta a algo próximo do normal, ela faria uma pequena pesquisa. Havia um monte de coisas que Cyn não lhe tinha contado sobre os vampiros, como o fato de que seus olhos brilhavam no escuro ou quando estavam irritados, ou sobre como perpetuamente agressivos eles eram, constantemente testando dominância uns contra os outros. Mas talvez fosse apenas aqueles que pairava em torno dos vampiros realmente poderoso, como Raphael ou Raj. Tinha que haver centenas, talvez milhares deles, que viviam vidas tranquilas e monótonas.

— Sarah.

Ela pulou ao som da voz de Raj. O SUV tinha parado. As mãos de Danny estavam cerradas no volante e ela podia sentir a tensão que emanava do corpo de Raj. E havia algo mais. Ela respirou e quase se engasgou. O cheiro era repugnante. — Oh meu Deus. — ela ofegou. Ela começou a empurrar Raj, desesperada para sair do SUV. — Saia. — ela exigiu. — Me deixe sair!

— Sarah... — Ele começou a dizer outra coisa, mas depois deu de ombros e abriu a porta, deslizando para fora do caminho e pegando-a quando ela quase caiu do assento alto. O chão sob os seus pés estava mole devido à umidade, a sujeira e os detritos decompostos pelo congelamento constante e o ciclo de degelo que era comum naquela época do ano. Ela girou até que pudesse ver os edifícios ao longe, e depois correu.

— Espera! — Raj chamou atrás dela, mas ela ignorou-o, trocando olhares entre o terreno irregular que ela mal podia ver sob seus pés e as luzes do campus ao longe. — Sarah. — Sua mão pesada a agarrou por trás, pegando-a e segurando-a quando ela tentou se livrar do seu aperto. — Pare com isso. — ele ordenou. — Nós vamos encontrá-la. — disse ele em uma voz mais suave, junto ao seu ouvido. — Olha.

Danny e Cervantes estavam por perto, seus olhos brilhando na noite escura como breu enquanto suas cabeças giravam lentamente de um lado para o outro, parecendo alheios ao que acontecia nas proximidades e mesmo tempo bem consciente de tudo. Os braços de Raj ao seu redor se afrouxaram, mas ele não a soltou, impedindo-a de interferir no que quer que fosse que

seus asseclas estavam fazendo. Quase como um, os dois vampiros olharam para o mesmo lugar, abaixo da colina onde estavam.

— Meu senhor. — disse Danny, mas Cervantes já estava se movendo mais rápido do que Sarah podia seguir. Num momento ele estava a cinco metros de distância dela e no próximo ele estava tão longe para baixo que ela não teria sido capaz de o ver se não fosse pelo brilho pálido de seus olhos. Danny se aproximou de Raj, como se aquilo que ele tinha encontrado o deixasse inquieto, trazendo à tona o vampiro que necessitava proteger o seu mestre de que Cyn tinha falado.

— Cervantes? — Raj chamou.

Cervantes era um homem grande, não enorme como Raj ou mesmo Danny, mas mesmo assim grande. Ele surgiu da escuridão fétida como um golem[13] de um conto de fadas, olhos brilhando num amarelo pálido, sua cabeça um bloco quadrado sobre os ombros largos, e carregando a forma flácida de uma jovem mulher em seus braços.

Sarah gritou e teria ido para eles, mas Raj a parou novamente. — Me solte. — ela exigiu, empurrando-o.

— Leve-a para o SUV. — Raj ordenou. — Danny, abra a parte traseira e pegue o cobertor.

— Ela está viva? — Sarah perguntou, atordoada. Ela não tinha realmente acreditado que Regina poderia ser salva. Não depois de todas as outras terem morrido.

— Por pouco. — Raj disse com uma voz firme. Ele a abraçava, quase arrastando-a para a parte traseira do SUV, esperando enquanto Danny estendia o cobertor e Cervantes colocava a pequena forma na parte traseira.

Raj encontrou o olhar de Danny e depois transferiu o seu olhar para Sarah em um claro sinal para o outro vampiro. Antes que Sarah pudesse

[13] Como um gigante de pedra, um material inanimado.

objetar, o outro vampiro tinha tomado conta dela, enquanto Raj se aproximava do SUV e da jovem mulher ferida.

— O que está acontecendo? — Sarah perguntou confusa. Ela não podia ver o que Raj estava fazendo, não com Cervantes parado ao pé dele e Danny a segurando no lugar. Então de repente ocorreu-lhe que eles não *queriam* que ela visse o que ele estava fazendo.

— Oh, querida. — ela ouviu Raj murmurar em voz baixa. — Ela tem sido drenada e não suavemente. — ele disse mais alto. Ele tirou o casaco e empurrou a manga da sua camisola até o cotovelo. Sarah viu-o levantar o braço até à boca e curvar-se para a jovem mulher que estava morrendo.

— Espere. O que você está fazendo? — Ela exigiu.

O olhar agudo de Raj era um brilhante azul gelado por cima do seu ombro antes dele se virar de volta para Regina. — Ele vai salvar sua vida de merda. — Danny sibilou perto do seu ouvido. — Agora, cale-se.

Sarah engasgou com surpresa pelo simpático Danny ter falado com ela dessa forma, seguido rapidamente por constrangimento intenso que ela provavelmente merecia. Mais uma vez, ela assumiu o pior de Raj, e desta vez isso poderia ter custado a vida de Regina. — Sinto muito. — ela murmurou.

Raj a ignorou, mas Danny aliviou um pouco. Sarah estremeceu no ar frio, tentando imaginar quão pior deve ter sido para Regina, nua e morrendo em uma pilha de lixo. Jogada fora porque não tinha mais utilidade para eles.

— Coloque-a no carro, Danny. — A voz de Raj derivou até eles, e levou um minuto para Sarah perceber que ele quis dizer ela, não Regina. Ela abriu a boca para protestar, depois fechou-a com um piscar de olhos, deixando Danny levá-la de volta ao habitáculo[14], onde a ergueu no assento e fechou a porta. Caminhando rapidamente para o outro lado, ele se sentou no assento do motorista e ligou o motor, ligando o aquecedor. Sarah colocou os joelhos contra o peito e esperou.

[14] Compartimento fechado de um meio de transporte destinado ao condutor e aos ocupantes

Ela ouviu mais do que viu Raj se levantar. — Cuidado. — ele disse.

Sarah virou e viu Cervantes embrulhando Regina no cobertor antes de agarrá-la, embalando-a contra o seu peito, então deu a volta e deslizou para o banco traseiro enquanto ainda a segurava em seus braços.

— Vamos. — Raj disse numa voz firme e zangada enquanto Sarah se afastava, abrindo um espaço para ele na frente. Ele cuspiu um endereço e Danny acelerou.

Ela esperou até que eles estavam de volta à estrada principal antes de se atrever a perguntar baixinho. — Será que estamos levando-a para um hospital?

Raj olhou para ela e depois para longe. — Casa. Nós estamos levando-a para casa.

Sarah piscou, engolindo o seu primeiro instinto que era o de exigir saber o porquê. Em vez disso, ela se sentou e pensou por um momento e então entendeu. Raj provavelmente já tinha feito mais por Regina ao dar-lhe o seu sangue do que um hospital cheio de médicos poderia fazer, e se eles a levassem para um hospital, haveria perguntas. Perguntas que nem ela e nem Raj queriam responder.

— Será que alguém vive com ela? — Ela perguntou em voz baixa.

— A mãe dela.

Sarah balançou a cabeça, permanecendo em silêncio até que eles pararam em frente de um duplex de dois andares muito parecido com o que ela compartilhou com a Sra. M. A única diferença era o bairro.

— Posso... — A sua pergunta desapareceu quando Raj virou-se para estudá-la. Seu rosto estava vazio, mas os seus olhos ainda tinham aquele brilho gelado neles. — Umm. — ela engoliu nervosamente. — Não quero dizer... isto é, os seus olhos.

A expressão de Raj mudou em um instante, tornando-se mais animada, mais humana. Um rápido piscar e seus olhos voltaram à sua normal cor pálida. — Cervantes. — disse ele, abrindo a porta do SUV. — Você vai levar a menina. Danny, espere aqui. Vamos lá, Sarah.

Era mais um comando que um pedido, mas uma vez que era o que ela queria de qualquer maneira, Sarah não discutiu. Enquanto eles caminhavam até à estreita calçada de concreto e para a escuridão da casa, Raj se inclinou perto o suficiente para dizer: — É a sua vez, querida. Use essa sua cara de mocinha americana e convença a mãe de que somos os mocinhos. Não quero que os policiais apareçam.

O coração de Sarah começou a palpitar. Ela verificou o que estava vestindo — jeans, tênis Nike e uma camiseta debaixo de um casaco de lã de cor clara. Ela parecia mais uma das suas alunas que uma professora, mas talvez ela pudesse fazer isto funcionar. Ela desamarrou o seu cabelo, penteou-o com os dedos para baixo e por sobre os seus ombros sabendo que isso suavizava os ângulos de seu rosto e a fazia parecer mais jovem. Raj se aproximou da porta e colocou-se de lado, olhando-a à procura de um sinal verde antes de tocar na campainha.

Demorou alguns minutos, e ele teve que tocar o sino mais de uma vez. Era, afinal, quase meia-noite. Mas, eventualmente, Sarah ouviu o barulho dos chinelos que a proprietária usava e depois a luz da varanda se acendeu. A mulher que atendeu a porta poderia ser a Sra. M. com mais quinze anos e foi assim que Sarah soube como convencê-la.

— Sra. Aiello?

A mulher piscou, observando o trio improvável parado em sua varanda.

— Sim?

— Sra. Aiello, meu nome é... — Sarah tropeçou nas sílabas desconhecidas. — Susan Siemanski. Tenho trabalhando com a polícia. — Ela viu os olhos da mulher se alargarem, viu o seu olhar se fixar no pacote embrulhado com tanto cuidado nos braços de Cervantes.

— É isso... — ela disse com dedos trêmulos. A Sra. Aiello cobriu os seus lábios, com medo de dizê-lo em voz alta.

— Nós podemos entrar, senhora? — Raj disse suavemente. — Está frio.

— Oh meu Deus, oh meu Deus. — A voz da mulher aumentou quando ela se atrapalhou com a fechadura frágil na porta de tela. Sarah sentiu Raj ficar tenso ao seu lado e sabia que ele estava preocupado com a atenção que o ruído podia atrair. Ela abriu a porta e empurrou-a, colocando os braços em volta da mãe aflita, apressando-a para dentro novamente.

— Silenciosamente, Sra. Aiello. Por favor. Não queremos que a imprensa...

— Não, não. Claro que não. Sinto muito. Você quer... — Ela parecia não saber para onde ir, seu rosto estava pálido e as mãos trêmulas.

— Está tudo bem, Sra. Aiello. Regina está bem. Ou ela vai ficar agora que está em casa com você. — Pelo canto do olho, ela viu Cervantes colocar a menina suavemente sobre um grande sofá. A Sra. Aiello saiu de seu estado de choque, correndo para se ajoelhar diante de sua filha.

— Meu bebê, oh, obrigado, Jesus, Maria e José. — Ela inclinou a cabeça sobre Regina, ombros tremendo com os soluços.

Raj deu a Sarah um olhar longo. Ela corou e ficou de lado, abrindo o caminho para ele se ajoelhar ao lado do sofá. Cervantes se afastou quase relutantemente, como se não quisesse renunciar às suas pretensões sobre as feridas de Regina, mas um olhar de Raj o fez cruzar de volta para a porta da frente, onde ele ficou esperando.

— Sra. Aiello. — A cabeça dela apareceu e ela se virou para encontrar o olhar de Raj. Ela sorriu quando ele pegou a sua mão, e Sarah ficou surpresa ao ver Raj sorrindo de volta. Não o meio sorriso de desprezo que ela esperava dele ultimamente, mas um sorriso genuíno, o sorriso que você daria a uma criança. Ele se inclinou para mais perto e acariciou o rosto da

mulher com uma de suas mãos grandes. Era um toque amoroso, gentil e compreensivo, e Sarah se envergonhou quando a memória das coisas horríveis que ela lhe disse voltou para assombrá-la.

— Ela é uma pessoa feliz, a minha Regina, — a Sra. Aiello sussurrou de repente. — Sempre rindo e sorrindo, mesmo quando discutimos. Ela nunca guarda rancor por muito tempo.

Raj assentiu silenciosamente, em seguida, colocou a mão da mãe em sua filha e levantou-se sem problemas, encontrando o olhar de Sarah através da sala. Ela fez tudo o que podia para não dar um passo atrás com medo. Seus olhos estavam brilhantes, parecendo sangrar poder enquanto ele estava ali olhando para ela. Ela congelou, presa em seu feitiço. Então ele se moveu, e de repente, ele era apenas Raj de novo, bonito, arrogante, e impaciente para dar o fora dali. Ele atravessou a sala em dois passos largos. — Vamos. — disse ele.

— Adeus, Sra. Aiello. — Sarah disse em voz baixa, mas a mãe de Regina já tinha esquecido tudo sobre eles.

Sarah saiu para a varanda com um suspiro de alívio, respirando o ar fresco, limpando a sua cabeça não só do calor da casa superaquecida, mas das teias de aranha que pareciam agarrar-se a seus pensamentos. Cervantes já estava subindo no SUV e Raj não estava muito atrás. Ela correu para alcançá-lo.

— O que você fez? — Ela perguntou sem fôlego. Quando ele a ignorou, ela estendeu a mão e agarrou seu braço, forçando-o a parar ou arrastá-la junto. Raj virou, seu olhar era mais frio que a noite. Uma pequena sensação de terror correu através dela, seu coração bateu mais rápido por um momento.

— O que você acha que eu fiz, Sarah? — Ele deu à mão em seu braço um olhar aguçado e ela o deixou cair com um pedido de desculpas murmurado.

Ele afastou-se mais uma vez e ela correu para alcançá-lo novamente. — Você podia muito bem desacelerar, porra. — ela queixou-se. — Você não vai me deixar aqui e sabe disso.

Ele a ignorou, parando na porta do SUV aberto e esperando impacientemente enquanto ela subia e deslizava para o meio do assento. Aparentemente Raj estava com raiva. Que novidade. Se eles estivessem sozinhos, ela poderia ter exigido saber qual era o problema *desta* vez, mas Danny e Cervantes estavam ouvindo cada palavra, então ela mordeu a língua e não disse nada.

Raj fechou a porta e virou-se para Danny. — Vamos dar o fora daqui. — Talvez Danny soubesse qual era o problema, porque ele girou o SUV para longe do meio-fio e arrancou com um guincho de pneus.

A viagem de volta para o armazém foi silenciosa, mas em vez de entrar, Danny puxou o SUV para o estacionamento e olhou para Raj, as suas sobrancelhas levantadas em questionamento.

— Vocês dois verifiquem com Em. — Raj ordenou, abrindo a porta do seu lado. — Visitem uma das casas de sangue. Sarah fica aqui comigo.

Sarah olhou ao redor. Ela não tinha certeza se queria ir a qualquer lugar com ele neste estado de espírito, ou qualquer outro, pelo que interessa. Mas nem Danny nem Cervantes pareciam se importar com o que Sarah queria. As lanternas traseiras do SUV já estavam desaparecendo pelo tempo que ela processou o fato de que eles estavam saindo.

— Entra no carro. — Raj disse, destrancando o seu carro.

— Talvez eu deva...

— Entra no carro, Sarah. — disse ele, olhando-a por sobre o teto preto reluzente de seu BMW.

— Onde estamos...

— Entre. No. Carro.

Sarah respirou fundo e olhou em volta. Ela estava no meio de um estacionamento vazio, em uma rua escura, a milhas de distância de alguém ou alguma coisa, nem mesmo com seus vinte dólares de emergência no bolso. O armazém estava logo atrás dela, é claro, mas de alguma forma ela duvidava que ele a deixasse lá dentro, mesmo se alguém estivesse lá. E ela realmente *não* acreditava que Raj ia machucá-la. Ela suspirou, abriu a porta do carro e caiu no assento, grata que pelo menos não teria que subir um metro e meio em linha reta para chegar lá. Pequenos favores.

Raj pensava enquanto ele acelerava pelas ruas escuras, não tendo certeza de onde estava indo. Sarah se sentou ao seu lado, silenciosa por uma vez, não exigindo saber o que ele estava fazendo ou para onde eles estavam indo ou qualquer uma das inúmeras explicações que ela sempre estava exigindo. Ela provavelmente pensava que ele estava zangado. O que ele estava, embora não com ela. O que o deixou furioso foi o que ele tinha descoberto dentro da cabeça de Regina Aiello.

Tomando uma decisão de última hora, ele virou à direita para a autoestrada, a parte traseira derrapando atrás dele na superfície escorregadia. Ele vislumbrou a mão de Sarah quando ela agarrou o apoio de braço e sorriu com satisfação.

— O que aconteceu, Raj? — Sarah disse de repente, numa voz baixa e tensa. — Por favor me diga.

Lá se vai o seu silêncio. Quando ele não disse nada, ela continuou. — Sei que você esteve na mente de Regina. Gostaria de saber o que você encontrou lá.

— Por quê? Assim você pode ter certeza que eu não a estuprei?

Ela se afastou dele tão rapidamente que a sua cabeça bateu contra a janela. Ele podia ouvir as lágrimas em sua voz quando ela disse calmamente. — Tentei ligar para você. Deixei mensagens.

Ele ignorou-a e continuou dirigindo.

— Falei com Jennifer,.— ela acrescentou.

— Eu sei. Ela me disse.

— Você falou com a Jen? Mas...

Ele olhou para cima e viu dor nos olhos dela por ele ter telefonado a Jennifer mas não a ela. Mas então Jennifer não o tinha acusado de ser um estuprador, tinha?

— Eu disse que estava arrependida. — ela disse suavemente. — Sei que você não faria… — Ela olhou para longe dele e engoliu em seco. — Você tem que entender o que é para mim. O que é para *elas*.

Ele deu-lhe um olhar de soslaio. — Elas?

— As mulheres dos meus sonhos, dos meus pesadelos. Estou dentro de suas cabeças. Sinto tudo o que elas sentem — a dor, o terror, a horrível esperança de que alguém chegará a tempo. — Ela balançou a cabeça e afastou-se dele, olhando pela janela. — Por favor, me deixe em algum lugar. — ela murmurou desesperadamente. — Não me importo onde. Me deixe em um telefone. Posso...

— Fugir de novo, Sarah? — Ela se virou para ele.

— Como você ousa...

— Acusá-la de algo assim? É isso que você queria dizer, querida?

Ela puxou uma respiração profunda. — Eu disse que estava fodidamente arrependida

Raj riu abruptamente. — Sabe, acho que é a primeira vez que eu ouvi você xingando. — disse ele, só para irritá-la.

— Sim? Bem, então, foda-se novamente. Deixe-me sair do maldito carro.

— Não.

— *Não*? — ela gritou para ele. — Estou tão cansada de você... — Suas palavras foram cortadas quando ele atravessou três faixas de tráfego, colocando-se entre duas enormes rodas com apenas alguns centímetros de sobra, antes de zipar para baixo numa rampa e entrar em um dos bairros de classe trabalhadora de Buffalo. Ao seu lado, Sarah liberou o seu aperto de morte do apoio de braço e estava olhando em volta, examinando as ruas. Ela provavelmente não tinha ideia de onde estavam, provavelmente nunca tinha se aventurado para muito longe do campus, com seus restaurantes modernos e bares arrumados.

Raj, por outro lado, sabia exatamente para onde estava indo. Ele fez uma série de voltas rápidas para baixo em ruas estreitas e puxou o carro para uma mancha de asfalto na frente de um bar com aparência decadente. Ele estacionou, saiu do carro e começou a atravessar o lote mal iluminado sem dizer uma palavra. Ele colocou o controle remoto em alerta e a ouviu xingar suavemente. Ela abriu a porta do carro e ele sorriu, sentindo o calor de seu olhar irritado nas suas costas. Ele parou na entrada do bar, educadamente esperando até que ela o alcançou e, em seguida, abriu a porta e fez sinal para ela ir à sua frente. Ela fez uma pausa para olhar cautelosamente através da porta, deu-lhe um olhar duvidoso e cruzou o limiar. Raj riu e seguiu para dentro, deixando a porta se fechar lentamente atrás dele.

Sarah parou no interior, deixando seus olhos se ajustarem. Era ainda mais escuro no interior do que no exterior, especialmente uma vez que Raj

deixou a porta fechar com um baque surdo. Ela estava consciente dele impaciente atrás de si então afastou-se, observando quando ele atravessou a sala. Um trio de luminárias baratas estavam pendurados na parede à frente, daqueles com um padrão perfurado no metal que emitiam uma luz fraca e amarelada sobre uma fileira de banquetas. Havia um longo bar à direita. Raj gritou algo para o barmen em polonês. O barman grunhiu e se dirigiu a um freezer pequeno no extremo do balcão.

Sarah andou por entre as mesas vazias para chegar ao bar onde ela deu uma olhada na maçante superfície pegajosa e decidiu ficar afastada. Raj não tinha tais reservas, ele estava inclinado sobre os seus dois cotovelos e um de seus pés estava sobre uma grade que poderia ter sido de bronze em alguma vida passada. Ele olhou-a por cima do ombro. — Você quer algo para beber?

— O que você pediu? — Perguntou ela.

— Vodka. — ele bufou, como se essa fosse uma pergunta estúpida.

— Vou querer o mesmo.

Ele deu uma risada de surpresa e pediu ao barman que servisse dois copos. Carregando os copos em uma mão e uma garrafa de vodka gelada na outra, ele depositou ambos na frente de Raj sem nenhum comentário. O rótulo da garrafa estava em polonês, mas não era uma daquelas vodkas polacas modernas "feito para a América" em uma garrafa bonita, e Sarah tinha a sensação de que o teor de álcool era um pouco maior.

Raj pegou os dois copos e a garrafa e se dirigiu para uma cabine no canto mais escuro do já escuro espaço. Sarah não viu outra escolha senão segui-lo.

— Sente-se. — ele disse. Ele seguiu o seu próprio conselho e deslizou para um dos bancos, deixando cair os copos sobre a mesa e girando a tampa da garrafa com um estalar de juntas de metal. A vodka estava tão fria, que vertia como uma calda fina de líquido, o álcool impedindo-a de congelar.

— Vocês bebem muito. — ela comentou. Ela limpou o assento em frente a ele e se sentou.

Ele deu-lhe um olhar preguiçoso. — Isso é *tudo* o que fazemos, *querida*.

Ela odiava quando ele a chamava de querida daquela maneira. Como se o que ele realmente queria dizer era *puta*, mas ele era demasiado educado. — Não foi isso que quis dizer e você sabe. — disse ela.

Ele sorriu e empurrou um dos copos cheios sobre a mesa para ela. — Tome uma bebida. Você vai se sentir melhor.

Ela duvidava disso. Ela não era muito de beber, mas as poucas vezes que ela tinha bebido as coisas tinham ficado muito piores, não melhores. Ela olhou para o pequeno copo, agora fosco com o líquido frio. A risada dele fez com que o seu olhar se voltasse rapidamente para aqueles olhos azuis que estavam tão gelados como a vodka na frente dela. O olhar dele se moveu lentamente para o copo e novamente para ela em desafio evidente. *Merda*. Sarah respirou fundo, pegou o copo e trouxe-o aos lábios. Seus olhos lacrimejaram imediatamente com a fumaça de álcool e ela hesitou, mas ele estava olhando-a com aquele sorriso condescendente dele.

Ela abriu a boca e jogou o líquido frio direto na sua garganta, sentindo os músculos lá contraindo em choque. Ela engasgou, lutando contra uma tosse reflexiva, recusando-se a dar-lhe a satisfação, mesmo que seu estômago estivesse em chamas. *Jesus Cristo! Como alguém bebia aquela coisa.*

Raj riu apreciativamente. — *Nazdrovia*[15] — ele disse e jogou para trás seu próprio copo, batendo-o na mesa e imediatamente levantando a garrafa novamente. Ele apontou para o seu copo, mas ela balançou a cabeça, ainda incapaz de falar, lágrimas rolando por seu rosto. Raj deslizou para fora da cabine, caminhou até o bar e voltou com um copo de água, sem gelo.

— Isso vai ajudar. — disse ele, colocando-o sobre a mesa na frente dela.

[15] Saúde.

Sarah esperou até ter certeza que ela podia abrir a boca sem lhe faltar o ar, em seguida, pegou o copo e bebeu lentamente. A água estava apenas um pouco mais fria que a temperatura ambiente, acalmando a sua garganta traumatizada e lavando o resíduo daquilo que certamente era puro álcool. Ela agarrou alguns guardanapos da mesa e enxugou os olhos com eles, a sua textura áspera parecendo uma lixa em sua pele superaquecida.

— Não é muito de beber? — Perguntou ele.

— Isso — Sarah respondeu — não é bebida.

— É, de onde eu venho.

Sarah tomou outro gole de água e mais outro, antes que ela confiasse em si mesma para dizer algo mais. — Será que você pode me dizer o que descobriu de Regina?

Ele deu-lhe um olhar frio.

— Fui eu quem a encontrou, não você. — ela insistiu.

Ele ainda não disse nada, apenas levantou as sobrancelhas em dúvida.

Ela jogou o guardanapo molhado na mesa. — Você deve ser um dos homens mais frustrantes que eu já conheci.

— Isso é porque eu não sou um homem, querida. Continuo te dizendo isso, mas você não está ouvindo.

— Ótimo. Você é um dos machos mais frustrante que eu já conheci, e quanto a isso? Você ainda é um macho não é?

— Oh, sim. — ele disse sugestivamente. — Definitivamente.

Sarah sentiu calor no rosto mais uma vez, e não era devido à vodka. — Tudo bem. O que estamos fazendo aqui?

Ele encolheu os ombros. — Tomando uma bebida.

Ela suspirou e deslizou mais para a banqueta, virando-se lateralmente e inclinando-se para se apoiar contra a parede e trazer os seus pés para a frente dela. Ela colocou os braços ao redor dos seus joelhos e deixou a cabeça cair para trás e seus olhos se fechar. Ela estava cansada. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha tido uma noite de sono decente, e não sabia quanto tempo passaria até que pudesse ter uma próxima. Ela pensou em todas as coisas que tinha que fazer uma vez que isto acabasse, uma vez que eles encontrassem Trish e as outras. O pesadelo teria acabado para todos os outros então, mas seria apenas o começo para Sarah.

Ela se demitiria da Universidade, é claro. Ela se sentia mal por deixá-los em apuros como aquele, mas o prazo estava quase acabando e eles encontrariam alguém para cobrir suas aulas. Ela tinha certeza de que eles prefeririam isso a tê-la para terminar o semestre, de qualquer maneira. Era ruim o suficiente que ela estivesse vivendo sob uma identidade falsa, embora eles provavelmente poderiam ter deixado isso passar. Ela não tinha feito nada ilegal. Mas uma médium? Uma mulher que canalizava mulheres cativas em seus sonhos? Isso era coisa daqueles jornais de mau gosto vendidos em balcões de supermercados e não de todo adequado para um professor de qualquer universidade decente. Ela suspirou novamente, desta vez mais profundamente, e alegrou-se por já ter chorado devido à vodka. A última coisa que ela precisava era ficar chorosa com Raj por perto.

— Cansada? — Perguntou ele.

Seus olhos cintilaram abertos e ela deu-lhe um olhar desconfiado. Ele soava quase simpático.

Ele deu uma risada cínica, mais como uma respiração que qualquer outra coisa, como se ele soubesse o que ela estava pensando. — Regina não sabe nada sobre onde ela ficou presa. — disse ele sem preâmbulo. — Ela foi drogada em primeiro lugar e depois... — Ele franziu a testa para ela. — Mas você já sabia, não é mesmo, Sarah? O que mais você não me disse?

Sarah estudou-o por um minuto e desviou o olhar. — Emelie disse que você não entenderia.

— Entender o quê?

— Por que não te contei.

— Você quer dizer por que mentiu para mim?

Ela soltou um suspiro frustrado e deu-lhe um olhar incrédulo. — Por que eu deveria ter dito alguma coisa? O que nós somos, melhores amigos agora, Raj? Inferno, eu nem disse aos meus melhores amigos sobre isso.

— E quanto à sua amiga Cynthia. Aposto que ela sabe.

— É isso o que realmente está incomodando você? Cyn poder saber algo que você não sabe? — A mandíbula dele se apertou e ela tossiu uma risada incrédula. — É isso, não é? Não, espere. Não é Cyn, é Raphael! Você acha que Cyn disse a Raphael. Este é apenas um estúpido caso de superioridade vampírica. — Ela riu amargamente. — Bem, não se preocupe, Raj. Cyn não sabe. Ninguém sabe. — ela murmurou. — Ou, pelo menos não sabiam até que tudo isso aconteceu.

Ela inclinou a cabeça para trás novamente, fechando os olhos. Ela também teria que ligar para Cyn quando isso acabasse, ela pensou cansada. Tinha que explicar tudo novamente. Embora alguma coisa lhe dizia que Cyn entenderia muito melhor que Raj.

Raj se serviu de outra bebida e jogou-a garganta abaixo, batendo o copo vazio para baixo com um estalo de som. — Há pelo menos um vampiro envolvido. — disse ele de repente, sua voz carregada de desprezo. — Ele está colocando as mulheres sob seu controle para elas só verem o que ele quer que elas vejam.

Sarah olhou para ele. — Você sabe quem é?

— Não. Mas posso dizer quem *não é*. Ele tem poder, mas não sabe o que está fazendo. Seu trabalho é desajeitado e potencialmente prejudicial.

— Regina?

Ele balançou a cabeça. — Ela vai ficar bem.

— Ela não foi raptada de uma das casas sangue?

Raj assentiu. — Sim, mas isso não...

— Foram todas as outras raptadas da mesma maneira? Quero dizer, com exceção de Trish.

— Praticamente, e acho que quem levou a Trish queria na verdade levar a Jen. Ela esteve em uma das outras casas na semana antes. Espere um minuto. — disse ele lentamente. — Por quê?

— Bem, é assim que vamos encontrá-lo.

Seu olhar tornou-se aguçado. — *Nós* não faremos nada. Eu farei. Você não faz mais parte desta investigação. É muito perigoso. — Ele deslizou para fora da cabine e ficou ao lado dela, esperando-a. — Vamos, vou te levar de volta para o armazém.

Sarah pôs as pernas para baixo, deslizou para fora da cabine e disse calmamente: — Não vou voltar para o armazém. Preciso ajudar a Trish e as outras, e não posso...

— Não.

— Desculpe-me? — Exigiu. Ela viu-o elevar-se sobre ela e desejou estar usando saltos em lugar de seus Nikes.

— Eu te disse. — ele explicou com irritante paciência. — É muito perigoso para...

— E eu te disse — ela o cortou, cada palavra claramente enunciada. — Vou fazer o que quero. Não sou um de seus malditos vampiros, agarrando-se a cada palavra...

Ele agarrou-a em seguida, erguendo-a fora de seus pés e engolindo as suas próximas palavras quando esmagou sua boca contra a dele. Seu beijo

era faminto e exigente, o seu toque áspero e familiar ao mesmo tempo, cheio de raiva e necessidade, tudo de uma vez. Ela o beijou de volta, envolvendo os braços à volta de seu pescoço com um pequeno gemido. Deus, ela tinha sentido falta disso. Falta dele. Cada frustrante, detestável e maravilhosa polegada dele.

Ele aprofundou o beijo e ela sentiu suas presas pressionarem contra a carne macia de seu lábio, sentiu a picada e o sangue começar a fluir. Ele gemeu e engatou o corpo dela no seu, deslizando uma das mãos debaixo de sua bunda e apertando-a contra sua ereção que estava dura e longa contra o tecido áspero de seus jeans. Sarah envolveu as pernas ao redor de sua cintura com um suspiro de prazer contra sua boca. — Isso não me vai impedir...

Ele se afastou o suficiente para dizer. — Você fala demais. — E então ela se perdeu na sensação. O toque dele estava em toda parte, sua língua acariciando a dela, o seu beijo passando de sua boca para a mandíbula e depois para o seu pescoço, onde ele permaneceu, sugando a pele logo abaixo da orelha, acariciando-a com sua língua.

Ela estava vagamente ciente de que o barman estava gritando algo em Polonês e que Raj estava lutando para tirar algo do bolso. Dinheiro, ela pensou, quando ele o jogou na mesa e se dirigiu para a porta. Ela não sabia como chegaram lá fora, mas de repente eles estavam no carro, o corpo pesado de Raj esmagando-a contra o metal frio, suas mãos sob a blusa dela, empurrando o sutiã de lado até que seus seios encheram suas mãos e ele estava tocando seus mamilos com dureza requintada. Ela podia sentir seu coração batendo descontroladamente e sabia que ele devia estar ciente disso, sabia que ele podia sentir a corrida do seu sangue sob a pele. Ela passou as mãos pelo seu grosso cabelo ondulado, trazendo-o para mais perto de seu pescoço, sentindo a pressão de seus dentes contra sua pele, querendo sentir...

Um som de repente ecoou, parecendo insuportavelmente alto no estacionamento tranquilo. — Ignore-o. — ela murmurou, apertando as suas pernas em torno dele. O toque voltou e Raj congelou, a respiração dele trazendo tremores para a sua pele quente e úmida. Ela sentiu-o endurecer debaixo dela, e não no bom sentido.

— Não. — Sarah pediu suavemente.

— Jesus. — disse Raj. — Eu não posso...

O toque das mãos dele mudou, não mais carícias, mas uma gaiola impessoal apoiando-a enquanto suas pernas caiam no chão. Ela deslizou seu corpo, sentindo sua evidente excitação quando ele a colocou em seus pés, colocando alguns centímetros e uma centena de quilômetros entre eles. — Eu não devia ter feito isso. — ele murmurou. O maldito telefone tocou uma terceira vez. — Porra. — ele amaldiçoou e se afastou dela, procurando no seu bolso pelo seu celular.

Sarah inclinou-se contra o carro, chocada demais para dizer qualquer coisa, ainda se recuperando da adrenalina de sentir a boca dele contra o seu pescoço, suas mãos em todo o corpo. Ela sacudiu-se ligeiramente. Raj olhou-a, seus olhos não mais quentes, mas fechados e em branco, e Sarah rangeu os dentes, imaginando se ela poderia encontrar um pedaço de madeira afiada em algum lugar próximo. Ela endireitou as suas roupas, recusando-se a olhá-lo, recusando-se a ver o olhar em seu rosto. Ela ouviu as fechaduras sendo destrancadas e entrou no carro, sentando de lado no banco, correndo as mãos trêmulas através de seus longos cabelos, tentando ajeitar da maneira que ela podia, lembrando os seus dedos grossos torcendo-o para fora do caminho, a sua boca... Ela fechou seus olhos contra a sobrecarga sensorial, tremendo ligeiramente.

Raj ficou de costas para ela, o telefone em seu ouvido. — Não vá sem mim, Em. Vejo você em... Porra, vou chegar lá assim que puder. — Ele desligou e empurrou o telefone de volta no bolso, então virou-se e foi para o seu lado do carro. Sua porta se abriu e ele deslizou para dentro, enchendo o carro com a sua presença, sugando todo o ar de seus pulmões. Sarah balançou as pernas para dentro do carro e fechou a porta.

— Você está bem? — Perguntou ele.

— Claro. — ela mentiu. Ela tirou uma fibra inexistente de sua calça, evitando o seu olhar sem dúvida sincero.

— Vou levá-la de volta para o armazém. — disse ele. — Alguns dos guardas estão lá e Em deve estar de volta...

— Não se preocupe com isso. — ela interrompeu. Podia senti-lo olhando-a através do abismo sem fim entre os seus dois assentos.

— Sarah. — ele começou.

— Você não tem de dizer isso. Eu entendo. — Ela se virou e forçou-se a sorrir para ele, encontrando os seus olhos por alguns instantes. — Parece que você precisa ir.

Ele franziu o cenho. — Tenho pessoas no campo, querida, ou eu...

— Não me chame assim. — ela retrucou.

Ele olhou-a, claramente assustado com a nitidez de suas palavras. Ela sacudiu a sua cabeça. — Sinto muito. Isso não importa.

Ele praguejou suavemente sob a sua respiração, mas não disse mais nada, colocando o carro em marcha e tirando-o para fora do estacionamento. Sarah ficou lá, olhando pela janela e dizendo a si mesma que era melhor assim. Ela iria embora de qualquer maneira e a última coisa que precisava era de mais uma complicação, mais um detalhe para limpar antes de pegar a estrada. Não que esse detalhe em particular precisasse ser limpo. Raj tinha deixado bem claro que ele a considerava um erro de sua parte. Então, era melhor assim. Uma ruptura limpa. Ela pegaria seu dinheiro e seria livre de novo, talvez tirasse algumas semanas de folga, dirigindo ao redor e visitando alguns pontos turísticos antes de se estabelecer em algum lugar e construir uma nova vida. Ela cerrou o seu maxilar e olhou pela janela, se perguntando por que a liberdade tinha um gosto tão amargo desta vez.

Capítulo 37

Raj tomou algumas ruas secundárias para voltar ao armazém, quebrando o limite de velocidade por todo o caminho, passando por sinais vermelhos e não diminuindo até que estava entrando no grande armazém. O pequeno sedan de Sarah estava em uma extremidade do estacionamento e ele franziu a testa, não tendo certeza se estava feliz em vê-lo lá. Ela não precisava do seu carro. O que ela precisava era ficar quieta até que ele tivesse certeza que era seguro para ela estar nas ruas. *Certo*, ele pensou em privado. *Como se ela estivesse mais segura aqui com você*.

Ele balançou a cabeça em desgosto. Ele a tinha praticamente atacado quando estavam no bar. Ela tinha estado lá dando-lhe um sermão do inferno, como sempre fazia e algo nele tinha acabado por se partir. Ele tentou colocar a culpa na fome. Ele não tinha se alimentado corretamente em dias; o sangue ensacado era bom para beliscar, mas ele precisava de mais. Ele queria mais. O que ele queria era Sarah, e ele a queria da pior maneira, inferno, de *todas* as maneiras.

Ele estacionou ao lado da porta da frente e Sarah imediatamente abriu a porta, saltando do carro, claramente ansiosa para se afastar dele. Garota inteligente. Ele a seguiu, caminhando ao redor para destravar a porta do armazém, abrindo-a e segurando-a enquanto ela passava por ele. Ele abriu a porta interior antes que ela pudesse chegar nela, segurando-a para ela

também. Sarah deu-lhe um aceno silencioso de agradecimento e foi diretamente para a escada, indo para o mezanino.

— Sarah. — ele chamou baixinho, incapaz de suportar o silêncio por mais tempo. Ela parou no pé da escada, de costas para ele, de cabeça baixa. — Eu não pretendia... — começou. — Isto é... Olha, eu provavelmente voltarei esta noite muito tarde, mas estarei aqui amanhã e...

Ela se virou para ele, seus olhos cor avelã estavam escuros e planos, as manchas de ouro praticamente invisíveis. — Não se preocupe com isso. — disse ela com desdém. — Estou bem. — Ela se virou e começou a subir as escadas. — Estou sempre bem. — disse ela em palavras tão suaves que se ele fosse humano não as teria escutado. Isso o perturbava e ele deu o primeiro passo para segui-la, mas seu telefone escolheu aquele momento para tocar mais uma vez, ecoando por todo o armazém.

— O quê? — Perguntou ele.

— Meu senhor.— Em disse com uma voz firme. — Não sei por quanto tempo...

— Estarei aí em cinco minutos, Em. Ninguém faz nada...

— Estou segurando-os, meu senhor, mas não sei quanto tempo mais...

— Ninguém se move antes de eu chegar. — ele rosnou. Ele colocou o telefone no bolso e correu para fora do armazém, entrando no carro com a velocidade desumana de seu sangue de vampiro.

Alguma parte de Sarah ouviu Raj sair, ciente de que havia problemas em algum lugar. Essa mesma parte sua esperava que ninguém se machucasse, muito menos Emelie, ou até mesmo Raj. Mas a maioria de seus pensamentos estavam em algo completamente diferente. Ela tinha visto o

seu carro na frente e imaginou se eles haviam deixado as suas chaves. Não que isso importasse. Ela tinha uma segunda chave em sua bolsa, uma cópia de segurança que ela começou a carregar depois que trancou pela primeira vez as chaves em seu carro há dois anos e decidiu que a chave reserva não lhe faria nenhum bem em casa quando ela estava a quilômetros de distância. Ela caminhou pelo mezanino em direção aos seus aposentos temporários, sentindo o piso irregular da superfície do metal sob seus pés, meio que ouvindo os sons de algum evento desportivo vagando ao longo da área de estar, onde um par de guardas humanos estava na frente da grande tela. Os vampiros, ela supunha, estavam todos fora para fazer o que eles fazem no meio da noite. Ela checou o seu relógio. Faltavam alguns minutos para a uma da manhã.

Ela entrou no quarto, verificando automaticamente para ter certeza de que tudo estava do jeito que ela tinha deixado. Maníaca por controle, isso era o que ela era. Ela sabia até a ordem da colocação de cada lápis e caneta. Linda tinha brincado com ela sem dó por causa disso, mas depois Linda não entendia. Ninguém o fazia. Uma vez que sua vida tenha sido tirada de você, cada momento seu entregue nas mãos de estranhos com pranchetas e olhos burocráticos... Quando você finalmente a consegue de volta, quando sua vida é sua outra vez, cada momento, cada detalhe, torna-se importante.

Um rápido exame no pequeno espaço lhe disse que seu computador portátil estava onde ela o tinha deixado, juntamente com as poucas coisas que ela tinha conseguido colocar em sua mochila antes de se apressar para longe do duplex... nem mesmo há dois dias atrás? Parecia muito mais tempo do que isso. Não parecia certo que o seu mundo inteiro pudesse ser virado de cabeça para baixo em um tempo tão curto.

Ela puxou uma bolsa de debaixo da cama e começou a arrumar tudo, inventariando o que ela tinha, fazendo uma lista mental do que precisava comprar e combinando-o com o seu dinheiro. Ela teria que parar num caixa eletrônico em seu caminho para fora da cidade, e na primeira chance que tivesse, ela retiraria todo o montante guardado. Ela tinha que pagar uma taxa inicial para isso, o que parecia injusto, mas pelo menos ela teria todo o dinheiro, com nenhuma maneira para qualquer um usar as contas para encontrá-la.

Pegando a sua mochila e seu computador portátil, ela verificou o quarto uma última vez e saiu para o mezanino, fechando a porta atrás dela. Os guardas que estavam à frente da TV olharam para cima, e ela pensou a princípio que eles iriam tentar detê-la, mas ela acenou alegremente, como se não fosse grande coisa e eles relaxaram. Prendendo a sua respiração, ela abriu primeiro uma porta e então a outra, caminhou até o seu carro, abriu a porta, jogou suas coisas dentro e foi embora. Ela não sabia para onde iria eventualmente, mas sabia onde seria a sua primeira parada. Raj podia pensar que este caso se tornou muito perigoso para ela, mas ele não entendia. O verdadeiro perigo era para Trish e quem mais ainda estava sendo mantido pelos vampiros que tinham jogado Regina fora como lixo ontem. E independentemente do que Raj poderia pensar, Sarah não iria fugir desta vez.

Enquanto dirigia através do tráfego escasso, ela procurou no telefone celular até que encontrou o número de Jennifer Stewart. Era muito tarde para a Professor Stratton chamar um aluno, mas desde que Sarah não seria professora por muito mais tempo, isso não importava.

Jen respondeu com uma voz animada. Sarah podia ouvir música e risos ao fundo e pensou sobre como deveria ser adorável ter dezoito anos e não ter preocupações. Aparentemente, a ausência continua de Trish não era exatamente um peso na mente de sua companheira de quarto.

— Jennifer. — disse Sarah, — Olá, aqui é Sarah Stratton, Professora Stratton?

— Oh, sim. — disse Jen, obviamente confusa e não muito emocionado com a chamada tarde da noite. — Olá, Professora Stratton.

— Só tenho uma pergunta rápida, Jen. Raj pediu que eu ligasse. — Ok, isso era uma mentira — uma pequena mentira deslavada.

— Claro! — O entusiasmo de Jen aumentou cerca de mil pontos. — Tudo o que eu puder fazer!

— Obrigado, Jen. Ouça, você disse a Raj sobre a casa de sangue que você visitou, mas existe um par delas nessa área, e queremos ter certeza que temos a certa.

— Claro, eu entendo. É aquela em East Amherst, uma espécie de casa de funk com uma vibração de discoteca. Totalmente da velha escola.

— Mmhmm. — Sarah murmurou. — Sabe qual é a rua?

— Oh, deixe-me pensar. Eu não conduzi e você sabe como é.

— É importante, Jen. — Sarah disse distraidamente, passando pelo seu velho duplex. — Estamos muito perto e isso pode nos ajudar a encontrar Trish. — Um pouco de culpa nunca fez mal.

— Oh, cara. Trish. Sim. Vejamos, Evergreen ou qualquer coisa Christmasy. Alpine! Era isso. Foi em Alpine, logo depois de Stahley. Lembro-me porque uma das minhas amigas tem esse sobrenome e eu perguntei-lhe se tinha algo a ver com o avô, mas ela disse que não.

Sarah percebeu que entre isso e um mapa on-line, ela poderia encontrar o lugar. Se o pior acontecesse, ela tinha apenas que subir e descer a rua à procura de uma casa com um monte de gente entrando e saindo.

— Obrigada, Jen. Isso realmente ajudou. E desculpa por telefonar assim tarde.

— Hey, não há problema, professora Stratton. Estamos nas férias de primavera, sabe?

— Certo. Divirta-se, Jen.

— Uh. Ok. Tchau.

Por esse tempo, Sarah tinha dado a volta e estacionado no beco sem iluminação por trás do duplex. A frente estava completamente escura, sugerindo que a Sra. M. ou já estava dormindo ou ainda continuava na casa

do seu filho. Sarah esperava que fosse o último porque a mulher tinha os ouvidos de um morcego.

Ela correu até o portão e por toda a grama seca do quintal para chegar à entrada da sua cozinha, inserindo a chave e abrindo a porta o mais silenciosamente possível. Colocando seu computador portátil na mesa, ela virou-o e, em seguida, na ponta dos pés foi até às escadas para se dirigir ao seu quarto em busca de algo para vestir. Ela não sabia que código de vestimenta tinha uma casa de sangue, mas provavelmente não era jeans e camiseta. E se ela esperava obter qualquer informação, ia ter que se misturar.

Capítulo 38

Raj deslizou até uma vaga e estacionou o carro no lado de fora da propriedade de Krystof. Ele deixou o motor ligado, abriu a sua porta e atravessou a rua, indo para onde Emelie e os outros três estavam reunidos, o seu poder vibrando em torno dele como uma corrente elétrica, seus olhos tão brilhantes como o sol através do gelo glacial.

Todos os seus vampiros, mesmo Emelie, caíram de joelhos quando ele se aproximou.

— Levante-se e me diga que porra está acontecendo.

Em levantou-se graciosamente, assumindo uma posição de descanso num desfile, as mãos cruzadas atrás dela e os ombros para trás. Ela elevou os olhos momentaneamente para os dele, mas rapidamente baixou-os. — Meu senhor. — ela começou. — Nós estávamos fazendo as nossas rondas usuais. Quatro equipes, visitava-se cada casa por um tempo e seguia-se em frente. Eu estava com Abel quando recebi um telefonema de alguém que usava o telefone celular de Simon.

— Onde Simon deveria estar?

— No armazém, meu senhor, mas ele tinha ligado mais cedo para avisar que estava indo comprar produtos eletrônicos de algum tipo.

— Quem te ligou?

— A pessoa não se identificou, meu senhor, apenas disse que se eu quisesse Simon de volta vivo, era melhor eu encontrar você e te trazer aqui na próxima meia hora. Isso foi... — Ela consultou o seu relógio. — Quarenta minutos atrás, meu senhor.

Ele não ouviu qualquer julgamento na voz de Emelie. Não precisava. Ele estava praticamente transando com Sarah num estacionamento enquanto alguém sequestrava Simon debaixo do seu nariz.

— Eu te chamei primeiro, claro. — Emelie continuou. — E em seguida Abel e eu viemos diretamente para cá, junto com Danny e Cervantes. — Ela acenou para os outros vampiros. — Liguei para o resto das equipes e os mandei de volta para o armazém, caso essa fosse uma espécie de operação para tirar todo mundo de perto.

— Eu vim do armazém. Eles ainda não estavam lá.

— Não, meu senhor. Eles estavam mais longe, foi por isso que os mandei para o armazém enquanto nós vínhamos para cá. Chegamos à mais ou menos trinta minutos atrás, mas não houve confirmação da nossa presença. Por seu comando, não fizemos nenhuma tentativa para nos aproximarmos da casa.

— Tudo bem...

O telefone de Em tocou naquele momento. Ela verificou o visor, olhou para Raj e disse: — Yossi. — Ela escutou por menos de um minuto e desligou. — Ele e os outros estão no armazém. Tudo parece normal, mas eles estão despertando o resto dos guardas humanos como medida de precaução.

Sarah estava no armazém. Mas ele não podia pensar nisso agora. — Tudo bem, vamos ver o que o velho quer.

Raj levou os seus vampiros para a parte traseira da casa e, sem se preocupar em bater, abriu a porta da cozinha. Ele olhou para o pedaço de carne que Krystof tinha colocado de guarda lá e passou caminhando. Ele não correu, não atirou coisas, apenas caminhou como se tivesse o direito de estar lá e ai de quem ousasse dizer-lhe o contrário. Ele podia sentir Em e os outros atrás dele, uma parede de força tanto física como vampírica. Ele não era como Krystof. Ele não fazia vampiros de seres humanos estúpidos e nunca transformou ninguém que estivesse relutante. Seus filhos eram inteligentes e fortes e eles lhe serviam com algo mais do que lealdade pessoal, de acordo com o Em, afeto.

Mas Simon não era um vampiro. Ele era humano. Ele podia ser mais inteligente que qualquer um deles, mas não era fisicamente forte, que era provavelmente a razão dele ter sido escolhido como cabra de sacrifício por Krystof. No entanto, ele ainda não tinha sido magoado. Simon estava com Raj há um longo tempo, muito mais do que as aparências levariam a acreditar. Ele alimentava-se regularmente do sangue de Raj e isso mantinha-o vivo e bem, o que significava que Raj saberia se ele tivesse sido ferido.

A sala que ficava no fundo da escada estava tão lotada como tinha estado antes, mas ele não fez nenhuma pretensão de amizade. Ele deixou o seu poder crescer, empurrando tudo e todos do seu caminho como se fossem lixo na rua — que era basicamente como ele os via. Ele não viu Jozef, mas talvez o chefe de segurança estivesse dentro do escritório com seu mestre… e Simon.

A porta abriu-se antes que ele chegasse lá, balançando aberta em modo de convite. Ele sorriu. Se Krystof pensou que ia impressioná-lo com um truque de magia barata, estava enganado. Ele deu a Em um aceno de cabeça por cima do ombro e soube que ela ia colocar os outros na porta enquanto o seguia para dentro. Ele teria gostado que fosse ao contrário. Não porque não confiava em Em, mas porque ele o fazia. Se por acaso houvesse um confronto entre ele e Krystof, ele gostaria que Em estivesse longe para que ela tivesse a chance de salvar tantos dos seus filhos quanto possível. Mas ele não faria isso com ela. Não iria pedir-lhe para ficar de fora enquanto ele enfrentava a maior ameaça de suas vidas.

— Rajmund. — Krystof disse suavemente. Ele estava sentado no mesmo sofá onde a garota tinha ficado na outra noite. Ele se recostou em um travesseiro, pernas cruzadas no joelho, uma mão descansando graciosamente sobre o braço estofado do sofá, enquanto a outra estava na cabeça de Simon, acariciando seus finos cabelos castanhos como se ele fosse uma espécie de cão que estava ajoelhado ao lado do seu mestre. Mas Krystof não era o mestre de Simon.

Raj sentiu a sua fúria crescer e rapidamente refreou-a, sabendo que essa era a reação que Krystof estava esperando. Ele olhou para o rosto do velho e viu decepção lá. Ele sorriu. — Acredito que você tem algo meu. — disse ele suavemente.

Krystof riu levemente, mas o olhar que ele deu a Raj não era de divertimento. — Mas, Rajmund. — ele repreendeu suavemente, sua voz estava mais dura quando ele continuou — você não deveria ter nada seu.

O sorriso de Raj só cresceu, e por um momento, ele viu um lampejo de medo substituir o olhar presunçoso nos olhos do seu Senhor. — Deixe de brincadeiras, Krystof. O que você quer?

O lorde vampiro encolheu os ombros graciosamente e levantou-se, deixando Simon para trás. O único movimento de Raj foi se virar, mantendo Krystof à vista. Mas ele estava ciente que Emelie rapidamente deu um passo para o seu lado, colocando Simon atrás deles. Krystof sentou-se em sua mesa e apontou para Emelie. — Você os treinou bem, eu vejo. Nem mesmo consegui que esse humano... — Ele acenou para Simon, que tinha se levantado. — Me dissesse qualquer coisa. Claro, eu poderia tê-lo forçado.

— Você poderia ter tentado. — Raj corrigiu.

A boca de Krystof se apertou em irritação. — O que eu *quero* — disse ele, ignorando a verdade na declaração de Raj — é um relatório sobre a investigação.

Raj olhou-o. — Você não poderia telefonar? — Ele zombou.

— Eu não deveria *ter* que fazê-lo — disse Krystof de forma petulante, batendo na mesa com uma mão. — Trouxe você aqui para resolver o *meu* problema, não para ter o teu povo correndo por toda a minha cidade a cutucar os meus assuntos.

Raj não poderia acreditar em seus ouvidos. Ele teve que se esforçar para manter a surpresa fora de seu rosto, e esperou que Emelie estivesse fazendo o mesmo. Krystof, um maldito senhor vampiro, tinha efetivamente cedido o seu território. Ele não só tinha admitido ter conhecimento sobre o exército privado de Raj, mas se queixou, *queixou-se*, como uma criança que não estava feliz por eles se estarem a infiltrar em sua cidade natal.

— O que você gostaria de saber? — Raj perguntou.

— E*u gostaria de saber* — Krystof disse, imitando Raj — o que você descobriu. Existe um vampiro envolvido nesses crimes ou não?

Raj pensou sobre o que dizer, sobre o quanto devia admitir que sabia. Ele não tinha perdido o fato de que Jozef não estava em parte alguma e se perguntou o que aquilo significava. Estava o chefe de segurança se preparando para atacar o armazém enquanto Raj permanecia ali respondendo àquelas perguntas ridículas? Ou teria ele se ausentado como demonstração passiva de apoio a Raj? *Demasiadas incógnitas*, ele pensou.

— Parece haver envolvimento da parte de um vampiro. — disse ele com cuidado. — Ainda estou investigando e espero ter uma solução nas próximas quarenta e oito horas. Tenho certeza que você concorda que quem quer que seja, deve ser destruído imediatamente.

Krystof olhou rapidamente para ele, e Raj sentiu-o pressionando a sua consciência, tentando forçá-lo a revelar mais do que ele tinha dito. Raj olhou-o de volta lhe dando nada e isso lhe disse tudo. Seu senhor deu de ombros e desviou o olhar primeiro. — Muito bem. Você vai me informar antes de tomar qualquer decisão *final*.

— Claro. Emelie. — ele disse, e esperou enquanto ela escoltava Simon até à porta e abria-a. Ele viu pela sua visão periférica como Cervantes e Abel agarraram o ser humano muito menor e colocavam-no entre eles, e ele pôde

sentir a atenção do seu povo, tanto dos vampiros como do humano, centrada exclusivamente nele, esperando pelo seu comando. Ele sentiu uma onda de orgulho por sua disciplina e dedicação total. Eles ficariam com ele nas Portas do Inferno se ele pedisse. — Estamos saindo. — ele disse.

Ele deu a Krystof um pequeno aceno de reconhecimento e saiu do escritório. — Eu queria pegar a tua mulher. — Krystof provocou por detrás dele. — mas não consegui encontrá-la.

Raj congelou. Ele olhou para cima e viu Emelie observá-lo, claramente preocupada com o que ele poderia fazer. Ele sentiu-se um pouco decepcionado por ela duvidar dele e deixá-lo mostrá-lo em seus olhos. Em corou e baixou o olhar.

Quanto a Krystof, Raj virou para onde ele estava e disse na voz mais fria que conseguiu reunir — Nunca mais toque em alguém meu novamente, Krystof. Em ninguém.

Ele passou por entre os seus vampiros, levando Simon à sua frente, sentindo os outros se aproximarem de suas costas. Emelie liderou o caminho até às escadas e através da cozinha, não parando até que eles estavam na rua.

— Sinto muito, meu senhor. — Simon estava dizendo miseravelmente. — Fui estúpido e me distraí. Não os vi até que estavam em cima de mim e...

— Não se preocupe com isso, Simon. — disse Raj. — Se não fosse você, teria sido outra pessoa. — Ele consultou o relógio e viu que ainda tinha algum tempo para parar e arranjar um doador antes que o sol o forçasse a voltar ao seu covil. Ele usaria um dos bares; Eles estavam sempre mais lotados do que os clubes que estavam abertos durante a semana, e era tempo dele superar essa fixação que tinha por Sarah. — Emelie. — ele disse, — dê a Yossi uma ajuda e leve Simon de volta ao armazém. Vou...

O telefone de Em tocou. Ele franziu a testa, mas sacudiu a cabeça, dizendo-lhe para atender. Droga, ele precisava ir antes que ficasse muito tarde.

Ele viu o rosto de Em cair, viu-a se virar para ele, seus olhos arregalados de medo.

Capítulo 39

— Maldição! — Raj rosnou. — No que diabos ela estava pensando?

Em estava ao telefone falando rapidamente, enquanto Raj dirigia feito um louco, passando sinais vermelhos e gritando nas curvas. Sarah estava na casa de sangue de Kent. Sarah que era tão suscetível à sugestão dos vampiros que quase teve um orgasmo depois de dançar com ele por cinco minutos naquele maldito clube em Manhattan. *Condenada.* Ele a avisou sobre os perigos, mas isso a tinha parado? Não. É claro, a culpa era pelo menos em parte dele. Ele deveria ter pensado melhor antes de dar-lhe qualquer pequena informação, devia ter sabido que ela iria...

Em desligou e discou outro número. Raj olhou-a. — Se certifique que é ela. — Em estava dizendo. — Se parecer que ele vai afundar as presas nela você deve detê-lo. Não me importa o que é necessário. Estaremos aí em quinze minutos. — Ela desligou e deu-lhe um olhar preocupado. — Era Yossi. Ele e Gino já estão na casa de sangue. Yossi está no interior.

Maldito Kent. Ele mataria aquele filho da puta se Sarah tivesse sequer um arranhão sobre ela. Ele deu uma guinada sobre duas rodas e pressionou o pedal do acelerador, sentindo a sua raiva crescer com cada milha que passava. — Que merda ela estava pensando? — Ele repetiu.

— Provavelmente que se você não lhe contaria nada, ela descobriria por si mesma.

Raj rosnou baixo, poupando-a de um olhar frio. — Não abuse da sua sorte, Em.

Ela deu de ombros. — Não sei porque você está jogando este jogo com ela ou com você mesmo. Você a quer, então pegue-a.

— Foda-se. — Ele bateu com o punho no volante e teria o quebrado em dois se ele não tivesse recuado no último segundo. — Sou um fodido vampiro. Você acha que isso é o que ela quer? Acordar todas as noites para um homem morto que bebe sangue para sobreviver? Além disso, ela me acusou de fazer masturbação mental em Jennifer Stewart, pelo amor de Deus.

Era difícil para ele admitir que a mulher com quem estava obcecado — a primeira mulher desde a sua transformação que significava mais para ele do que apenas uma rápida refeição — pensou que ele era capaz do ato mais hediondo que um homem pode cometer.

Em estava o encarando, mas ele ignorou-a. — Sarah errou. — Em disse pacientemente. — Ela admitiu-o. Ela não entendia as coisas que fazemos, não naquela altura de qualquer maneira. E quanto ao resto... Raj, meu amigo, você é um dos melhores homens que eu conheço. Uma das melhores pessoas que já conheci. Então você é um vampiro, e daí? Eu também sou. E Sarah tem idade suficiente para tomar as suas próprias decisões. Ela é uma maldita professora universitária, por Deus. Você não tem o direito de tomar essa decisão por ela.

— Se ela foi tocada de alguma maneira, eu vou destruir todos que estiverem naquela maldita casa. — ele rosnou.

— Eu sei.

Gino estava esperando por eles lá fora, parado nas sombras perto da porta. Ele desceu da varanda com um salto, encontrando-os na metade do caminho, seu olhar repousando cautelosamente em Raj. Gino era um vampiro forte, fisicamente poderoso e destemido. Mas ele deu uma olhada na fúria que aparecia no rosto do seu mestre e se ajoelhou, falando para o chão. — Ela ainda está lá, meu senhor. Yossi está com ela.

Raj agarrou Gino pela frente da sua jaqueta e arrastou-o para seus pés. — Com ela como?

— Guardando-a, meu senhor. — Gino insistiu. — Apenas observando. Os outros estão... — Seus olhos se arregalaram com medo quando Raj o aproximou dele, suas presas estavam totalmente estendidas e os seus olhos brilhavam num azul gelado. — Mestre. — ele guinchou.

Em estendeu a mão e agarrou o braço de Gino, puxando-o para fora do alcance de Raj e jogando-o atrás dela. — Isto é um desperdício de tempo, meu senhor. Precisamos entrar. — Ela deu a Raj um empurrão que mais ninguém teria ousado e tentou andar na frente dele, mas ele rosnou para ela, caminhando para a varanda e entrando na casa, ignorando o protesto de Em. — Pode ser uma armadilha!

— Jesus, Em. — Gino queixou-se enquanto seguia-o através da porta. — Você acha que eu ia deixá-lo entrar em uma armadilha?

— Apenas cubra as nossas costas. — Em disse.

Estava quase tão escuro no interior como estava no exterior. A iluminação por cima de suas cabeças tinha sido ofuscada até que as pequenas lâmpadas quase não brilhavam, mesmo para a visão de um vampiro. A música era alta o suficiente para dar aos seres humanos uma falsa sensação de anonimato no meio da multidão, mas não o suficiente para incomodar os vizinhos. Ele ouviu Gino dizer por trás dele — Sempre em frente, meu senhor, para o quarto dos fundos.

Raj seguiu em frente, ciente dos seres humanos e vampiros que corriam para sair do seu caminho, deixando uma onda de sua ira bater de leve em quem não se moveu rápido o suficiente. Alguns dos vampiros o

conheciam pessoalmente, outros só reconheceram o peso do seu poder. Mas todos eles se dispersaram. Um ou dois dos seres humanos mais ignorantes se opuseram em voz alta, suas palavras interrompidas pela mão apertada de algum vampiro sobre a boca do insano.

Raj estava ciente de tudo e ao mesmo tempo de nada, sua mente completamente ocupada com a imagem de Sarah escondida em algum espaço privado, embriagada com a sobrecarga química dos feromônios dos vampiros que ele podia sentir obstruindo o ar da casa de sangue.

Ele caminhou através do corredor estreito e foi para o grande quarto traseiro que fora outrora o quarto de alguém da família. Estava igualmente lotado aqui atrás, mas os seres humanos eram mais corajosos, mais utilizados pelos vampiros com posições elevadas. Uma mulher, sombriamente bela e voluptuosa, pensou oferecer-se para Raj. Ele olhou-a, mal compreendendo o que estava vendo, e então ela se foi, puxada para longe por Em ou outro alguém. Ele não se importou com isso porque de repente ele viu uma mecha de cabelo loiro no meio da multidão e ouviu um riso melodioso que lhe era familiar. Ele viu uns dedos grossos passearem através daquele cabelo para segurar a parte traseira de seu pescoço. E tudo o resto foi perdido em seu rugido de desafio.

Raj atravessou a pista de dança lotada como um tornado, jogando corpos fora do seu caminho até que chegou a Sarah. Agarrando-a pela cintura, ele colocou-a atrás dele, vagamente consciente de que Em estava lá para levá-la. Com o mesmo movimento, ele impulsionou a mão em direção ao vampiro que ousara tocar em Sarah e empurrou-o através do quarto, fazendo-o bater na parede com um estalo alto. O vampiro era tão grande quanto Raj, com longos cabelos escuros que pendiam em cachos sobre os ombros e olhos escuros que queimavam vermelhos de raiva por sua presa ter sido roubada dele. Ele uivou sua fúria e colocou-se de pé, presas totalmente distendidas, levando um punho carnudo à mandíbula de Raj. Raj não se incomodou em abaixar-se, apenas deu um pequeno balanço, deixando o punho acertar nada mais que ar e mal sentindo o impacto do braço grosso do vampiro em seu ombro. Mandando o seu próprio punho ao intestino de seu oponente, ele agarrou a garganta do vampiro e deixou uma onda de poder colocá-lo sobre seus joelhos.

Os olhos do vampiro se arregalaram de dor e choque quando o poder de Raj o atingiu, que foi quando o seu cérebro finalmente registrou quem o estava atacando. Algum instinto animal de autopreservação surgiu e um confuso som de lamento saiu de sua garganta, um apelo por compreensão, por misericórdia.

— Raj. — Em disse atrás dele, sua voz mal ouvida acima da raiva que martelava em sua cabeça. — Meu senhor. — ela gritou, mais alto desta vez e ele deu um grunhido irritado por cima do seu ombro sem largar a sua vítima.

— Ele não poderia ter sabido, Raj. — Em disse atentamente, e depois com maior urgência — Meu senhor, estas são as *suas* pessoas.

— Ainda não, eles não são. — ele disse.

— Senhor Rajmund! — Ela exigiu, sua voz dura com condenação.

Ele olhou para o vampiro aterrorizado que estava de joelhos diante dele, pensando, depois de dias a brincar de política com o Krystof e com os policiais, como seria boa a sensação de rasgar a garganta desse vampiro fora, de provar o seu sangue e deixar de lado o seu corpo sem vida para que virasse pó diante dele. Ele ficou ciente de que o quarto estava mortalmente silencioso, que todos os seres humanos tinham ido, empurrados para longe pelos poucos vampiros que ainda conseguiam pensar racionalmente diante do estrondoso poder de Raj. Ele levantou os olhos e examinou os rostos dos vampiros que ficaram. A maioria se recusou a olhar para ele, seus olhos se afastando dele, alguns chegando ao ponto de se deixarem cair a um joelho em submissão. Outros estavam ansiosos, antecipando o frenesi que se seguiria se Raj matasse o vampiro de cabelos escuros. Ele segurou o olhar daqueles até que cada um deles tinha caído de joelhos, curvando-se diante do seu poder maior.

Mas havia alguns, muito poucos, que se ajoelharam submissamente, mas que também observaram. Eles sabiam quem ele era, sabiam que ele seria provavelmente o seu próximo senhor, e eles estavam julgando-o, esperando para ver que tipo de senhor ele seria. Raj queria uivar de frustração.

Ele olhou para o vampiro de cabelos escuros, viu terror e resignação nos seus olhos. — Foda-se. — ele rosnou. Ele puxou de volta o seu poder e libertou o vampiro, deixando-o cair no chão onde ele tossiu e ofegou por ar.

— Perdoe-me, meu senhor. — ele respondeu asperamente.

Raj girou para longe e pegou Sarah de Yossi, que estava a segurando cuidadosamente longe do seu corpo, deixando claro que ele era apenas um zelador e nada mais. — Foda-se, também, Em. — Raj estalou quando passou por ela, puxando Sarah para fora do quarto e pelo corredor.

Ele esperava que Sarah lutasse, que protestasse contra o seu agarre brusco, mas ele não tinha contado com a sobrecarga de feromônios de vampiros ou sua suscetibilidade a eles. Em vez de lutar, ela colocou os braços ao redor do seu pescoço e começou a abraçá-lo, esfregando os seus macios seios fartos contra o seu peito. — Pare com isso, Sarah. — ele murmurou, constrangido por ela.

— Raj! — Ela disse em deleite, como se percebendo quem estava segurando-a. — O meu vampiro favorito!

— Cristo. — ele murmurou. Ele reforçou o seu domínio sobre ela, gemendo quando ela deu um pequeno salto e envolveu as pernas ao redor de sua cintura. Ele podia sentir o calor dela contra o seu quadril, podia sentir o cheiro familiar do seu cabelo, seu perfume. Seu próprio corpo, que já estava acelerado devido à adrenalina, reagiu à sua presença e ele amaldiçoou em voz baixa. Ele precisava levá-los para bem longe deste lugar.

Kent pisou na frente dele, caindo de joelhos. — Perdoa-me, meu senhor, não tinha ideia de que ela era... — Sua voz foi silenciada pelo aperto forte do poder de Raj, que tirou o seu fôlego sem nem o tocar.

— Você sabe agora, seu bastardo. — Raj rosnou e libertou Kent que cedeu quase até ao chão, ofegando severamente. — Em! — Raj rugiu por cima do ombro e saiu da casa, meio que carregando Sarah que agora estava beijando-o, passeando os lábios macios ao longo do seu pescoço, sua língua mergulhando em seu ouvido e saindo novamente.

Caminhando para o BMW, ele tentou livrar-se do emaranhado de braços e pernas sem machucá-la. Ela começou a rir, como se esse fosse um jogo divertido, deixando-o puxar um braço para longe apenas para substituí-lo quando ele se mudou para o outro, caindo para os seus pés de forma obediente quando ele exigiu, e em seguida pulando para cima novamente quando ele chegou ao carro, forçando-o a pegá-la ou deixá-la cair em sua bunda. Ele ficou tentado a fazer exatamente isso, mas Emelie e os outros tinham saído da casa e estavam assistindo todo o circo. Pelo menos ninguém mais ousou aventurar-se fora, ele pensou com gratidão.

Mas enquanto Yossi e Gino estavam conscientes da raiva que Raj mostrou anteriormente e mantiveram o rosto cuidadosamente em branco, Em não se preocupou em esconder a sua diversão. — Você pelo menos devia marcá-la se for agir como homem das cavernas com ela, meu senhor. — ela comentou.

— Sim, Raj. — Sarah sussurrou. — Você devia pelo menos... — Suas palavras foram substituídas por um som agudo quando Raj a pegou e jogou-a em seu carro.

Em sufocou uma risada, mas Raj não achou graça e deixou que ela soubesse disso. — Vejo você amanhã à noite. — disse ele friamente. — No armazém.

Em ficou sóbria imediatamente, parecendo perceber pela primeira vez quão zangado ele ainda estava. — Raj. — disse ela, tocando em seu braço. — Talvez você deveria deixar-me...

Ele olhou para sua mão e ergueu um frio olhar azul para o seu rosto. — Você acha que eu vou machucá-la, Emelie?

Em puxou a sua mão para trás e a sua boca se apertou por alguns instantes. — Não. — ela afirmou.

— Então te verei amanhã.

Ele entrou no carro e fechou a porta. — Coloque seu cinto de segurança. — ele ordenou a Sarah.

— Talvez eu não queira...

— Ponha a porra do cinto de segurança ou farei isso por você, e nós dois sabemos que eu posso.

Sarah mostrou a língua para ele e colocou o cinto, sentando em silêncio de braços cruzados enquanto Raj acelerou para longe da casa de sangue, seus pneus cuspindo sujeira na estrada.

Capítulo 40

Raj estava indo demasiado rápido quando ele entrou na garagem estreita. Seus pneus giraram sobre a superfície lisa quando ele pisou no freio e o para-choques beijou a parede mais adiante. Seu sangue ainda estava fervendo, a adrenalina continuava correndo através do seu sistema. Era difícil tentar se livrar do efeito da adrenalina após um confronto como o da casa de sangue, mas era ainda mais difícil fazer isso quando as mãos delgadas de Sarah estavam passeando por todo o seu corpo enquanto ele dirigia pelas ruas de Buffalo.

— Pare com isso, Sarah. — disse ele pelo que parecia a centésima vez. Sua resposta foi a mesma de antes – uma gargalhada suave e ronronada que fez seu pau ficar duro e suas presas doerem.

Ele abriu a porta do carro com uma maldição rosnada e marchou até o lado dela. Ela não se moveu, nem sequer soltou o seu cinto de segurança. Rangendo os dentes contra o que ele sabia que ia acontecer, ele estendeu o braço e soltou o cinto, não ficando surpreso quando sentiu os dedos dela percorrendo o seu estômago e entre as suas pernas.

— Oooooh. — ela balbuciou. — Isto é para mim?

— Jesus Cristo. — Raj tirou-a do carro, apoiou-a por tempo suficiente para introduzir o seu código de segurança, então jogou-a por cima do ombro

e impulsionou-os grosseiramente através da porta. Ele esperou até que ouviu o encaixe do bloqueio fechar atrás dele, introduziu um segundo código no painel interior e levou-a escada abaixo, abrindo a porta da abóbada antes de colocá-la lá dentro.

Surpreendentemente, ela parecia ter ficado cansada, inclinando-se contra ele com um pequeno suspiro e descansando a cabeça dela contra o seu peito, os braços enrolados na sua cintura por baixo da sua jaqueta. Raj olhou para a cabeça loira dourada contra o negro da sua camiseta, o rosto escondido por trás de seu cabelo caído. — S arah? — Ele disse em voz baixa.

— Mmmm?

— Você ainda está comigo?

Ela riu suavemente e fez um pequeno movimento de torção com seus quadris, lembrando-o que ele ainda estava duro como uma rocha contra a sua barriga. Ele colocou-a de lado e ativou o seu sistema de segurança diurno, voltando-se para encontrá-la o observando, seus olhos cor de avelã ardendo com emoção, suas manchas de ouro cintilando pelo brilho das lâmpadas. Ela deixou cair o casaco no chão e, pela primeira vez, ele percebeu o que ela estava vestindo. Jeans desbotados que se agarravam a suas pernas e quadris como uma segunda pele, mostrando as coxas firmes e aquela maravilhosa bunda em forma de coração. Seus peitos eram exibidos por um top sem alças de cetim vermelho que contrastava com a sua pele pálida, apertado o suficiente para que os cheios montes saltassem de forma convidativa. Ele queria fechar os olhos contra a tentação, mas não conseguiu convencer-se a fazê-lo.

Sarah viu que ele estava observando e passou um dedo provocador ao longo do top vermelho, descendo a mão em um movimento de carícia até que ela descansava em sua cintura. Ela sorriu. — Finalmente nos encontramos, Raj.

— Não, Sarah. — ele disse baixinho.

— Por que não? — Ela perguntou docemente. — Eu sei que você quer. Vamos lá, *querido.* Vamos foder.

Sua ira voltou rapidamente. Ele estava furioso por ela ter se colocado em perigo, furioso por ela tê-lo obrigado a mostrar o seu poder antes que ele estivesse pronto. — Quando eu te foder — ele rosnou. — Não será porque você está agindo como uma cadela no cio por causa do cheiro de um bando de cachorros vira-lata.

Sarah se sacudiu como se ele tivesse lhe dado um tapa, seus olhos se encheram de lágrimas, dor estava escrita sobre cada centímetro de seu rosto. — Isso foi cruel. — ela sussurrou — mesmo para você.

Foi cruel. Cruel e injusto. Ele sabia disso, mas que se dane se ia pedir desculpas, não depois dela ter feito aldo estúpido como ir à casa de sangue. Ela sabia que as outras mulheres tinham sido levadas de casas de sangue. Ela tinha visto o tipo de segurança que ele tinha arrumado para a sua protecção no armazém, e ainda tinha saído sozinha, só para provar que podia.

— Quero ir para casa. — disse ela em voz baixa.

— É uma pena. — Ela olhou-o com desânimo. — Está quase a amanhecer. — ele explicou.

— Mas. — ela olhou ao redor, como um animal preso que procurava escapar. — Apenas abra a porta. Posso...

— Eu não penso assim. — ele disse com desdém. — Você deve tomar uma ducha— disse ele, gesticulando em direção ao banheiro. — Tenho algumas roupas que você pode colocar.

— Tudo bem. — ela disse com aquela voz pequena, como se ela quisesse desaparecer. Isso o enfureceu porque ele sabia que tinha sido ele que a tinha feito se sentir dessa maneira. Sentia-se como um idiota enquanto a observava se afastar, assistindo-a chutar os sapatos e andar descalça para o banheiro que estava com a porta semiaberta, fechando-a atrás dela com uma exalação.

Ele já havia mudado de roupa pelo tempo que ela saiu. Ela estava vestindo o moletom que ele tinha colocado no lado de dentro da porta, mas

não as calças. Suas pernas estavam nuas, mas o moletom descia até os seus joelhos, como se fosse uma camisola. Suas roupas. Ela estava vestindo as *suas* roupas. E quando ela foi forçada a se aproximar, a fim de chegar à cama, ele pôde sentir o cheiro de seu sabão em sua pele. Em estava certa. Se ele a queria, ele precisava fazer algo sobre isso. E se não, ele precisava deixá-la ir.

— Você pode ficar com a cama. — disse ele delicadamente, tentando fazer as pazes. — Ficarei no sofá.

— Não importa. — ela disse, novas lágrimas rolando pelo seu rosto. — Provavelmente nem vou dormir.

— Claro que vai.

Seu olhar de confusão foi a última coisa que ele viu antes que ela caísse em seus braços. — Desculpa, querida — ele sussurrou, — mas não posso correr o risco de você acordar antes de mim. — Ele levou-a para a cama e aconchegou-a, escovando uma mecha de cabelo dourado para fora do seu rosto. — Durma bem.

Ele se deitou no sofá de couro, requintadamente ciente de Sarah dormindo em sua cama a apenas alguns metros de distância. Ele rolou uma ou duas vezes, sentou-se e mudou para o outro lado, tentando encontrar uma posição confortável. Ele deitou-se e deu-o como uma causa perdida. Depois que o sol nascesse, não importaria de qualquer maneira.

Capítulo 41

Raj acordou com fome e com tesão, com a solução para ambos os seus problemas ali deitada em sua cama, toda quente e cheia de saúde. Ele levantou-se lentamente, alongando cada músculo, ouvindo seu pescoço ranger por ter passado o dia no sofá desconfortável que era demasiado curto para ele. Ele atravessou o quarto e se colocou sobre ela no escuro quase perfeito de seu santuário interior, observando-a dormir. Ele podia ouvir cada batida de seu coração, podia sentir a umidade de cada respiração, o calor do seu corpo aquecendo os frios lençóis de sua cama. Tinha sido um erro trazê-la aqui. Um erro ainda maior foi trazê-la quando ele tinha ficado tanto tempo sem se alimentar. Ele pretendia fazer uma parada e se alimentar na noite passada, mas então tinha recebido a chamada a avisar que Sarah estava na casa de sangue e agora... aqui estava ela.

Memórias encheram a sua cabeça — da dança dela com o vampiro de cabelos escuros, o corpo dela esfregando-se contra o dele, as mãos dele sobre o corpo dela. Raj fechou os olhos contra uma onda renovada de raiva. Quando os abriu, ela continuava lá, ainda dormindo. Ela era sua. Por que não tomá-la?

Suas presas se alongaram ansiosamente, emergindo de entre os seus lábios. Ele abriu a boca para estender a sua mandíbula. Como se consciente do perigo que espreitava sobre ela, Sarah murmurou em seu sono e se virou.

O cheiro dela viajou até ele, delicado e doce, misturado com o aroma de seu sabão, de sua roupa. Seu pau cresceu duro e pesado, alongando-se sem restrições na calça solta que ele colocou só porque ela estava com ele. Ele resmungou baixinho, ciente de um brilho azul frio no quarto, a luz de seus olhos, queimando com o calor de duas fomes diferentes.

Seu telefone celular tocou. A bem-vinda distração. Ele atravessou o quarto e verificou o identificador de chamadas. Era Emelie. É claro. Ela provavelmente estava preocupada com ele. Ou talvez com Sarah.

Raj não atendeu. Que ela pensasse que ele estava no chuveiro, o que ele estaria em breve. Ele pegou um par de jeans e caminhou até o banheiro sem olhar para a cama, fechando a porta antes que pudesse pegar outro vislumbre da tentação que estava deitada ali.

O chuveiro acordou Sarah. Pelo menos ela pensou que era isso. Não havia outro ruído no quarto, e embora as luzes fossem baixas, era o suficiente para que ela pudesse ver. A porta do banheiro estava fechada e ela se sentou, puxando as cobertas com ela. Ela não lembrava de ter adormecido, mas ela se lembrava de todo o resto. Seu corpo inteiro corou com constrangimento quando ela lembrou de Raj entrando pela sala lotada, indo resgata-la de sua própria estupidez.

Ela não tinha ideia de como a casa de sangue seria, não tinha sequer considerado que podia ter um efeito afrodisíaco tão forte no ar em si. Ela lembrou-se de Raj dizendo algo sobre isso em seu clube em Nova Iorque. Quando ela teve aquele... o que quer que tivesse sido, ali mesmo na pista de dança. Mas ela pensava que tinha sido uma reação ao próprio Raj. Estúpida.

Mas não era tudo culpa dela. O que ele pensava que ela iria fazer, sentar-se naquele armazém estúpido como um cão esperando o seu mestre vir acariciar a sua cabeça? Se ele apenas lhe dissesse o que estava

acontecendo, ou melhor ainda, se ele tivesse concordado em visitar as casas de sangue com ela como ela queria, nada disso teria acontecido.

Honestidade a obrigou a admitir que tinha sido descuidada, entretanto. Ela percebeu que a partir do minuto em que ela entrou na casa, começando com a renúncia que eles a fizeram assinar, a avaliação era dos vampiros na porta. Ela soube imediatamente o que todo mundo achou que ela queria. Era a mesma coisa que todo mundo ali queria. Sexo e sangue. Não que ela teria se importado com um pouco de sexo e sangue, era só que ela queria Raj e apenas ele. Mas ele não a queria. Ou ele não *queria* querê-la, o que era a mesma coisa. Especialmente quando o vampiro em questão era o senhor estou-no-controle Raj.

Os outros vampiros pareciam gostar dela o suficiente. O vampiro de cabelos escuros tinha estado sobre toda ela. *Oh, seja honesta, Sarah, você estava sobre todo ele também.* Era por isso que ela raramente bebia. Isso fazia as pessoas estúpidas. Mas ela teve um gosto na noite passada do que se sente ao estar bêbado, e não tinha sido de todo ruim. Pela primeira vez em sua vida, ela não tinha se preocupado com a sua estatura baixa ou com os seios muito grandes. Não tinha temido que o rapaz legal que estava sentado ao seu lado pudesse ser um estuprador ou algum outro tipo de aberração que só queria segui-la até casa e fazer coisas horríveis com ela. Tinha se sentido bem, ou pelo menos tinha sido bom até que Raj apareceu e a fez sentir como uma completa prostituta. Uma completa prostituta *indesejada*.

A porta do banheiro se abriu, jogando salpicos de luz no quarto. Ela se encolheu para longe da luz que ficou mais forte quando Raj surgiu, vestindo apenas calças. Eles eram jeans pretos, pendurado na em seus quadris com o botão aberto e o zíper apenas meio fechado. Seu peito estava nu e úmido. Sarah engoliu um suspiro pelo modo como ele era lindo. Seus ombros eram largos e grossos com músculos, peito bem definido, afinando até a cintura estreita e barriga dura e plana. Sua pele dourada brilhava pela luz do banheiro, e uns poucos cabelos loiros encaracolados que eram quase invisíveis salpicavam o seu peito antes de descer direto para a abertura de sua calça desabotoada.

Seu olhar viajou até o rosto dele e encontrou seus olhos azuis gelados olhando para ela. Eles estavam brilhando um pouco, como faziam quando ele

estava com raiva, e ela puxou as cobertas mais para si, feliz com a sua frágil proteção. Ela se sentiu de repente como um pequeno animal sob o olhar de um predador, uma imagem infeliz. Ela franziu a testa e sentiu sua própria raiva endurecer a sua determinação. Ela *não* era um animal, ela não era presa de ninguém, e ela, por Deus, também não era uma prostituta.

— Raj. — ela disse friamente. Foi um reconhecimento de sua presença, nada mais.

— Sarah. — Sua voz era baixa e rouca, e definitivamente usada para intimidar. Aparentemente, ele ainda estava chateado com ela. Bem, uma pena.

Convocando a sua coragem e a sua voz mais fria, Sarah disse. — Se você terminou, eu gostaria de usar o banheiro.

Ele piscou. E piscou novamente. Ele não disse nada, mas deu dois passos para longe da porta do banheiro, desimpedindo o caminho para ela passar.

Sarah saiu da grande cama, tomando cuidado para manter o moletom de grandes dimensões que ela estava usando — um dos *dele*, obviamente — de subir. Ela teve um momento de dúvida quando passou correndo, eles estava parado lá todo grande e bonitão e brilhante para baixo para ela. Mas ela continuou em movimento e rapidamente fechou a porta entre eles. Uma vez lá dentro, ela encostou-se na porta fechada e soltou um suspiro de alívio. Isso não tinha sido tão difícil. Então ele era um vampiro mau e grande. Os seus asseclas podiam correr por aí obedecendo as suas ordens, mesmo Emelie se prostrava ao seu mal-humor, mas Sarah não precisava fazer isso. Ele deixou claro que não havia nada entre eles, então quem era ele para dizer-lhe onde podia e não podia ir? Se ela quisesse ir a cada casa de sangue da cidade e dançar a noite toda, não era da conta dele. Inferno, talvez ela dissesse isso a ele. Isso seria um choque para ele, não é? Uma humana fraca lhe dizendo onde ele poderia enfiar sua besteira de macho? Ele deveria voltar para Manhattan e para todas aquelas mulheres bonitas. Elas provavelmente caíam todas em cima dele, fazendo fila para abrir suas veias e suas pernas também.

Pelo tempo que ela tinha terminado o seu banho rápido e encontrado uma escova de dentes fechada para usar — e o que era *aquilo*? Ele trazia mulheres estranhas aqui o tempo todo para ter que manter uma escova de dentes de reposição à mão? — ela estava pronta para o confronto que sabia que iria acontecer. Ele provavelmente esperava que ela estivesse toda apologética e envergonhada. Bem, pense mais uma vez, menino com presas.

Ela encontrou os seus jeans ainda pendurados na parte de trás da porta onde os tinha deixado na noite anterior. Eles estavam um pouco úmidos por estarem pendurados lá por dois banhos, mas com um pouco de esforço ela finalmente conseguiu colocá-los. Ela se sentia um pouco desconfortável, é claro, mas era melhor do que não ter nada em absoluto. Ela deu uma olhada no apertado corpete de cetim vermelho que tinha usado, pensou em se apertar nele novamente, e puxou o moletom de Raj sobre sua cabeça em vez disso. Era solto o suficiente para que ela pudesse ir sem sutiã na curta viagem de volta para sua casa. Não haveria ninguém para vê-la além de Raj, e ele não estava interessado de qualquer maneira.

Ela respirou fundo, deixando o ar entrar e sair de seus pulmões para aliviar o stress, e depois abriu a porta do banheiro.

Raj estava de pé no outro lado do quarto, perto do armário, quando a porta do banheiro se abriu e Sarah saiu de lá. Ela começou imediatamente a procurar por alguma coisa, ignorando-o completamente. Isso o surpreendeu. Isso e a sua atitude. Ele esperava embaraço, mesmo vergonha. Ele achava que ela iria escorregar para o quarto silenciosamente, tão dominada pela culpa que não iria sequer olhar para ele. Ele poderia ter lidado com isso, tinha até mesmo se preparado para tornar a coisa mais fácil para ela e fingir que eles podiam esquecer aquela noite humilhante. Mas lá estava ela, marchando ao redor, puxando as roupas de cama para o lado, murmurando baixinho e curvando-se naqueles malditos jeans apertados de uma maneira que era muito perigosa. Para os dois. Ele já estava pendurado por um fio no que lhe dizia respeito.

Ela encontrou os seus sapatos, colocando-se primeiro em um pé e depois mudando para outro, deslizando assim os sapatos em seus pés. Ela ficou instantaneamente vários centímetros mais alta, e suas pernas pareciam muito mais longas. Ele quase gemeu.

Ela finalmente olhou para ele. — Eu gostaria de ir agora.

— Vou levá-la para o armazém. Em pode providenciar... — Ele parou e olhou para ela. Ela estava fazendo algo com a mão, segurando-a em direção a ele e abrindo e fechando os dedos e o polegar como um fantoche falando ou alguma coisa. — Que porra é essa? — Perguntou ele.

— Isso, oh grande vampiro, é *blah, blah, blah*. Preciso saber onde está o meu carro, com minhas coisas nele, e então vou para casa. Se você não quer me levar lá, você pode simplesmente abrir essa porta idiota e me deixar sair desta masmorra. Pegarei um táxi. Talvez você se surpreenda ao saber que eu consegui me virar por vários anos com...

Ela parou no meio da palavra, finalmente em silêncio pelo choque que foi ver que ele estava a apenas alguns centímetros de distância dela, os seus sentidos humanos falhando quando não o viram se mover.

— Tenha cuidado, pequenina. — ele alertou. — Você não quer me testar. Não hoje.

Seus olhos escurecidos de raiva, estreitaram quando ela encontrou o olhar dele uniforme apesar de sua surpresa. — Sério? E porque, Raj? Estou cansada de você pensar que tem o direito de me controlar. Você não é meu namorado e você com certeza não é meu guarda, então que eu saiba, você não tem nenhum direito sobre mim. Como diz a canção, você não me quer para si mesmo então deixe-me encontrar alguém, Raj. É agora ou nunca. Hora de...

Ela deu um grito assustado quando Raj colocou um braço à volta da sua cintura e a levantou fora de seus pés. Ele enroscou os dedos de uma mão pelos cabelos e puxou-os para o lado, liberando a longa linha de seu pescoço. — Então eu escolho agora. — ele rosnou.

Sarah gritou quando Raj afundou suas presas na pele de veludo de seu pescoço e perfurou a parede frágil de sua jugular. Seus gritos se transformaram em gemidos de prazer e o sangue começou a fluir, quente e doce, assim como ele sabia que seria. Ela colocou os braços em torno dele, embalando a sua cabeça, segurando a sua boca contra aquela veia. O primeiro orgasmo estremeceu através de seu corpo e ela sussurrou o seu nome mais e mais, até que ela estava mole em seus braços.

Ele ergueu a cabeça para longe do pescoço dela e lambeu a ferida para fechá-la, saboreando o buquê de seu sangue, o gosto de sua pele. Ela se aninhou contra ele com um suspiro satisfeito e ele a levantou mais alto, pegando sua bunda com as duas mãos e caminhando em direção à cama.

— Não fique demasiado confortável, coração. — Ele murmurou. — Estou longe de terminar com você. — Ele a deitou na cama e jogou longe o moletom que ele lhe tinha dado, saboreando a visão de cada centímetro de pele quando esta ficou exposta. Ele gemeu com a visão de seus seios, cheios e pesados, com mamilos e aréolas tão levemente rosadas que ele mal conseguia dizer onde eles terminavam e começava a sua pele pálida. Incapaz de resistir, ele abaixou a cabeça para prová-los, provando cada mamilo duro e redondo, sentindo-os crescer na sua boca como uma suculenta fruta madura. Traçando o contorno de seus seios com a língua, ele se moveu mais para baixo em seu corpo, desabotoando os jeans apertados, rolando-os pelos seus quadris.

Ela se arqueou contra suas mãos quando ele deslizou as calças jeans mais para baixo com as pernas, fazendo com que a fenda de seu sexo ficasse à vista, suave e aveludada, mas com um pequeno pedaço de macios cachos loiros no topo de seu monte. Ele puxou as calças e as jogou longe, então se levantou e tirou os seus próprios jeans.

— Abre as pernas para mim, Sarah. — ele murmurou, baixando-se na cama, deslizando suas coxas por baixo das dela. Sarah mordeu o lábio, mas abriu as coxas o suficiente para que as pernas dela ficassem sobre as suas. Ele riu baixo em sua garganta, quase rosnando quando ele colocou as mãos sobre os joelhos dela, correndo os dedos por dentro de suas coxas. — Mais um pouco, pequenina.

Ela ofegou, seu corpo inteiro corou de vergonha quando ele a estendeu bem aberta para seu olhar. — Que buceta bonita. — Ele molhou um dedo em sua boca e depois deslizou-o através de sua fenda, abrindo-a ainda mais para sua inspeção. — E tão molhada para mim. — Ele respirou o doce aroma de sua excitação e cantarolou com prazer.

— Raj! — Ela protestou, mas o corpo dela a entregou, suas costas arqueadas com prazer, os mamilos rechonchudos implorando por atenção. Seu dedo viajou até o botão duro do seu clitóris e permaneceu lá, observando-a tremer de desejo enquanto ele circulava-o uma e outra vez. — Raj. — repetiu ela, mas num sussurro desta vez, cheio de saudade.

Querendo, precisando provar tudo dela, ele enterrou o rosto entre suas pernas, sua língua substituindo seus dedos, seus sucos fluindo, o clitóris pulsando quando ele a levou a orgasmo após orgasmo, até que ela gritou o seu nome, com os dedos cerrados em seus cabelos, se sacudindo espasmodicamente como se não soubesse se o forçava mais perto ou se o mandava embora. Sua língua continuou a explorá-la, degustando cada novo vale secreto, enquanto seus longos dedos grossos brincava com ela do interior, a fodendo, a atormentando, lhe mostrando o que estava por vir. Ela tremeu sob seu ataque, encharcada com os sucos de seu último clímax, sua voz rouca de tanto gemer, que foi mais do que ele pôde contar. Ela gemeu mais uma vez, sua cabeça batendo de lado a lado. — Raj. Por favor.

Ele circulou o seu clitóris com a língua mais uma vez antes de levantar a cabeça o suficiente para perguntar — Por favor, o que, pequenina?

Ela estremeceu debaixo dele. — Preciso de você dentro de mim. Por favor.

Ele deslizou par cima do corpo dela, esfregando o seu queixo, o seu peito, o comprimento de seu pênis duro contra o clitóris sensibilizado. — Diga-me o que você quer, Sarah. — ele exigiu.

Ela olhou-o, aqueles olhos cor de avelã estavam escuros de fome e cheios de lágrimas. — Me foda, Raj. Por favor, me foda.

Ele a premiou com um sorriso lento e satisfeito, abrindo as pernas dela amplamente ao redor de seus quadris quando ele afundou entre as suas coxas. Não havia necessidade de preliminares. Ela estava molhada e pronta para ele. Mas ela era pequena. E ele não. Ele deslizou dentro dela com um golpe longo e lento, sentindo a resistência do seu corpo quando este abriu espaço para ele. Ela estava apertada. Tão apertada. Ela ofegou em voz alta, seus dedos apertando contra seus braços, os músculos de seu túnel escorregadio e quente apertando o seu pau como protesto pela invasão repentina. Ele parou por alguns segundos, deixando o corpo dela se ajustar ao seu tamanho, e depois começou a se mover com cuidado dentro e fora, indo mais fundo a cada estocada até que seus músculos internos se suavizaram em torno dele, acariciando-o num abraço acolhedor.

Ele empurrou duro, afundando-se nela até ao punho quando ele começou a fodê-la a sério, dirigindo dentro e fora, mantendo-se acima dela com os braços, olhando seu rosto, segurando o seu olhar com cada estocada de seu corpo. Ela estava murmurando seu nome, perdida em prazer, sua pele brilhando superaquecida com suor quando ela se arqueou para cima para encontrá-lo. Ele lambeu sua pele, saboreando ainda mais o gosto dela, salgado e quente. Ela levantou os joelhos ainda mais e ele os empurrou contra o peito dela para que assim ele pudesse ir ainda mais fundo. Ela gritou e o puxou para mais perto, as unhas cavando em suas costas.

Ele rosnou o seu prazer e acelerou ainda mais, seu corpo pequeno levantando com cada golpe baixo, seus seios balançando, os mamilos tão duros e grandes como cerejas, e ela estava corada como uma rosa brilhante. Ele abaixou a cabeça e a mordeu, provando o suco vermelho do seu sangue, ouvindo seus gritos de prazer quando ela gozou mais uma vez.

A sensação de orgasmo dela em torno de seu pênis foi muito para ele. Isso ondulava ao longo do seu comprimento como mil dedos, tocando em todos os lugares, acariciando, massageando, incentivando, implorando-lhe para desistir de sua semente. Ele jogou a cabeça para trás e rugiu quando ele caiu sobre a borda do desejo e encheu-a completamente.

Raj desmoronou contra Sarah, não tendo certeza se ele podia mover-se, cada respiração cheia de seu perfume. Ele poderia sentir seu coração batendo embaixo dele, podia sentir o cheiro do seu sangue. Ele gemeu e

rolou antes que ele a esmagasse completamente, puxando-a contra ele e aconchegando-a sob seu braço com a cabeça em seu peito. Ele acariciou os longos cabelos suavemente, ouvindo o ritmo de sua respiração ficar mais suave até que ela estava relaxada. Seus olhos estavam fechados, mas ela continuou a acariciá-lo com uma mão, começando no alto de seu peito e deslizando para baixo ao longo das suas costelas para chegar ao seu quadril e depois ao contrário de novo.

Isso foi um erro. Ele sabia disso. Mas isso não explicava a profunda satisfação que sentia por tê-la saciada e quente ao seu lado, seu sangue já aquecendo-o enquanto ele corria em suas veias e em seu coração. Ela era sua. Ele soube desde o momento em que a viu, e não importava o quanto ele lutou, não importava o perigo em que iria colocá-la, ele queria que ela ficasse com ele. Em sua cama, em sua vida. Ele suspirou profundamente, e todo o corpo de Sarah se deslocou para cima e para baixo com o movimento do seu peito.

— Se você disser que está arrependido — ela murmurou sonolenta — irei te estacar enquanto dorme.

Raj sorriu e em seguida riu, segurando-a mais perto. — Eu não me arrependo — ele admitiu. — Embora isto provavelmente não foi sábio.

— Que se dane o ser sábio. Nós nunca deixaríamos as nossas casas se o que importasse fosse ser sábio. Eu não quero ser sábia, eu quero *viver*.

— Ah.

Ela sentou-se e olhou-o com firmeza, o efeito arruinado pela queda de seu cabelo loiro e pelo balanço de seus lindos seios.

— Deus, você é linda! — ele disse baixinho. — Poderia ficar aqui e fazer amor com você por alguns dias.

Sarah corou, mas lhe deu um sorriso muito satisfeito. — Apenas alguns dias?

— Bem. — começou ele, puxando-a mais perto para que ele pudesse acariciar um monte cheio. Ele mordeu o mamilo levemente e disse, — Tenho toda a comida que preciso aqui mesmo, mas você vai precisar comer eventualmente, também.

— Certo — disse ela, sem fôlego, já arqueando as costas para incentivar a sua língua em sua renovada exploração. — Oh, Deus, Raj!

Ele a revirou sob ele, abrindo as pernas com os quadris e deslizando para dentro de seu escorregadio calor molhado. Seu corpo o levou com facilidade desta vez. Ela ainda estava aberta, suas paredes ainda pulsando pelos seus orgasmos anteriores. Ele começou devagar, empurrando para dentro e para fora, retirando-se até que apenas a ponta do seu pau repousava contra ela e em seguida mergulhando fundo mais uma vez. Ela colocou as pernas dela em torno de seus quadris, seus gritos de prazer instando-o a uma velocidade mais rápida. Ele sentiu o clímax começar a subir, sentiu corpo dela pulsando em torno dele, sugando-o, acariciando seu pau, até que ela caiu sobre a borda de êxtase e gritou silenciosamente. Raj jogou a cabeça para trás e uivou seu nome, reivindicando-a para o mundo. Ela era sua, só sua, sempre sua.

Sarah estava sob o peso do corpo grande de Raj, sentindo como se cada osso, cada músculo, cada tendão seu tivesse derretido, deixando-a uma poça de líquido humanóide. Um líquido muito feliz e satisfeito com certeza, mas certamente não capaz de algo tão ambicioso como um pequeno movimento. Ele murmurou algo que ela não entendeu, então levantou-se com aqueles braços poderosos e a transferiu para um lado, um braço chegando para trazê-la mais para perto, como se temesse que ela fugisse.

Ela não tinha intenção de ir a qualquer lugar, mas ela conhecia Raj, e as próximas palavras a sair de sua boca ia ser alguma coisa sobre mantê-la longe de tudo o que estava acontecendo aqui na cidade. Ela ia ter que se

acostumar com isso, ela supunha. Ele se preocupava com ela. Ele não tinha dito isso, não em palavras, mas havia algo sobre a maneira como ele a abraçou, a maneira como ele a olhou quando eles fizeram amor que lhe disse que ela era importante para ele. Ele a considerava *sua*. E Sarah achava que certamente havia coisas piores na vida que ser estimada por alguém como Raj.

— Estou surpreso por você conhecer essa música. *You Keep Me Hangin 'On* das The Supremes. — ele disse inesperadamente. — Isso foi de antes de você nascer.

Sarah sorriu contra seu peito. Ok, *talvez as segundas palavras da sua boca,* ela pensou sonhadoramente. — Quando eu estava naquela casa porca que meus pais encontraram para mim... — Ele resmungou baixinho e ela colocou um beijo no seu peito em agradecimento. — Havia um toque de recolher. O hospital não permitia qualquer tipo de música; eles diziam que perturbava os pacientes, mas esse cara pensou que era uma punição cruel e incomum. Então, ele arranjou um rádio e nós costumávamos nos sentar lá a ouvir música.

Raj emitiu um grunhindo de desaprovação. — É assim que você chama isso?

Ela bateu em seu peito no mesmo lugar que tinha beijado antes. — Ele era muito mais velho que eu, idade suficiente para ser meu avô, e ele gostava de músicas antigas então era isso que ouvíamos. Ele amava música soul. — Ela ficou quieta por um momento, lembrando e então disse: — Estou surpresa que *você* conhece a canção.

Ele bufou uma lufada de desprezo. — Estava correndo clubes em Nova York antes de você nascer, menina. E eles nem sempre eram os pontos quentes de Manhattan também. Começamos com um clube de dança da classe trabalhadora em Brooklyn na década de sessenta.

— Huh. — disse ela, evidentemente pensando em algo. — Então isso quer dizer que *você* também *tem* idade para ser meu avô.

Raj riu. — Trisavô, mais provavelmente, mas quem está contando.

Sarah se aconchegou mais perto, feliz que ele pudesse brincar com ela e se perguntando quando o *outro* assunto ia chegar e estragar sua noite. Não ia demorar muito.

— Sarah. — Ele respirou fundo.

Aqui vem, ela pensou.

— Você não pode fazer parte desta investigação por mais tempo. Apenas ouça — ele acrescentou, quando ela se sentou e olhou para ele, parando seu protesto antes que ela pudesse arranjar fôlego para se expressar. — Isto tornou-se negócios de vampiros, e todos os seres humanos envolvidos só vão se machucar. Você vai ter que confiar em mim para cuidar disso, para encontrar Trish e as outras. — Ele encontrou o seu olhar de maneira uniforme. — Você confia em mim, não é?

Ela deu-lhe um olhar estreito. — Isso é um truque barato, Raj. — Ele arregalou os olhos inocentemente. Ela soltou um suspiro enojado. — Não me dê esse olhar. — ela zombou. Ela mastigou o interior de seu lábio, e depois xingou baixinho. — Droga. — Ela puxou os joelhos para cima e virou, ficando assim sentada ao lado dele. — O que você vai fazer a seguir?

Raj descansou a cabeça em um braço musculoso, estendendo o outro braço até ela para circundar o seu corpo, tocando a sua bunda com a mão. — Vou descobrir quem está fazendo isso e destruí-lo.

— Não pode ser assim tão fácil ou você já o teria feito.

Ele sorriu. — Eu sei mais agora do que sabia a alguns dias atrás. Não consegui muito da Regina, mas tenho o suficiente para saber aonde olhar. Confie em mim, querida. Esta operação está prestes a ser desligada.

Sarah suspirou, se rendendo. — Não posso ficar aqui sentada no escuro esperando por você. Vou ficar louca.

Ele riu. — Não se preocupe. Não vou deixá-la em minha masmorra.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei. Mas eu acho que nunca vi você antes com raiva. Foi... impressionante.

Sarah bufou. — Isso tirou você de cima da sua bunda, de qualquer maneira.

— Falando em bundas. — ele deu um tapinha na dela de forma apreciativa. — Mas, primeiro, eu tenho que ligar para Em.

Capítulo 42

— Raj! — A voz de Emelie estava desesperada, ele nunca a tinha ouvido soar assim antes ao telefone.

— Está tudo bem aí, Em?

— Sim. — ela disse rapidamente. — Era com você que eu estava... Sarah está com você?

— Sim.

— Ela está... bem?

— Sim, ela está. — Ele olhou para Sarah quando ela sorriu, obviamente adivinhado qual tinha sido pergunta de Em.

— Bem, merda. — Em xingou. — Já era tempo.

— Ouça, Em. Irei para aí antes de amanhecer com Sarah, e vou ficar. Quero verificar as redondezas amanhã, portanto não chame atenção essa noite. Se os caras quiserem se alimentar, diga-lhes para caçarem na cidade, não nas casas de sangue e que eles fiquem atentos. E tenho certeza que não tenho que te dizer para ser discreta.

— O meu nome do meio, chefe.

— Nunca soube disso.

— Beije a minha bunda.

— É "beije a minha bunda, *meu senhor*" para você. — Ele ouviu a risada de Em antes de desligar. — Quanto a você, pequenina — ele murmurou, puxando Sarah para perto e a colocando debaixo dele. — Tenho planos completamente diferentes para a sua bunda, mas se você pedir gentilmente, *irei* beijá-la primeiro.

Sua bunda e todas as outras partes de seu corpo estavam deliciosamente doloridas quando ela entrou no chuveiro, seus músculos pareciam elásticos que tinham sido demasiado esticados. Ela colocou a cabeça sob a água quente, deixando que esta molhasse o seu cabelo. A sensação era boa, quase tão boa como quando o corpo quente de Raj entrou no chuveiro e puxou-a contra ele.

Ela o deixou apoiá-la quando ele pegou o sabonete e começou a correr aquelas maravilhosas mãos grandes por todo o seu corpo em um esforço indiferente de lavar as horas de suor gerado pelo sexo. Ela fechou os olhos e se inclinou contra ele, semiadormecida em seus pés. — Quanto tempo até o amanhecer? — perguntou ela sonolenta.

— Umas duas horas — ele murmurou. Ele passou um braço à volta da sua cintura, fazendo-a deslizar para cima até que seus seios descansavam totalmente em seu antebraço musculoso. A outra mão dele escorregou pela sua barriga e foi parar entre suas pernas, os dedos dele balançando suavemente para dentro e para fora. Ela engasgou quando ele acariciou seu clitóris inchado, a sensação era como se um choque elétrico tivesse

começado entre as pernas a viajado até seus seios, onde os seus mamilos endureceram em resposta imediata. Raj riu suavemente contra sua orelha. — Poderia simplesmente foder-te por dias depois de tudo.

Ela estremeceu quando as suas palavras desencadearam memórias das últimas horas, horas gastas em um estado de permanente excitação enquanto a euforia de sua mordida rugia através de seu sistema várias vezes até que ela estava muito mole para fazer qualquer coisa que não fosse deitar nos braços de Raj e tremer. Ela apertou a bunda contra o comprimento de seu pênis duro, amassando as coxas dele enquanto ela esfregava-se para cima e para baixo, sentindo sua ereção deslizar contra ela. Foi a vez de Raj gemer, seus braços aumentando o controle sobre ela, a mão entre as pernas dela pressionando mais forte à medida que ele baixava a cabeça para seu pescoço e ombro, mordendo suavemente.

Sarah se contorcia contra o seu ataque, desejando que ele estivesse certo, desejando que eles pudessem permanecer no seu refúgio subterrâneo, seguros em seu brilho suave e lençóis de seda enquanto o mundo e suas tensões continuavam sem eles. Ela ouviu a respiração de Raj acelerar quando ele levantou-a por trás, prendendo-a contra a parede, abrindo as pernas com um joelho enquanto ele deslizava seu comprimento dentro dela. Ela estremeceu e gritou seu nome, virando-se um pouco quando a sua boca caiu sobre a dela com surpreendente ferocidade, esmagando os lábios dele contra seus dentes com tanta força que o sangue fluiu, enchendo a sua boca e garganta. Ela engasgou e teria se afastado, mas ele segurou-a firmemente, não a deixando ir. — Apenas um gole, pequenina. — ele murmurou contra a sua pele. — É importante. — Seu pênis continuou a bater dentro e fora, os dedos dele tocando seu clitóris, oprimindo-a com a sensação, distraindo-a para que ela bebesse o sangue quente reflexivamente. — Essa é a minha boa menina. — ele sussurrou, redobrando seus esforços até que o poder de seu sangue bateu nela, e ele engoliu o grito de seu primeiro orgasmo. Não parando, ele acariciou mais duro, mais rápido, explodindo dentro dela enquanto seus dedos a trouxeram para o limite mais uma vez e ela se juntou a ele em um clímax crescente que rugiu através de seu corpo, deixando-a mole em seus braços.

— Sarah.

Seus olhos se abriram. Havia água por todo o lado e o ar estava fumegante. — Oh, merda. — ela engasgou. Raj riu e ela deu um tapa nele. Ela tinha adormecido no maldito chuveiro. — Muito engraçado. Isto é tudo culpa sua, você sabe.

— Se você está sugerindo que se esgotou com a minha extraordinária proeza sexual, fico feliz em assumir a culpa.

Ela virou-se e bocejou em seu peito. — Eu já estou limpa?

— Sim. Tão limpa e doce como sempre. — Ele estendeu-se por cima do ombro dela e desligou a água. — Vamos lá. Vamos te deixar seca e vestida. Estamos indo para o armazém passar dia.

— Você vai ficar lá também?

— É isso ou nós dois ficaremos aqui, e eu não acho que você quer isso.

Sarah pensou em ser trancada no quarto/abóbada de Raj o dia inteiro, com ele deitado praticamente sem vida na cama. — Não. — disse ela, balançando a cabeça. — Mas há espaço para você lá?

Raj riu. — Acho que eles vão arranjar espaço para o seu senhor e mestre. Além disso, depois de ontem à noite, Krystof sabe que você é minha, e eu não quero você muito longe de mim até que toda esta coisa esteja acabada.

Capítulo 43

— Você vê essa porta?

Sarah parou e se virou para examinar a porta do armazém que ela tinha acabado de atravessar. Ela olhou para Raj com uma careta de confusão. — Sim?

— Não passe por esta porta sem que eu esteja ao seu lado.

Sarah deu-lhe um olhar cético. — Sim, claro.

— Estou falando sério, Sarah. Você está perfeitamente segura enquanto ficar aqui, e eu confio completamente nos meus guardas humanos. Se eu não confiasse, você estaria lá embaixo comigo quisesse estar ou não.

Sarah abriu a boca para protestar contra o seu tratamento arrogante de costume, mas de repente ele estava bem ao seu lado, puxando-a contra seu peito. — Eu confio neles, mas estou confiando em você também, Sarah. Não me faça procurar por você, porque eu vou encontrá-la. Já provei o seu sangue e você provou o meu. Você não pode se esconder de mim e eu *vou* ficar puto se o fizer.

Sarah esticou-se para colocar os braços em volta de seu pescoço e puxou seu rosto para baixo para um beijo longo e demorado. — Tudo bem.

— Venha. — disse ele, colocando seus lábios junto ao ouvido dela. — Vamos para dentro. — Seu corpo inteiro corou com calor pela sugestão em suas palavras e ela olhou para o relógio. Raj riu conscientemente. — Há tempo, amor. — Ele afirmou. — Há sempre tempo.

Sarah afastou os cobertores muito quentes e se virou. Ela poderia estar cansada o suficiente para adormecer em pé no chuveiro, mas nesta cama era muito difícil e cada vez que ela fechava os olhos, tudo que ela podia ver era Raj, seus olhos azuis brilhando com satisfação enquanto ela estremecia debaixo dele, onda após onda do orgasmo rolando impotente sobre ela. Ela xingou suavemente e sentou-se, estendendo a mão para a garrafa de água que havia deixado na mesa-de-cabeceira. Por mais estranho que ela achasse a ideia de beber até mesmo a menor quantidade de sangue de Raj, só havia uma palavra para o que ela sentiu quando o seu sangue rolou por sua garganta e seu pau bateu em seu corpo. Êxtase, total e completo êxtase. Só o pensamento a fez tremer de entusiasmo, seus seios incharam, seus mamilos endureceram, e ela sentiu uma forte antecipação entre as pernas. Ela suspirou e olhou o relógio. Ainda faltava horas. Raj estaria rindo em seu sono se ele pudesse vê-la agora.

Mas pelo menos o pouco de sangue que ela tinha consumido havia ajudado com as dores e mazelas que apareceram após a longa noite de sexo, especialmente porque ela estava solteira e sem sexo há mais de um ano. A dor que ela tinha experimentado já estava começando a desaparecer, graças ao efeito curativo do sangue de vampiro. Claramente, havia vantagens em ter um amante vampiro. Isso é, além do sexo incrível, é claro. Cyn tinha dado algumas pistas, mais do que apenas algumas pistas, sobre sexo alucinante. Mas Sarah não tinha entendido até agora. E o sexo com Raj era mais do que apenas sexo. Era, bem, era a velha frase... fazer amor. Havia mais entre eles do que simples atração sexual. Muito mais. Parecia impossível que ela pudesse amar alguém depois de um tempo tão curto, mas ela estava. Ela

amava Raj. Total e absolutamente. Quem teria imaginado? Ela riu alto e cobriu a boca rapidamente, não querendo que ninguém ouvisse.

Meu Deus, o que os seus colegas na universidade achariam? A adequada Professora Stratton — ela gaguejou em seus pensamentos. Ela já não era a Professor Stratton, era? Essa parte de sua vida se foi. A verdade era uma nuvem negra que pairava sobre a sua felicidade, e ela empurrou-a para o lado juntamente com os cobertores. Ela não ia pensar nisso hoje.

Ela saiu da cama. Havia horas para matar antes de anoitecer. Horas antes que ela pudesse ver o Raj e ele pudesse fazê-la esquecer tudo sobre carreiras arruinadas. Ela suspirou e olhou ao redor. Bem, ela podia ter que ficar no armazém, mas ela com certeza não iria ficar nesse maldito quarto durante todo o dia. Ela precisava gastar alguma energia ou realmente iria enlouquecer.

Tirando o moletom de Raj, ela o segurou em seu rosto, aspirando o cheiro quente que era o perfume de Raj. Essa foi a única razão pela qual ela tinha dormido com ele, não que fosse admitir isso a alguém, muito menos a ele. Ele não tinha necessidade alguma no departamento arrogância. *Ou qualquer outro departamento*, ela pensou maliciosamente. Sentindo-se um pouco presunçosa, ela vestiu um sutiã esportivo e roupas íntimas e, em seguida, puxou um par de leggings e uma camiseta. Ela podia ter que ficar dentro, mas era um armazém muito grande. Mais do que grande, o suficiente para servir-lhe de lugar para correr.

Uma hora mais tarde, Sarah estava correndo em torno dos SUVs estacionados, esquivando-se instintivamente quando ela começou a correr ao longo da parede sob o beiral do mezanino. Havia escritórios vazios aqui e ela se perguntou para que este armazém tinha sido utilizado antes. Produtos manufaturados, talvez, dos bons velhos tempos quando Buffalo tinha sido o coração do cinturão de aço. Agora era a ferrugem como todo o resto.

Ela desviou para longe da parede para evitar as grades abertas da escada de metal e foi em direção à sala de estar. Simon estava na frente dos seus computadores. Ele nem sequer olhou para cima quando ela passou correndo, assim como ele não o tinha feito nos últimos dezenove circuitos. Ela continuou até chegar às escadas novamente antes de decidir que tinha

atormentado seu corpo o suficiente para um dia. Além disso, não era como se ela não tivesse feito um monte de exercícios na noite anterior. Ela sorriu com pensamento e diminuiu ainda mais, balançando as pernas para fora em um pequeno círculo no pé da escada, com intenção de ir diretamente para seu quarto e tomar uma ducha quente.

— Oi.

Sarah pulou alguns centímetros devido ao susto, depois girou ao redor para olhar a jovem mulher esquecida que estava sentada nos degraus das escadas.

— Eu sou Nina. — disse a mulher quando Sarah piscou para ela em confusão. — Você deve ser Sarah.

— Uh, sim. Desculpe, mas quem é você?

— Oh, eles não te disseram?

— Disseram o quê?

A menina corou e Sarah se sentiu como uma idiota. Ela era magra, pequena, usava um vestido de verão e um suéter rosa, segurava um daqueles minúsculos telefones celulares com dedos que eram mais osso do que carne. E ela estava olhando para Sarah com desbotados olhos azuis em um rosto pálido que parecia muito velho para a sua idade.

— Desculpe. — Sarah disse de novo. — Você apenas me surpreendeu, isso é tudo. Não sabia que tinha alguém aqui. Bem, exceto os guardas, você sabe, e Simon.

— Sim. — a menina disse vagamente.

— Então, quem é você?

— Nina. — ela repetiu, como se isso significasse alguma coisa.

— Você está com um dos guardas humanos? — Mais provavelmente, Sarah pensou em particular, esta criança estava com um dos vampiros. Ela certamente parecia que tinha sido drenada de não apenas sangue, mas vitalidade.

— Não. Estou com Byron e Serge.

— Eles estão aqui também?

— Não. — a garota disse com tristeza.

Sarah estava começando a pensar que talvez Nina não jogasse com o baralho todo. — Tudo bem. Tenho que, uh, subir as escadas e, hum, tomar um banho, então vou... — Ela deu um passo em direção à escada, com a intenção de passar por Nina, mas a menina de repente ganhou vida.

— Você tem alguma revista para ler?

Sarah parou com um pé na escada e franziu a testa. — Eu poderia ter algo no meu carro.

Nina se iluminou. — E o seu carro está aqui?

— Bem, sim, mas...

— Talvez você possa me levar a uma loja, então!

— Oh. Não. Eu não posso fazer isso. Quer dizer, eu prometi...

— Oh.

A menina parecia tão abatida que Sarah se sentiu compelida a acrescentar — Mas posso olhar no meu carro. Provavelmente tenho algo para ler. Talvez não uma revista, mas tenho certeza que há um livro ou dois.

— Que tipo? — Nina perguntou descaridosamente.

— Romance, eu acho. Provavelmente de vampiros. — Sarah sabia que havia provavelmente um par de títulos mais sérios lá também, mas percebeu que não era o que Nina estava procurando.

— Legal. Eu gosto desses. Podemos ir olhar?

— O quê? Agora?

— Bem, sim.

Sarah suspirou. — Tudo bem. Deixe-me pegar as minhas chaves.

O guarda não ficou feliz. Sarah estava bastante certa de que ele tinha cedido apenas para fazer Nina calar a boca, que era basicamente a motivação dela também. Mas a verdade era que ela *não* achava que era grande coisa. Claro, ela tinha prometido a Raj que não sairia, mas ele quis dizer *lá fora*, como em uma viagem ao shopping, e não a poucos metros da porta, pelo amor de Deus. Aquela coisa toda de não cruzar o limiar tinha sido ele fazendo uma piada com isso. Afinal, era dia. Os bandidos eram todos vampiros e eles estavam escondidos em suas escuras e pequenas camas assim como os que estavam dormindo lá embaixo.

O guarda abriu a porta interior e esperou enquanto eles se amontoaram na antecâmara entre as duas portas, e em seguida abriu a pesada porta exterior, saindo para a luz do sol por um breve momento para olhar ao redor. Ele murmurou algo em seu rádio, em seguida acenou com uma mão impaciente para que elas saíssem. Sarah tinha apenas começado a se mover para a frente quando a cabeça dele de repente girou e ela ouviu o som de um motor de carro, acelerando duro e se aproximando rápido demais.

Depois disso, tudo aconteceu em câmara lenta, parecendo demorar uma eternidade, embora não poderia ter sido mais do que alguns segundos. O guarda cambaleou atrás para o barulho de tiros. Ela ouviu homens gritando e virou, puxando a porta para dentro com a intenção de avisar os outros, mas o sistema de segurança não a libertou porque a porta de fora estava aberta. Nina estava de pé lá, com o rosto pálido distorcido pelo pânico, só que ela não estava olhando para os homens mascarados que

estavam correndo em direção a elas, mas para a porta que Sarah estava lutando para conseguir abrir. Sarah finalmente entendeu quando sentiu os dedos ossudos da outra mulher agarrando o seu braço, sentindo uma força surpreendente quando ela empurrou Sarah para dentro de um longo carro escuro.

Como se estivesse acontecendo com outra pessoa, ela ouviu a batalha acontecendo ao seu redor, a batida da pesada porta atrás dela, o cheiro da pólvora que provinha dos disparos das armas de fogo, a borracha queimada dos pneus guinchando e acima de tudo os gritos dos homens feridos. Mas então ela estava sendo tomada por um par de braços poderosos, jogada no banco traseiro de um carro. Alguma coisa áspera e malcheirosa foi presa em sua boca e suas mãos foram puxadas para trás para serem amarradas com uma pequena corda de plástico. Uma agulha foi empurrada em seu quadril e ela sentiu tudo desaparecer na inconsciência. Seu último pensamento foi que Raj realmente ia ficar puto desta vez.

Capítulo 44

Raj acordou com um rugido, saltando da cama estreita e liberando todo o peso de seu poder pela primeira vez em anos. Este trovejou através do armazém, balançando os próprios alicerces, as paredes tremeram e ele sentiu cada um de seus guardas, tanto humano como vampiro, cair de joelhos em apreensão.

Sarah! Ele procurou por ela, amaldiçoando-se por não ter feito com que a ligação de sangue fosse mais forte, por não obrigá-la a tomar mais do seu sangue. Não havia nada, e por um momento ele conheceu o desespero. Mas próximo a isso havia a certeza de que ela *não estava morta*. Ela estava inconsciente, drogada, ele não sabia qual, mas ela estava viva.

Ele vestiu a sua roupa, pensando furiosamente. Ele podia sentir os seus vampiros à sua volta, seus pensamentos temorosos de sua raiva, pensando na causa da mesma, mas ainda firmes, ainda segurando forte e preparando o seu poder para o uso de Raj. Ele tinha escolhido bem os seus filhos. Não havia covardes entre eles, nem fracos. Ele abriu a sua porta e irrompeu o corredor. Eles esperaram por ele lá, de joelhos, cabeças inclinadas em fidelidade e submissão.

Seu olhar encontrou Emelie. Ela levantou a cabeça pela sua convocação silenciosa e seus olhos estavam cheios de conhecimento e de

medo, mas o medo era *por* ele, não dele. — Sem mais jogos, Em. Vamos ficar todos carregados e em movimento. Isso acaba esta noite.

Raj olhou sobre o ombro de Simon quando o assistente técnico iniciou o vídeo do rapto mais uma vez. Ele sentiu Em se aproximando por trás e virou-se, dando-lhe um olhar frio. — Que porra Nina estava fazendo aqui?

— Eu assumo a responsabilidade, meu senhor. Byron ligou ontem à noite enquanto você estava fora. Ele disse que Krystof tinha ouvido que ele estava falando com você, que ele havia feito ameaças. Ele perguntou se Nina poderia ficar connosco. Ele queria trazê-la e ficar também, mas eu não confiava tanto nele. Abel e eu fomos buscá-la. Ela deve ter chamado alguém. Sinto muito. Nem sabia que ela tinha um telefone.

— Quero falar com o guarda que abriu a porra da porta para elas esta tarde.

— Ele está quase morto, meu senhor. Demos-lhe sangue suficiente para estabilizá-lo por agora, mas ele está fora de si. Consegui apenas o suficiente dele para saber o que aconteceu, e confirmei os detalhes com os dois guardas que tínhamos no telhado. Todos os três foram atacados no minuto que a porta se abriu, antes que Sarah sequer fosse tocada.

— Filho da puta. Onde está o idiota do Byron?

— Cervantes e Abel estão a caminho. Se tivermos sorte, vamos pegá-lo antes que ele acorde o suficiente para correr. Podemos apenas esperar que Nina tenha sido estúpida o suficiente para ir para casa com ele.

— Tudo bem. Vamos ficar todos prontos e em movimento. Se Byron não estiver lá, não vamos perder tempo procurando por ele. Ele e a cadela vão pagar, mas Sarah vem em primeiro lugar. — Ele colocou a sua jaqueta, sentindo seu peso se instalar sobre seus ombros, inalando o cheiro quente do couro fino. Ele tinha vivido bem como um vampiro. Por mais que possa ter lamentado a mudança no passado, por mais que ele ainda desprezasse Krystof por tê-lo transformado contra a sua vontade, ele teve que admitir isso. Sua longa vida tinha sido mais fácil do que a sua vida humana alguma vez foi.

— Meu senhor. — disse Em hesitante. Ele olhou para cima e viu o brilho de lágrimas nos olhos dela.

— Não chore, Em. Tivemos um bom funcionamento.

— Droga, Raj, não se atreva...

Ele deu-lhe um sorriso cruel. — Não se preocupe. Não tenho intenção de me jogar sobre a minha espada. Krystof cairá hoje à noite, mas eu seria um tolo e um péssimo Senhor se não tomasse as devidas precauções.

Os olhos de Em se arregalaram. — Eu não irei...

— Sim, você vai. — disse ele em uma voz dura. — Levarei dois comigo. Até vou deixar você escolher quais. Mas você fica de fora, Em. Preciso que você...

— Você não pode fazer isso comigo, é...

— Eu posso e vou. — Ele deu um passo para mais perto e em um raro gesto de carinho, colocou a mão na bochecha dela. — Você foi a minha primeira criança, Emelie, e você sempre será a minha melhor. Mas você não é a única. Tenho muitos vampiros aqui e em casa que contam com a minha proteção. Se algo der errado, preciso de alguém fora da zona de matança que é forte o suficiente para proteger o meu povo da reação. Já é ruim o suficiente se alguns morrerem. Não quero que todos caiam comigo. Você entende? Eu preciso de *você*, Em. Você pode salvá-los se eu cair.

— Você não vai cair. — ela sussurrou ferozmente.

— Não. — disse ele com outro sorriso — Eu não vou. Vou derrubar aquele filho da puta e qualquer outra pessoa que tiver alguma coisa a ver com isso. E então irei encontrar Sarah e ensinar-lhe o preço de quebrar uma promessa ao seu senhor e mestre.

Em sufocou algo que ficava entre um soluço e um sorriso. — Boa sorte com isso.

— Tenha um pouco de fé, Emelie.

— Tenho toneladas de fé, meu senhor. Se eu não tivesse, você teria que passar por cima do meu cadáver para sair por aquela maldita porta.

O armazém zunia com energia. Raj se levantou e absorveu tudo — a alegria viciosa de vampiros que sabiam que logo estariam em liberdade, que os laços de civilização, o confinamento das leis e costumes que foram forçados a viver sob este novo mundo de câmaras de vigilância e DNA, essas seriam postas de lado por uma noite. Esta noite era sobre vampiros, esta noite era sobre derramamento de sangue e caos, e eles estavam estourando de alegria por isso.

Ele deu um sorriso aberto, estendendo os braços como se pudesse recolher toda essa energia. Ele deixou seu próprio poder lavar sobre eles, enchendo-os de confiança e garantia de sua força ao lado deles. Eles iriam fazer isso juntos e veriam a vitória antes que a noite acabasse. Ele acenou para Emelie e ela sorriu de volta. Seus vampiros uivaram e começaram a se dirigir para os veículos. Os motores foram acessos e as grandes portas foram abertas.

Ele caminhou em direção à porta aberta do último SUV e ficou num impasse quando a consciência de Sarah de repente inundou os seus sentidos. Ela estava acordada e alerta. Ele empurrou uma lança de poder para fora, lutando para alcançá-la sobre o laço fraco de sangue, mas não foi suficiente. Ele bateu no telhado do SUV com frustração e resolveu enviar um impulso poderoso de confiança e carinho. Ela saberia que ele estava aqui. Que ele estava indo. Isso teria de ser suficiente.

Ele virou-se ao ouvir o toque do telefone de Em. Ela levou-o até seu ouvido e escutou. Seus olhos deslocaram-se para ele e ela murmurou um nome — Byron.

— Eles o têm. — disse ela, desconectando e empurrando o telefone de volta no bolso.

Raj arreganhou os dentes num rosnar de presas à mostra. — Então essa é a nossa primeira parada.

Capítulo 45

O lugar onde ela estava era frio, escuro e úmido. Ela podia sentir o cheiro da umidade rastejando para fora das paredes e subindo a partir do chão para trazer uma dor a seus ossos. Ela rolou para o lado, o que provocou um ataque vicioso de vertigem que a fez procurar cegamente por algo sólido para se estabilizar. Ela encontrou o trilho frio de uma cama de metal e se agarrou a ele, sentindo as crateras ásperas onde a tinta estava lascada. Ela ficou ali respirando com cuidado e esperou, convencida de que estava sonhando e logo acordaria em sua cama, em seu próprio quarto.

— Olá? — Uma frágil voz de menina chamou.

O choque fez os olhos de Sarah abrirem e ela acordou com seu pior pesadelo se tornando realidade. Sua frequência cardíaca disparou, espremendo o ar de seus pulmões e estremecendo seu corpo inteiro a cada batimento.

— Olá? Tem alguém aí? — A menina chamou de novo.

A cabeça de Sarah girou na direção da voz e ela viu uma fresta de luz onde a porta estava entreaberta. Seus olhos se arregalaram e ela colocou uma mão sobre a boca para não gritar. Ela conhecia este lugar. A porta se abriu e ela olhou para cima, esperando ver a forma sombreada de seus

pesadelos, esperando ver aquele que tinha tomado Trish e deixado Regina para morrer.

— Você está acordada. — Uma jovem ficou delineada pela luz do corredor. Ela era baixa como Sarah, mas mais magra e muito mais jovem. Trish, Sarah percebeu. Esta era Trish Cowens.

— Está tudo bem. — Trish estava dizendo. — Eles foram embora por agora. — Ela chegou mais perto, movendo-se lentamente, uma de suas mãos erguida como se ela estivesse se aproximando de um animal assustado.

Sarah piscou. E sentiu uma onda de raiva ardente que começou em seu coração e saiu correndo para aquecer todas as partes do seu corpo. Era Raj. Ela podia senti-lo como uma enorme, porém distante, labareda de fúria. A memória de seu caloroso sangue contra a língua dela brilhou tão vividamente que ele quase podia prová-lo. Ela não queria tomar o seu sangue, apenas tinha concordado para agradá-lo. A ideia de tomar mais tinha sido repugnante. Mas agora ela entendia por que isso havia sido importante. Era a ligação que Cyn tentou descrever. Ela só esperava que fosse o suficiente para ele encontrá-la antes que fosse tarde demais.

— Você está bem? — Trish perguntou.

Sarah conseguiu dar um sorriso fraco, mas percebeu que a menina podia não ser capaz de vê-lo. — Sim. — disse ela em voz alta. — Ou estarei em um minuto. — Ela engoliu a náusea, inalando profundamente, deixando o ar sair lentamente e repetindo o ciclo. Ela olhou para cima. — Você é Trish Cowens, não é?

Trish correu para a cama, quase tropeçando na sua urgência de se aproximar. — Eles estão procurando por mim? Meu pai está... — Sua voz se quebrou e Sarah estendeu a mão, puxando a menina para baixo para se sentar ao lado dela. Como se o toque fosse um sinal, Trish começou a chorar, soluçando como uma criança pequena. Sarah colocou os braços em torno dela e a deixou chorar, segurando-a firme e embalando-a ligeiramente.

Os soluços de Trish eventualmente diminuíram, mas ela continuou perto, esfregando o rosto molhado contra a t-shirt de Sarah. — Você está com a polícia? — Perguntou ela com uma pequena voz esperançosa.

Sarah suspirou. Se ela saísse disso viva, Raj ia matá-la. — Não estou com a polícia, Trish, mas meus amigos sabem onde eu estou e eles virão por nós.

— Vampiros. — disse Trish entorpecidamente. — São eles que nos têm.

— Eu sei. — disse Sarah reforçando o seu abraço sobre a garota assustada.

— Eles mataram Regina.

— Não. — Sarah disse rapidamente. — Encontramos Regina a tempo e a salvamos.

Trish se sentou e olhou para ela na luz fraca. — Sério? Você não está apenas dizendo isso para me fazer sentir melhor?

— De jeito nenhum, querida. Ela está viva e nós também, e pretendo continuar assim. Vamos sair daqui, Trish. Ainda não sei como, mas vamos definitivamente sair daqui vivas.

Capítulo 46

A casa de Byron parecia a mesma que tinha sido quatro noites atrás. Byron, no entanto, parecia diferente. Ele se humilhava no chão em frente a Raj, nu exceto por um par de calças de moletom soltas, sangue escorrendo de vários cortes profundos no peito e nos braços.

Raj olhou para Cervantes com uma careta.

— Ele tentou escapar, meu senhor, — Cervantes disse imperturbável.

Raj considerou o contraste entre o esguio Byron e Cervantes, permitindo a si próprio um pequeno sorriso. Ele não durou muito tempo. Ele caminhou até Byron e agachou-se para olhar nos olhos do vampiro mais fraco, seus antebraços sobre os joelhos e as mãos soltas entre eles. — Você não parece muito bem, By.

Byron deu-lhe um olhar de intensa aversão antes de abaixar rapidamente a cabeça e se esconder atrás de uma queda de cabelo desengonçado. — Eu não fiz nada. — ele murmurou.

— Não? Então talvez fosse apenas Nina. O que você acha? Não podemos ter os nossos humanos nos desafiando assim, podemos? Devo matá-la por você?

A cabeça de Byron subiu, puro pânico em seus olhos. — Nina não fez isso, Raj. Eu juro.

— Fez o quê? — Raj perguntou suavemente.

Byron piscou rapidamente, sabendo que tinha sido pego. — Seja o que for — insistiu ele, sua voz caindo para um lamento melancólico. — Você enviou esses caras para me pegarem, imagino que algo está acontecendo, mas eu estava dormindo. Você sabe disso. E Nina, ela não faria…

Raj entortou um dedo e Byron gritou, sua a cabeça jogada para trás, os tendões em seu pescoço destacando-se como fragmentos de osso. Raj deixou cair sua mão e Byron caiu para frente, curvado sobre si mesmo como um animal ferido, com as mãos em volta de sua cabeça enquanto ele chorava alto.

Raj se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Você está ouvindo o coração de Nina batendo, By? Eu estou.

O choroso vampiro levantou a cabeça para olhar Raj com horror.

— Quão alto você acha que vai ter que gritar antes que ela deixe o seu esconderijo? Vamos ver, vamos?

— Não, — Byron choramingou. — Não, você não pode… — A voz dele ficou desafinada quando ele gritou em agonia, sangue escorrendo de seus ouvidos, de seus olhos, e de todos os poros quando Raj fechou o punho e apertou-o até deixar Byron seco. O sangue começou a formar uma piscina debaixo dele e Cervantes recuou fastidiosamente, seus olhos brilhando amarelo com a combinação de sede de sangue e emoção.

Raj levantou a cabeça para capturar o olhar de Cervantes antes de lançar um olhar preguiçoso em direção a uma seção de painéis de lambris baratos que revestiam o quarto sombrio. Cervantes arregalou os olhos estudando cuidadosamente os painéis, correndo uma mão de dedos grossos ao longo da superfície até que encontrou o que estava procurando. Ele olhou por cima do ombro para Raj, que balançou a cabeça brevemente antes de voltar sua atenção para o moribundo Byron.

— Que desperdício, By, — disse ele com verdadeiro pesar. — Eu teria protegido você. — Ele se levantou com um gesto ligeiro e observou desapaixonadamente quando Byron desmoronou a seus pés. Ele escovou as mãos rapidamente e assentiu com a cabeça em um sinal para Cervantes.

O grande vampiro fechou a mão num punho e esmagou-a nos lambris, provocando o grito de surpresa e medo de Nina que estava encolhida dentro de seu esconderijo. Cervantes alcançou-a e arrastou-a para fora com mais compaixão do que ele havia mostrado a Byron, segurando-a pela nuca para que ela balançasse na sua frente. — O que devo fazer com esta, meu senhor?

Raj encolheu os lábios em desgosto quando ele tocou a mente da mulher chorosa. Seus pensamentos estavam caóticos devido ao medo, espalhados diante dele como folhas ao vento. Ele pegou uma imagem de Sarah e se agarrou a ela, arrancando a memória do cérebro de Nina sem se preocupar com os danos que ele poderia provocar. Ele viu os raptores, viu o seu guarda humano cair tentando empurrar Sarah de volta à segurança, viu-a ser jogada no banco de trás enquanto a batalha se desenrolava ao redor. Mas ele sabia de tudo isso. Ele procurou na confusão que era o cérebro de Nina uma vez mais e descobriu o que estava procurando. Um telefonema, a voz no outro lado. Uma que Raj reconhecia.

Ele retirou-se da consciência de Nina, o seu poder empurrando-a para longe como o pedaço desagradável de carne que ela era. Ela caiu na poça de poeira e sangue que havia sido Byron e tentou empurrar-se para cima, olhando para a gosma sangrenta em suas mãos e gritando de horror quando percebeu o que aquilo devia ser. Ela se arrastou para longe, deixando manchas vermelhas para trás enquanto ela se encolhia contra a parede, os olhos selvagens enquanto ela balbuciava loucamente.

— Meu senhor, — Em disse atrás dele. — Devo...

— Não, — disse ele bruscamente. — Deixe-a como está.

— Mas...

Raj virou-se e estudou a sua tenente com olhos que brilhavam num profundo azul gélido. Todos se calaram, os únicos ruídos que se ouviam eram os murmúrios desmedidos de uma louca e o som de Em caindo de joelhos.

— Perdoe-me, meu senhor.

Ele a deixou ficar de joelhos por três respirações e depois caminhou para fora do quarto. — Estamos indo para a mansão de Krystof — disse ele categoricamente.

Seus vampiros correram para acompanhá-lo, alguns foram à sua frente para servir como uma vanguarda contra todos os inimigos que poderiam ter antecipado os seus movimentos e estavam o esperando lá fora. Raj franziu a testa, mas reconheceu a necessidade. Ele teria que se acostumar a partir de agora. Assumindo que ele sobreviveria a esta noite.

A casa de Krystof parecia a mesma de sempre. Uma antiga mansão com janelas fechadas e uma garagem cheia de carros antigos. Raj parou na rua, o seu poder jogado para baixo mais uma vez — não havia motivos para anunciar a sua presença ao lorde vampiro. Embora entre a sua explosão de mais cedo e o seu confronto com Byron, o velho tinha que saber que ele estava vindo, especialmente depois dele ter tomado Sarah. Mas era a extrema normalidade da casa que o angustiava. Ele esperava mais resistência, uma linha de defesa, algo para dar a Krystof um aviso prévio e gastar os recursos de Raj, enfraquecendo-o antes que ele entrasse na casa.

Ele sentiu Em se aproximar por trás dele. — O que há de errado neste quadro? — Perguntou ele.

— Está muito tranquilo, — respondeu ela imediatamente. — Eu esperava que Krystof definisse a linha da frente bem longe de sua

importante pessoa. — Ela acenou com a cabeça em direção à casa do senhor vampiro. — Já vi maior segurança em uma casa de fraternidade.

Raj sorriu firmemente. — Estiveste em muitas dessas, Em?

— Algumas, — ela reconheceu. — Aqueles homens bem alimentados estão sempre tão ansiosos para compartilhar.

Ele bufou em diversão. — Vou levar dois comigo.

— Meu senhor... Raj, eu...

— Preciso de você aqui fora, Em.

Ela suspirou e acenou por cima do ombro. Cervantes e Yossi deram um passo à frente e tomaram posições em ambos os lados dele. Raj deu a Em um olhar questionador.

— Tiraram no palitinho pela honra, — disse ela.

Ele bufou, pensando que acompanhar o seu Senhor para uma possível morte era dificilmente uma honra. — Eu aprecio a ideia, meus senhores.

Cervantes deu-lhe um sorriso, enquanto Yossi balançou a cabeça silenciosamente. Ambos olharam a casa silenciosa com avidez, músculos tensos pelo esforço de permanecerem parados, olhos brilhando nas luzes da rua.

— Vamos dar a volta, — Raj disse friamente. — Se as minhas visitas anteriores são algo pelo que me possa guiar... — Ele levantou a cabeça para indicar a casa na frente deles com um sorriso. — ... Eu não acho que teremos problemas. Vocês podem flanquear-me como quiserem, até... — Ele desviou o olhar, fazendo contato visual com cada um deles, maravilhado por ter ganhado a lealdade incondicional de vampiros tão fortes e capazes. — Até que, — ele repetiu, continuando em uma voz mais suave, — cheguemos ao santuário interno de Krystof. Naquele momento, eu procederei sozinho.

Ele viu as reações desconfortáveis deles e sorriu. — Entendo as vossas preocupações, — ele disse e levantou os olhos para incluir Emelie em suas palavras. — Mas deve ser assim. Emelie?

— Sim, meu senhor.

— Lembre-se da sua promessa.

Os olhos dela se encheram de lágrimas rosa, mas ela balançou a cabeça uma vez, rapidamente. — Sim, meu senhor.

Ele olhou em volta para os vampiros reunidos e notou com alguma surpresa o número de guardas humanos que tinham escolhido para acompanhá-los. Ele não os tinha notado na casa de Byron, o que significava que alguém os tinha chamado. Ele olhou para cima e viu Emelie evitando o seu olhar. Ele balançou a cabeça com espanto. Ela era uma joia rara, sua Emelie.

Ele ergueu a cabeça e deixou o seu poder fluir, deleitando-se com a corrida de alegria sem precedentes que ele sentiu quando girou para a noite, anunciando a sua presença ao Krystof e a qualquer outra pessoa nas redondezas com a capacidade de detectar essas coisas. Ele respirou fundo e o ar enchendo seus pulmões provou ser tão doce e puro como qualquer respiração que ele já tenha experimentado. Sua consciência se estendia preguiçosamente, como um gato acordando de um cochilo à tarde, os seus sentidos se ajustando à noite ao seu redor. O bater dos corações de seus vampiros rodeava-o como se fosse um concerto, os de seus seguidores humanos mais fracos, mas igualmente verdadeiros. Ele fechou os olhos contra a sobrecarga de sensações, a intoxicação tentadora, e em seguida abriu-os novamente com um claro propósito.

— Não vamos deixar Krystof esperando.

Ele deu a volta à casa e entrou na cozinha, surpreendendo três vampiros que pareciam ter sido pegos tirando sangue da geladeira. Eles olharam para ele em choque, e só tardiamente mostraram uma fraca resistência. Raj escovou-os para longe com um pequeno fio de seu poder, batendo-os contra as paredes e armários, drenando seus poderes e

deixando-os deitados no chão num estado de estupor. Este era o preço que Krystof estava pagando por escolher apenas os fracos e os estúpidos para seus asseclas. Mal desacelerado pelo encontro, Raj caminhou mais para dentro da casa e desceu as escadas.

O porão estava um pandemônio. Advertidos por sua abordagem através da cozinha, vários dos defensores brutais de Krystof correram para o pé das escadas cheios de fúria e exalando testosterona, mas sem nenhuma organização em seus ataques. Eles pareciam sem direção, como se estivessem em uma máquina de pinball, indo e voltando, não sabendo se avançavam para o intruso ou se recuavam para defender o santuário de seu mestre. Entre eles, Cervantes e Yossi trataram do ataque inicial, e Raj facilmente dominou o resto. Ao chegar ao degrau mais baixo ele examinou os destroços, pensando mais uma vez sobre a fraca resistência do senhor vampiro. E onde estava Jozef?

Ele balançou a cabeça. Essas coisas já não importavam. O desafio tinha sido bom e verdadeiramente colocado agora, e não havia como voltar atrás. Ele atravessou a sala rapidamente e abriu a porta sem qualquer cerimônia. Krystof estava debruçado em seu sofá elaborado, com o rosto enterrado no pescoço ensanguentado de uma jovem mulher. Ele recuou devido à entrada abrupta de Raj, a boca aberta num rosnado furioso, presas pingando sangue em sua camisa de linho branca. Raj mal registrou a raiva do senhor vampiro, seus olhos se encheram com a visão do longos cabelos loiros da mulher, suas graciosas pernas nuas penduradas frouxamente para o chão, um braço branco estendido, sua mão aberta em súplica.

Ele rugiu, cruzando a sala em dois passos duros e arrancando a mulher das garras de Krystof. O cabelo dela caiu e ele ficou olhando para um rosto desconhecido. Alívio cresceu através dele. Não era Sarah quem jazia morta em seus braços. Um momento depois ele sentiu culpa por ter encontrado algum alívio na morte sem sentido daquela mulher. Ele levantou o olhar e encontrou o lorde vampiro que a matou em pé diante dele, a boca aberta em uma paródia repugnante de riso.

— Você acha que pode me destituir, Rajmund? — Ele zombou desdenhosamente. Seus olhos brilhavam como chamas gêmeas contra a sua alma enegrecida quando ele deu rédea solta ao seu poder, deixando-o

crescer até a casa gemer com a pressão, móveis voaram contra as paredes e se quebraram em pedaços como se um furacão houvesse repentinamente se formado no centro do pequeno escritório. Mas mesmo isso não foi suficiente. Uma onda de energia elétrica quase sacudiu a sala quando Krystof estendeu a mão para seus asseclas, rasgando as suas defesas e sugando-os até secarem, roubando a força que tinham e assim tecendo um casulo aparentemente impenetrável de proteção para si mesmo.

— Você não é nada além de um rato do cais, — ele rosnou para Raj. — Nasci para governar séculos antes de você nascer, e vou governar por séculos depois de tê-lo soprado ao vento junto com sua coleção lamentável de *crianças*. — Ele zombou da última palavra, jogando-a na cara de Raj como se não fosse nada.

Raj flexionou a sua vontade, concentrando seu poder com uma elegância clara e direta. Este cresceu como a primeira onda de uma grande tempestade furiosa e densa, puxando forças daquele lugar impossível dentro de si, esse reservatório de poder vampírico que faz a diferença entre um servo e um senhor. Ele estendeu a mão e estava ciente de Cervantes e Yossi de e pé intactos fora da porta do escritório, de Emelie na rua acima canalizando o poder de cada um de seus vampiros, tanto aqui como na distante Manhattan. Ela reuniu ainda a escassa força da vida de seus guardas humanos, abrigando-os a todos quando ela ofereceu uma tábua de salvação de poder para ele recorrer se tivesse necessidade.

Ele sabia que seus olhos começaram a arder num frio fogo azul, e ele sorriu, vendo a compreensão surgir no rosto do seu Criador. — Falar é fácil, *meu senhor*.

Krystof o golpeou sem aviso prévio, quebrando o casulo defensivo de seu poder para lançar uma onde de pura energia através da pequena sala. Raj grunhiu quando foi atingido, sentindo o seu próprio poder mergulhar sob o ataque letal, cedendo sem quebrar, fluindo ao redor da lança de poder de Krystof, absorvendo-a para si, o que deixou-o mais forte do que antes, e não mais fraco. Os olhos do vampiro se arregalaram em choque e ele lutou ferozmente para recuar, esforçando-se para se libertar do poder de Raj antes que ele se encontrasse tão seco como seus próprios asseclas.

Raj estendeu a mão e deixou-a cair, como se para afastar os restos dos destroços. Ele sentiu um choque de energia quando o seu poder se fechou em torno dele mais uma vez, e ele viu Krystof cair para trás, cambaleando ligeiramente contra o entulho que havia sido a sua secretária. Mas o velho não tinha terminado. Ele era um lorde vampiro, não um simples escravo que poderia ser demitido com uma flexão rápida de poder. Ele ficou de pé, os braços estendidos, as mãos cerradas como se estivesse reunindo um relâmpago do próprio ar. Ele trovejou o seu desafio, sacudindo as paredes e lançando uma parede sólida de energia por toda a sala, que colidiu com Raj como se fosse toneladas de pedras implacáveis, levando-o para trás, forçando-o a ficar de joelhos. Raj uivou em desafio, furioso pela sua estupidez, seu orgulho altaneiro. Ele havia estado tão supremamente certo de sua superioridade, tão arrogante da sua parte. Enquanto ele estava rindo dos esforços do velho, Krystof tomou a iniciativa e golpeou-o com rajada após rajada de força letal. Ele sentiu-se enfraquecer sob o ataque implacável, enquanto Krystof ficava cada vez mais forte, drenando mais e mais de seus asseclas, chegando até os confins de seu território, a sua crueldade sendo a sua maior vantagem.

Raj podia ouvir Emelie gritando em sua cabeça, exigindo que ele tomasse o que ela oferecia, implorando-lhe quando suas exigências não foram ouvidas. Ele pensou em seus filhos vampiros, em Cervantes e Danny, em Yossi e em seu anjo, Emelie. O que aconteceria com eles, qual seria a vingança exata de Krystof contra o seu pela arrogância de seu mestre? Inaceitável.

Ele abriu-se ao fluxo de poder de Emelie, bebendo da força combinada de seus muitos filhos, usando sua raiva como combustível para a sua determinação quando ele ficou de pé com um rugido que ameaçou derrubar a casa ao seu redor. Ele atacou Krystof com rajadas de poder, uma após outra, se recusando a permitir que o vampiro ditasse os termos deste encontro. Ele lutou à sua própria maneira, atacando por todos os lados, forçando Krystof a se defender contra todas as suas rajadas. O lorde vampiro uivou, lutando desesperadamente para recriar seu casulo impenetrável mesmo quando o poder de Raj corroía a sua própria estrutura.

Krystof finalmente caiu de joelhos em um último esforço defensivo, sugando o poder em si mesmo como um vácuo, desistindo de qualquer

tentativa de ataque em favor da simples sobrevivência. Quando mesmo isso falhou, ele olhou para cima e encontrou os olhos de Raj, sua boca aberta num sorriso sangrento, o fogo de seus olhos morrendo para brasas fracas. — Espero que aproveites, — disse ele, e depois riu-se, uivando como um louco quando Raj atirou os braços abertos até que se materializaram diante dele como dois pilares de energia cerrada. Krystof gritou em agonia quando um peso terrível esmagou-o contra o chão, cada osso em seu corpo quebrado sob a pressão insuportável, articulações rasgando e pulmões estourando, sangue escorrendo por todos os poros, todos os orifícios, enquanto o seu corpo parecia dobrar sobre si mesmo. Raj abriu um punho, a sua pele clareando com a tensão, até que ele fechou o punho e o coração Krystof explodiu em chamas dentro de seu peito.

O ar na sala ficou repentinamente quieto, nem um sussurro de movimento, nem um grão de poeira à deriva, e em seguida como um vácuo colapsando instantaneamente, o corpo de Krystof vaporizou-se e desapareceu, tornando-se não mais do que um monte de poeira e roupas sangrentas no tapete.

Raj fechou-se para Emelie e caiu de joelhos, sua cabeça caindo para a frente em seu peito de exaustão quando ele respirou fundo... e gritou em agonia. Sua mente se encheu de milhares de vozes quando todos os vampiros que vivem no território clamaram com medo, estendendo a mão a ele para sustento, para proteção, por suas próprias vidas. Ele estava ciente da porta do escritório voar aberta, e de Cervantes e Yossi correndo para cercá-lo, juntando-se com o seu poder em um esforço para amortecer a demanda esmagadora de novos sujeitos de Raj. Ele se balançou lentamente para trás e para frente, esticando os músculos, os tendões se destacando em seu pescoço quando ele se esforçou para entender o que estava acontecendo, para trazer alguma aparência de ordem e razão para a cacofonia sem fim. A parede de poder em torno dele ficou mais forte quando Emelie acrescentou sua própria força, quando ela canalizou os outros com cuidado, construindo a parede tijolo por tijolo até que finalmente as vozes acalmaram, tornando-se não mais do que um zumbido constante no fundo.

Raj permaneceu de joelhos, a cabeça pendurada para frente, queixo no peito. Sangue jorrava de seus olhos e brotaram de suas mãos onde as unhas

haviam cavado em suas palmas. Ele ouviu vozes lá fora, passos descendo as escadas, e depois Emelie estava lá em carne e osso, ajoelhado ao lado dele.

— Meu senhor? — Ela disse suavemente. — Raj? — Acrescentou ela com urgência quando ele não respondeu.

Ele semicerrou os olhos um pouco e disse, — Eu odeio essa merda de vampiros.

Ela latiu uma risada que mais parecia um soluço de alívio e chamou alguém para trazer-lhe um pouco de sangue. Mais gritos e passos, e um saco de sangue aquecido foi empurrado em suas mãos. Ele rasgou-o aberto com as suas presas e sugou-o, passando o saco vazio e tendo outro oferecido até que ele tinha derrubado seis sacos cheios de sangue, muito mais do que qualquer humano poderia ter oferecido com segurança.

Ele respirou fundo e olhou para Emelie, sua mente finalmente clara. — Sarah? — Perguntou a ela.

— Não nesta casa, meu senhor.

Raj praguejou tolamente. Ele tinha acessado cada canto sujo do cérebro doente de Krystof e não havia encontrado nada sobre o rapto de Sarah, ou de qualquer conspiração para vender segredos de vampiros para as empresas farmacêuticas, portanto onde no inferno...

Houve um som de passos descendo as escadas do porão e mais vozes discutindo. — Droga, — ele gemeu. — O quê agora?

Emelie permaneceu ao seu lado, mas ela colocou-se numa posição defensiva. Raj olhou para cima e não viu nada além dos corpos de seus vampiros formando uma muralha defensiva entre ele e o que estava vindo. Ele bufou uma risada, percebendo que tinha de alguma forma adquirido a sua própria parede de carne. Ele ouviu a voz de Simon se levantar entre a dos outros. Bem, pelo menos sua parede de carne tinha um cérebro. — Deixe-o passar, Em.

Simon se espremeu entre as formas volumosas dos guardas de Raj, caindo para o espaço livre ao seu redor como uma pasta de dente de um tubo. Ele foi para um joelho e sorriu. — Meu senhor.

— Simon, — Raj reconheceu. — Aconteceu algo que você queria me dizer?

— Oh! Sim, meu senhor. Você sabe que eu monitoro todas as linhas de telefone celular, porque nunca se sabe...

— O *ponto*, Simon. — O cara era um gênio técnico, mas às vezes se perdia em suas próprias explicações.

— Sim, meu senhor. Desculpe. Bem, eu notei um número que continuava entrando em seu correio de voz. Quatro chamadas em menos de uma hora. É claro, eu não posso acessar ao seu correio de voz, meu senhor, isso seria...

— *O ponto*?

— Liguei para o número de volta e era Kent da casa de sangue de Amherst. Ele disse para lhe dizer que era Jozef.

Raj congelou, olhando para o especialista em tecnologia. — Qual foi a mensagem exatamente? — Perguntou ele em voz baixa.

— Ele disse para lhe dizer que encontrou alguém que lembrou de ver a garota que você estava procurando e que ela saiu com Jozef.

— Filho da puta. — Raj falou abruptamente. Tudo fazia sentido agora. Krystof não estava participando do jogo. O bastardo estúpido realmente não sabia o que estava acontecendo bem debaixo do seu nariz. E isso explicava por que o chefe de segurança não tinha estado aqui para defender o seu mestre. Mas Jozef realmente acreditava que ele poderia derrotar Raj? Ele havia pensado que Raj estaria tão enfraquecido pela batalha com Krystof que ele seria facilmente derrotado? — Emelie, — disse ele.

— Já trabalhando nisso, meu senhor, — respondeu ela, ocupada com os botões do seu Blackberry. — Ele tem uma casa alguns blocos à frente, mas este não pode ser o lugar. É muito pequeno. Maldição.

— Aqui, deixe-me. — Simon pegou o seu próprio dispositivo. — Aqui está. Há uma casa em Clarence, tem três hectares. A casa está no nome de solteira de sua esposa. Tem que ser isso. — Ele gesticulou para Em. — Estou enviando o endereço para você.

— Devemos ligar primeiro? — Em perguntou. — Verificar se...

Raj levantou uma mão. — Ele está lá, — ele rosnou. Eles tinham esquecido. Ele próprio havia se esquecido com toda a correria. Ele era agora o Senhor do Território do Nordeste e seu poder havia crescido exponencialmente com o pressuposto desse manto. Assim como ele fornecia vida e proteção para seus vampiros, eles lhe emprestavam uma reserva de poder que ele poderia usar à vontade. Ele sabia onde estava Jozef, e ele sabia que Sarah estava com ele. O vínculo de sangue de Raj com ela havia sido intensificado até que ele podia senti-la em sua cabeça, assim como ele podia sentir todos os vampiros no território. Incluindo Jozef. Ele poderia estender a mão e acabar com a vida Jozef apenas com um pensamento. Mas qual seria a graça disso?

— Emelie.

— Meu senhor?

— Deixe um reserva aqui para limpar essa bagunça e para eliminar qualquer um que tente tirar proveito da situação. Você vai comigo.

Capítulo 47

Algo estava acontecendo. Sarah virou-se na desconfortável mesa de exame em que eles a tinham algemado e viu aquela cadela Edwards correndo ao redor do laboratório como um de seus ratos. Ela estava fazendo o backup dos arquivos do computador como uma louca enquanto agarrava cada pedaço de papel que conseguia colocar nas mãos e jogava tudo em caixas. Como se isso fosse enganar alguém. Ela tinha um laboratório todo equipado aqui embaixo. Será que ela achava que ninguém notaria? Que ela realmente *se safaria* dessa? A estúpida mulher passou meses trabalhando com vampiros e ela *ainda* pensava que poderia se esconder deles? Sua vida não valeria dois centavos se ela tornasse público algum destes materiais.

— Eles vão matar você, você sabe, — Sarah disse em modo de conversação. Edwards ignorou-a, sentado em seu computador e alternando os drives. Claramente havia uma grande quantidade de dados. Sarah se perguntou por quanto tempo este projeto vinha acontecendo. Mais do que qualquer um suspeitava, isso era certo. — Eles vão caçar e matar você. Provavelmente de modo doloroso, — ela acrescentou.

— Cale a boca, sua puta estúpida!

Sarah sorriu. A boa doutora estava soando um pouco esganiçada. Ela esperava que a ajuda estivesse a caminho porque tinha a sensação que esses caras não iriam deixar qualquer testemunha para trás.

As janelas do porão sacudiram com o que parecia ser um comboio inteiro de caminhões chegando, seguido pelo som de várias vozes. Ela olhou para cima automaticamente, mas não conseguiu ver nada. As malditas janelas estavam completamente fechadas e escurecidas. Mas isso não impediu Edwards de olhar para elas em estado de choque, apenas um pouco antes dela começar a arrancar os cabos fora da parte traseira do seu CPU. — Foda-se, — a mulher xingou sob sua respiração. — Vou só pegar todo o maldito...

O que quer que ela ia dizer em seguida foi perdido quando uma onda de poder pegou a casa e sacudiu-a como se fosse um cofrinho de criança, quebrando as janelas enegrecidas do porão e enviando cacos de vidro para todo o lado. Edwards deu um grito de pânico e foi para debaixo da sua mesa, braços cobrindo a cabeça. Quando ela finalmente olhou para cima, seu rosto estava pálido e os olhos arregalados, o que disse a Sarah que ela estava cheia de medo. Sarah apenas sorriu. — Meu namorado voltou.

Raj olhou em volta quando deslizou para fora do banco de trás do SUV. Ele queria dirigir, mas Em tinha o colocado no banco de trás do grande carro, resmungando alguma coisa sobre como era melhor ele se acostumar com isso. Com isso e muito mais, aparentemente. Quando ele começou a subir a calçada em direção ao colonial de dois andares onde Jozef havia montado o seu pequeno projeto, ele foi cercado por um cordão de segurança que rivalizava com o de qualquer líder mundial. Ele suspirou, imaginando se algum dia voltaria a conduzir o seu BMW novo.

— Em. — Ela olhou-o de sua posição no seu ombro esquerdo. — Irei em... — Ele parou no meio da frase assim que ela lhe deu um olhar sujo. — Tenho que fazer isso. — ele disse pacientemente.

A boca dela se apertou em irritação. — Pelo menos nos deixe ir à frente para podermos verificar se há algum tipo de armadilha. O Jozef deve saber que ele não tem nenhuma chance em uma luta frente a frente.

Raj sorriu, divertido com a avaliação dela de Jozef. Sua atenção foi atraída para a casa de repente e seu sorriso sumiu. A porta da frente se abriu e Jozef estava lá, ladeado por Serge e Charles, que aparentemente *não* estavam sendo mantidos contra suas vontades. Ele não podia deixar de imaginar se Nina havia percebido que Serge não tinha sido raptado, mas a tinha abandonado ao seu próprio destino. Não que o desgraçado viveria o suficiente para qualquer um se preocupar com isso.

— Mexam-se. — disse Raj. Seu cordão vampírico se dividiu, e ele avançou até que apenas uns poucos metros o separavam de Jozef e seus lacaios.

Raj rosnou. — Onde ela está, Jozef? Quero Sarah aqui agora.

— Não lhe dês ouvidos, Joey! — Ouviu-se a voz estridente da esposa de Jozef um pouco antes dela caminhar em torno dos vampiros e sair para a varanda. O seu pequeno rosto estava deformado pela indignação, seus cabelos crespos apontando para todos os lados, parecendo alguém que tinha sido recentemente eletrocutado. Ela deu um passo para a beira da pequena varanda e gritou para ele, saliva voando. — Quem diabos você pensa que é para vir aqui e dizer ao meu Joey o que fazer? Você foi aquele que aguentou aquele velho louco todos estes anos, curvando-se e rastejando-se e não recebendo nada além de sobras? — Ela exigiu. — Não foi você, não foi o grande Raj. Você voou para a cidade grande, o grande homem de Manhattan. Bem, não mais. Meu Joey está tomando isso aqui e nós vamos dizer o que acontece, não você!

Raj ficou sem palavras por três segundos, e então ele riu. — Você está brincando comigo, Jozef? Você deixou esta cadela humana te convencer a fazer isso? Será que ela não entende *nada*? Você não entende porra *nenhuma*? — Sua voz aumentou, ficando cada vez mais alta e mais furiosa com cada palavra. — COLOQUE-SE SOBRE OS SEUS MALDITOS JOELHOS, AGORA! — Ele rugiu.

Seu comando atingiu a casa como uma onda, uma explosão de força letal que quebrou todas as janelas e mandou uma chuva de vidro para baixo na escuridão. Os três vampiros rebeldes foram esmagados pelo poder do comando de Raj, ficando em seus joelhos, onde se encolheram para longe da raiva que estava estampada no rosto de Raj. Jozef se atreveu a levantar a cabeça, mas mesmo ele só podia olhar de boca aberta em choque.

— Você acha que Krystof me deu Manhattan porque ele gostava de mim, Jozef? — Raj exigiu com uma voz áspera e baixa. — Você de todas as pessoas deveria ter entendido os motivos dele. — Ele caminhou para a frente, andando para a varanda e olhando o trio derrotado com nojo absoluto. — Você realmente achou que poderia escapar? Você é tão fodidamente idiota?

Com um grito estridente, Célia lançou-se nas suas costas, os dentes arreganhados, as unhas vermelhas curvadas como garras. Raj não se incomodou em virar-se, repelindo-a com um murro de poder que atingiu-a como um golpe invisível, atirando-a fora da varanda para se deitar no chão coberto de vidro como um inseto derrotado.

— Celia! — Jozef resmungou e teria ido até ela, mas Raj o deteve com um olhar frio.

— Não se preocupe, Jozef. Ela ainda não está morta. — A cabeça de Jozef virou, os olhos cheios de medo.

— Não foi culpa dela, Ra... Quero dizer, meu senhor. Por favor, deixe-a viver. — Raj olhou para o grande vampiro, seu lábio curvado com desdém, mas tudo o que ele disse foi: — A vida dela está ligada à *sua*. — Ele estendeu a mão e Emelie colocou uma lisa estaca de madeira na sua palma. Ele curvou os dedos em torno do seu eixo e disse agradavelmente. — Vá para o inferno, Jozef.

Jozef encontrou algum último resquício de orgulho e rosnou: — Te vejo lá, seu bastardo.

Raj sorriu, assentiu com a cabeça e disse: — Talvez você veja. — Ele balançou o braço para baixo em uma curva suave, empurrando tão duro e profundo que o punho bateu no peito espesso do vampiro com um baque sonoro. Jozef caiu para trás com um suspiro, um olhar de descrença piscou brevemente em seu rosto antes que ele se transformasse numa nuvem de poeira. Raj ouviu um longo suspiro ser exalado atrás dele quando Celia morreu junto com seu companheiro, suas vidas demasiado atadas pelo vínculo de acasalamento para que ela sobrevivesse a sua morte.

Serge e Charles baixaram suas cabeças , rastejando, implorando por suas vidas, no que eles tinham que saber era um esforço inútil. Ninguém envolvido nesta operação poderia viver. Violava o princípio mais básico dos Vampiros. Raj nem mesmo lhes deu um olhar, passando por cima da pilha de poeira e entrando na casa. Em poderia cuidar desses dois. Ele queria encontrar Sarah.

Capítulo 48

No porão, Sarah assistia com alguma diversão como Estelle Edwards tentava jogar o seu computador em uma caixa estreita. A doutora estava suando baldes e grunhia como um porco devido ao esforço, mas não estava funcionando. Ela finalmente desistiu, deixando a CPU cair desajeitadamente no chão com um estrondo. Ela estava xingando violentamente, usando palavras que Sarah sabia que existiam, mas nunca tinha ouvido antes. Uau.

A porta no final do corredor se abriu com um estrondo, batendo na parede com mais força do que a habitual. Edwards olhou para cima em pânico antes da sua boca se apertar em uma linha sombria de determinação. Esta não era uma mulher que desistia facilmente. Ela puxou as chaves do bolso de seu jaleco branco e rapidamente tirou Sarah da mesa, agarrando um punhado de seus cabelos e arrastando-a para trás através da sala para enfrentar a porta. Sarah tropeçou, seus pés enfaixados lutavam para se libertarem, mas a mulher aumentou seu aperto, trazendo lágrimas aos olhos de Sarah. Parecia que o cabelo dela estava sendo arrancado das raízes.

— Não diga uma palavra, puta! — Edwards sussurrou no ouvido de Sarah, e ela podia sentir a ponta afiada de alguma coisa cutucando as suas costas logo acima do rim.

Ela ouviu passos no corredor, e depois um ruído mais alto quando alguém chutou as portas das três celas. Ela respirou aliviada, sabendo que

Trish e as outras tinham sido encontradas a tempo, mas depois exalou rapidamente quando o movimento fez com que a arma de Edward cortasse sua pele, tirando sangue.

O barulho parou de repente e ela ouviu um grunhido familiar que a fez sorrir. Raj estava vindo.

Raj se apressou em direção à última porta do corredor, a única aberta. Ele podia sentir o cheiro do ar noturno que entrava através de uma janela quebrada, mas acima disso ele sentia cheiro de sangue — do sangue de Sarah. Emelie teria corrido em torno dele, mas ele segurou-a com um comando forte, entrando pela porta para encontrar ninguém menos do que Estelle Edwards, e à frente dela, com a cabeça mantida em um ângulo doloroso, estava a sua Sarah.

Raj deixou seu olhar vagar sobre o corpo da sua amante, observando o hematoma escuro num lado de seu rosto, o inchaço púrpura dos tornozelos nus onde alguém tinha amarrado os pés com uns laços de plástico tão apertados que ela mal conseguia ficar de pé. Ele catalogou os ferimentos, calculando o dano que iria infligir na humana antes que a matasse. Ele olhou para cima e encontrou os olhos de Sarah, vendo um flash desafiador de raiva apesar de sua situação. Ele sorriu e disse gentilmente: — Sarah.

— Hey, Raj. — Ela lhe deu um sorriso. — Meio que... — Ela gritou quando Edwards a puxou para trás e Raj sentiu o cheiro de sangue fresco. A mulher tinha uma faca. E ela estava cortando Sarah com ela.

Sua raiva era tão grande, era quase paralisante. Ele rosnou alto, abrindo a boca e expondo as suas presas. — Emelie.

Emelie apareceu ao lado dele. — Sim, meu senhor.

Edwards endureceu, e disse: — Deixa-me sair daqui, ou mato...

Isso foi o que ela conseguiu dizer antes de tudo mudar. Com movimentos rápidos demais para o olho humano ver, muito menos responder, Raj atravessou a sala e girou Sarah para longe de Edwards, jogando a médica em direção a Emelie que a agarrou e quebrou o pulso como um incentivo para ela largar a arma. A atenção de Raj foi toda para Sarah, levantando-a e sentando-a com segurança na mesa de exame antes de girar para enfrentar a mulher humana que estava gritando de dor, segurando o seu braço quebrado.

Ele cruzou a pequena sala num passo longo e envolveu seus dedos em torno da garganta dela, cortando o ruído. — Conheci o seu marido, o Dr. Edwards. — ele disse baixinho. Os olhos dela arregalaram e seu rosto começou a ficar roxo enquanto ela lutava por ar, agarrando os dedos dele com a única mão funcional. — Ele merece mais. — disse Raj. Ele jogou Edwards no chão e Cervantes estava lá, jogando o corpo inerte sobre seu ombro. Ele saiu da sala rapidamente, seus passos soando pelo corredor e nas escadas.

Raj se voltou para Sarah, que olhou para cima enquanto ele se aproximava, os olhos cheios de preocupação, assim como alívio. Emelie estava agachada em frente a ela, cuidadosamente cortando os laços de plástico que estavam enterrados na carne dos tornozelos inchados. Raj encontrou os olhos de Sarah e sorriu tristemente. Ela tinha o direito de estar preocupada. Tão aliviado quanto ele estava por encontrá-la viva e razoavelmente bem, ele estava furioso por ela se ter colocado nesta posição em primeiro lugar.

Ele pegou as suas mãos atadas e tirou as algemas de metal, jogando-os pela sala. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela esfregou os pulsos com cuidado, chorando em voz alta quando Em finalmente conseguiu tirar os laços e o sangue voltou para seus pés.

— Emelie. — ele disse baixinho, sem tirar os olhos de Sarah.

Ele sentiu mais do que viu Emelie olhar dele para Sarah e vice-versa, e ouviu-a suspirar. Ela se inclinou para dar um abraço em Sarah, sussurrando, — Falaremos depois.

Raj franziu-lhe o cenho quando ela saiu da sala, e depois transferiu a carranca para Sarah.

— Eu sei. — ela disse numa voz resignada. Ele a pegou e moveu-a mais para trás em cima da mesa, levantando suavemente as pernas uma de cada vez para aliviar a dor, enviando ondas de poder para o tecido inchado dos pés e tornozelos. Teria sido mais rápido se ele compartilhasse sangue com ela, mas ele sabia que ela não iria querer isso.

— Raj. — ela disse em voz baixa. Ele olhou para ela. — Você está chateado?

Ele soltou seu pé com cuidado e tomou-a nos braços, segurando-a contra seu peito e sentindo o ruído constante de seu coração sob as costelas. Ele beijou o topo de sua cabeça. — Estou feliz em vê-la viva.

Ela suspirou satisfeita e afundou-se em seu abraço, inclinando-se para a frente para embrulhar os braços ao redor de sua cintura.

— Também estou chateado como o inferno. — ele acrescentou secamente. Os braços dela se apertaram e ela esfregou o rosto contra a frente de seu suéter.

— Sinto muito. — ela disse.

— Tenho certeza que você sente.

Ela deu-lhe um tapa de leve. — Não seja mau. Você sabe o que eu quis dizer.

Ele riu baixinho e segurou-a, sabendo que não poderia durar. Seus inimigos tinham chegado perto de tirar a vida de Sarah. Ele não podia correr esse risco novamente, não podia deixar Sarah pagar por aquilo que ele era. — Temos de tirar você daqui. — ele disse finalmente. — Era esta a localização principal?

— Penso que sim. Edwards vivia aqui e acho que todos os dados foram mantidos aqui. Não sei se ela enviou algo.

— Simon vai cuidar disso. Este lugar, este projeto inteiro, irá desaparecer. Isso nunca aconteceu.

— Eu vou ter de desaparecer de novo também. — ela disse com um suspiro cansado.

Raj suspirou e se afastou. — Simon pode ajudá-la. — ele disse. — Tudo o que você precisar, você pode pedir a ele ou a Emelie. Eles vão dar-lhe uma nova identidade, transporte... o que é necessário.

Sarah olhou-o e ele podia ver confusão e dor no seu rosto. — Raj?

— Eu não posso ficar, Sarah, e não posso levá-la comigo. Eu tenho... responsabilidades. Coisas que preciso fazer agora que... — Ele parou. Ela não tinha necessidade de ouvir cada detalhe amargo de sua nova vida como lorde vampiro. Levaria meses para ele ter o território sob controle. Meses que ele passaria a viajar, encontrando e combatendo desafio após desafio, destruindo aqueles que tinham ficado independentes demais sob o governo de Krystof para aceitar um novo senhor, arrebanhando aqueles que precisavam de ajuda, fosse por negligência ou simplesmente pelo trauma da transição. Meses de trabalho, esgotamento brutal seguido de uma longa, longa vida de regras. Era um fardo que ele nunca tinha pedido, mas era o *seu* fardo, não de Sarah. Ela merecia melhor.

Ele pegou o rosto dela em suas mãos, passando o dedo sobre os lábios macios, beijando-a ternamente na têmpora inchada que tinha uma contusão feia. Ela fechou os olhos cheios de lágrimas quando ele se inclinou para beijá-la uma última vez, demorando-se para saborear a doçura de sua boca. — Mandarei Emelie voltar. — Ele saiu antes que ela pudesse abrir os olhos, antes que ele pudesse ver a dor que tinha acabado de colocar lá.

* * *

Emelie virou a esquina, ainda carrancuda por Raj tê-la mandado embora. Ela pegou o olhar perplexo e ferido de Sarah quando este cruzou

com o dela rapidamente, balançando a cabeça em desgosto. Ela fez um som de desaprovação e disse: — Os homens são tão idiotas. Me deixa feliz eu ser lésbica. — Ela olhou Sarah de cima a baixo, franzindo a testa ao ver os seus ferimentos. — Ele não compartilhou sangue com você?

Sarah corou. — Não.

— Bem, o que diabos ele estava fazendo aqui então? Jesus, não posso acreditar...

— Não foi culpa dele. — Sarah insistiu, saltando em defesa de Raj. — Sou eu. Ele tentou, hum, antes e eu não quis, quer dizer, eu não... — Para seu horror, ela começou a chorar.

— Oh, baby,.— Emelie disse. — O que vou fazer com vocês dois agora? — Ela segurou Sarah, deixando-a chorar fora todo o medo que ela tinha empurrando para trás desde que tinham batido em sua cabeça e a jogado no banco de trás daquele carro, toda a dor de seus miseráveis pés doloridos e braços, o latejar em sua cabeça. E acima de tudo a dor em seu coração com o pensamento de nunca mais ver Raj novamente.

— Melhor agora? — Emelie perguntou.

Sarah assentiu, pegando um lenço de papel do suporte que estava perto. Ela assoou o nariz e jogou o lenço usado no lixo. — Desculpa.

— Tudo bem. Estou acostumada a isso. Raj tem esse efeito em muitas pessoas.

Sarah riu e sentiu seus olhos se enchem de lágrimas frescas. Ela olhou as suas mãos para que Emelie não notasse e viu o contorno borrado de um cartão branco. Ela franziu a testa e olhou para Em.

— Dê-lhe um par de meses. — Em disse pacientemente. — Vai ser difícil por um tempo, mas depois disso... — Ela acenou para o cartão, que Sarah viu que tinha o nome e telefone celular de Em impresso nele. Em encontrou os olhos dela, dando-lhe um olhar firme e significativo. — Confie em mim nisso, baby.

Sarah apertou o cartão e acenou com a cabeça. — Ok.

— Certo. — Em afirmou. — Agora, vamos te tirar daqui. Os caras vão explodir este lugar, e então teremos Simon começando a trabalhar no seu pequeno problema. Ele é um gênio em fazer as pessoas desaparecerem. — Ela sorriu maliciosamente. — De um jeito bom.

Sarah riu e esperava que Em estivesse certa. Sobre Simon e tudo o resto.

Capítulo 49

Nova Iorque, Nova Iorque — Manhattan

Raj estava num dos telhados acima de Manhattan, observando os carros subindo e descendo a rua abaixo, o vermelho e o branco das suas luzes refletindo no asfalto molhado em um borrão de cores. Havia chovido novamente hoje; aquele estava para se tornar um dos meses mais chuvosos da história de Nova Iorque. Mas por agora, a chuva tinha parado. O ar estava quente e abafado, mas muito melhor do que aqueles processos que esperavam por ele lá dentro, junto com mais outra maratona de encontros com vários de seus subordinados.

Se alguém lhe tivesse dito há três meses atrás que a vida de um lorde vampiro era semelhante ao de um executivo, ele teria rido. Oh, ele sabia que havia negócios envolvidos. Afinal, ele havia dirigido vários negócios para Krystof em Manhattan por décadas. Mas aquelas intermináveis conversas sobre cada pequeno detalhe de até mesmo as menores empresas vampiras nos confins de seu território... Cristo, havia horas que tudo que ele queria era correr o mais rápido e o mais distante que ele conseguisse. Encontrar algum paraíso tropical com quentes noites aveludadas e suaves ondas que

rebentavam em praias ensolaradas — apenas deixar toda aquela merda para trás e dizer *se fodam*.

Mas havia tantas almas com que ele se preocupava e que confiavam nele — Emelie e resto de seus filhos. E agora um número aparentemente interminável de outros que ele realmente não dava a mínima, mas que confiavam nele tanto quanto os outros, se não mais.

E além disso, quem iria passar essas noites aveludadas *com* ele? O paraíso não seria o paraíso se ele estivesse sozinho.

Ele suspirou, movendo-se para longe do parapeito e se virando para olhar os muitos vampiros e vigilantes que dividiam o espaço com ele. Certamente nunca estava sozinho aqui. Não mais. Os olhos dele passaram por sobre a sua equipe de segurança, notando a ausência de Emelie. Em parecia ter notado a sua falta de paciência para encontros e sugeriu que ele a deixasse limpar a sua agenda para o resto da noite. Faltavam apenas algumas horas para o sol nascer, mas ele concordou rapidamente, originalmente pensando em ir a um de seus clubes, porém ele descartou rapidamente a ideia porque apareceriam mais negócios. Sempre havia os clubes humanos que estavam na moda, cheios de pessoas bonitas desesperadas por atenção. Mas isto não o agradou também. Talvez ele devesse apenas passar algumas horas tranquilas em casa — um pouco de vodka gelada, boa música. Ele balançou a cabeça em divertimento. Ele deveria estar ficando velho se esta era a sua ideia de diversão.

Ele se dirigiu à escada que o levaria para baixo até ao último andar do prédio e para seu apartamento de cobertura. Sua equipe de segurança se moveu com ele, antecipando seus movimentos e mandando dois deles à sua frente, enquanto o resto tomava posições ao redor dele. Raj abafou outro suspiro e deixou que eles fizessem o trabalho deles, andando pelo caminho mais curto para descer as escadas, passando pela porta de incêndio e descendo pelo corredor para chegar à porta dupla de seu apartamento.

Eles pararam lá, esperando enquanto ele digitava o seu código de segurança, ocupando posições em cada um dos lados do corredor enquanto ele entrava sozinho no apartamento escuro. Esta foi a única coisa em que ele insistiu, a única coisa que ele e Emelie haviam discutido insistentemente por

horas, mesmo ela sabendo que ele iria ganhar no final. Ele não permitia seguranças no interior — esta era a sua casa, o seu santuário pessoal. Era o único lugar onde não havia petições, ninguém o procurando para pedir respostas ou proteção. O único lugar em que ele poderia ficar realmente sozinho.

Só que ele não estava sozinho essa noite.

Ele ouviu primeiro a respiração dela, acelerando para combinar com os seus rápidos batimentos cardíacos. Ela estava de frente para ele, uma das suas mãos tocando as costas de uma cadeira como se isso a ancorasse na sala escura. Ele inalou profundamente, fechando os olhos quando tudo voltou para ele, a sensação dela embaixo dele, em torno dele, os pequenos gritos de prazer que ela dava quando se vinha uma e outra vez até estar flácida nos braços dele, a sua pele pálida úmida de suor. Com um pensamento ele fez com que as chamas das velas se acendessem por todo o quarto, elas eram mais acolhedoras do que as ásperas e artificiais luzes da era moderna.

Os olhos dela arregalaram, os salpicos dourados deles ecoando nas chamas. Finalmente ela olhou para ele, levantando o queixo desafiadoramente, como se ela esperasse alguma argumentação. Ele sorriu. Ela não conseguiria nenhum argumento dele, não hoje à noite.

— Sarah.

— Raj? — A voz dela vacilou e ele viu o brilho de lágrimas naqueles olhos.

— Venha aqui, pequena.

Ela correu pela sala. Ele tinha a intenção de deixá-la vir até ele, mas sua vontade falhou, sua necessidade de tocá-la era muito forte, e o coração dele muito fraco. Ele a encontrou no meio do caminho, pegando-a quando ela pulou nos braços dele, segurando-a facilmente enquanto as suas bocas se encontravam pela primeira vez no que parecia ser séculos. Ele a esmagou contra seu peito, o beijo começou difícil, um choque de dentes e línguas, como se o tempo fosse limitado e eles precisassem saborear o outro tanto

quanto fosse possível no pequeno tempo dado a eles. Ela estava sussurrando o nome dele de novo e de novo, lágrimas rolando por seu rosto. Ele sentiu a salinidade delas e a segurou mais perto, a carregando para o quarto dele, chutando a porta e deitando os dois na enorme cama onde ele dormia sozinho e faminto por demasiados meses.

A mente dele zumbia com questões. Como ela havia chegado aqui? Onde ela havia estado?, mas o corpo dele tinha seus próprios planos. Ele podia sentir as suas presas pressionando contra sua gengiva, seu pênis lutando contra o confinamento das calças do terno que ele havia usado na sua última reunião toda uma vida atrás. Ele se afastou um pouco e olhou para ela, passando um dedo pela borda das suas pálidas sobrancelhas, pelas suas suaves bochechas e pelos seus lábios. Ela colocou o dedo dele dentro de sua pequena e quente boca e ele riu. — Faminta, querida?

— Esfomeada — ela disse fervorosamente, colocando os braços em volta do pescoço dele — Você está usando um terno.

Ele olhou para si mesmo. — É, eu estou.

— Acho que você deveria tirá-lo. — ela disse — Agora.

— Quanta pressa. Talvez nós devêssemos ir mais devagar...

Os hábeis dedos dela deslizaram entre os seus corpos para apertar a ereção dele através das suas calças, e ele gemeu, jogando a cabeça para trás com um prazer tão grande que ele queria uivar. Ele abaixou a cabeça e deu a ela um olhar suave. — Cuidado, pequena — ele rosnou. — Faz tanto tempo.

Ela encontrou seu olhar. — Eu senti sua falta, Raj. Eu senti tanto a sua falta.

O coração dele apertou com uma emoção estranha e ele tirou a mão do pescoço dela, deslizando pela seda branca da sua blusa, desabotoando os botões até descobrir o vale entre os seios dela. — Eu também senti sua falta, Sarah. — Ele abaixou a cabeça e beijou-a suavemente, saboreando a doçura da boca dela, a sua língua explorando, relembrando. Ela fez um pequeno e ansioso barulho e seu pênis pulsou em resposta. Ele gemeu, expondo suas

presas ao beijo deles, sentindo a língua dela ao redor delas até que ela fez um pequeno corte e o seu sangue quente fluiu para a boca dele. O gosto levou-o além do limite.

Ele rasgou o resto da blusa, revelando os seios fartos mal disfarçados por um sutiã de espuma e rendas. Ele tirou isso do caminho também, sugando duramente os mamilos dela, explorando cada um com sua língua até eles ficarem ávidos e eretos, duas lindas pérolas rosas brilhando molhadas à luz das velas. Ele renovou seu ataque, raspando os seios sensíveis dela com as suas presas e lambendo o pequeno fluxo de sangue enquanto ela gritava e enterrava as mão no cabelo dele para o trazer mais para perto, arqueando as costas contra a boca dele.

Raj moveu o corpo dela para baixo, ignorando seus protestos de que ele havia deixado os seus seios nus ao ar frio do quarto. Ela estava usando uma saia pequena e apertada. Ele não se incomodou com o zíper, simplesmente levantou a saia até esta se enrolar à volta da cintura dela. Ele deixou uma trilha de beijos em seu abdômen, esfregando o queixo contra a pele macia da barriga dela, arrancando a frágil calcinha de renda para longe do pequeno monte quando ela impediu que ele continuasse a sua exploração. Sarah grunhiu suavemente, abrindo suas pernas em convite e fazendo com que o doce aroma de sua excitação o atormentasse.

Ele passou suas grandes mãos pelas coxas dela, abrindo mais suas pernas, baixando a boca até as suas dobras sedosas e as abrindo com a língua. Ele encontrou seu pequeno e duro clitóris e passou a língua sobre ele. Ela gritou, puxando o cabelo dele freneticamente, implorando: — Por favor, Raj, Por favor.

Ele não sabia pelo que ela estava implorando, mas sabia o que ele queria. Ele chupou o clitóris com avidez enquanto mantinha as mãos nos mamilos dela, estimulando sua pequena e quente protuberância até que ela estava gritando, até que ele pôde sentir aquela parte dela apertar sob sua boca e ela gozar. Ele sorriu e lambeu todo o suco lenta e calmamente enquanto ela gemia desesperadamente. — Raj. Querido, meu lorde, mestre, qualquer coisa que você queira. Apenas me foda, por favor, por favor.

Raj riu com pura satisfação masculina. Ele colocou-se de pé em frente à cama e tirou o terno, observando avidamente como ela se contorcia diante de seu olhar, seus pequenos dedos deslizando entre as coxas e esfregando freneticamente, tentando apegar o inextinguível desejo que queimava lá. Ele tirou a sua roupa interior e ficou de joelhos na cama, olhando o delicioso corpo dela, os seios fartos e doloridos, as pálidas auréolas rosas com seus mamilos profundamente rosados implorando por sua boca. O olhar dele foi mais para baixo, passando pela saia ainda enrolada na cintura dela e indo para seu pequeno centro quente, todo molhado e pronto para ele. Ele rosnou baixo em seu peito e os olhos dela ficaram maiores, observando o seu corpo de cima a baixo, fixando-se em seu pênis. A língua cor de rosa dela surgiu, molhando os lábios ansiosamente. Ela levantou os olhos para encontrar os dele e sem desviar o olhar deliberadamente abriu ainda mais as suas pernas.

Ele mostrou suas presas num sorriso e caiu na cama entre as coxas dela, empurrando o seu comprimento total profundamente dentro de sua apertada vagina com golpes longos e lentos. Sarah gritou silenciosamente, envolvendo as pernas ao redor dos seus quadris e o segurando mais próximo, fincando as unhas nas costas dele até que ele sentiu o quente gotejar de sangue sobre suas costelas. Ele se moveu para dentro e para fora, ansioso para sentir o clímax dela em torno dele, pela sua própria libertação. Fazia muito tempo. Ele esperou até ela começar a tremer embaixo dele, até o corpo dela começar a pressionar o seu pênis, persuadindo-o a libertar a sua semente. Ele colocou a boca no pescoço dela, esfregando todo o comprimento de suas presas ao longo de sua pele suada, antes de levantar a cabeça ligeiramente e afundar suas presas no fluxo delicioso do sangue dela.

Ela veio imediatamente, gritando, suas pernas quase tendo espasmos nas costas dele, erguendo-se ainda mais para o seu pênis quando ele se juntou a ela em uma ardente e incontrolável queda livre de puro êxtase.

Ele desabou sobre ela, movendo-se para o lado no último minuto para evitar esmagá-la. O movimento ameaçou fazer com que seu pênis pulsante deslizasse para fora da sua quente e apetada bainha, mas ela reagiu rapidamente, colocando as pernas em tesoura de lado para segurá-lo dentro dela. Ele riu suavemente e segurou o seu quadril, puxando-a mais firmemente para a curva do seu corpo. Ele lambeu o pescoço dela

preguiçosamente, selando o ferimento, saboreando o delicioso sabor do seu sangue, um sabor que era único, o sabor da sua Sarah.

— Você tem um gosto bom. — ele murmurou, um som rouco que veio do fundo do peito dele.

Ela estremeceu e passou as mãos pelas costas dele ao longo das costelas, onde ela havia aberto um ferimento com as unhas. Levantando os dedos agora vermelhos com o sangue dele para a boca, ela os chupou até os deixar limpos, e lambeu os lábios como se estivesse saboreando o mais doce mel, disse: — Você também.

Raj ficou imóvel. — Sarah. — ele disse cuidadosamente — Se você...

— Eu sei. — ela disse com firmeza — Sou sua por quanto tempo você me quiser.

— Será um tempo muito longo, — ele disse, beijando a boca dela gentilmente. — Muito... — Ele a beijou de novo. — ...muito longo.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele e encontrou o seu olhar. — Ok. Mas nada dessa merda de acasalamento de vampiro. Não sou um gorila. Eu quero um casamento.

Ele grunhiu e rolou sua cabeça para trás em protesto, mas depois ele baixou o olhar para o dela novamente e sorriu. — Terá de ser um casamento noturno.

Sarah riu. — Eu te amo, Rajmund.

— Sim, você ama. — Ele disse presunçosamente. Ela olhou-o até ele ceder e admitir. — Eu também amo você.

Ele a beijou vagarosamente, saboreando o conhecimento de que ela era sua. — Eu só tenho uma pergunta. — ele disse por fim. Os olhos dela se arregalaram. — Há quanto tempo você e Emelie andam conspirando contra mim?

Sarah riu e começou a se mexer contra ele. — Isso... — Ela arqueou as costas, deslizando-se em seu pênis endurecido. — ... não é o importante, meu lorde. Penso que preciso refrescar um pouco a sua memória.

Raj grunhiu, rolando-os e forçando-a para baixo na cama, fazendo com que ele entrasse mais fundo nela. — Vejo que preciso te ensinar o seu lugar, pequena. E esse seria embaixo do seu mestre.

Sarah colocou os braços à volta do pescoço dele e sussurrou-lhe: — Eu te amo, mestre.

Raj sorriu quando o seu telefone tocou. Ele estendeu-se para conseguir tirar o seu celular do bolço da calça que estava jogada no chão. Ele verificou o visor. — Emelie. — ele respondeu, sem esperar que ela dissesse qualquer cosa. — Limpe minha agenda para os próximos três dias. — Os olhos de Sarah arregalaram quando ele começou a se mover lentamente para dentro e para fora dela. — E, Em? Obrigado.

Epílogo

Malibu, Califórnia

Cyn se inclinou para frente, sorrindo ao ler o último e-mail de Sarah. Perturbou-a saber que Sarah e Raj tinham ficado juntos. E, ao mesmo tempo, ela estava feliz por ter uma amiga que verdadeiramente entendia o que significava ser acasalada com um vampiro. Ou prestes a ser casada, no caso de Sarah. Cyn franziu os lábios pensativa, tentando descobrir a melhor maneira de convencer Raphael de que eles deveriam ir ao casamento. Os vampiros eram tão malditamente irritadiços uns com os outros, especialmente agora que Raj tinha assumido o território do seu Criador.

Ela se afastou do computador e pegou uma garrafa de água, inclinando a cabeça para trás e bebendo profundamente. Sem ar fresco, a toca subterrânea de Raphael tendia a ser fria e um pouco seca. Ainda assim, ela preferia trabalhar aqui durante o dia, enquanto ele dormia do outro lado do quarto. Ela normalmente dormia com ele nas primeiras horas, e depois trabalhava por algum tempo, finalmente terminando de volta na cama com ele antes de anoitecer. Ele gostava de tê-la lá quando acordava, e ela também não se importava, uma vez que...

Ela congelou, afastando a garrafa lentamente de sua boca e pousando-a cegamente na área de trabalho ao mesmo tempo que se virava para olhar as sombras profundas sobre a cama. Ela tinha ouvido... Sua mente se apressou a tentar recriar o som preciso e não conseguiu fazê-lo. Não devia haver qualquer barulho. Raphael sempre dormia perfeitamente imóvel. Ela se levantou e andou até a cama, sua respiração presa na garganta quando ouviu algo de novo, mas desta vez... Aquilo era um gemido?

— Raphael? — Sua voz falhou com a tensão, o coração dela batendo ferozmente dentro do peito. Ele gemeu mais alto, um som de tal angústia e dor que ela se jogou em cima da cama em pânico, rastejando para ele, estendendo a mão às cegas na escuridão para tocar seu rosto. Seus pulmões apertaram com medo e ela rastejou de volta para a lâmpada de cabeceira, acendendo-a o mais possível, antes de girar para examinar o seu rosto na luz. Ele estava coberto de sangue.

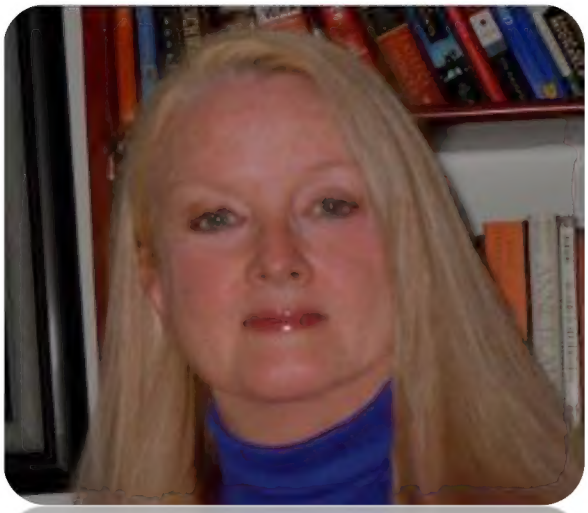
Cyn gritou. — Raphael!

Continua...

D B Reynolds
Vampires in America
04-Sophie

O noroeste do Pacífico. . . lar de florestas exuberantes e chuva constante, lar para lenhadores e geeks de computador, especialmente aqueles do tipo vampiro.

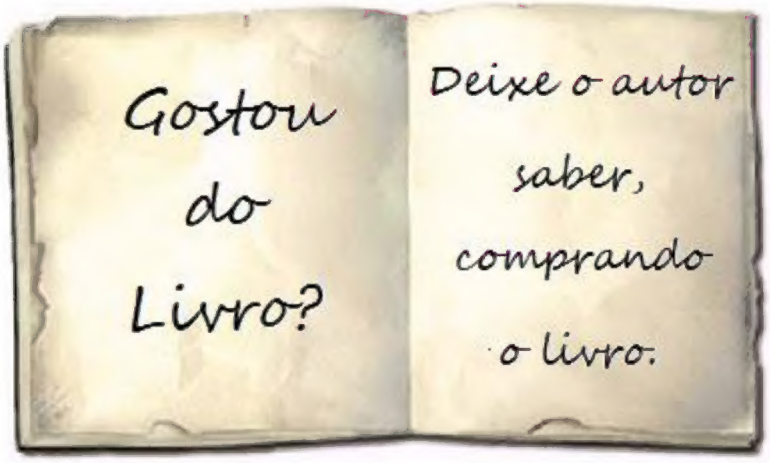
Sophia, bela e mortal, passou os últimos cem anos a dançando o seu caminho através das noites amenas e sangue quente dos homens da América do Sul. Mas quando seu Sire envia uma convocação de urgência, Sophia corre para casa, para Vancouver apenas para descobrir que ele desapareceu, não deixando nada para trás, exceto três vampiros mortos e uma carta com o nome de Sophia sobre isso. Colin Murphy, um ex-SEAL da Marinha, veio para o Noroeste buscar um lugar calmo para curar as cicatrizes que ganhou em mais de uma década em guerra. Mas quando alguém começa a matar vampiros locais e torturar seus companheiros, Colin assume o manto de um guerreiro, mais uma vez quando ele decidi encontrar os assassinos e fazer de tudo para detê-los, mesmo que isso signifique a caça aos vampiros. Seguindo seu rastro de morte para uma pequena cidade no norte de Washington, Sophia descobre inesperadamente o calor de uma noite sul-americano nos braços de Colin. Mas muito em breve Sophia e Colin se encontraram em uma corrida para descobrir os assassinos antes que o próximo vampiro morto seja Sophia.



D. B. Reynolds é a autora da série Vampires in America, bem como de outros livros de ficção paranormal. Ela é também a destinatária de duas nomeações para Emmys por seu trabalho em som televisivo. DB se casou com seu professor da Universidade e agora vive com ele em um desfiladeiro inflamável perto de Los Angeles. Quando não está escrevendo seu próximo livro, ela geralmente pode ser encontrada lendo o de outra pessoa.

Email: dbreynoldswriter@aol.com

http://dbreynolds.wordpress.com/



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503